REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO PARAHYBANO

FUNDADO EM 7 DE SETEMBRO DE 1905 E CONSIDERADO DE UTILIDADE PUBLICA PELA

LEI N.º 317 DE 22 DE OUTUBRO DE 1909.

Anno IV — 1912 — Vol. 4

Publicada sob a direcção do respectivo 1.º Secretario

Trinen Ferreira Pinto

e da commissão de redacção

Dr. Francisco Xavier Junior
Dr. Manoel Tavares Cavalcanti
Dr. José Rodrigues de Carvalho
Dr. Romulo de Magalhães Pachêco
Coriolano de Medeiros.

IMPRENSA OFFICIAL—PARAHYBA—1913.

BN 12/3

DIRECTORIA DO INSTITUTO

Presidente—Dr. Flavio Marója.
1.º Vice-Presidente—Dr. Matheus Augusto de Oliveira.
2.º Vice-Presidente—Dr. José Ferreira de Novaes.
1.º Secretario—Irineu Ferreira Pinto.
Supplente de 1.º Secretario—Dr. Claudio Oscar Soares.
2.º Secretario—Pharmaceutico Edmundo Coelho de Alverga.
Sup. de 2.º Secretario—Major Francisco Pedro C. da Cunha.
Orador—Dr. Ascendino Cunha.
Vice-Orador—Dr. Irineu Joffily.
Thesoureiro—Tenente-Coronel Francisco Coutinho de L. e Moura.
Bibliothecario—Dr. Isaac Leão Pinto.

COMMISSÃO DE SYNDICANCIA E CONTAS

Dr. Venancio Neiva.
Tenente-Coronel Carlos Coelho de Alverga.
Professor Francisco Joaquim Pereira Barroso.

COMMISSÃO DE PESQUIZAS E ESTUDOS HISTORICOS

Dr. João Gaineiro Monteiro.
Dr. João Americo de Carvalho.
Desembargador Heraclito Cavalcanti.

COMMISSÃO DE PESQUIZAS E ESTUDOS GEOGRAPHICOS

Dr. João Pereira de Castro Pinto.
Dr. Miguel de Medeiros Raposo.
Dr. Francisco Seraphico da Nobrega.

COMMISSÃO DE REVISTA

João Rodrigues Coriolano de Medeiros.
Dr. José Rodrigues de Carvalho.
Dr. Romulo de Magalhães Pachêco.
Dr. Francisco Xavier Junior.
Dr. Manoel Tavares Cavalcanti.

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO PARAHYBANO

FUNDADO EM 7 DE SETEMBRO DE 1905 E CONSIDERADO DE UTILIDADE PUBLICA PELA

LEI N.º 317 DE 22 DE OUTUBRO DE 1909

Anno IV—1912—Vol. 4

Publicada sob a direcção do respectivo 1.º Secretario

Irineu Ferreira Pinto

e da commissão de redacção

Dr. Francisco Xavier Junior.
Dr. Manoel Tavares Cavalcanti.
Dr. José Rodrigues de Carvalho.
Dr. Romulo de Magalhães Pachêco.
Coriolano de Medeiros.

IMPRENSA OFFICIAL—PARAHYBA DO NORTE

BIBLIOTHECA NACIONAL
S.
BRASILIANA

FACONTEZ TOUT : LA POSTÉRITÉ FERA SON CHOIX.

A. DUMAS.

REVISTA
DO
Instituto Historico e Geographico Parahybano

VOLUME IV

INSTITUTO HISTORICO

O Instituto Historico e Geographico Parahybano, continúa no desempenho de sua missão, contando com o auxilio e encomio de alguns homens illustres. Marcha vagarosamente, é certo, mas sem vacillações nem desanimo, conscio de sua humildade, sciente dos eus fracos recursos, porém avigorado pela fé e pelo amor á terra natal.

Não teve até hoje altas cogitações, nem nas suas horas de trabalho verificou factos extraordinarios que podessem impressionar o mundo culto; porem, em todo caso, vai pacientemente recolhendo os fragmentos da historia da Parahyba, no firme proposito de um dia poder criteriosamente restaural-a. Diminuto é ainda o cabedal adquirido, mas a exiguidade está compensada com a excellencia do material que se avoluma e cresce proporcionalmente à existencia da associação.

Empenhado na divulgação dos seus trabalhos, conseguiu edictar annualmente esta Revista que agora tocou ao 4.º anno de existencia. O esforço de tornal-a abundante, util e agradavel é patente e se não attingiu

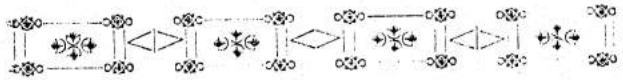
ainda a ponto saliente, é porque contam-se neste pequeno centro de actividade com impecilhos de toda especie estorvando a factura de uma publicação.

O espirito culto notará a ausencia de certos trabalhos indispensaveis á publicações desta ordem, observará a ausencia de estudos geographicos, de illustrações em determinados assumptos, etc, mas são lacunas alheias a vontade do Instituto que espera um dia poder sanal-as convenientemente. De presente, faz-se o possivel e apezar das falhas, a redacção acredita que, se presentemente este annuario chegasse ás mãos dos escriptores nacionaes que se occupam de factos referentes á vida parahybana, certamente já se teriam corrigido certos dislates que, impressos, correm mundo para firmar cada vez mais detestaveis inverdades sobre a nossa historia e nossa geographia.

Esta Revista, orgulha-se de conhecer mais de uma centena de bibliothecas nacionaes e extrangeiras, do novo e velho mundo, e onde poude chegar só conquistou sympathias, pelo que é de seu dever retribuir agradecida a gentileza com que tem sido acolhida. De seu dever é tambem agradecer aos poderes publicos do Estado, o auxilio que tem prestado á sua publicação.

Pesquisas e Estudos

HISTORICOS E GEOGRAPHICOS



O BANDITISMO

(SUAS CAUSAS BIO-PSYCHICAS)

«Le philosophe que étudie les phénomènes sociaux doit avoir présent à l'esprit, qu'à côté de leur valeur theorique ils ont une valeur pratique, et que, au point de vue de l'évolution des civilisations, cette dernière est la seule possédant quelque importance.»

GUSTAVE LE BON. (1)

Em Junho de 1910 quando o «Jornal do Commercio» do Rio, o nosso «Times», em campanha seria contra o banditismo, apontava-lhe as causas sociaes—o analphabetismo, a impunidade, a pobreza—nas columnas d'«O Norte» lançámos um artigo chamando a attenção dos criminalistas brazileiros para as suas causas biologicas não postas em fóco pelo grande orgão carioca. Já então affirmavamos: «A causa principal do banditismo é a mistura das raças mui diversas. O delinquente sertanejo é o selvagem apparecido pelas leis fataes da hereditariedade no seio de nossa sociedade.» (2)

---

(1) *Psychologie des Foules, preface p. V.*

(2) *O Norte n. 612 de 1910.*

Reviviamos com factos convincentes a primeira these de Lombroso, hoje em dia um tanto desacreditada sem razão pelos trabalhos a certos respeitos profundos e interessantes dos escriptores do *naturalismo critico*. As idéas que então espuzemos, e as que um anno depois expendiamos pelas columnas d "A União" sobre o criminoso nato que afirmamos existir, traremos para aqui, porque se prendem, se harmonizam e se completam. (3)

O banditismo, essa forma de criminalidade peculiar aos hinterlandes do Norte, é, como demonstraremos com a achega de novos argumentos, um phenomeno de causas principalmente biologicas. Mas antes disso, provemos a existencia do criminoso por tendencias hereditarias mesmo nos paizes, mais civilisados.

Eis o que escrevemos sobre o criminoso nato nos citados numeros d'"A União":

Esboçar uma hypothese sobre o criminoso nato, firmada nas leis de herança plastica e psychica, tal é o fim que collimamos.

A *"luta pela vida"* do naturalista britanico e a hereditariedade, eis as duas leis reaes da vida.

Le Dantec, um dos espiritos mais sympathicos do mundo francês, já o disse: "existir é luctar, viver é vencer". (4)

A propria materia bruta lucta pela vida e M. Bose nos "mostra por experiencias engenhosas a fadiga dos metaes e seu desapparecimento após o repouso". (5)

A hereditariedade, diz Léon Dumont, é a faculdade que têm os organismos de transmittir seus caracteres aos seus descendentes por meio da reprodução. (6)

O homem além de transmittir seus caracteres organicos, seus habitos, suas tendencias, mesmo algumas molestias, lega aos seus, por hereditariedade social, suas crenças, seus institutos juridicos e moraes. Digamos isto como Mephistopheles do poeta tedesco:

Es erben sich Gesetz und Rechte,
Wie eine erw'ge Krankheit fort. (7)

O direito romano alastrado por todo o occidente e a religião dos hebreus avassallando todo o orbe, provam eloquentemente a hereditariedade social.

A experiencia de todos os dias (diz Angelo Vaccaro) nos faz ver que se herda a forma geral, as feições, a estructura do-

(3) *A União ns. 114 e 115 de 1911.*

(4) *La lutte universelle por Felix le Dantec, p. 1.*

(5) *L'Evolution de la Matière por G. Le Bon, 1906, p. 244.*

(6) *La theorie de l'évolution en Allemanhe, primeira ed. p. 52*

(7) *Faust, p. 49.*

organismo, doenças, deformidades, habitos, modos o sestro, as tendencias, o temperamento, a longevidade, a robustez, certas aptidões especiaes, a indole bôa ou má, gostos, costumes, as faculdades mentaes, o talento, tudo." (8)

Em "DOM CASMURRO" de Machado de Assis são as leis da hereditarariedade que revelam o adulterio de Capitú, aquella formosa Capitú dos olhos de resaca . . .

Não ha negar que aquellas palavras do professor da Universidade de Roma exprimem a verdade scientifica; synthetizam de uma maneira feliz o pensar de Darwin, Spencer, Haeckel, Ribot, Lombroso e Feliz le Dantec; e nos dispensam de invocar estas autoridades.

Haverá quarenta annos que o insigne Cesare Lombroso lançou a hypotese do atavismo para explicar o delinquente.

Consoante a primeira hypothese sua o *uomo delinquente* com seu calão, com seus estygmas atavicos, suas tatuagens obcenas, era o selvagem primitivo resurgindo, na Europa, depois de muitos seculos de cultura, no seio da civilização.

Foi uma tempestade no pelago das ideias. Criticaram um a um todos os estygmas. Tarde se encarregou de demonstrar que a tatuagem foi levada aos indigenas pelos europeus civilizados, que o calão pobrissimo dos delinquentes não semelhava ás linguas dos selvagens, e que os estygmas notados por Lombroso não eram nem innatos no criminoso, porém, as mais das vezes, adquiridos na profissão do crime. (9)

No entanto as theorias de Lombroso se espalharam rapidamente, galgaram os Alpes e chegaram até as longiquas plagas da Russia.

Tolstoi, o maior romancista russo e tambem um dos philosophos mais profundos da humanidade, algumas vezes se inspirou nas doutrinas do professor de Italia.

Resumimos aqui a sua fabula "De onde vem o mal", onde se nota claramente a influencia de Lombroso.

Um eremita (diz elle) vivia na floresta sem ter medo aos animaes ferozes. Conversava com elles e comprehendiam-se.

Um dia o eremita deitou se á sombra de uma arvore. Tinham-se reunido alli tambem, afim de passarem a noite, um corvo, um pombo, um veado, e uma serpente. Estes animaes começaram a dissertar á cerca da origem do mal neste mundo.

Dizia o corvo: — E' da fome que vem o mal.

Dizia o pombo: — Por mim, entendo que não é da fome que vem o mal; todo o mal vem do amor.

Dizia a serpente: — Não; o mal não vem da fome nem do amor: vem da malvadez.

Dizia o veado: — Não, não é da malvadez, nem da fome que vem o mal; é do medo.

(8) *A luta pela vida, trad. p. 25.*

(9) *La criminalité comparé, 6.me éd. ps. 43, 53 e seguintes.*

Então o eremita disse: — Não é da fome, nem do amor, nem da malvadez, nem do mêdo que vem todas as nossas desgraças; da nossa propria natureza é que vem o mal, pois é ella que produz a fome, o amor, a malvadez e o mêdo.

Ahi está, vê-se que Lombroso falou pela bôca do eremita.

No seu romance «RESURREIÇÃO» o pensador russo dá uma classificação dos criminosos que se aproxima da de Ferri.

Mas, são verdadeiras as theses de Lombroso? Encerram alguma pouca de verdade?

Veremos.

Celebridades em anthropologia já contestaram com algarismos e argumentos valiosos os dados craniologicos e anatomicos descriptos no livro hoje em dia celebre — L' UOMO DELINQUENTE.

E' extensa a lista dos estygmas. Não podemos num artigo de jornal, critical-os um a um. Enviamos, pois, o leitor para a PHILOSOPHIE PENALE de Tarde, o primoroso estylista que no burilar da phraze sobrepuja a Flaubert e igualha a Renan, e para a obra de Luigi Lucchini, o emerito scientista que com brilhantismo leciona direito criminal na Universidade de Bolonha — LE DROIT PÉNAL ET LES NOUVELLES THEORIES. Nos dous capitulos magistraes desta obra intitulados — o typo criminoso — os quaes se estendem da pagina 157 á 253, o sabio italiano era com observações proprias, ora apoiado nas de Heger, illustre antropologista de Bruxellas, refuta completa e brilhantemente os dados e opiniões, de Lombroso no tocante ao assumpto.

Arramburo, scientista hespanhol, descobriu que "é a mulher que reune mais frequentemente os hypotheticos caracteres do delinquente: menor capacidade craneana, menor peso do cerebro; formas infantis do craneo; desproporção da face e do craneo; prognathismo; ambidrextrismo; fraqueza muscular; imaginação curta; espirito voltado para a imitação, mudante, imprevidente, sem falar de frequentes accidentes nervosos a que estão sujeitas nas epocas de suas molestias habituaes e de outras particularidades que nellas se observam" (10)

Sabemos, entretanto, a mulher fornece fraco contigente á criminalidade.

Lombroso nas successivas edições de sua obra se viu obrigado a dar menor importancia aos estygmas anatomicos e a ampliar sua hypothese de atavismo com a de epilepsia larvada.

Ha um anno diziamos, num artigo em que apontavamos as causas biologicas do Banditismo:

"A primeira hypothese de Lombroso, isto é a explicação do criminoso por atavismo, é sem duvida falsa e insustentavel na velha Europa, mas entre nós se impõe esmagadoramente".

Onde quer que haja mestiçamento de raças superiores com raças inferiores, como no Brazil, deve-se attribuir certas manifestações da criminalidade a regressões atavicas.

---

(10) *La nueva sciencia penal, prim. ed. p. 178.*

E' facto conhecidissimo dos biologistas que o cruzamento de mestiços entre si ainda torna mais frequentes as regressões atavicas. Felix le Dantec na obra citada e em diversas outras insiste nesta affirmação. Entre nós só ha cruzamentos de mestiços.

Vê o leitor que não combatemos em todos os pontos a escola anthropologica. Até em alguns ella tem direitos de ser aplaudida por ter combatido certos preconceitos, como por exemplo, quando substituiu a theoria da vingança pela a da defeza social.

Para mostrar o atrazo lamentavel em que jazeu por muitos seculos a sciencia do direito criminal basta lembrar que Kant aquelle grande philosopho, pensava que só o talião dava a medida da penalidade e um fundamento solido ao direito punitivo,

Diz H. Höffding, illustre professor da universidade de Compenhague, em seu livro «LA MORALE», criticando proficientemente a theoria da penalidade de Kant:

"A doutrina do talião não poderia justificar a applicação de uma pena mais severa aos actos intencionaes do que aos actos commettidos por negligencia

O que deve ser retribuida é a acção resultada de uma intenção ou de uma negligencia? E tambem seria absurdo querer expor o auctor de um homicidio por imprudencia ao mesmo perigo que elle fez correr a outrem." (11)

As palavras acima ferem profundamente a theoria de talião. Quanto á vingança não resistimos á tentação de trasladar aqui uns versos do poeta scandinavo Björnson, citados por Harald Höffding:

Vengeance? Qui parle de vangeance?
La vangeance me reveillera-t-elle les morts
M'abritera — t-elle contre le froid?
Donne-t-elle aux veuves un logis sur
E console-t-elle les mères sans enfants?

Outros titulos tem a escola anthropologica; justiça se lhe faça.

Se a escola que se chama classica, fundada por Beccária procurou a diminuição das penas, "reagindo contra o empirismo feroz da media idade", a *nuova scuola* de Cesare Lombroso buscou em parte sua supressão e o aperfeiçoamento dos regimens penitenciarios.

Ao se transpor os batentes das penitenciarias, esses infernos medonhos, poder-se-hia dizer delles o que Dante disse do seu no canto III:

Noi sem venuti al luogo, ov'i't'ho detto
Che tu vendrai le gente dolorose
Ch' hanno perduto il ben dello 'ntellecto.

---

(11) *La Morale, p. 353.*

A Ferri cabe a gloria de ter proclamado bem alto que o regimen cellular é a maior vergonha do seculo XIX.

Vem a proposito citar as palavras contra o regimen cellular ditas por Dostoiewsky que, como bem disse Esmeraldino Bandeira, passou quatro annos numa penitenciaria da Siberia, donde volveu á sociedade livre com a epilepsia que o levou á morte e com o livro que o levou á immortalidade.

"Estou certo (affirma o autor russo) que o celebre systema cellular não attinge senão um fim apparente e illusorio. Subtrahe ao criminoso toda força e energia, enerva-lhe a alma que enfraquece e altera e apresenta afinal uma mumia semi-louca e resequida como um modello de arrependimento e de regeneração." (12)

Desvalorizados os estygmas anatomicos, Lombroso tomou outro rumo.

Ferri seguiu-lhe os passos.

"O estudo da psychologia criminal (diz este) para mim como para Lombroso tem uma importancia bem maior e uma relação bem mais directa com a criminalidade do que o estudo puramente organico." (13)

Mais adiante o mesmo Ferri adverte "que o typo criminoso anthropologico resulta bem de um conjuncto de caracteres organicos, mas que os traços decisivos são verdadeiramente as linhas e as expressões da physionomia".

E logo após isso acrescenta:

"Sómente pelas anomalias do craneo ou do esqueleto não se pode distinguir sinão o degenerado ou o anormal em geral do homem normal, mas não, por estes indicios sómente, o criminoso dos outros degenerados." (14)

Conhecidas as ideias de Lombroso e de Ferri, os dous maiores mestres da escola anthropologica, desenvolvamos agora a nossa theoria sobre o criminoso nato.

Cremos na existencia do criminoso nato (aqui nos afastamos de Tarde e de Lucchini) mas não recorremos em todos os casos ao atavismo para explical-o, nem o caracterizamos pelos estygmas organicos.

Porque cremos na existencia do criminoso nato?

Ha mister fazermos uma rapida viagem através do dominio da arte.

Ha musicos, poetas e pintores natos. Demonstremol-o, apoiados na autoridade de Eugenio Veron.

"Irritai, diz o autor de L'Esthetique, o nervo acustico, e não obtereis senão impressões de som. Isto nos leva a conclusão de que o musico tem precisamente por caracter distinctivo uma irritabilidade particular do ouvido, graças á qual o nervo acustico,

(12) *Crime e castigo, apud Conferencia de E. Bandeira.*

(13) *Sociologie criminelle, 1905, p. 56.*

(14) *Obr. cit. p. 97.*

usurpando em parte as funcções dos outros orgãos, torna-se o agente principal o intermediario quasi obrigado das relações entre o exterior e elle, do mesmo modo que o olho para o pintor. Tudo para elle se resolve em sons e se exprime por notas, e a medida desta predominancia é precisamente a de sua aptidão musical.

E' pela mesma razão que é tão difficil aos homens constituidos de outro modo explicarem nitidamente esta ordem de concepções.

A intelligencia analitica por mais desenvolvida que seja não a percebe. Gœthe jamais pôde chegar a comprehender a musica, não obstante todas as suas conversações com Mendelssohn.

"Para ser bom musico, conclue Veron, a primeira condição é ter nascido musico." (15).

Ahi está o musico nato. Os musicos de genio, os Beethovens, os Glücks, correspondem aos criminosos natos, nascem predispostos para a musica.

O meio social, a educação e a instrucção, podem apenas modifical-os. Dá-se o mesmo com os pintores, esses poetas que traduzem suas emoções em rimas de côres, em harmonias de colorido. A acuidado visual dos pintores se não adquire na pratica; herda-se ou é um dom celestial e inesperado do seio fecundo da natureza.

Assim como os artistas de genio ao nascerem já são portadores de tendencias arstisticas, de irritabilidades especificas do systema nervoso, assim tambem os grandes delinquentes, os criminosos de genio, nascem predispostos ao delicto.

Passemos ao dominio da psychiatria e da medicina em geral.

E' facto provado que muitos morbus se transmittem "de Dijanira em Dijanira, de Hercules em Hercules, como um talisman de familia."

A loucura, a syphilis, as molestias nervosas, a tuberculose se transmittem quasi com a infabilidade mathematica. Lemos algures que todas as molestias do systema nervoso vem por successivos aperfeiçoamentos hereditarios da neurasthenia, a mãi commum.

Por isso diz Ferri que em medicina se fala em louco, em histerico, em tysicos natos, designando-se por estes termos individuos desde o nascimento predispostos á loucura, á hysteria e á tuberculose, respectivamente.

A herança ás vezes tem caprichos singulares e bizarros. Até as paixões de momento dos genitores se reflectem na personalidade do filho que sob seu jugo procreiam, como demonstrou o jovem escriptor brazileiro Araujo Jorge nos seus "Problemas de Philosophia Biologica."

Se tudo se transmitte hereditariamente por que se não transmittem as tendencias ao crime ou a nervose criminal? Por que se

(15) *L'Esthetique, p. 398.*

não pode chamar criminoso nato ao portador dos syndromas pathognomicos desta nevrose?

Em face, pois, das leis de bronze da hereditariedade impossivel é negar-se a existencia do criminoso nato.

Deve-se entender por criminoso nato o individuo hereditariamente carregado de *tares* criminaes acumuladas nos penetraes do eu, os quaes se podem ou não denunciar em estygmas.

Segundo meu fraco entender, pode existir o criminoso nato sem os classicos extygmas de Lombroso e Ferri. Aqui me afasto dos escriptores da *nuova scuola* que não admittem o criminoso nato sem estygmas e dos mestres da escola critica que combatem em absoluto a existencia do mesmo.

Formulo agora a minha hypothese se me isto o leitor concede.

Imaginai que uma donzela em extremo formosa, uma nova Phryné, cujo coração, porém, só distille ternura, cuja alma seja o thesoiro de todas as virtudes, que allie pois a maxima belleza plastica á maior pureza de coração; imaginai essa donzela se case com um individuo que tenha todos os vicios e alguns morbus, inclusive a "nervose criminal" de Ferri.

Deste matrimonio poderá nascer um ente que herde da genitora uma belleza morphica digna de ser perpetuada em marmore e do genitor a predisposição ao delicto.

As leis da hereditariedade nos autorizam a affirmal-o.

Em abono desta these poderiamos citar as "escravas brancas" que ás vezes alliam á elegancia de formas uma degenerecencia levada ao ultimo gráo. Mas transportai-vos, se vos apraz, leitor, á antiga Grecia e nos seus annaes encontrareis os nomes de Lais, de Aspasia e de Phryné que serviu de modelo a Praxysteles para a Venus de Medicis, ainda hoje existente no museu de Roma. Estas formosas cortezães que A. Gallis em "O Sensualismo na antiga Grecia" resurgiu com seu estylo vibrante, foram as maiores rainhas da belleza e dos vicios que jamais houve a terra.

Se a theoria dos estygmas de Lombroso fosse verdadeira, Phryné, por exemplo, ao passo que fosse se afogando no mar da degenerecencia iria soffrendo uma transformação nas suas formas para harmonizal-as com seu espirito. Mas aquelle rosto adoravel, aquelle seio "mais alvo que a neblina que nas manhães hiemaes, humina e fina, da serra as grimpas verdejante touca", aquelle corpo que foi o enlevo de Praxysteles não soffreu nunca a menor transformação na sua pureza, na sua candidez, na sua harmonia.

Agora a contraprova. A natureza é cheia de contrastes.

Corpos mal feitos, deselegantes, carregados de estygmas que alarmam, encerram espiritos superiores.

Victor Hugo com uma presciencia que é o apanagio dos Shakespeares, dos Dantes e dos Ibsens, "lobrigou num lance genial" esses contrastes da herança e portanto a verdade da these que defendo, antes de Darwin, Haeckel, Spencer e Ribot formularem as leis da hereditariedade.

Folheai "Notre-dame de Paris" e lá encontrareis Quasimodo,

a que amiudo fazem referencias os escriptores, o qual reune "á diformidde physica mais repugnnte a maior delicadeza de sentimentos."

Esse contraste do corpo com o espirito que explicamos pela hereditariedade, inspirou ao poeta brazileiro Raymundo Correia, bellissimo soneto que vale um poema e tem o appropriado titulo de

MAL SECRETO

Se a colera que espuma, a dor que mora
N'alma, e destroe cada illusão que nasce,
Tudo que punge, tudo que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse o espirito que chora
Ver atravez da mascara da face
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse,

Quanta gente, talvez, que ri comsigo,
Guarda um atroz, recondito inimigo,
Como invisivel chaga cancerosa;

Quanta gente, talvez, no mundo existe,
Cuja ventura unica consiste
Em parecer aos outros venturosa.

Voltemos a criminalogia.

Se a herança tem caprichos singulares e bizarros que anulam o valor dos estygmas, por onde conheceremos o criminoso nato que affirmamos existir?

Ferri, bom physionomista, conhece-o pelo olhar e pelas linhas da face . . .

O nosso Moliére, o genial Gil Vicente já dizia muito antes de Ferri:

"Teus olhos são teu perigo
Elles te castigarão."

Mas cumpre notar que nem sempre o olhar—esse espelho d'alma—fala verdade. E o processo de o conhecer pelas linhas da phyisonomia é nada scientifico: pouco se distingue do das mulheres de perfil syriaco que tambem por umas linhas, as das mãos, diagnosticam a 500 rs. a nossa sorte.

Para diagnosticar o caracter do *uomo delinquente* devemos antes de tudo estudar seus antecedentes hereditarios.

Se entre seus ancestraes encontrarmos criminosos, loucos, epilepticos, alcoolicos e degenerados, é quasi certo ser um *tarado*.

O estudo do meio em que vivia e da educação que recebeu, completará o diagnostico.

Os anthropologistas assim procedendo seguem as lições dos medicos.

Ao sabio Charcot, quando no "Hospice de la Salpêtiére", se apresentava um doente, primeiro que tudo elle indagava de seus antecedentes hereditarios e pessoaes.

Abra-se o seu tratado "CLÍNIQUE DES MALADIES DU SYSTEMA NERVEUX", tomo 1.º, paginas 18, 64, 91, 118, etc. e se encontrará o que affirmamos.

O professor Henrique Ferri, em sua SOCIOLOGIA CRIMINAL, invoca a hereditariedade para explicar o apparecimento de estymas que elle julga especificos do crime em pessoas honestas que nunca delinquiram. O egregio sabio, porem, deixa na sombra o lado mais interessante, justamente o que agora exploramos: a ausencia de estygmas nos delinquentes em virtude da herança.

E' que a reciproca de sua these destroe por completo a theoria dos estygmas.

De facto se o delinquente nato pode, como acima provamos, chamando em nosso auxilio as leis da hereditariedade, não ser portador de estygmas organicos, e, no contrario, será até um typo bello, como Passanate, terrivel delinquente, o era, o grande capitulo da anthropologia criminal fica destruido.

Sustentando a existencia do criminoso nato sem estygmas collocamo-nos num ponto de vista inteiramente novo, longe dos exageros escolasticos de Lombroso e Ferri, e tambem distanciado da critica systematica de Tarde, Alimena, Listz, Lucchini, Drill, etc, collocamo-nos, repetimos, num ponto de vista rigorosamente scientifico.

Como não admittir a existencia do criminoso nato quando Gabriel Tarde, o mais abalisado critico da obra immensa de Lombroso, chegou a dizer:

"Quand on songe á un Pranzine étranglant la femme avec laquelle il vient de coucher, puis la servante et l'enfant de celle-ci, il semble qu' on ait affaire á un être essentiellement destructeur, né pour l'homicide come Mozart pour la musique." (16)

II

Eis o que escrevemos em Junho de 1910 sobre o banditismo

Von Sonn' und Welten weiss ich nichts zu sagen,
Ich sehe nur, wie sich die Menschen plagen.

Goethe. (17)

Por causa de nosso requintado gosto pela linha curva, que é a mais esthetica, antes de abordarmos o banditismo, lançaremos a vista de relance sobre bizarra theoria ethnographica.

---

(16) *Philosophie penale, p. 226.*
(17) *Faust, Prolog im Himmel. Edição de Büchner, p. 9.*

Ainda que bem elle se presta para prologo destas linhas. Sobre a ethnogenia do povo do norte se tem construido levianamente as mais frageis theorias, tão frageis como os *iceeberge* que sequer a luz assassina de Phebo resistem.

A que classificamos acima de bizarra nos attribue "em indifferentismo pelas cousas religiosas" devido a influencia do hollandez que "entrou (affirma o seu autor, em nossa constituição socio-literaria com a seguinte quota:—Reforma em religião, em politica, em costumes, genio commercial em larga escala, idéaes phylosophicos e artisticos adiantados, novos, e finalmente amor ás sciencias, ás lettras e, sobre tudo á patria cimentando em nós o sentimento da nacionalidade, pelo despreso do que tinha a metropole ás cousas coloniaes" (18)

Toma-me medo o discordar de um pontifice da critica. Mas discordemos.

Theotonio Freire, no thecho citado, julga o norte através de um prisma falso, ou pelos seus poucos collegas de Academia.

Nem ao povo recifense que esteve em maior lapso de tempo em contacto com os hollandezes, que hospedou em seu seio Nassau, o grande Nassau, se podem applicar aquellas palavras, que infelizmente não traduzem a verdade com sua tentadora nudez.

Ora, o norte não é o Recife e as outras cidades do littoral sómente. Os brejos, as catingas e os sertões com suas populações broncas, fazem tambem parte delle, queira ou não o laureado critico recifense.

A religiosidade dos brejos é proverbial.

Quem quer que more no seio dos brejos como nós, verá aos domingos, desafiando ás vezes o rigor do inverno e a lama dos caminhos, passarem em cordões as matutas para a missa da matriz parochiana, com suas saias arregaçadas deselegantemente até aos joêlhos. Ao tempo da festa annual rompem á noite muitas leguas em busca das *novenas*.

Pelas missões, abandonam os lares, as plantações, até os proprios filhos pequeninos, e lá se vão ouvir as longas predicas dos *santos missionarios*.

Chega o mez de Maio e começam os terços. De meia em meia legua, nos brejos, ha sempre uma choupana onde se festeja um santo.

Nellas se reunem nas noites invernosas de Maio e de Junho os moradores das cercanias para cantar louvores successivamente a Maria Santissima, ao milagroso Santo Antonio e ao percursor do Messias.

Tal religiosidade não é uma anomalia deste ou daquelle municipio. Ao contrario é geral em toda a faxa de terra envolvedora dos sertões—os brejos.

Mas não são unicamente as crenças catholicas que avassalam a alma ingenua e credula dos matutos. Outras têm elles. Devido

---

(18) *Theotonio Freire—De relance—p. 19.*

as poderosas influencias ancestraes, crêem tambem nos feitiços, nos lobishomens, nas caiporas, nos maleficios do *olhado*, e na virtude miraculosa das benziduras. Ainda sobre as crenças populares se note um facto que tem passado desapercebido aos scientistas. Todo o povo nortista tem o sol, a lua, as estrellas, os cometas e até a chuva como divindades.·. São talvez semi-deuses de sua mythologia barbara.

Do sertanejo fale o estylista dos "Sertões": "O circulo estreito da sua actividade (diz Euclides da Cunha analysando-o) tem demorado o aperfeiçoamento psychico. Está na phase religiosa de um monotheismo incomprehendido, eivado de mysticismo extravagante, em que se rebate o fetichismo do indigena e do africano. E' o homem primitivo, audacioso e forte mas ao mesmo tempo credulo, deixando-se facilmente arrebatar pelas superstições mais absurdas.

Uma analyse destas revelaria a fusão de estados emocionaes distinctos.

A sua religião é como elle mestiça" (Sertões, 3. edições pg. 139).

Ahi está, leitores, uma mostra da herança que o povo do norte leva em si é em materia de religião o catholicismo unido ao fetichismo indigena e africano. E esta herança afro-indigena tamanha, influiu tanto na sua constituição psychica que se traduz não só em crença mas até na propria lingua, num dialecto barbaro.

Prouvera a Deus que em nossas veias corresse o sangue dos Sainte Alegondes, des Vitts, dos Ruysdaes e de Rembrandt!

A influencia das raças inferiores que entram como forças componentes em nossa constituição psychica, nos dominios da arte, já foi notada por um nosso talentoso collega, Alvaro de Carvalho que por ella explica o nosso gosto pela musica dançante e pelo verso que "suona e no crea".

Mas onde se nota claramente a influencia das raças inferiores é na criminalidade do norte no banditismo.

Será este tambem um legado hollandez?

Esboçemos as suas causas biologicas já que os que se têm occupado delle apontam exclusivamente as sociaes. Não ha negar a importancia destas na etiologia do crime.

Seu papel importantissimo notou-o Tarde em França, Alimena, na Italia, Drill, na Russia, Liszt na douta Allemanha. Mas urge ponderar com Enrico Ferri que o delicto não é "um phenomeno exclusivamente biologico nem um producto exclusivo do meio phisico e social" (19)

Sabe-se que o immortal Cesare Lombroso tentou explicar a tendencia instinctiva do homem para o crime, pelo atavismo. O homem delinquente seria, consoante a sua revolucionaria theoria o homem primitivo apparecendo no seio da sociedade civilisada,

(19) *La Sociologie Criminelle ed. france p. 126.*

irrompendo como um *geyser* islandico das profundas camadas das primeiras estratificações ethnicas.

Esta conclusão a que chegou o illustre professor da Universidade de Turim não poderia deixar de levantar forte opposição nos circulos scientificos.

Depois de fortes discussões em livros e revistas e em congressos internacionaes que se realisaram successivamente em Roma, em Paris, em Bruxellas, em Genova, em Amsterdam, e nos quaes tomaram parte as maiores mentalidades do mundo em direito criminal, esta these foi despresada pelos escriptores. (Vide Tarde)

Lombroso mesmo viu-se obrigado a deixal-a de lado, dando nas ultimas edições do *Uomo delinquente* mais importancia á epilepsia larvada.

Ferri, que desde o berço da *nuova scuola* defendia calorosamente a existencia do typo criminoso, chegou a affirmar que a hypothese *lombrosiana* não se applicava a todas as categorias de delinquentes.

A primeira hypothese de Lombroso, isto é, a explicação do criminoso por atavismo, é sem duvida falsa e insustentavel na velha Europa, mas entre nós se impõe esmagadoramente.

Verdade é que ella se não applica a todas as categorias de delinquentes.

O brasileiro é o producto de tres raças: a portugueza, a negra e a indigena.

"Sem ideia alguma preconcebida, diz Euclides da Cunha, pode-se affirmar que a extincção do indigena, no norte, proveio, segundo o pensar de Vernhagem, mais em virtude de successivos cruzamentos que de verdadeiro exterminio" (20)

Se o falar do brasileiro inculto em que se nota a suppressão dos *rr* e *ss* finaes, por causa da influencia das linguas americanas e africanas, os philologos explicam por atavismo na linguagem; se o facto de existirem entre nós os cultos mais barbaros e as crenças mais ridiculas ao lado da religião christã, os scientistas explicam pela herança africana e indigena; porque o criminalista brasileiro não poderá explicar a existencia de nossos criminosos natos pelo atavismo?

O profundo conhecedor de nossas sub-raças, Euclides da Cunha, depois de estudal-as num capitulo assombroso dos "Sertões", diz que "é natural que estas camadas profundas de nossa estratificação ethnica se sublevassem numa anticlinical extraordinaria — Antonio Conselheiro. . . .

De facto, o Messias sertanejo é, como disse o estylista, um documento raro de atavismo.

Continuemos a esboçar a etiologia da criminalidade sertaneja.

O sertanejo, disse o estylista dos "Contrastes e Confrontos", é antes de tudo um forte. Profunda verdade esta. Sua criminalidade se não explica nem pela neurasthenia de Benedikt, nem pela

(20) *Os Sertões,, 3 edição. p. 107.*

epilepsia larvada de Lombroso, nem pela degenerescencia de Morel. As influencias economicas de que Loria e Turati nos falam, tambem se lhes não applicam (21).

Isolados dos centros civilizados não obedecem ás leis de imitação de Gabriel Tarde.

Só a primeira hypothese de Cesare Lombroso—o atavismo organico e psychico reunida a uma inadaptação juridico-social, semelhante áquella de que nos fala Angelo Vaccaro, pode explicar a sua criminalidade barbara.

Impomos normas coactivas aos sertanejos, esses descendentes proximos dos selvagens, normas que não se podem enraizar e viver na sua pouca desenvolvida consciencia juridica, elles reagem barbaramente, atavicamente.

A essas reações chamamos crimes. Mas o que as mais das vezes a nossa consciencia juridica qualifica de tal, é para o sertanejo um acto de bravura, de requintado heroismo.

Falemos de sua concepção da pena. São bem conhecidos os estadios do evoluir da pena entre as diversas raças tão bem estudadas pelo Dr. Ch. Letourneau, em sua obra "L'Evolution juridique dans les diverses races humanes".

Elles estão ainda na phase do talião: olho por olho, dente por dente, vida por vida.

Não ha reagir contra esta concepção retrograda, todos os povos a atravessaram, até o povo de Deus.

Demais, o talião já foi por summo philosopho elevado ao mais alto principio de direito punitivo.

Ah! se nossos irmãos retardatarios meditassem no "caracter illusorio da vingança".

Bosquejemos agora sua inadaptabilidade politica.

O brazileiro imitador do littoral impoz ao seu irmão retrogrado dos sertões uma organisação politica adiantada; dahi uma legião de males que nos affligem. "O jagunço, diz Euclides da Cunha, é tão inapto para apprehender a forma republicana como a monarchica-constitucional. Ambas lhe são abstrações inacessiveis. E' espontaneamente adversario de ambas.

Está na phase evolutiva em que só é conceptivel o imperio de um chefe sacerdotal! e guerreiro." (22) Tudo isso nos leva a affirmar que o delinquente dos sertões e bréjos é um ser retrogado, atavico, e, por conseguinte, um inadaptado aos nossos costumes, ás nossas leis, a nossa vida emfim. Esta inadaptabilidade social mesma tem suas raizes na sua organisação psychologica.

Uma amestrada penna do Jornal do Commercio, na campanha louvavel e criteriosa contra o banditismo, aponta como causas deste as seguintes: "falta de instrucção, falta de justiça e falta de recursos, o analphabetismo, a impunidade, a pobreza."

(21) Conhecemos as theorias dos autores citados através da critica de Ferri (obra cit. p. 112).

(22) Obra cit. p. 296.

Ora estas tres causas, das quaes uma não tem nenhuma importancia—o analphabetismo—não dão a etiologia do assustador phenomeno social.

A causa principal do banditismo é a mistura das raças mui diversas. O delinquente sertanejo é o selvagem apparecido pelas leis fataes da hereditariedade no seio de nossa sociedade.

Fale-se verdade: o banditismo não é um problema que os governos hão de resolver mandando unicamente para os sertões o "legislador ¡Comblain". Urge combatel-o com armas de maior alcance com os "sostitutivi penali".

III

A nossa these já está exuberantemente provada. Comtudo façamos mais algumas observações em seu favor, chamando em nosso auxilio opiniões notaveis de grandes sociologos e anthropologistas sempre que se nos offereça ensejo.

Para se avaliar quão intenso foi o cruzamento na Parahyba trazemos para aqui os seguintes dados estatisticos colhidos nas "Datas e Notas", o primoroso livro do novel e erudito historiador de nossa terra—Irineu Pinto. (23)

Em 1601, vinte annos após a conquista, habitavam a Parahyba cerca de 800 portugueses e "14 mil ¡Pitaguares", segundo um documento da epoca.

Um recenseamento feito em 1811 dá a seguinte população:

HOMENS LIVRES:		
	brancos	22:500
	indios	1:707
	pretos	4:288
	mulatos	23:621
HOMENS CAPTIVOS:		
	mulatos	7:044
	pretos	1:900
MULHERES LIVRES:		
	brancas	22:640
	indios	1:698
	mulatas	24:114
	pretas	4:195

(23) Datas e Notas p. 33 e 243.

MULHERES CAPTIVAS:

mulatas	6:679
pretas	2:010

Sommando-se: 55:140 brancos, 3:405 indios, 61:457 mulatos (isto é, mestiços diversos) e 12:396 negros. Vê-se que os mestiços já eram então em grande maioria.

De lá para cá, o numero de negros augmentou consideravelmente pelo trafico, ao passo que os brancos augmentaram apenas pela reproducção. A população indigena foi toda assimilada.

O problema do cruzamento das raças humanas tem sido estudado pelos sociologos em geral de uma maneira unilateral, pelo lado puramente biologico. Deixa-se frequentemente na sombra o aspecto sociologico.

Representando-se as raças superiores por + e as raças inferiores por — temos para o cruzamento de duas raças superiores um producto positivo:

+ a
+ a
+ 2 a

Uma raça superior se mestiçando com uma inferior dá um producto intermediario:

+ a
— b
+ a — b

Apparece, pois, no mestiço um factor negativo.

Mas nos aggregados sociaes os phenomenos são mais complexos: temos de attender não só ao lado puramente organico, como ao lado social. E' que o homem tem além de sua personalidade biologica, uma personalidade psychologica e outra social.

Os portuguezes, povo forte e civilizado cruzando-se com os selvagens, fortes tambem, mas barbaros, deram como mestiços um povo biologicamente forte, porem psychologicamente e socialmente inferior a si.

Diz um sociologo: „Nos casos de união entre raças profundamente divergentes, as opposições, os antagonismos atavicos, são muito brutaes e contrastantes para que possam deixar de manifestarem-se perturbações". (24)

(24) *Biologia e sociologia do casamento pelo Dr. Gama Rosa, p. 198.*

Lê-se na bonissima „Anthropologia" do illustre discipulo de Broca—Dr. Paul Topinard:

„M. de Gobineau attribue aos cruzamentos as desgraças dos imperios e a degradação das raças; Nott pretende que a sua generalização traria a extincção da humanidade; Knox e Perier não attribuem os progressos da civilização senão as raças puras; M. Dally pensa que em lucta igual, a superioridade restaria a estas. Bodichon, de outra parte, prenuncia que a era universal de paz e de fraternidade se realisará pelos cruzamentos; Thévenot, Deschamps, Serres, Vaitz e Quatrefages lhes são favoraveis.

Ousaremos dizer após estas autoridades que a nossos olhos o problema é entretanto simples? Duas raças boas darão um producto melhor; duas raças más um producto peor; duas raças uma bôa, outra má, um producto máo relativamente á superior, bom relativamente á inferior. A lei da hereditariedade se exerce fatalmente, logicamente; mas uma multidão de outras condições se juntam a ella: a acção dos meios, o aclimatamento, os costumes, a educação, as leis sociaes„ (25)

Os factos confirmam a verdade scientifica contida na opinião abalisada do Dr. Paulo Topinard. Os francezes e inglezes formados da união de raças aryanas superiores são povos superiores. "Os Griquas se não valem Hollandezes, são superiores aos indigenas". Mas os Zambos, mestiços de negros e indios americanos, povoam as cadeias de Lima e do Mexico.

Se os mestiços se cruzassem sómente com a raça superior a volta para esta se daria no quinto cruzamento como demonstram Broca e Topinard. Infelizmente, porém, isso não acontece; os mestiços cruzam-se de preferencia entre si, e, ainda peor, com mestiços de outras raças, o que difficulta sobremodo o retorno para a raça superior.

Avalie-se que atavismos discordantes não perturbam o engenismo psychico, não solicitam a alma de um ser produzido pela união de um mameluco e de um mulato, ser em cujos penetraes se debatem as heranças heterogeneas do branco, do negro e do selvagem! Um producto de tal ordem será fatalmente inferior. E é justamente isso que se dá entre nós. Não é, pois, de admirar a eclosão de verdadeiros selvagens, de criminosos natos, no seio do nosso povo. Ensina Topinard:

"Les exemples d'herédités interrompue, collatérale, et atavique sont nombreux chez les métis et, à vrai dire, c'est là qu'ils sont le plus frappants„ (26).

Não nos esqueçamos tambem que os brancos que se mestiçaram nos tempos da colonização eram a escoria das prisões portuguezas. Os proprios frades que vinham doutrinar o gentio eram degenerados . . .

A instabilidade dos mestiços é um facto adquirido á sciencia. Dá-se, em regra, no curso de algumas gerações a volta para as

(25) *Anthropologie, p. 396.*
(26) *Obr. cit. p. 395.*

raças mãis. Quando esta volta se dá para a raça superior o mestiço *retornado* é um typo avantajado organicamente, por adaptado ao meio, psychologicamente, por ter todas as qualidades da raça superior, alliadas a robustez physica. A volta para a raça inferior é talvez numa proporção de 20%. E' preciso conceder-se ainda que nem todos esses se tornem delinquentes.

Não sejamos pessimistas. Essa inadaptabilidade juridica do sertanejo, do mestiço, de causa biologica, determinada pelo mestiçamento, poderá ser aniquilada pela cultura. Lembremo-nos de que os povos que estão hoje a frente da civilização foram em tempo não mui remoto, povos barbaros e passaram, como demonstra Letourneu, pela phase juridica da vingança privada. (27) Somos arvanos como elles, e talvez num periodo mais curto ainda possamos evoluir e civilizar-nos.

O primeiro passo para a extincção do banditismo deve ser a eliminação da vingança privada. Quasi todos os nossos bandidos celebres começaram como campeões do direito, como Carlos Moor de Schiller, como Miguel Kolaas de Kleist . . .

Facto paradoxal e interessante: o sentimento do direito despertando tendencias atavicas!

Não temos estatisticas criminaes para avaliarmos a marcha da criminalidade no Estado, e se as tivessemos seriam incompletos porque o crime occulto, como diz Corre, é em maior numero do que o processado. Evidencia-se, porem, dos deficientes relatorios dos promotores publicos publicados em "A Revista do Fôro" que predomina entre nós a criminalidade sangrenta, aquella que Eurico Ferri denomina *atavica*. Este facto vem em apoio de nossa these que o banditismo é phenomeno de causas principalmente biologicas. E notemos que a mulher não concorre para o celeiro do crime, nem tão pouco, nos sertões, para a prostituição, que segundo Lombroso, é uma forma da criminalidade. E' que já os selvagens não *supportavam o adulterio*. (28)

Que o mestiçamento com raças inferiores produz uma degenerescencia moral, verifica-se com factos colhidos aqui e acolá na historia das nações. Em o norte na Italia onde se caldearam raças superiores, prepondera a actividade honesta, ergue-se Milão — a industriosa; no sul donde se amalgamaram povos inferiores, prepondera o delicto, levanta-se a *camorra* e a *maffia*, terriveis sociedades do crime. O phenomeno apparece mais eloquente talvez na Hespanha, a terra da *mão negra*; e quem nos chama a attenção para elle são dois grandes pensadores, dous famosos criticos da raça latina Pompeyo Gener e Sylvio Romero. O primeiro assim se expressa:

"No sabemos ya si el intellecto español, en geral, és capaz de progressar y civilizar-se á la moderna, á la causa de la larga

(27) *L'Evolution juridique, ps. 325, 356, 428, etc.*
(28) *Elias Herckman — Descripção Geral da Capitania da Parahyba, ultimo cap.*

serie de causas que han favorecido la aparicion de *atavismo inferiores*.

. . . . . .

España está paralizada por uma necrosis producida por la sangre de razas inferiores, como la Semitica, la Berbere, la Mongolica, y por el espurgo que en sus razas fuertes hizo la Inquisicion y el Trono, seleccionanda todas las que pensaban, desjando apenas como residno más que fanaticos, serviles, é imbeciles". (29)

Sylvio Roméro, depois de endossar essas justas ponderações de Gener, diz: "Quem não vê ahi (nos arabes) uma das origens dos bandidos que sempre enfestaram as *sierras* das Hespanhas, nomeadamente os famosissimos de *la sierra* Morena?" (30)

Gabriel Tarde nota (9) que o norte da Espanha dá uma media de crimes, sobretudo de crimes contra as pessôas, inferior á das provincias do sul. A explicação socialogica disso está claro para quem conhecer a historia da Peninsula: no norte se acantonaram os povos germanicos que mais tarde expulsaram os arabes do sul, região que lhe cahiu no poder e donde preponderaram por longos seculos.

— Diz Ch. Letourneau que as raças ditas selvagens nos representam simplesmente um estado inferior de evolução, pelo qual passaram as raças ditas civilizadas (31) E' uma verdade. Acelerémos, pois, a marcha da evolução das sub-raças do Norte, que torna-la-hemos superiores. Não nos esqueçamos que as raças historicas não são unicamente um producto da seleção, como preconizam os *seleccionistas*, nem unicamente um producto da adaptação, como affirmam as *adaptacionistas*, exagerando a influencia dos meios, nem unicamente ainda um producto da adaptação e da selecção conjunctas como querem os *adaptacionistas—seleccionistas*. O espirito influe grandemente na constituição das raças, porque é nelle que se gravam as qualidades primaciaes que djvidem os povos em superiores e inferiores.

— Doutrina Gustavo Le Bon: "As tradições representam as necessidades, os sentimentos do passado. Ellas são a synthese da raça e pesam com todo o seu peso sobre nós.

Uma raça historica possue pelas leis da hereditariedade um poder tal, que suas crenças, suas instituições, suas artes, em uma palavra todos os elementos da sua civilização, não são sinão a expressão exterior de sua alma". (32)

Estabeleçamos tambem, pois, correntes emigratorias de povos superiores para os sertões, que ellas nos ajudarão a resgatar o

(29) *Obra citada p. 428.*
(30) *Na Criminalité comparé, p. 154, nota 1.*
(31) *Obra cit. p. 7.*
(32) *Psychologie des Foules, p. 69 e 70.*

sangue indigena e africano, trazendo para o nosso seio os ricos thesoiros de ideas e de sentimentos que a evolução social e a hereditariedade lhes fixaram profundamente na alma.

IV

Em trabalho que temos em mão analysaremos as causas cosmo-tellaricas e sociaes do banditismo.

Entre aquellas se notam: as sêccas periodicas, o calor solar, a formação e natureza do territorio, a falta de caminhos e meios rapidos de transporte . . .

Entre as sociaes figuram como mais importantes:

1.º as influencias complexas e remotas, porém inolvidaveis, dos processos barbaros de colonização e da conquista da terra, revoluções populares, como a dos quebra-kilos, da escravidão, com seus cortejo de barbaridades e miserias, etc;

2.º a solidariedade familiar e a vingança privada;

3.º o proteccionismo dispensado aos delinquentes pelos proprietarios de influencia e posição social;

4.º a mal distribuição da justiça;

5.º a funesta instituição do jury que absolve systematicamente todos os réos, por mais temiveis que sejam; (33)

(33) *A desmoralisação do jury chegou aqui na Parahyba ao ultimo ponto. Lê-se no relatorio do promotor publico de longiqua comarca sertaneja:*

O Jury nesta Comarca, que se mantem na altura de uma instituição util e moralisada, funccionou o anno passado em 3 sessões ordinarias, cujo resultado foi o seguinte:

Na primeira sessão iniciada a 2 de Maio, foi submettido a julgamento um réo accusado do crime do art. 294 § 2 combinados com os arts. 13 e 63 do Cod. Pen. sendo absolvido. (*O grifo é nosso*).

Na segunda sessão iniciada a 22 de Agosto foram submettidos a julgamento 4 réos accusados do crime do art. 294 § 2, combinados com os art. 12 e 63 do Cod. Pen, sendo absolvidos.

Na terceira sessão iniciada a 14 de Novembro, foram submettidos a julgamento 5 réos, 4 accusados do crime do art. 303 do Cod. Penal, sendo 3 absolvidos, *1 condemnado a 3 meses e 15 dias de prisão simples, 1 appellado, 1 accusado do crime do art. 294 § 2 combinados com os arts. 13 e 63 do Cod. Penal, que foi* absolvido.»

Dispensa commentarios: o art. 294 § 2 do Codigo Penal trata do homicidio aggravado, isto é, aquelle que denuncia maior temibilidade *do delinquente, e entretanto todos os réos foram absolvidos! De certo o jury se manteve* na altura de uma instituição util e moralisada . . .

6.º a imperfeita organização dos meios preventivo da segurança publica;

7.º a incerteza na divisão da propriedade causa immediata de interminaveis contendas;

8.º a falta de instrucção e de educação;

9.º a certeza absoluta da impunidade.

Bananeiras, 2 de Junho de 1911.

ALCIDES BEZERRA.

TRAÇOS SOBRE BANANEIRAS

I

A 24 de Janeiro de 1902 publicou *O Lapis*, periodico que se editava na cidade de Bananeiras, deste Estado, o primeiro artigo de uma serie em o anno anterior, escripto, com o alevantado intuito de dar uma noticia do passado e presente de Bananeiras.

Nas brumas do occaso se envolveo aquelle periodico, acarretando o seu desapparecimento ficarem ineditos os precitados artigos.

Aconselhado e instado por alguns amigos, principalmente, pelos que se acham filiados áquellas paragens serranas, tomo o alvitre de effectuar a publicidade delles, com os erros e lacunas que se lhes notam, deixando aos entendidos a faculdade de concertal-os — 1907.

Estimulou-me a escrever alguns artigos, emprehendendo dar uma noticia sobre a nossa Bananeiras, o facto de se ter ultimamente feito referencia ao seu passado, sob o ponto de vista litterario.

Ninguem veja nas despretenciosas linhas, que se seguirem, velleidade em blasonar o seu autor conhecimentos, que não tem, ou ambição outra que não seja a de prestar o seu pequeno contingente para que Bananeiras, ao menos, se apresente aos seus proprios filhos como uma circumscripção territorial digna delles, do seu amor e de seus ingentes esforços.

Nem outro interesse os motiva que não diga respeito a sua prosperidade e ao seu fulgor.

Não deixa de ser arrojado o emprehendimento em uma quadra e em um meio em que se chocam torpes interesses pecuniarios de parceria com os da politica em puro detrimento da instrucção e educação do povo.

Ao indifferentismo dos nossos governantes accrescem a não diffusão dos livros, a reconhecida aversão ou menospreso por tudo quanto importe em elucidar o espirito popular, para explicar a causa da ignorancia das noções rudimentares da historia desta nação, que de terra da Santa Cruz veio a se chamar Brazil.

Não é de admirar si alguem avançar a proposição de que muitos dos que cursaram os lyceus e as academias desconheçam, senão em absoluto, ao menos grande parte da historia patria.

Tambem não é para admirar que os parahybanos, os que não são lettrados, desconheçam em absoluto a historia de seu torrão natal, si lhes não foi proporcionado nas escolas primarias o estudo della, nem estão ao seu alcance os livros que porventura possam della se occupar. Além das Notas sobre a Parahyba, livro escripto com primor pelo Dr. Irineu Joffily, nada mais possuimos a respeito do que propriamente se liga ao passado da Parahyba.

Em identica ou em peior contingencia se acham os bananeirenses, pouco tendo que aprender no citado livro.

Em um outro livro publicado pelo mesmo Doutor e intitulado Synopsis das Sesmarias da Parahyba vamos colher o essencial ao desenvolvimento de parte destas observações, fornecendo-nos o restante o mundo das conjecturas

Por noticia sei que o Dr. Maximiano Lopes Machado deixou inedita uma importante obra sobre a historia da Parahyba, que os Drs. Retumba e José Novaes colheram muitas notas sobre o mesmo assumpto, como não ignoro que todos elles perderam o seu tempo.

Sei mais que Bechaman escreveu bons capitulos sobre a Parahyba, mas tudo isto sei por ouvir.

Ponhamos á margem essas divagações e perguntemos — quaes foram os primeiros colonisadores do solo bananeirense?

Bem poucos o responderão. A maioria, senão quasi a totalidade, seguindo a norma do brazileiro, em geral descuidado e alheio ás cousas do seu paiz, dirá o que nos rende investigar essas antigualhas?

Convenho que, pecuniariamente, nada se lucre, nem com as investigações do passado se faz fortuna, nem tão pouco se consegue saber o paradeiro desses thesouros fallados, de ouro e prata, sob este ou aquelle padrão monetario, suppostos jazerem no subsolo e tão cubiçados no presente.

O lucro a advir é moral, concernente ao cultivo intellectual, a uma outra especie de thesouro que se adquire pelo trabalho constante em desenvolver as faculdades mentaes, e não se perde nos lupanares, ou nas bancas de jogo, ou em arrojados lanços commerciaes.

A par da noticia historica do nosso municipio, collocaremos alguns dados chorographicos e topographicos e outras notas demonstrativas de sua importancia territorial.

Bananeiras, no extremo norte deste centraforte da Borburema, que outr'ora era conhecido pelos nomes de serras da Cupaóba, Bruxaxá, etc. foi a ultima parte dos brejos descoberta e colonisada.

Os primeiros bandeirantes no seculo XVII estacionavam nas fraldas da Cupaóba pelo lado do nascente e ao norte, vindos do Valle de Mamanguape uns e da Parahyba, passando pelo sertão do Paó, outros.

As serranias da Cupaóba permaneceram incognitas até as primeiras décadas do seculo XVIII, como adiante veremos.

II

Entre as datas de sesmarias encontram-se duas inherentes ás serranias d'esta parte do brejo.

A primeira é do governo de Antonio Velho Coelho doada aos indios Sucurús, que eram da extincta capitania de Itamaracá e vieram por mando de seu capitão mór "com sua aldeia para esta capitania a defender e reparar os assaltos que davão os Tapuios barbaros levantados, em que faziam grande estrago e se situaram na serra Boa-Vista, no olho d'agua a onde estavão assistindo debaixo de missão.....

A segunda é a de Domingos Vieira Machado e Zacharias de Mello, moradores em Mamanguape, os quaes havendo descoberto umas terras e as tinham situado por estarem devolutas, as quaes pedião por datas, cuas terras são nas tesiadas dos indios Sucurús na serra da Cupaóba pelo riacho da Canna fistula..... requerião duas leguas de comprido e duas de largo para cada um, para apanharem um olho d'agua nesta forma que de outra sorte não tinha."

Esta data foi concedida na forma requerida aos 21 de Março de 1716.

Dois annos depois, aos 4 de Agosto de 1718 fez-se concessão aos indios Sucurús, representados por seu capitão-mór, Sebastião da Silva de "uma legua de terra em quadro fazendo peão no *olho d'agua do meio* correndo delle do norte para o sul e do sul para o norte e do léste para oeste e do oeste para léste para que podesse elle supplicante com sua aldeia viver e plantar suas lavouras."

Domingos Vieira, Zacarias de Mello e Sebastião da Silva foram os primeiros colonisadores da parte dita agricola do nosso municipio. E' de se presumir que os dois primeiros dividissem a sua data. A qual dos dois tocou a parte em que assenta a nossa Cidade?

Deprehende-se de uma circumstancia especificada na petição para solicitar dita data e que é expressa pelas seguintes palavras "para apanharem um olho d'agua nesta forma que de outra sorte a não tinha" que elles se dividiam convencionalmente pelo referido olho d'agua, ou suas circumvisinhanças.

Esta mesma circumstancia, peculiar a um olho d'agua, quando outros muitos existiam, desde que existem ainda, nos faz suppor que se referia ou entendiam como tal o terreno alagadiço

BIBLIOTECA NACIONAL S. BRASILIANA

(brejo) então pouco explorado, e existente, no dizer dos antigos, no local em que está situada parte da nossa Cidade.

Concorre em apoio desta supposição o estado de espessúra das nossas primitivas florestas, difficultando a exploração dos terrenos, principalmente das grotas, apenas conhecidas dos tapuias, e da ignorancia de outras fontes occultas em escaninhos dos montes que circundam esta cidade e de muitas outras que fornecem excelente agua potavel.

Além d'isto, elles necessariamente entretinham relações de amisade com a aldeia de S. Antonio de Bôa Vista, deviam viver em contacto com elles e a travessia possivel de um monte a outro a se fazer seria, como ainda é hoje, pela grota ou valle em que assenta a nossa cidade, portanto, pelas visinhanças do dito olho d'agua.

Cada donatario teve duas leguas de comprido e duas de largo, a partir das testadas dos Sucurús e da Canafistula para o nascente.

Para esse rumo devia marchar a linha divisoria, passando pelas adjacencias d'esta Cidade, duas leguas para o sul, duas para o norte. Domingos Vieira ficou com as do norte, e Zacarias com as do Sul.

O facto de existir neste Municipio, do lado do norte um quarteirão denominado Domingos Vieira nos induz a assim conjecturar e crer como certo que ali o donatario do mesmo nome tivesse fixado residencia.

Os nossos colonisadores procuravam de preferencia para estabelecer suas fazendas os sitios em que houvessem mananciaes d'agua, ora sendo o sitio em que está Bananeiras farto d'agua é de se suppor que Zacarias de Mello, depois de se dividir com Domingos Vieira e de estar mais senhor da excellencia de suas terras, ali firmasse residencia, iniciando inconscientemente a fundação de nossa cidade.

Em 1730 já morava no lugar das Bananeiras—da freguezia de Mamanguape, o tenente Antonio Gomes de Macedo. Que deste lugar se formou a nossa cidade não ha duvida, porquanto era a unica que tinha esse nome na mencionada parochia a que pertenceu até o seculo passado.

Por conseguinte esta Cidade e a sua visinha povoação do Moreno tiveram começo na mesma epoca, devendo se notar que esta floresceu mais na infancia com o aldeiamento ou a missão dos Sucurús, sendo desde logo conhecida pela aldeia de S. Antonio da Boa-Vista, emquanto da outra ha a referencia historica já citada de simples lugar em que residia em 1730 o tenente Antonio Gomes de Macêdo.

1901.

III

Antes de proseguir nas presentes observações sobre o nosso municipio, julgo opportuno fazer referencia a lenda que alguns bananeirenses conhecem a respeito da fundação d'esta Cidade.

Conta-se que Gregorio Soares da Costa, com outros companheiros vindos da então Aldeia dos Sucurús embrenhou-se pelas mattas e, perdendo o rumo dos outros, não mais conseguiu encontral-os.

Perambulando sem norte dentro de uma matta virgem, sem divulgar pelo copado do arvoredo intenso a róla do sol, sem descobrir mais vestigio de pé humano que o guiasse ao ponto de partida, foi surprehendido por um grupo de indios e por elles atado ao tronco de uma arvore com fortissimos cipós.

Como salvar-se de tão grave conjectura? A quem soccorrer?

Todos os esforços possiveis seriam chimericos e mais lhe não restava que, resignado e contricto, aguardar o termino de sua desventura ao sabor dos detentores.

Pelos ablativos que estes accumulavam aqui e alli em pequenas quantidades e depois os transportavam para onde o detento não via, era de prever que se apparelhava uma fogueira, na qual necessariamente ia exhalar o ultimo suspiro, deixando o corpo inanime e assado para servir de regabofe aos algozes seus.

Impassivel, pois, o seu pensamento deslisara pelo catalogo dos sentimentos affectivos, na acridoce invocação dos entes queridos, que o iam perder de vez sem usufruirem a satisfação de prestar-lhe os ultimos carinhos da amisade nos seus ultimos instantes.

Entrementes um clarão, como o do relampago a fuzilar no horizonte infinito, em noite brumosa, lampejou no amago de sua alma e consequente uma prece fervorosa se evolou aligéra dos frisos dos seus labios humedecidos pelo pranto ás regiões das divindades, indo ondular docemente nos tubos auditivos da Excelsa Senhora do Livramento, supplicando-lhe de interceder pela sua salvação e compromettendo-se tambem de, uma vez salvo, alli mesmo, n'aquelle canto em que a cruel Parca lhe bafejava a fronte, erigir uma capella, tendo como orago a mesma Ineffavel Virgem e alli estabelecer sua residencia.

A noute estendera o seu manto de negrura e a escuridão fez-se completa em derredor d'elle. Os pyrilampos de espaço a espaço luziam no ar, entre os galhos das arvores, similando estrellas, de brilhar instantaneo, e o piar das aves notivagas de vez em quando o attraia á realidade de sua existencia.

A noute avançava, emquanto o nosso heroe velava e scismava, imaginando viver porque os seus labios tinham ainda movimento e sentia o pulsar angustioso de seu coração, como pela manifestação do raciocinio suppunha existir no seu envolucro corporeo a sua alma.

Tão absorto estava que não ouviu o tropel de alguem que se approximava. Sentiu o roçar de alguma cousa sobre suas vestes e o affrouxar dos cipós, que o sustinham, sob a acção da mão de

alguem que não via. Os cabellos eriçaram-se, a aspiração tornou-se offegante, persuadido como ficou de estar proximo o fim do seu martyrologio.

Os cipós pouco a pouco foram se desligando, e, livre da ultima atadura, a mão d'esse alguem tomou a sua, fazendo acompanhal-o. E quando a aurora perlustrava com fulvos albores o horizonte, como prenuncio do reapparecimento do Sol, elles chegaram a aldeia de S. Antonio da Bôa-Vista e qual não foi o extasis do ex-prisioneiro em reconhecer na pessoa de seu salvador uma india nova e formosa, cujas mãos por entre o rir e o chorar elle beijava doudamente, para testimunhar a sua eterna gratidão.

E, immediatamente, prostrado de joelhos sob a cupula infinita do firmamento, batia convulsamente sobre o coração, emquanto os seus labios murmuravam uma oração, em que os sentimentos de uma fé pura de parceria com os de perduravel reconhecimento rendiam um preito de homenagem aquella que, de seu throno divino, obrara milagrosamente, restituindo a liberdade do desventurado.

Diz-se que elle agiu com a maxima solicitude em satisfazer o compromisso tomado com a Virgem do Livramento, adquirindo os terrenos precisos e procedendo tudo isto com a celebração de seu casamento com a india que o salvara e que fôra baptisada com o nome de Maria do Livramento.

Adquirido o terreno em que fôra aprisionado e atado a uma arvore, evolorou-o, devastando os mattos para n'elle erigir, como erigiu a capella prometida, e edificar a casa de sua residencia e as dos que o acompanhavam, lançando d'esse modo a pedra basica da actual cidade de Bananeiras, cujo terreno foi o scenario da historia que vae se narrando.

E' esta pouco mais ou menos a lenda, que varias vezes tenho ouvido, cuja veracidade não duvido e para cuja perpetuidade muito me esforço.

Si comparar-se esta lenda com o que ficou escripto no artigo anterior vê-se que os donatarios das terras em que demora a nossa cidade com as suas adjacencias foram Domingos Vieira e Zacharias de Mello, advindo d'esse confronto duvida contraria a nossa lenda.

Não parece verosimil que Gregorio Soares da Costa, morador na serra do Cuité fosse o protagonista da lenda descripta, porquanto o Cuité n'aquelle tempo se envolvia nas faixas da primeira infancia, e porque os donatarios citados não acharam vestigios da passagem do homem civilisado nas terras que obtiveram em forma de datas de sesmarias.

Deve se suppor que o protagonista d'ella fosse outro, que viesse em companhia de Sebastião da Silva, capitão dos Sucurús, ou de Domingos Vieira, ou de Zacharias de Mello, os quaes no mesmo anno, pouco mais ou menos, se grimparam ás culminancias d'esta Serra da Cupaóba.

No começo do seculo XVII, tempo em que esses tres donatarios pizavam este solo, succedia tambem a invasão da onda colonisadora no extremo norte da cordilheira da Borburema, onde

fica a Villa do Cuité, e é intuitivo que, assim sendo, não seria d'ella que parisse um natural que viesse assentar a pedra fundamental de Bananeiras. E' certo que aquella Villa prosperou rapidamente, como prova o facto de ser em 1801 elevada a categoria de séde de freguezia.

E' preferivel se crer que um tal protagonista era parente de Zacharias de Mello, que com elle e Domingos Vieira chegasse a aldeia dos Sucurús e d'ahi, certo dia, com o pretexto de caçar se internasse pelas mattas circumvisinhas até o momento de ser feito prisioneiro dos indios. E, salvo milagrosamente, levasse o mesmo Zacharias a ir fixar residencia e centro de operações no local em que devia ser martyrisado, e trabalharem ambos na erecção da Capella.

Só d'esta forma se comprova a existencia da lenda bananeirense, porquanto em 1730 já residia no *lugar das Bananeiras* o tenente Antonio Gomes de Macêdo.

D'esses tempos monumento algum nos resta, a não ser uma cruz de madeira, existente ainda na parte posterior da actual matriz, como que nos patenteando a fé dos que a erigiram.

O nosso magestoso templo substitue uma capella, que, se derruindo aos poucos em consequencia dos longos annos que pesavam-lhe sobre o dorso, foi demolida em meado do seculo passado.

E aquella Cruz vetusta, carcomida tanto na parte exterior pela acção do tempo, distendendo os seus braços para o infinito, só e cercada do herbaço, que a adora, ás vezes enleiada de cipós, contempla muda e queda a indifferença da geração vivente.

Quem vae oscular-a em seu retiro, na sua pobreza de galas?

Si a sua tez fosse oleada de verdes cores, o seu pedestal feito a capricho, ostentando o effluvio da riqueza, quantas boccas não a beijariam, quantos crentes não se ajoelhariam ao seu sopé evolando das mentes fervorosas preces!

Mas. . . o mundo menoscaba da velhice e tú ó cruz, que foste o symbolo da fé de tantas gerações, és decrepita, te conformas em tua nudez com a acção do tempo, que pertinaz vae polluindo a tua face!

Nem queira mais os beijos de hoje, pois que já os recebestes de boccas purpurinas, rescendentes a jasmins, repletos de fé e de amor.

Para alguem vales muito ainda e a historia te rende preito.

E's o symbolo tradicional da nossa primeira infancia, o estandarte da fé dos que arvoraram a tenda do trabalho n'esta parte da Cupaóba.

IV

Muita razão teve o Dr. Irineu Joffely, quando em suas *Notas sobre a* Parahyba disse que . . . "desde que os indigenas ficarão todos reduzidos ou aldeiados, e a população augmentando, foi a pouco perdendo os habitos de vida aventureira, os sitios dos brejos

forão adquirindo importancia, principalmente depois da grande secca de 1691 e das outras do seculo passado. Refere-se ao seculo XVIII.

No seculo anterior a esse (XVII) a onda colonisadora deteve-se no sópé e fraldas da Cupaóba, como se verifica do confronto das epocas em que foram concedidas as datas de sesmarias, referentes áquellas terras.

Em 1615, os donatarios Francisco Gomes de Oliveira e Affonso de Matto chegaram á Camaratuba. Affonso Netto ficou em caminho da Cupaóba. Pedro Xará Ravasco na ribeira *Guarajú Griscjuba*. Antonio de Sampaio e Pedro Caverna que "conseguiu quatro leguas em quadro em um rio *Groahuhem* (Gurinhém) . . . o qual estava nas fraldas da Cupaóba da banda do Norte."

Raphael de Carvalho obteve uma data de duas legoas, uma para cada lado, aos 6 de Março de 1619. . . "nas fraldas da serra Cupaòba, na parte que chamam *Curimatay* . . . que começara demarcar do dito rio Curimatay em forma que fique um poço que faz o dito rio, chamado *Itury-Utinga* no meio da dita data. . ."

Por ventura será o rio *Curimatay* por antimonia ou abreviatura o rio Cumaty, que é o mesmo de Bananeiras?

Em 1615 a 12 de Setembro, o mesmo donatario, Raphael de Carvalho, teve a data de uma legua de terra. . . "no rio Manguape arriba da passagem por onde passou André de Miranda e Duarte Gomes da Silveira para a serra da Cupaóba, a qual terra se começaria a medir pelo rio acima, tanto de uma banda como de outra, e se estenderia esta terra aonde chamaram *Itapute-Peperituba*."

Annexo a povoação de Pilões do Maia ha um lugar chamado Cumaty, onde passa com este nome o rio Bananeiras, o mesmo que duas leguas mais abaixo margina a povoação de *Peperituba*. Nos despenhadeiros da serra do Cedro até o lugar Cumaty ainda existem nelle poços de dimensão e profundeza consideraveis.

A onda civilisadora estacionou em 1619 nas fraldas desta serra pelos lados do nascente e norte, sendo que pelos outros lados erão então completamente desconhecida, começando, porem, a sua verdadeira exploração na primeira década do seculo XVIII, como se verifica pela confronto das datas outorgadas.

Transcrevemos para aqui o que escreveu o Dr. Irineu Joffily, na obra citada, para illustrar estas linhas com pontos historicos relativos a colonisação de todo o Estado e quiçá de nossa terra.

"Tres foram os primitivos conductos por onde a Parahyba recebeu elementos colonisadores; todos tres em sua fronteira meridional, porque somente d'esta direcção terrestre e pela linha maritima podia vir-lhe a vida civilisada.

"Da fundação de sua capital resultou a estrada que a uniu logo a Pernambuco, por onde vinhão todos os recursos para a consolidação e prosperidade da nascente colonia.

"Em seguida, com as successivas fundações das Capitaes do Rio Grande do Norte e Ceará, a estrada estendeu-se pelo littoral adiante, sendo por ella que teria seguido o Capitão-mór Pedro Coelho em sua celebre excursão ao Jaguaribe e á Ibiapaba.

"O segundo conducto data do anno de 1760; partindo directamente de Parnambuco, ia até o rio Parahyba, a mais de 40 leguas de sua fóz, na primeira missão de Carirys, de que nos falla o padre M. de Nantes.

"O terceiro é o que das margens de S. Francisco levou o sertanista Domingos Jorge á ribeira do Piancó, onde fundou sua estancia, a cem legoas pouco mais ou menos da Capital."

E' de crer, pois, que em rumo destas tres estradas fosse se alargando a exploração dos colonisadores, se estendendo da estrada que unia a capital d'esta capitania a do Rio Grande do Norte até as fraldas da Cupaóba.

Emquanto os habitantes do alto sertão alargavam os seus dominios pelo occidente da Borburema, em demanda da ribeira do Patú, e penetravam na do Siridó os dos Cariry seguido pela parte oriental da mesma cordilheira internavam-se para o Norte, em rumo do Curimataú e Jacú, encontrando no rio Araçagy outros bandeirantes que vinham da capital ou Mamanguape pelo sertão do *Paó*.

E em marcha sempre para o norte, entre o Açaragy e Curimataú, foram até o fim d'este contraforte, nos limites da Capitania do Rio Grande de Norte, descobrindo, situando e firmando dominio sobre as terras que passaram, confinando necessariamente pelo nascente com as d'aquelles donatarios que no seculo anterior (XVII) se situaram nas fraldas da Cupaóba.

Até a éra de 1730 estava o actual municipio de Bananeiras todo descoberto. A sua unica aldeia existente era a de S. Antonio da Bôa Vista, que era a aldeia ou missão dos indios Sucurús depois transposta e continuada na actual chã do Moreno.

V

Volvendo ao ponto de partida do povo deste municipio isto é, a sua origem, a sua formação, faz se mister que em ligeiro esboço synthetisemos a do povo parahybano, que é o todo e aquelle parte deste todo, intimamente ligados pelo mais estreito parentesco.

Tupys e Carirys ou *Kirirys*, eram as duas tribus dominantes.

Estes predominavam nas margens do Parahyba, cerca de vinte leguas do littoral, a partir do rio Ingá e Campina Grande, ás extremas da capitania, confinando com o Ceará

Aquelles dividiam-se em duas tribus. Uma, a dos Tabajaras, como diz o dr. I. Joffily, "era estabelecida entre a margem direita do rio Parahyba e os limites meridionaes da extincta capitania de Itamaracá, mais ou menos."

Os Potyguaras constituiram a segunda e "tinhão como limite meridional do extenso territorio que dominavam, a margem esquerda do Parahyba, occupando, portanto, metade do litoral do dito Estado e d'ahi se estendendo sem solução de continuidade até a Ipiapaba (Ceará).

E' presumivel que os potyguaras tenham acompanhado os colonisadores do litoral ás fraldas da Cupaoba no seculo XVII e no seculo posterior ao alcançado, subindo pelo Araçagy e Curimataú.

«Os Carirys propriamente ditos, vulgarmente tambem conhecidos pelo nome de Bultrins», invadindo com os colonisadores a Cupaoba pelo sul; Janduys e Caracarás, que habitavam entre o rio Curimataú e Trahiry, os Sucurris que se situaram no sitio Bôa Vista, todos descendentes da grande tribu carirys; os *petigôes*, situados tambem no Curimataú e que deviam descender dos potyguaras, todos estes concorreram como elemento indigena para nossa estructura.

Addicione-se o elemento europeu, que concorreu como o primeiro para a formação de todo povo brazileiro, e o africano em parte menor aos outros e o producto dará o typo mestiço do nosso brejeiro, da Cupaoba, do nosso curimataúzeiro, conservando, não obstante a liga, alguma coisa do tupy, que bem se parece com a indolencia.

Na expressão europeu se comprehende os portuguezes e hespanhoes que, como os hollandezes tiveram curto estadio no solo patrio, interrompendo o domnio dos primeiros e a marcha crescente da colonisação com guerras estereis.

* * *

Os limites deste municipio são, a partir da serra da Caxexa, pela margem direita do rio Curimataú, que atravessa o sertão do *Inhãny*, dividindo-o do Cuité até o Jacaré. D'ahi, pela mesma margem do rio, dividindo-o com o de Araruna até o poço da Capivara, onde deixa o rio e faz rumo a linha divisoria para o noroeste até encontrar o riacho das Areias (ou Secco) e por elle desce ao logar Salgadinho, d'onde parte para a estrada geral de Tacima, seguido por ella abaixo á Carnaúba e Cachoeirinha, até a passagem do Pau d'arqueiro no rio Curimataú, e d'ahi pelo mesmo rio abaixo ao lugar denominado Boqueirão, onde confina este Estado com o do Rio Grande do Norte.

Desce pelo rio até alem do lugar Volta, para seguir em linha curva, passando entre a povoação do Belém e a Serra, na Gurita da estrada de Pirpirituba, na Sipaúba e d'ahi dividindo-se com o municipio de Serraria até sahir no rio Araçagy, proximo do lugar Araçá; subindo pela margem esquerda deste rio e mais adiante demanda um riacho de que é affluente á direita e que passa entre Santa Fé e a povoação da Arara.

Fazendo-se ao sul a linha divisoria vae circundando pelo poente o territorio d'aquella povoação ao sitio das Embigudas continuando pela margem do rio de igual nome, até encontrar a estrada que vae ao Salgadinho e segue por ella até encontrar o rio Curimataú ao Sopé da Caxexa.

Na parte annexa ao municipio de Serraria é onde se vê grande desvio da linha divisoria que ali é curva-concava, quando o limite natural é pelo rio Araçagy, dividindo esse municipio em duas partes iguaes, uma annexada a Comarca de Areia de que sempre foi parte integrante e outra a Bananeiras, de que era tambem parte integrante. Do Araçagy a qualquer uma dessas cidades a distancia a vencer-se não excede a quatro leguas.

Como se vê os limites com os seus limitrofes afastam-se dos naturaes e em pequena parte acompanha o rio Curimataú, que é o limite natural e recto entre elle e Araruna.

VI

Este municipio não tem um systhema orographico especial, pois que a serra da Cupaóba é a extremidade septentrional de um contra-forte da Borburema, em rumo do norte ao sul, ou vice-versa formando a zona denominada dos brejos, a mais fertil e apta para o cultivo de todos os ramos da agricultura em o Estado da Parahyba.

A Cupaóba não se limita somente a este municipio, sem solução de continidade, porém, menos accentuada e muito mais baixa vai em rumo de nordeste até elevar-se novamente para formar a Serra da Raiz, que muitos teimam em denominar Cupaóba, parecendo ter razao de ser aquella denominação em vista de uma raiz medicinal que ali abundava, como reza a tradição.

O Municipio de Bananeiras assente na Cupaóba é de terreno muito accidentado, argiloso e penhascoso, o que torna o transito difficil e mais difficil a ascenção para ella, principalmente pelo lado do norte e do leste, onde se vê a Serra do Cêdro. Por um e outro d'estes lados o panorama, que se estende aos nossos olhos, é vasto e encantador. Para o poente e margens do Curimataú é menos inclinado o seu territorio.

Os montes e as grotas (ou grutas, como chamam) intercalam-se successivamente, formando pequenos e estreitos valles ao longo dos ribeiros, varzeas alagadas (terrenos *abrejados* ou brejos) d'onde procedem regatosinhos e os seus pequenos rios.

Tem dois planaltos, o da Chã do Moreno, que se estende do sul ao poente desta cidade, medindo aproximadamente duas leguas de extensão e cerca de meia de largura e com alguma parte de menos ou mais. Do lugar Fazenda Velha em diante o monte se prolonga mais baixo pelos lugares Sacco, Ramada, Timbaúba, até o sitio das Embigudas, dividindo aguas para o riacho Salgado e o Araçagy.

A chã do Moreno é de terras agricolas, produzindo principalmente tabaco, que é o melhor de todo o brejo.

O segundo planalto fica de Léste ao noroeste d'esta cidade. A sua dimensão até as margens do Curimataú é para mais de tres leguas; em alguns pontos a sua largura é muito reduzida e em outros attinge a mais de meia legua.

Este com o do Moreno se constituem em os dois lados de um triangulo, cujo vertice está na parte oriental d'esta cidade e a hypothenusa é traçada do poente ao noroéste em rumo do riacho da Marianna.

Prolongando-se os dois montes, a partir do vertice do triangulo, que formam, deixam transparecer uma grota de formato de uma bacia oval, com cerca de dois kilometros de dimensão, dentro da qual demora esta cidade, e é circundada de dezenas de mananciaes e de uma varzea alagada, d'onde emana o rio Bananeiras.

Ao poente fica a serra denominada do Cabeçudo, (que parece ser chamada antigamente da Seriema), dividindo o sertão do Inhânhy do sitio *Orid*. O rio Curimataú a corta e d'este córte perpendicular resulta um grande boqueirão.

A serra da Caxexa está sobre ella, quasi ao Sul, apresentando para o poente as suas alcantiladas vistas. Collocada sobre o Cabeçudo, ostenta a dimenção de uma grande massa de camadas pedregosas superpostas, como que conica, escarpada, coberta espaçadamente de arbustos, mandacurús, cardeiros, chi-quis, chi-ques palmatorias, enfezados, que, vistos de longe, sob a reverberação dos raios solares, lhes dão cores cambiantes.

A Caxexa não é, pois, propriamente uma serra. Pico se lhe deve chamar. O seu nome abrange, na opinião de alguns, a serra que o sustém, o que é mal pensado.

Confrontando-o do lado do nascente ha um cabeço, todo de pedra, inaccessivel, que dá nome á serra por amplitude designada do Cabeçudo. No lagedo em cuja extremidade se ergue este cabeço, existe um grande tanque, reservatorio de grande quantidade d'agua pluvial e ao lado outros de menores dimensões.

Esta serra, do corte feito pelo rio Curimataú, estende-se para o nascente, abaixando-se aqui, elevando-se ali, até sahir no riacho Salgado, que despeja naquelle rio, e era conhecida antigamente com o nome de Serra Negra.

Ainda faz parte do Municipio mais de metade da Serra de D. Ignez, separada da nossa pelo rio Curimataú. Parece ser esta a serra antigamente chamada do Curimataú, pois que fica entre as rios Curimataú Grande e Curimataú-Mirim, nome que tambem se estendia aos terrenos de criação que marginavam a estrada geral para Tacima desde o primeiro destes rios.

Não consta que na direcção indicada haja outra serra e a de Araruna fica mais aftastada para o poente.

Sobre esta serra ouvi de um octogenario o seguinte: meu pae dizia sempre em conversa que esta serra fez parte da data de João Carneiro e que um filho ou sobrinho deste, casado, ali situou-se e fixou depois residencia, e que morrendo após alguns annos deixou esposa, que, chamando-se D. Ignez, deu nome a serra em que continuou a residir por algum tempo.

Todas estas serras, aqui referidas, apresentam uma configuação irregularissima, recortada, ostentando pontas salientes nos reconcavos, a que mais vulgarmente chamam sacco ou suvaco da serra, nunca seguindo rumo certo.

D'estas só o Cabeçudo não se adapta á agricultura, a não ser em annos de farto inverno.

VII

O terreno agricola sobre a Cupaóba é de barro vermelho, amarello escuro (gema de ovo), ou de terra roxa.

Nas baixas ou varzeas é de massapê, proprio para todas as especies de cultura, como diz o dr. Irineu Joffily, e para o fabrico de louça, jarros, pótes, tijollos e telhas.

O que disse o citado dr., relativamente ao brejo em geral, tem applicação especial á parte do nosso municipio

„Todo elle era primitivamente uma só e immensa matta de gigantescas arvores de todas as especies, que tomavam os raios do sól aos profundos vasles e grotas, onde correm os seus ribeiros.

Essa região (a dos brejos) tornando-se cedo o centro agricola da antiga capitania e provincia, os continuados roçados fizerão desapparecer as antigas florestas, onde o pirauá, a massaranduba, o camucá, a pitonbeira, a guararema, o pau sangue, a jurema, a gameleira, o cumarú, o jaracatiá, macahyba, pindoba e diversas outras palmeiras, attestavão com as especies acima descriptas a fertilidade do seu solo„.

Não ha mais vestigios dessas florestas, a imprevidencia dos nossos antepassados e da geração dominante derrubou-as e o solo rescequido, exhausto de humus, tem se tornado algo de improductivo, principalmente n' aquelles logares em que os regatos não são mais perennes.

Pequenas mattas estão actualmente em vias de formação em algumas propriedades, cujos donos caro tem pago o fructo da imprevidencia. Nessas já florescem o pau d'arco, a jurema, o louro, a madeira-nova, pau sangue, jatobá, massaranduba, sucupira, guararema, jaracatiá, pirauá, a gameleira, guabiróba, murta, frei-jorge, vassourinhas, ingaseiras, mutumba, pindoba, macahyba, catolé etc.

Felizmente o plantio do café sombreado, muito tem concorrido para melhorar o aspecto dos nossos terrenos.

As arvores mais geralmente usadas para o sombreado do cafesál são os cajueiros, as vassourinhas, que, de parceria com os laranjaes e coqueiraes, formam novas florestos e refrescam o solo.

Para se aquilatar de como foi tamanha imprevidencia nossa, basta mencionar, que hoje se vai buscar a madeira de construcção na outra margem do Curimataú, a seis e oito leguas de distancia. Por isso a edificação é difficil e dispendiosa em Bananeiras.

Circunda a Cupaóba uma facha de duas leguas pouco mais ou menos de largura, a que o povo chama—taboleiro—e o dr. I. Joffily—agreste.

E' um territorio de terra preta, arenoso em geral, apresentando-se em algumas partes coberto de uma vegetação rasteira, em que predomina o cumaty, (myrtacea) arbusto que dá um pequenino e saboroso fructo, e em campos proprios para a creação, onde nascem a ipecacuanha e outras hervas medicinaes.

Nesse terreno é mais vantajosa que no brejo a cultura do algodão, da mandioca, feijão macassa e a fava.

O tabaco é de má qualidade.

Em algumas partes do agreste ou taboleiro ha grandes cercados de arame farpado, onde se refasem milhares de bois annualmente.

Pequenos sitios de fruteiras se veem no agreste, não obstante dependerem de um lidar insano e da falta de rega nos meses de verão.

Abaixo do Cedro, o rio Bananeiras forma um valle fertilissimo, coberto por um laranjal compacto, verdejante e frutificante, no rigor do mais intenso verão, pela facilidade que ha em reprezar a agua desse rio para regal-o.

VIII

Dos rios que banham este municipio o Curimataú é o unico que merece tal classificação; os demais são mais propriamente riachos, que com certas proporções e sendo perennes o vulgo intitula de rios.

O Curimataú nasce na comarca de Campina Grande, entra pelo lado do Sul na da Borburema em rumo da Caxexa, donde segue, estabelecendo os limites d'este com os municipios do Cuité e Araruna, correndo sempre ao sul para o norte, até o logar denominado Boqueirão, donde demanda o nascente até á sua foz, «formando o ponto denominado Cunhaú».

O leito d'esse rio, d'esde o corte na serra do Cabeçudo, até depois do despenhadeiro entre ás serras da Cupaóba e D. Ignez, é muito despenhado, forrado de lagedos em algumas partes por onde deslisam as aguas em catadupas.

Ha cachoeiras e mesmo lagedos que ali e acolá se elevam do leito, interceptando o curso do rio, e tornando-o torrentoso.

Pela margem direita e no territorio bananeirense os seus principaes affluentes são os riachos.

O Salgado que vem da banda oriental do Cabeçudo, engrossando com as aguas das terras que chamavam antigamente sitios «Campos e Oriá» passando por entre uma infinidade de serrotes até a Serra Negra e d'ahi até encontrar o Curimataú.

O da Marianna que, parece, ser o Caraçá, dos nossos colonisadores, em vista de terem a mesma direcção e posição geographica. Nasce no sopé da chã do Moreno, na parte occidental, por estreitas e apertadas gargantas desce a serra, e correndo quasi sempre do nascente para o poente vai encontrar o Curimataú.

Outros menores correm da Cupaóba para o Curimataú.

Nos sitios Embigudas, Timbauba, Ramada, etc., chamados antigamente Campos e Oriá, nasce o Araçagy, que, recebendo muitos regatos, entra abaixo da povoação do Arara, no municipio de Serraria.

O Cannafistula tem a nascença no suducste da chã do Moreno e em rumo do sul vai se engrossando com as aguas de uma infinidade de ribeiros.

No valle da Bôa Vista por onde corre muda de direcção para o nascente. E' d'alli onde se vê uma cachoeira da altura de cerca de vinte metros. As aguas se despenham do alto de uma grande pedra massiça pela face perpendicular.

A depressão do terreno ali é muito notavel. Meia legua abaixo entra no municipio de Serraria.

O Rio Bananeiras nasce na bacia oval em que está collocada esta cidade, cerca de dois kilometros alem della, d'ahi parte correndo sempre do poente ao nascente por sitios estreitos ou por despenhadeiros passando no Cédro, onde suas aguas se despenham em catadupas e d'ahi segue até internar-se no municipio de Guarabira.

Muitos regatos e riachos em cima da serra correm para elle, engrossando o volume de suas aguas.

Merece mensão tambem um riacho que nasce no logar Bebedouro, na parte septentrional da chã do cemiterio e que descrevendo uma curva vai descer a serra e mér-se ao rio de Bananeiras nas gargantas do Cedro.

Ha um outro tambem que desce a serra pelo lado do Angelim. Ambos transpõem os limites d'este, entrando no municipio de Guarabira.

D'esta deficiente descripção de nossos pequenos rios vê-se que as aguas vertentes desta serra formam pequenas e varias bacias fluviaes em varias direcções, - poente, noroeste, norte, nordeste, leste e sudeste.

Todas ellas concorrem para o augmento do volume das aguas do Curimataú e do Araçagy, affluente do Mamanguape.

IX

A parte deste municipio comprehensiva á serra da Cupaóba está exuberantemente experimentada e a sua excellencia é geralmente preconisada, especialmente, para o cultivo do cafeeiro, do tabaco e da canna de assucar.

Foi Thomé Barbosa da Silva, natural do Rio Grande do Sul, segundo algures, quem primeiro plantou aqui o cafeeiro.

Esta planta da familia das rubiaceas coffeaceas tem dado resultados excellentes, entretanto, os sitios existentes, os mais antigos, devido a curta distancia de um a outro cafeeiro, o que occasiona com o seu crescimento o entrelaçamento das hastes, dão safras proporcionalmente menores e os cafeeiros apresentam uma compostura de enfermos, que se vão pouco a pouco se esterilisando até fenecerem.

O tabaco ou o fumo se cultiva em grande escala.

E' pela presteza de sua colheita o ramo da agricultura preferido pela massa do povo.

A Chã do Moreno produz o melhor fumo do brejo, isto é, forte, de aroma e de liga.

A industria do fumo está se desenvolvendo e novos melhoramentos no fabrico são adoptados. O fumo de molho (ou de

chicotes) e o de "serpa" são excellentes e têm muita cotação no mercado do Pará. O systema mais seguido é o de corda.

A canna de assucar é cultivada em pequena escala. Os engenhos de rapaduras raream, em parte têm sido substituidos pelo fabrico da aguardente, mais facil e menos dispendioso.

A canna preta é a mais usada.

O cultivo do cacau é incipiente e, sendo de resultado vantajoso, a par de terrenos em que o cacaueiro prospera e produz abundantemente, é de admirar a desidia que se lhe dispensa, havendo uns dois proprietarios que o cultivam para embellezamento dos sitios.

O reverso vai se dando com o plantio da maniçoba, de que ha mais de 50 mil pés, frondosos e promissores.

A mandioca, a macacheira (macaxera ou macajêra) o inhame e a batata doce *(solamum tuberosum)*, o mendubim, o arroz, o feijão, o alho, etc., tudo produz admiravelmente esta terra. A dificuldade está em se plantar, segundo as regras fornecidas pela experiencia.

Pelas pequenas parreiras que vicejam e frutificam em quintaes de algumas casas se pode tirar a illação de que a videira se adopta perfeitamente ao nosso clima.

Eis uma cultura ainda não explorada e incontestavelmente de reaes vantagens para o fabrico do vinho, em que se emprega a uva, o seu fructo.

Não pode ficar em olvido o trigo.

O nosso brejo o produz em touceiras relativamente grandes, conforme nos affirmam pessôas que o têm plantado.

O seu plantio é muito conveniente e não usado no norte do Brasil.

Temos, como se costuma dizer, "pannos para as mangas.. mas não temos incentivo proprio, o espirito de imitação nos predomina e não fazemos mais do que os carneiros—seguirem uns após os outros.

Todos plantam o cafeeiro, o fumo, a canna, a maniçoba, o milho, etc., mas não se planta o trigo, o cacáu, a vinha, etc.

Os laranjaes se multiplicam.

O coqueiral começa a se erguer frondoso nas varzeas e represas dos açudes, ou margens dos riachos.

O cajueiro e o genipapeiro frutificam com abundancia. Infelismente fracassou a pequena fabrica que, apurando o liquido de seus fructos, o transformava em excellente vinho. Fracassou esta industria incipiente porque o industrioso moço não teve a lembrança de pospor nos depositos de seus vinhos, rotulos escriptos em inglez ou francez.

Assim como se perde o cajú, o genipapo, o cajá; perde-se tambem a goiaba e o araçá, n'outras partes, aproveitados para o fabrico de dôces.

Vamos terminar este artigo, nos occupando da bananeira, não da bananeira do matto (a canna brasiliensis) da familia – amomaces as que, parece ter dado o nome a nossa cidade, mas dessa outra especie, que tem o nome vulgar da *musa*.

Não ha quem não aprecie a banana, poucos, porem, a cultivam convenientemente. Em geral a bananeira nasce, cresce e dá cacho, em volta de cujo talo se dispõem as pencas de bananas.

Ha varias especies, como sejão: Banana de S. Thomé, e *caianna*, etc., que são das compridas, excellentes depois de cosidas, *a prata, a maçã, a curta, e anã e a roxa, etc.*

Não sei si ha aqui a bananeira de Madagascar, que dá uma bebida especial.

As que ficam mencionadas dão excellente farinha, que alguns usam para a alimentação das creanças.

As hates e as fôlhas servem de forragem para o gado.

O liquido que se extrae da bananeira verde é usado como medicamento para os tisicos e os que soffrem das urinas.

Quanta virtude encerra a bananeira!...

X

Além dos fructos mencionados no artigo antecedente, deve haver referencia de outros, tambem de sabor agradavel ou aproveitaveis para algum mistér domestico:

O limociro-doce, a limeira, a cidreira, o mamoeiro produzem muito. O sapoti, a romeira, a arvore do pão, mais vulgarmente chamada – fructa-pão (artocarpo da familia urticaceas), a pitangueira, a abacateira, o coração de boi (ou *gravióla*,) já estão sendo plantados e se adaptam ao nosso clima.

Entre as avores silvéstres que dão fructos temos a referir: a ameixeira, o araticueiro, a guabiraba, o araça-açú, a sapucaia, o juazeiro, a pitombeira, o goiti, a jaboticabeira, a herva-moura, a murta, etc. Entre as passifloraceas: o maracujá-açú, o maracujá-peroba e o pélucho que dá excellente doce colhido antes da sazão.

No taboleiro nota-se entre as bromeliaceas: o ananáz e o abacaxi, cujo cultivo é novo e pequeno. A pinheira dá a pinha ou fructa do Conde, não tão deliciosa e grande, quanto as de Araruna.

No Curimataú, territorio pedregoso, não tanto quanto o Seridó, interpolado de lagedos, granitos e disformes, ha *partidos* de macambiras, mandacarús ou facheiros, palmatorias, chiqui-chiquis, e, esparsamente, o cardeiro e a corôa de frade.

Todos estes cactaceos se constituem em excellente forragem, que se dá ao gado durante o verão ou nos periodos de secca, depois de queimados os espinhos, bem venenosos, que os ornam, florescem e fructificam no estio. O gado apascenta-se das flores e dos fructos que, em tempos calamitosos, o povo faminto come.

Do fructo da oiticica se faz azeite, que dá bôa luz e serve para tempero nas cosinhas sertanejas.

O imbú, tambem chamado ameixa de Hespanha, é o fructo do imbuzeiro, da familia das terebinthaceas (spendias tuberosa), tendo sabor agri-doce.

O imbuzeiro é arvore ramalhuda e copada. Floresce no mez de Dezembro e a maturidade dos fructos se verifica do mez de Março em diante. "Os mais tenros dos seus bulbos aquosos são apre-

cidos como excellente refrigerante: o povo dá-lhes o nome de *raiz de imbú*. Dos fructos faz-se a decantada imbusada, saboroso petisco, deveras apreciado pelos curimatauzeiros, e alguem do liquido prepara excellente vinho.

A quixabeira e o juazeiro produzem tambem fructos, appetecidos pela meninada e pelo gado.

A aroeira, a braúna, a catingueira, a imburana, o pereiro, o angico, a carahibeira, o mororó, a jurema, o jatobá e outros de igual consistencia são apropriadas e empregadas nas edificações e marcenaria.

O cumarú ou balsamo, cuja casca aromatica dá excellente tisana para combater defluxos; o pau-leite, procurado pelas qualidades purgativas que encerra o succo que delle se extráe; o jucá, reputado a arnica daquellas paragens e quiçá dos brejos; o jitó, o reconstituinte, por excellencia, dos tuberculosos; o pinhão manso, cuja semente se transforma em fino azeite, que é o curativo das apoplexias e outras doenças; o *turco*, afamado contraveneno das picadas lethaes dos reptis; e outras alli crescem.

A barriguda ou a embiratanha encontra-se na Cupaóba e no Curimataú, produzindo finissima lã. Para alguns a sua florescencia logo após o inverno, em Agosto e Setembro, prenuncia começar cedo o inverno do anno seguinte; quando se realisa depois desses dois mezes indica que o inverno será tardio, e si é nenhuma que o inverno vindouro é escasso.

A baumilha ainda apparece em uma e outra parte, nas matas e grotas.

Entre as hervas medicinaes sobresahem: a herva-cidreira, a jurubéba, a herva-babosa, a tanchagem, a herva do bicho (ou piaetiua d'agua, cataia ou capiçoba), a herva de S. João (fedegoso), o mentruz, a malva, o tipi, o muçambê, a caninana, a batatinha (batatinha de porco), a batata *de purga*, cebola-cecem, gengibre, angelica, quina-quina, a herva das sesões (mangeroba), etc.; o tinhorão conhecido com o nome de papagaio e pé de bezerro, de que os vaqueiros fazem grande uso na cura, das feridas ou *bichiras* do gado.

Sobresáe no Curimataú pelo uso constante que delle fazem os naturaes o *chá*, que abunda, e floresce ás margens do rio. Dá uma bebida saborosa, superior ao chá-perola e preto.

Com esta variedade de arvores, arbustos e hervas combina a dos animaes bravios e domesticados, dos reptis, das aves, dos passaros e dos peixes, communs ao nosso Estado.

XI

Continuando na ordem de nossas observações sobre as riquezas do nosso solo, isto é das arvores e toda sorte de plantas que se vêm em sua superficie produzidas espontaneamente, ou brotadas das sementes nelle immergidas pela mão do homem, é mister volver a nossa attenção para o que ha no sub-solo.

Para desempenhar-nos deste compromisso, e, crente apenas no que vemos acima dos nossos pés, palpavel ou visivel, descriptivel, conforme o encaremos, como leigos, recorremos a fonte preciosa, a citada obra do Dr. Irineu Joffily, que, na parte relativa ao reino mineral, escreveu:

"Ao norte nos limites com o Rio Grande, se nota a mesma quantidade, a principiar mais ou menos da serra da Caxexa para o interior". Refere-se ás minas de ferro.

Eis tudo quanto ha escripto a respeito do mineral existente no sub-solo do nosso municipio.

Além disto, na propriedade Manitú, segundo narrou-nos o seu dono, que faz sua a affirmativa do engenheiro Dr. Francisco Retumba, cedo retirado do serviço de sua terra, ha consideravel jazida de carvão de pedra.

Não nos consta a existencia de outro qualquer minerio, principalmente na Cupaóba, de cujo sub-solo todos os seus habitantes vêm surgir por uma cova filas e mais filas de formigas, de côr purpureada, em guerra constante com os pomares e os roseiraes floridos. De certo que a saúva não é um elemento de prosperidade, ao contrario, é um antagonico com que o brejeiro tenazmente se bate.

XII

Entremos em outras apreciações.

Escreveu o Dr. Irineu Joffily:

"Bananeiras—Situada sobre a Borburema, 27 leguas ao Noroeste da Capital e 8 do Norte da Cidade de Areia, é importante centro de agricultura, principalmente de café e fumo. Esta cidade tem duas ruas principaes: uma na varzea, onde se faz a feira e estão as suas casas de commercio, atravessada por um riacho perenne, sobre o qual ha uma ponte; a outra se desenvolve por um monte até a extrema da cidade, denominada Palhavero. Possue uma igreja, matriz, magestoso templo, ainda não concluido, e uma outra igreja, cadeia publica, e alguns edificios particulares de bella apparencia".

"E' uma das localidades do Estado mais bem servidas de excellente agua; duas correntes, que descem da montanha que a circunda, a fornecem em abundancia. Não são calçadas as suas ruas, e o seu solo argiloso torna penoso o transito no tempo das chuvas".

Entre estes topicos e o que anteriormente temos dito nota-se certa contradicção. Fóra isto, a nossa cidade continúa do mesmo modo porque foi descripta.

Algumas reedificações foram operadas, e o numero de casas talvez tenha decrescido.

Continúa o citado Dr.:

"N'este municipio ha as seguintes povoações:"

"Chã do Moreno, uma legoa ao Poente; Pilões de Bananeiras, ou do Maia, para distinguir da villa do mesmo nome".

„Quatro leguas ao Poente da cidade de Bananeiras, exactamente na extremidade do municipio, é a localidade denominada Santa Fé, onde existe a principal casa de caridade do padre Ibiapina.

„Santa Fé está a vista da povoação de Arara, a um kilometro de distancia pouco mais ou menos; um riacho que passa entre os dois lugares, divide o municipio de Pilões do de Bananeiras„.

Ao Norte desta cidade, cerca de duas leguas, e uma do rio Curimataú, em a faixa de terreno, denominada – taboleiro , ergue-se uma nova povoação, chamada vulgarmente – povoação da chã do taboleiro porque demora em uma ponta do planalto septentrional, que circunda esta cidade, e no ponto em que a serra começa a sua inclinação para aquelle rio.

Por sua vez a povoação do Moreno dá nome ao planalto sobre que assenta, conhecido vulgarmente por chã do Moreno.

A cidade de Bananeiras é pouco populosa, emquanto o municipio tem uma população intensa e compacta. Não sendo a cidade commercial, nem industrial, é facil se comprehender porque ella tem poucos habitantes.

Na quadra invernosa, com a retirada para o Curimataú do melhor pessoal, é que a cidade fica a se parecer um deserto

XIII

A circumscripção territorial do Municipio de Bananeiras abrange do nordéste ao poente, á Caxexa, dez leguas de extensão e oito de largura, da Gurita (abaixo do Cedro) á serra do Curimataú (D. Ignez). Esta largura não é extensiva ao seu comprimento. A partir do rumo indicado vai se estreitando por ambos os lados.

Si não fosse a concavidade que faz no territorio bananeirense o municipio de Serraria abrangeria elle uma area de uma circumferencia oblanga, quasi oval, cuja ponta extrema na Caxexa.

Em face de um tal conformação se deprehende quanto é irregular e imperfeita a linha divisoria do nosso municipio com os limitrophes, não obedecendo a limites naturaes, que a justifiquem.

Deste territorio a area designada para a agricultura é pouco mais ou menos de tres leguas (de 2400 braças) em quadro. A restante, mais de dois terços, é propria á creação, aproveitando-se entretanto alguns terrenos dos taboleiros, varzeas, baixas, que, cerados, se prestam ao cultivo do algodão e alguns cereaes e a que communmente chamam vasantes.

Este municipio, muito habitado na zona agricola, attingindo a sua população a cerca de trinta mil almas, é relativamente um dos menores do Estado em territorio. O seu visinho de Guarabira é constituido de oito localidades, e o de Serraria comprehende tres localidades.

Comparativamente são esses dois municipios maiores do

que o nosso, pelo numero e importancia das povoações que os constituem, o sendo o ultimo menor em população.

Não queremos alhear a sympathia que votamos a pitoresca villa de Serraria, e a antiga Villa de Pilões de Dentro, duas rivaes em lucta continua pela supremacia da administração civil e ecclesiastica que cada uma quer para si em detrimento da outra, hoje conferidas a Serraria, todavia e de passagem notamos, que era para ellas preferivel que nem uma, nem outra, fosse séde de termo judiciario e de municipio, e permanecessem com as suas passadas prerogativas de partes integrantes, uma de Bananeiras e outra de Areia.

Poupariam despezas aos cofres do Estado e aos seus habitantes que não concorriam com o que concorrem para a manutenção de um municipio, relativamente pequeno.

XIV

Si o leitor benevolo, pondo a margem os seus affazeres quotidianos ou nas horas de laser, vem acompanhando estes singelos traços, ha de se recordar que em 1730 existia apenas – o lugar das Bananeiras entre cujos povoadores se notava o tenente Antonio Gomes de Macedo.

Setenta annos depois, em 1800, a pequena povoação de Bananeiras fazia parte da villa da Bahia de São Miguel da Comarca da Parahyba.

De 1822 a 1830 passou a ser parte do territorio da Villa Real do Brejo de Areia, já naquella epoca elevada a cathegoria de termo judiciario. Era então florescente a povoação, que gosava dos fóros de subdelegacia policial e por vezes contára com os bons officios de um capellão.

Após a independencia e subsequente constituição do Imperio Brazileiro, continuou a florescer a nossa antiga povoação, sendo pelos poderes competentes elevada a cathegoria de villa, de 1830 a 1833. Quando se reuniu a primeira assembléa provincial, em 1835, já era villa e séde de termo judiciario, o que demonstra ter sido elevada a essa cathegoria por disposição geral.

Pela lei provincial de 10 de Outubro de 1857 foi elevada a séde da Comarca de Bananeiras, e conservada pela que no regimem dominante organisou judiciariamente o nosso Estado. (Lei n. 8 de 15 de Dezembro de 1892.

E a cathegoria de cidade foi erecta em 1879, pela lei provincial de numero 690 e de 16 de Outubro do mesmo anno.

XV

Politicamente fallando, Bananeiras foi sempre um centro de população pacata. Os grandes pleitos politicos aqui empenhados jamais tiveram força bastante de acarretar aos pleiteantes e suas familias uma seriação de intrigas e vindictas.

A familia bananeirense sempre timbrou pela estrada larga da concordia e da paz, do amor e da honestidade, evoluindo embora lentamente e a custa de seus esforços.

Entre os homens politicos as rixas eram fugaces. Passados os dias ditos eleitoraes, voltavam a reinar a convivencia, a intimidade e a confiança, suspensas a pouco. O respeito era reciproco entre governantes e governados.

Esses habitos tradicionaes perduram, parecendo que as gerações presentes capricham em transpol-os á posteridade mais solidificados.

E' que ellas comprehenderam a sem razão das luctas partidarias e que o futuro e o brilho de sua terra dependem do trabalho nobilitante, applicado a prosperidade das industrias, á sabia cultura do solo, e do enriquecimento moral e intellectivo de seus filhos.

* * *

O Barão de Araruna (Estevão F da Rocha) foi um dos politicos mais notaveis desta terra. A um caracter stoico alliava a grandeza de sua alma e a bondade de um coração, sempre voltado ao bem. Foi um homem da ordem, como foi amante da paz, da obediencia á lei e ao direito.

Outros muitos tiveram sua epocha de esplendor na politica local e gosaram de grande estima e alta consideração de seus contemporaneos.

E' de justiça mencionar e cercar de referencias especiaes o nome do Coronel Targino Candido das Neves, a bem pouco fallecido. Foi elle o propulsor do plantio de café e cacáu no nosso municipio, Homem de idéas alevantadas, de fino trato, cavalheiro fidalgo, prodigalisava a sua fortuna na representação desta terra, a que deu grande lustre.

* * *

Não devo fazer referencia aos vivos. Estes, bananeirenses de nascimento ou de coração, trabalhem, se esforcem para que a nossa terra accelere o passo na senda do progresso, tomando a experiencia dos povos, que caminham na vanguarda do evoluir humano, tendo por norma o trabalho, a ordem e a honestidade.

1901.

José Ferreira de Novaes

Publicação concluida a 23 de Março de 1907 na União, n. 53.

NOTA—Doze annos depois do que foi escripto o artigo supra, ha, entre outros productos do trabalho e da intelligencia dos habitantes do municipio de Bananeiras, a se notar que entre os seus povoados florescem o de D. Ignez collocado sobre a serra de igual nome, com uma Capella e uma feixa abundante, e o da

Bôa Vista, onde ha tambem uma promissora feira, e onde vai ser montada uma usina electrica com o aproveitamento da grande queda d'agua existente no rio da Bôa Vista.

Alli, até Dezembro do corrente anno, deve ser inaugurado o trafego da linha ferrea que, atravessando o municipio de Bananeiras, se encaminha a cidade de Patos.

A cidade de Bananeiras e o povoado do Moreno têm crescido materialmente, e muito vão lucrar com a passagem da referida linha ferrea em suas circumvisinhanças, em demanda da serra da Caxexa, Barra de Santa Rosa, Picuhy, etc.

José Ferreira de Novaes.

Parahyba — Setembro de 1912.

QUEBRA-KILOS

O erudito padre Raphael Galanti começa o tomo V de sua excellente «Historia do Brazil» com a revolta ou motim, denominado *quebra-kilos*; dizendo que a insurreição se verificou em Pernambuco, em consequencia de ter adoptado o governo o systema metrico decimal, sendo o movimento promptamente abafado «graças ás medidas energicas da policia».

Ha diversos equivocos e muito me admiram haver, porquanto conhecendo o acatado e illustre historiador a obra do saudoso dr. Irineu Joffily—«Notas sobre a Parahyba»—, devia nella ter lido um capitulo sobre a revolução *quebra-kilos*, e ao illustre sacerdote deviam ser muito agradaveis as affirmativas do escriptor parahybano que procurou destruir o movel religioso que disseram occasionar o tal levante.

Quer o illustre padre Galante, quer o nosso conterraneo Irineu Joffily, enganaram-se na data da revolução de que me occupo: o levante realisou se em Novembro de 1874, terminando no fim do mesmo anno, e não em 1875 como affirmam ambos historiadores. Era presidente da então provincia, o, depois Barão de Abiahy, dr. Silvino Elvidio Carneiro da Cunha, cujo Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa em 9 de Outubro de 1875, apezar de muito conveniente, faz muita luz sobre o assumpto.

Das quebradas da serra Bodopitá, 25 kilometros ao sul da cidade de Campina Grande, partiram os grupos de *quebra-kilos* que, engrossando, assaltaram diversas localidades do interior da Parahyba, e internaram-se devastando varios pontos de Pernambuco. Irineu Joffily aponta como causa principal o augmento de impostos; outros accrescentam o recenseamento que então se procedia e o alistamento para o exercito e armada.

Realmente, o matuto sempre teve ogerisa aos recenseamentos e sempre viram nelle, como veem ainda, o inicio de recrutamento para as forças de mar e terra, mas, embora a contra gosto, o supportavam, e se alguns motins houve, pode-se descobrir que foram impulsionados mais por insinuações de potentados locaes, do que pela ignorancia dos habitantes dos campos. E' sabido que, no antigo regimem, o partido que se apeava do poder lançava mão de todos os recursos para veixar a situação dominante e esta não perdia vazas para desforçar-se de passados veixames!

De boa fé, ninguem acredita que os sertanejos de Bodopitá, se congregassem contra o governo, se levantassem contra D. Pedro que lhes merecia a veneração de um santo, movidos unicamente por seus proprios sentimentos: Bodopitá foi começo do rastilho de uma grande mina que não chegou a explodir, talvez pela grande veneração que o habitante do interior tinha á pessoa do monarcha; e nem é admissivel que os tresloucados não tivessem um chefe, ou alguem que os inspirasse. Suas devastações não se limitaram a quebrar litros e atulhar poços com os fragmentos dospezos do systema decimal; seu odio recahia com uma precisão admiravel sobre os archivos, onde dormiam aguardando tempo, as provas provadas de muitos crimes, de muitos latrocinios praticados por pessoas qualificadas. Como era habito nesses tempos, na casa da Camara Municipal funccionavam tambem o tribunal do jury, a sala de audiencias e, muitas vezes, o andar terreo servia de casa de detenção. Sendo assim os revoltados atacavam-na, e destruiam-na de preferencia. O movimento não foi tão insignificante como affirma o Rev.º padre Galanti na sua

«Historia do Brazil». A horda avolumou-se tanto que toda a Parahyba tremeu de susto, e o governo imperial mandou incontinente, sob as ordens do general Severiano da Fonseca o 14.º Batalhão de Infanteria, com um effectivo de 38 officiaes e 540 soldados, uma ala do 17.º Batalhão com 9 officiaes e 211 soldados, um piquete de cavallaria com 1 official e 19 soldados. A policia tinha um effectivo de 17 officiaes e 226 praças, de modo que, para enfrentar o movimento, foram precisas 1023, praças sendo 780 de linha e 243 de policia, não contando os destacamentos da guarda nacional! Alem disto, um vaso de guerra veio estacionar no portod a Capital, em cujo bordo mais de uma noite dormiu o então presidente da provincia.

O movimento proseguiu, porem como não se generalisou a todos os municipios do alto sertão, os principaes chefes não appareceram á sua frente e quando os infelizes matutos comprehenderam que estavam sendo ludibriados, abandonaram a triste empreza, dispersaram-se.

A ferocidade dos *vencedores* alçou-se impiedosa para abater-se sobre as victimas, estreitando-as no abraço angustioso do *collete de couro*, invento ou adaptação diabolica do militar parahybano conhecido pelo nome de Longuinho, capitão do 14, unidade militar que deixou nos sertões da Parahyba a mais pavorosa tradicção.

Acalmado o movimento, estando a Cadeia da capital cheia de prisioneiros, muitos dos quaes eram victimas de mesquinhas vinganças, começaram os inqueritos policiaes e pronuncias. Assim o chefe de policia dr. Manoel Caldas Barreto, encontrou 34 cabeças, todos posteriormente absolvidos pelo jury da Capital. Estre esses se contavam: o vigario de Campina, Calixto Correia Nobrega, Antonio Monteiro de Souza, José Correia de Araujo, Manoel Nunes da Silva, João Vieira da Silva, Manoel José de Sant Anna, Mathias de Hollanda Chacon, Remigio de França Coelho, Mathias de Freitas Vasconcellos, Antonio Alves Barbosa, Idalino Cavalcanti de Albuquerque, Rosendo de Arruda Camara, Francisco José de Lima, Manoel Alves Barbosa, Marti-

niano Ferreira de Maria e Silva, Manoel Maria Brayner, tenente Cleodon Clementino Pereira, alferes Jeremais Clementino de Vasconcellos, alferes Antonio de Souza Ribeiro e major Antonio Lelles de Souza Pontes.

De modo que, aquillo que não descobriu o historiador, o soube muito bem a policia: isto é, os *quebra-kilos* tiveram chefes.

Mas porque motivo se obstinaram em affirmar que o movimento brotou expontaneo entre os mais rusticos serranos de Bodopitá?

Pelo facto de se prender a religião. O proprio presidente da provincia, o finado Barão de Abiahy, parece que resfolegou com a absolvição dos culpados e não oppoz contestação aos protestos da egreja. Entretanto como o seu dever de homem publico criterioso mandava-lhe dizer a verdade, escrevia no seu alludido Relatorio de 1875 a pgs. 4: «Esta provincia, que sempre se distinguiu em todas as epochas pelo seu conhecido espirito de ordem e respeito ás autoridades, em Novembro do anno proximo passado foi victima, em diversos municipios, das ciladas dos agitadores, e fanatismo religioso, sob pretexto dos impostos provinciaes e leis do alistamento do exercito e armada e do systema metrico decimal», e á paginas 15: «Apenas o fanatismo de alguns parochos preparou o espirito inculto das populações para os lamentaveis e deponentes movimentos sediciosos. A sabia e bem inspirada solução do Governo Imperial com a amnistia dos Bispos desta diocese e do Pará, bem como dos seus governadores, parece-me que trará em breve a confraternisação da igreja com a sociedade civil; visto como as consciencias catholicas não podiam proseguir neste certamen, e para resultados imprevistos, senão fataes».

Recuei a revolta quebra-kilos a sua origem, a todo transe della apartada pelos sinceros sentimentos religiosos do povo parahybano. Este não recebeu sem pezar a noticia da violencia soffrida pelo bispo conterraneo frei Vital, nascido em Pedras de Fogo, e os mais rudes, deixaram-se insinuar, capacitaram-se mesmo da necessidade dum levante e, num momento que pareceu asado, irromperam brutaes, ferozes, devastando

Campina, Alagoa Nova, Bananeiras, Pilar, Areia, Ingá, Cabaceiras, Alagoa Grande e outras localidades; destruindo propriedades, anniquilando vidas, incendiando archivos que continham bons documentos para a nossa historia, saqueando casas de commercio e de familia! Caro, porem, custou-lhes a insinuação: a força publica, os mantenedores da ordem, cobraram juro estupendo e como nem todos os sediciosos foram apanhados, pagaram—os filhos, os parentes e os amigos.

E' ainda da minha infancia a «moda» que se cantava dolentemente no interior da Parahyba, attribuida ao estro de um poeta cearense:

«Sou quebra-kilo encoletado em couro
Por vil desdouro se me trouxe aqui;
A bofetada minha face mancha
A' córda, á prancha me affligir senti!

Nas cans modesta a thesoura cega...
De minha enxerga só me resta o pó;
De esposa e filhas violentam rudes
As sans virtudes seu thesouro só.

E ao quebra-kilo deshonrado, louco,
E' tudo pouco quanto a infamia faz;
Se aqui contempla da familia o roubo
Alli, no dobro, o flagellam mais.

Tirannos vêde, que mizeria tanta
Nem os quebranta? meu pungir meus ais;
Martyrios, ultrages de negror fazei-me
Porem dizei-me se tambem sois pais»!

Os versos acima, passando de bocca em bocca, bem se conhece, já estão distantes do original ou pelo menos adulterados, mas demostram ainda claramente, quanto o facto impressionou ao seu inspirado autor. Tambem foram os tristes versos o unico epitaphio que

se levantou á memoria do infeliz *quebra-kilo* que sacrificou a saude, os bens, a familia por pretender desaffrontar sua religião, conforme o aconselharam!...

Mas tudo isto, para dizer somente que a revolução alludida se deu na Parahyba e não em Pernambuco, no anno de 1874 e não em 1875 como disse o eminente historiador padre Raphael Galanti, no 5.º volume de sua valiosa «Historia do Brazil», parece grande desproposito, e me perdoe o leitor, pelo menos em attenção ás memorias dos rusticos sertanejos que moral e physicamente morreram nessa ingloriosa insurreição parahybana de Novembro de 1874, a que o vulgo deu-lhe o expressivo nome de *quebra-kilos*.

Parahyba, 1912.

CORIOLANO DE MEDEIROS.

A ABDICAÇÃO

COMO A PARAHYBA RECEBEU A NOTICIA DA ABDICAÇÃO DE D. PEDRO DE ALCANTARA, 1.º IMPERADOR DO BRAZIL.

E' um periodo agitadissimo de nossa historia o que se estende de 1822 a 1840.

Nesta epoca o espirito nacional, ainda indeciso, desejava uma patria nova, luctando para esse *desideratum* com as mais vivas forças do amor civico e do patriotismo.

Dois partidos agitavam-se na arena politica disputando a primasia da direcção publica do paiz: o velho elemento vindo de Portugal, já gasto e corrompido, e o nacional, prompto para as grandes conquistas do futuro, dividido mais tarde em liberal e conservador.

D. Pedro, embora tivesse conseguido o reconhecimento de nossa independencia pelas côrtes portuguezas em 1825, era olhado como chefe daquelle partido que se tornava terrivel pela falta de confiança que inspirava.

Na Parahyba, o seu primeiro delegado de 1824, Felippe Neri Ferreira, havia sido forçado a retirar-se e os seus successores singravam a náo da provincia sempre em lucta aberta com os nacionalistas, que não davam treguas pela imprensa, chegando a ser levado á barra do tribunal, pelo abuso de escriptos, o illustre parahybano, director da campanha, Antonio Borges da Fonseca.

Era, porem, tal o poder do jovem partido que, apezar da propaganda tenaz feita pelo presidente Gabriel Getulio, para condemnar o decantado tribuno parahybano, no inicio de sua carreira politica, nada conseguio, vendo sahir livre e solto do tremendo tribunal, quasi inquisitorial, a figura impolluta do abnegado autor do *Recolhido* e *Rosseiro*.

O que se dava na Parahyba dava-se alem; a provincia não era mais nem menos que o reflexo de suas irmães que reunidas já

se haviam manifestado contra a prepotencia de uma politica de oppressão nos annos de 1817, de 1824 e outros.

Pernambuco em 1825, Bahia em 1826, a lucta do sul sempre crescente, os tres dias de Julho em Pariz, derrubando o throno de Carlos X, foram scenteilhas electricas que inflammavam a alma nacional, preparando o rastilho de fogo contra o vacillante throno do fundador do Imperio.

Elle que reconhecera a sua impopularidade, sempre crescente, escolheu logo a therapeutica que podia applicar ao seu prestigio decahido.

A abdicação, pois, como ultima solução ao caso presente, salvou o paiz da anarchia e da maior guerra civil.

Chegara o 7 de Abril e aquelle que alguns annos atraz gritara na colina do Ipyranga Independencia ou morte marchava para a terra de seus paes, a sua propria terra, o velho Portugal, «deixando os destinos do Brazil entregues a si mesmo».

O aviso de 7 de Abril aqui chegado em 9 de Maio (1) se-

(1) Paraibanos. Por aviso da Secretaria do Estado dos Negocios do Imperio que hoje se recebeu, de 3 do mez passado, o Presidente em Conselho vos participa com a maior satisfação que o Imperador mui voluntariamente abdicou na Pessoa do Principe Imperial, e já se acha em exercicio a Regencia Provisoria em nome do Imperador Constitucional o Senhor D. Pedro 2.º Nos temos Constituição que felizmente nos rege a mais de sete annos; sustentamos com ella a nossa, Magestosa Independencia; e por Ella já hoje todas as Nações nos reconhecem no goso indisputavel das nossas prerogativas. O mais leve toque de contravenção a ella paralisa o seu progresso brilhante, nos torna a hum principio mais tenebroso que nunca, e talvez ao abismo de calamidades insondaveis. Hum passo desviado da marcha Constitucional aparece o vulcão que nos pode engulir. Nenhuma letra á nos toca dispensar dessa Tabua sagrada da nossa salvação. Respeito, e veneração a Ella; respeito e submissão as Leis que della têm dimanado. Longe de nós, longe do brioso Povo Brazileiro, que parece, voar em progresso de civilisação as baixas rivalidades, e predisposições indiscretas. He por meio destas que se dilaceram os partidos, desata-se o nexo do pacto social e desaba o Edificio politico, que já temos firmado. A Regencia Provisoria, e a que a esta hora deve estar nomeada na forma da Constituição pela Assembléa Geral cuida rigorosamente nos destinos do Imperio, e tem de acudir as suas mais urgente necessidades, sigamos a sua direcção, descancemos nas suas providencias, e nas das Autoridades Constituidas, que velão com vigilancia sobre a paz, tranquilidade do Imperio, e bem estar do povo, que se tem feito credor da mais feliz sorte. Hum só sentimento nos centralisa; e hum só grito nos chame sempre a reunião. Viva a Constituição que felizmente nos rege; Viva o Imperador Constitucional o Senhor D. Pedro 2.º e a Regencia, que em seu Imperial Nome governa; Viva a Assembléa Geral Legislativa do Imperio e vivão os honrados, e briosos Paraibanos. Palacio do Governo da Paraiba, 9 de Maio de 1831. José Thomaz Nabuco de Araujo, Presidente—Francisco José Meira, José Lucas de Souza Rangel—Ignacio de Souza Gouvea—Joaquim Antonio Leitão.

guinte, foi recebido como garantia de uma era propicia de futuro.

Visando mudança radical na politica parahybana, tornou-se necessario que o elemento de discordia, o velho elemento anarchico deixasse de ter predominio e para arredal-o foi comprehendido pelos nativistas ou nacionaes que só com a revolução era possivel fazel-o.

Estavam considerados chefes do partido portugues velhos parahybanos que gosavam de immenso prestigio e força, possuindo altas patentes do exercito, celebres pelo passado de muitos annos que aqui haviam atravessado, entroncados com as melhores familias conterraneas.

A idéa gerou-se em obra. No dia 24 de Maio, ás 7 horas da noute, tivemos as nossas *garrafadas*, sem lamentarmos, porem, perdas de vidas.

O velho commandante das armas, o bravo coronel Trajano Antonio Gonçalves de Medeiros, o mesmo que fora investido por Pastorinha em 1823, se tornara suspeito aos nacionaes.

As continuas correspondencias mantidas com o seu collega de Pernambuco, tambem mal visto nesta epoca; a sua manifestada sympathia por officiaes de seu commando, contaminados do velho odio contra os do paiz, tudo isto preparou a revolta que, mal premeditada, veio logo a rebentar.

O 5. Corpo de Artilheria e as demais tropas de linha da Capital, reunidos a um destacamento do Rio Grande do Norte que accidentalmente aqui se achava, grande massa de povo, cidadãos armados, em frente ao Convento de São Bento levantaram a bandeira revolucionaria.

Apossados de todas as munições de guerra existentes na praça, e de peças de artilheria, começam o movimento insultando os portugueses, manifestando o seu desagrado pelos caxeiros de algumas casas commerciaes dos mesmos, quebrando-lhes a cabeça com cacetadas.

Assim furibunda essa massa mal contida, manda deputação á primeira autoridade da provincia, exigindo sem mais delongas, a suspensão do citado commandante das armas, do Sargento-mór, commandante do 5. Corpo de Artilheria Joaquim José Luiz de Souza; do Capitão Ajudante de ordens do commando das Armas, Nicoláu Tolentino de Vasconcellos; do Te. Cel. Commandante da Fortaleza do Cabedello Joaquim Justiniano da Silva; do Cel. do Batalhão de 2 linha n. 65 João José da Silva; do Te. Cel. do mesmo Batalhão José Francisco de Atayde e Mello e do major, tambem do dito José Maria Correia,

Para tratar de tão grave perturbação da ordem publica reune-se immediatamente o conselho adjunto do governo, mas era

tal a disposição de que se achavam possuidos os revolucionarios e a sua attitude bellicosa que a Presidencia viu-se obrigada a ceder aos seus desejos, mesmo porque o Te. Cel. de Milicias Francisco José da Silva Bithencout, assumindo o commando das forças amotinadas, já havia recolhido em logar seguro áquelles sobre cujas cabeças pesavam o anathema da população desenfreiada, não só para livral-os da reacção manifestada como para tel-os promptos a mudar de terra.

E a revolução triumphante terminava poucos dias depois com a annuencia das primeiras autoridades da provincia que faziam proclamações patrioticas aos povos (2) e mandava para a corte, afim de serem julgados, aquelles que aqui na Parahyba haviam sido os admiradores de um Imperador fraco e impopular.

Irineu Pinto.

---

(2) Camaradas. Tendo sido attendida a vossa representação, que dirigiste estando reunidos, e armados, e em Conselho, tendo sido suspenso do Commando das Armas de conformidade com a Lei, o Coronel Trajano Antonio Glz de Medeiros e mais officiaes que representastes vos serem suspeitos, por desaffectos a causa da Liberdade do Brazil, nada mais resta do que recommendar-vos a obediencia a Lei, subordinação a vossos superiores, apresentando em tudo a docilidade e circunspção do caracter brazileiro. He indispensavel, que confieis no Governo da Provincia, que cada hum de vós seja huma atalaia da segurança e manutenção da ordem publica sem o que jamais chegaremos ao fim a que nos temos proposto, de defender a Liberdade Nacional; e he o que o Presidente em Conselho vos recommenda, e conta conseguir de vos. Viva a Nação Brazileira; Viva a Constituição; Viva a Assembléa Geral Legislativa: Viva o Senhor D. Pedro 2.º; Viva a Regencia. Palacio do Governo da Paraiba, 25 de Maio de 1831. José Thomaz Nabuco de Araújo—Francisco José Meira—José Lucas de Souza Rangel—Ignacio de Souza Gouvea—Joaquim Antonio Leitão.

FRAGMENTOS

NOTAS HISTORICAS

REVOLUÇÃO PARAHYBANA DE 1817

POR

FRANCISCO BARROSO

Publicação feita na GAZETA DO COMMERCIO de 1896—Parahiba.

. . . . . .

Ao rebentar a revolução, a provincia achava-se dirigida por um governo interino, composto de tres membros, conforme ordenava a lei.

Exerciam-no o detestavel Ouvidor da Comarca André Alves da Silva, o tenente-coronel ajudante d'ordens Francisco José da Silveira e um dos mais velhos vereadores da Camara da cidade.

O tenente-coronel Silveira era mineiro, caracter assás respeitavel pelas suas nobres qualidades e inimigo do despotismo, tornando-se assim um dos mais notaveis esteios da liberdade.

Do dia 8 de março em diante começou a correr na cidade o boato que em Pernambuco havia se derrocado o despotismo e a liberdade se fizera triumphante.

Os habitantes da Parahiba pareciam acolher com satisfação o facto e o tenente-coronel Silveira prudentemente tratou de prescrutar os animos para dar golpe certeiro.

Entendeu-se com o commandante da tropa de linha tenente-coronel Estevão José Carneiro da Cunha, pernambucano muito distincto, estando de acordo com as idéas de Silveira, combinaram esperar que a opinião publica se manifestasse.

O espirito publico não se deteve por muito tempo e deu expressivas provas de que apoiava, sem reluctancia, os acontecimentos á favor da liberdade que se tinham desenrolado no Recife.

A povoação de Itabaiana foi a primeira a dar o grito de *independencia* e *liberdade* collocando-se á frente do patriotico movimento o joven Manoel Clemente Cavalcanti, de quem no proseguimento d'estas notas trataremos mais detalhadamente.

Tendo, então, sciencia do que se passava no interior da provincia o illustre Silveira, juntando os elementos que soube captar, proclamou no dia 13 de março de 1817, a liberdade e a independencia da Patria.

Já a este tempo a elle se vieram reunir muitos outros adeptos, notando-se entre estes com muito destaque o illustrado Padre Antonio Pereira d'Albuquerque, Ignacio Leopoldo d'Albuquerque Maranhão, não esquecendo o grande Amaro Gomes Coutinho, que se achava muito identificado com ella e Estevão José Carneiro da Cunha, o valente José Peregrino Xavier de Carvalho e Francisco Xavier Monteiro da Franca.

Cabe-nos, agora mostrar o papel saliente que representou n'este grandioso acontecimento o insigne Amaro Gomes Coutinho, conforme narra o illustre historiador já nomeado:

«Coutinho unic. (Amaro Gomes da Silva) illstrissimo parahibano de 1817: cavalheiro da Ordem de Christo; coronel do regimento de milicias brancas da cidade, e opulento proprietario da Provincia quando rompeo a liberdade pernambucana de 6 de Março; este heroe bem poderia ser reputado pela mais preciosa conquista, que jamais fizerão os apostolos da Liberdade, se podesse conciliar-se com o nosso estilo uma analitica dos principios religiosos, com que foi educado, e que desempenhou com edificação de quantos o conhecião até 1816, em que veio á Olinda, convidado por seo amigo Domingos Theotonio, o qual teve a gloria de inicia-lo nos santos misterios da doutrina democratica; fazê-lo receber nas duas academias do Cabo e do Paraizo, conseguindo, que, esse pouco tempo, fosse Amaro Gomes o mais fogoso adepto dos segredos da Independencia: sua virtuosa esposa notou logo a differença, com que se elle recolheo á Parahiba, e muitas vezes lhe perguntava—«Amaro, Amaro; que he feito da tua caridade com os pobres; das tuas rezas; do teo recolhimento, &c &c, é: entretanto, rebentou no Recife inesperadamente o dia 6 de Março; e apenas chegou o seo echo á Amaro Gomes, lançou-se denodadamente á empresa, e teve os mais felizes successos: por elle Itabaiana arvorou em 12 de Março o estandarte da Liberdade; por elle o Padre Antonio Pereira imitou no Taipú a valentia de Itabaiana; por elle seu cunhado Estevão José venceo suas irresoluções,

empenhando-se na causa da Parahiba independente; por elle o regimento de milicias brancas de que era coronel, se converteo n'uma legião de heroes; por elle Francisco José da Silveira, Governador interino e zeloso realista, se converteo subitamente em exaltado patriota; por elle emfim, a capital proclamou a liberdade pernambucana em 13 de Março, e foi logo seguida de todas as villas e aldêas da Provincia; tantos, e tão evidentes fizerão, que Amaro Gomes fosse geralmente olhado como fundador da Liberdade, seo finissimo baluarte, e extremo defensor. He por isso, que a Junta do Governo Provisorio, de acordo com a voz publica, o nomeou General da nova republica: este arriscado emprego fez n'elle tão profunda impressão; tanto se deixou penetrar dos seos deveres; e tão nobremente os desempenhou, que se pode avançar, sem escrupulo ter sido o unico patriota, que jamais desconfiou, nem desesperou da causa, que uma vez adtara! debalde se armou de repente a medonha tempestade, que tinha de assassinar a recem-nascida Liberdade: debalde o exercito bahiano pisava já triumphante terras de Pernambuco; debalde o Rio Grande insurgido, e reforçado com os realistas cearenses, ameaçava a Parahiba; debalde todos temessem: porém Amaro Gomes tanto não esmoreceo, que, pelo contrario, dadas todas as providencias de segurança interna, parte para Pernambuco a solicitar armas, munições e mantimentos: e combinar os planos de defeza geral: he verdade, que, chegando, foi surprehendido, de ver a confuzão, esmorecimento, e delirio que reinava no Governo, nos conselhos, e em todos os ramos da administração publica: elle mesmo concluio, que Pernambuco mais precisava de soccorros, do que podia dá-los: em taes circumstancias, bem podéra Amaro Gomes fazer a sua fortuna, contra-revolucionando a Parahiba em favor do Rei; e não lhe faltou quem lhe aconselhasse esta grande medida de salvação! porém elle tinha provado a Liberdade; tinha jurado de viver por ella, ou morrer por ella! recolhe-se á Parahiba, e achando-a já apertada pelos trahidores parahibanos de fóra, que surgião diariamente, electrisa de novo chefes, tropas, e povo leaes, e sahe com elles a combater os trahidores que, já se achavão avançados no engenho Tibiri, capitaneado pelo malvado parahibano Padre Manoel Lourenço: o numero dos inimigos era grande, e maior a sua audacia; porém nada podia intimidar o impavido General: dá o signal do combate; mas não é obedecido: o destacamento de Fernando, ora encorporado com o exercito dos patriotas, parte do batalhão de linha da Provincia, todo o regimento de milicias pardas, seduzido pelo seu major Joaquim Sebastião de Carvalho: todos recusarão fazer fogo, reunirão-se aos rebeldes, e proclamarão a tirannia! foi assim que o intrepido, mas infeliz General, se vio impensadamente abandonado! só o immortal José Peregrino ficou firme! porém de que servia um punhado de heróes? não houve remedio senão transigir com o tempo; assignar a capitulação, entrar na cidade de envolta com os traidores, e com elles festejar o enterro da Liberdade! esta comtudo o trazia sempre delirante! a sua imagem soberana lhe apparecia até dormindo; n'ella andava tão absorvido, que não via o vulcão, sobre que pisava; porque se o vira, podia bem

evadir-se com seo cunhado e outros muitos, para os Estados-Unidos: porém, ou o infortunio o guardava para o mais supplicio; ou a gloria o destinava para o mais illustre martirio, diremos popularmente, que era fado, ou força irresistivel do destino: devemos aqui notar, que muitos dos antigos amigos de Amaro Gomes lhe acharão algum defeito nas suas faculdades intellectuaes, desde o época do natal de 1816! mas emfim chegou-lhe a sua vez, como, dizem vulgarmente: foi preso pelo Governo Provisorio, e remettido em grilhões a infernal commissão militar de Pernambuco, aqui o acompanharão a magoa e saudade publica de todos os bons patriotas, e sua desolada e virtuosa esposa, cujas lagrimas, e deligencias forão tão preciosas, que chegarão a enternecer o coração do tigre General Rego, porém toda sua omnipotencia pôde, ou quiz apenas procrastinar a sentença, e execução até os fins de Agosto. Os elementos conjurarão-se visivelmente para que a Liberdade não perdesse este martir illustrissimo; porque as calmas forão causa de demorar-se o navio, que trazia o decreto da creação da Alçada, e da extincção das commis-ão militares: se chegasse o navio mais cedo, o nosso heroe viviria ainda agora; mas a Liberdade não lhe entoaria esses funebres epinicios, que tem de alimentar nos corações patrioticos o sagrado, e eterno fogo da Independencia. Já demos a conhecer no artigo Antonio Pereira o caracter brutal dos iniquissimos Juizes, que o vão sentenciar, a sentença pois será a mesma, e a execução semelhante: nós lhe abreviamos os horrores, dizendo rapidamente—foi enforcado no Campo da Honra pernambucana; seos ultimos suspiros forão festejados com o himno canibal—Valerosos Lusitanos:—seo cadaver foi despedaçado juridicamente: a cabeça e mãos forão levadas á cidade da Parahiba, e collocados n'um poste na sua propriedade Zumby—na Cidade-Baixa, d'onde as tirou no fim de quinze dias o inglez Francisco Stuard: o tronco foi arrastado á cauda de cavallos para o cemiterio da matriz do Santissimo do Recife: assim pereceu Amaro Gomes Coutinho! assim roubarão os tirannos a vida a um heróe, cujo nome, gloria, e cinzas misturadas com as de outros muitos martires, clamão do fundo das sepulturas, e engrossão aquella terrivel e pavoro-a sentença, que a malfadada Dido ha de pronunciar n'esta obra por boca do moribundo João de Barros.»

. . . . . .

. . . . . .

VILLA DE ARARUNA

SUMMARIO—Aspecto—Flora—Fauna—Clima—Povo—Costumes—Terra—Topographia—Agua—Naturesa.

Araruna, revestindo-se de poesia, com perspectivas que lhe dão gracioso aspecto, mostra, do planalto da serra, perto de duzentas casas e a pequena capella, edificada por Feliciano José da Silva, afora um sobradinho, a matriz e o mercado, que embora não concluidos, são melhoramentos excellentes para o interior da Parahyba.

Ahi está o que, na realidade, se nos apresenta, de forma pittoresca, digna de profunda analyse para nos indicar as transformações physicas e geologicas, que alli se vão operando desde idades remotas, ou para nos indicar a historia daquellas ondulações de terreno, salientando os traços caracteristicos da topographia arurunense, como as tonalidades da vegetação, que se manifestam ora nas collinas ou planicies, ora nas grotas ou beirando as margens do Calabouço.

A naturesa é alli tanto monotona e silenciosa, como risonha, musical e suggestiva:—plantas resequidas e estragadas por gafanhotos, sem flores, começando a sentir a falta das aguas pluviaes: algumas occasiões, porem, viçosas e carregadas de fructos, uns demasiadamente amadurecidos, outros ainda verdosos; reptis correndo á beira dos caminhos; mineraes differentes, a argilla e o lagedo granitico; passaros cantando, brincando ou saracoteando nos galhos das arvores: andando ou correndo no capim verdejante, ou na relva adusta: eis o que se distingue, logo, na serra arurunense.

O sol destruidor queima a lavoura e provoca as tristesas e exclamações da população.

Contempla-se, então, os effeitos terriveis do sol, nos roçados e catingas.

As plantas ficam sem força, sem vida e sem harmonia.

O sol dá o brilho que se descobre em panoramas diversos.

Não obstante os prejuizos por elle motivados, Araruna tem um solo assás fertilissimo.

A pinha, o feijão, o cajú, a goiaba, a laranja, a canna de assucar e outras producções agricolas, tornam-se abundantes emquanto a terra está humida ou recebe as aguas meteoricas.

As plantas medicinaes, as madeiras de construcção, o café, o algodão, a mandioca, o milho, os multiplos cereaes, que trazem rendimento aos agricultores, auxiliam ao desenvolvimento commercial, toda essa vegetação, que desperta cuidado e alegria, toda a vegetação dalli, não é pois, sufficiente para fazer empolgante a flora de Araruna.

A desegualdade nitida da vegetação, como a auzencia de plantas, que alli não foram cultivadas; a falta, muitas vezes, de harmonia e gosto artistico, da mão do homem, tudo isto corrobora, effectivamente, para que a flora da villa fique sem o embellesamento e encanto que deveria possuir.

Comtudo, a conformação do terreno, a topographia da villa salva essas lacunas, e a flora surge interessante.

"Na Baia, segundo nos conta dr. Arthur Orlando, a principio são os montes de barro vermelho, que se impõem ao olhar do espectador, e depois são as areias prateadas, que cobrem as praias de Sergipe, Alagôas, Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, sendo que no Maranhão travam combate com os ventos da costa, formando dunas, cuja feição caracteristica é a monotonia." (1)

A posição topographica, portanto é indispensavel ao deslumbramento das perspectivas que uma flora opulenta nos possa offerecer.

A impressão que nos chega da costa ou litoral não é identica a dos sertões, serras, mattas e campos.

A razão de tal divergencia na flora brazileira é como lembra o mesmo autor: "á principio é a baixada arenosa ou apaúlada do litoral, em que as arvores frutiferas se dão tão bem as myrtaceas em opozição ás rozaceas do velho mundo; depois é a rijião da mata com o seu manto espesso de tudo que a naturesa tem produzido de mais pujante e imponente no reino vegetal, atinjindo seu maximo de viço e vigor no vale do Amazonas, onde reina a febre da vegetação, impera a orgia da folhagem; finalmente é o sertão com a sua vegetação pobre e rasteira, rija e palhenta, cheia de lanujem e espinhos, a contrastar com a exuberancia florestal das encostas das montanhas ou das marjens dos rios. Meio termo

(1) *Revista da Academia Brasileira de Lettras. Pags. 54-55*

entre as mattas e os sertões são os campos, cobertos de plantas herbaceas, e servindo de pastajem ás manadas de gado..." (2)

Deste modo, a floresta brazileira não é uma vegetação composta, apenas, de diminutas variedades de individuos associados.

Não é assim.

As plantas que se nos deparam nas differentes partes, formam o quadro mais elegante, mais precioso e mais bello do mundo.

Nas serras ou sertões da Parahyba, a vegetação, de quando em vez, muda de aspecto, com as estações.

Em Araruna, as plantas nem sempre conservam a mesma côr.

Com as seccas, porem, esses individuos têm uma physionomia amarellada, ou pardo-escura, quando as folhas não caem mortas pelos raios fulgurantes do sol.

Se se nota isto com a flora de Araruna, não se nota o mesmo com a sua fauna que em nada nos surprehendeu.

Os animaes que alli existem são communs em todo o Brazil.

Antigamente, porem, acreditamos ter habitado a serra e seus arrdeores, como toda a Parahyba, todo o Brazil, especies gigantescas e de grande importancia para as especulações paleontologicas.

Nas escavações de tanques narraram-nos, com segurança, já se ter alli descoberto fosseis extraordinarios.

Os habitantes da villa vivem da criação e da agricultura; negociam productos industriaes no Rio Grande do Norte, ou na feira que tem logar aos sabbado, senão em outra parte qualquer.

Araruna é accessivel a cultura industrial: comprehendendo Lagôa da Serra, dos Homens e das Guaribas, Maniçoba, Fragata, Alto-Grande, Machinet, Queiroz e outros logares, conta alguns povoados, tem clima saudavel, porem, um tanto frio no mez de Maio e Junho.

A febre e outras enfermidades se apparecem, é mais pelo abandono da hygiene e miseria do que pelas mudanças da temperatura.

No planalto da serra, as casas são pequenas em sua maioria; o mercado é circulado de estabelecimentos commerciaes; possue uma sciterna, cuja agua é vendida.

Admiramos alli a especialidade de sentimento que se evidencia no tratamento ou relações de amisade.

As familias costumam visitar os recem-chegados; enviam-lhes presentes; procuram attestar as suas considerações.

Parece assignalar-nos qualidades preciosas de nossos antecessores.

Todos se conhecem.

O povo demonstra respeito e agrado na palestra, posto que a civilisação ainda não tivesse illuminado a villa.

Nenhum acontecimento funesto tivemos noticia durante a temporada que alli estivemos.

(2) *Obr. cit. pag. 56 – Art. FLORA E FAUNA BRASILEIRA – Vol. 2.º – 1911.*

Se alguem pede informações a respeito de leguas, ou de qualquer assumpto que o povo possa saber, elle com prazer o satisfaz.

Pena é, entretanto, não existir estabilidade, certeza em numerosas asserções.

Pelo lado economico e pratico, são interpretadas e julgadas as cousas de que se tem conhecimento.

Nunca se tira, de noções adquiridas, conclusões irrefutaveis a não ser as mais vulgares que ensina a experiencia.

Dahi os equivocos e insufficiencia de pesquisas scientificas dos que, pretendendo explorar as maravilhas daquella zona, confiam cégamente no que lhe garantem o pessoal.

A vida do ararunense, pois, é grosseira, pesada e ardua.

Entre os amigos e companheiros, elle vae, de preferencia, fallar sobre a situação de seus animaes, ou sua lavoura, prevenindo-se contra as desvantagens da secca; trata tão somente daquillo que lhe pode deixar lucro.

Tudo o que não é, nem pode ser, objecto de transação mercantil; tudo o que está fora de seu campo de acção; tudo o que ignora e não pode discutir é sem valor, é completamente inutil. Por isso, em Araruna é natural o modo *improgavel* de avaliar e conceber as distancias: uma legua pode ser *grande* ou *pequena*; o engano transparece na conversação, o erro nas idéas.

Ha ainda a reparar: na villa guarda-se fiel e religiosamente o que dizem pessoas instruidas: como documentação das palavras, cita-se, por vezes, o que alli mencionaram Retumba, Salles e outros.

Esses costumes mereceram a nossa attenção; mas tambem a mereceram as modalidades daquella naturesa.

A terra, que pelas suas depressões, ou melhor, pelas suas camadas permeaveis, indica diversas modificações, apparece, magestosa, com bellissimos affloramentos.

Nas encostas da chapada, destaca-se plantações e rochas de cores variadas, produzidas, sem duvida, pela acção mechanica e lenta de agentes organicos, physicos e chimicos; destaca-se a pedra brutal e enorme de granito, que surge no cume das serras circumvisinhas.

As tortuosidades do solo com alguns riachos e valles; com os penedos e declives da serra; é o que constitue as linhas mais claras da topographia ararunense.

Assim se fica impressionado, principalmente olhando-se de um dos flancos da chapada, lá para as bandas do norte e occidente.

Com este rapido exaem sobre a topographia da villa, comprehende-se que as elevações do terreno concorrem para tornar o clima alli agradavel.

"Fosse a superficie da terra perfeitamente plana, acrescenta Thomaz Pompeu, sem os variados accidentes que quebram a monotonia da linha horisontal, outra seria a sua temperatura media. A zona aquecida pelo sol seria sempre muito quente, as demais frias e variadas por ventos impetuosos.

Felismente o relevo accidentado do solo quebra a violencia

das correntes atmosphericas, armazena o calor nas zonas mais frias, e pelo abaixamento gradual da tem peratura, a medida que o ar rarefaz-se, determina na propria zona torrida variedades de clima e de culturas." (3)

As ramificações da Borburema portanto, são vantajosas ao clima parahybano.

A villa de Araruna, que é uma dessas, acha-se no velho planalto de uma serra muito escarpada, cheia de sinuosidades e rochedos, tendo ao norte o rio Calabouço. Limitando-se com elle, Bananeiras, Cuité e Nova Cruz, Araruna, ainda mysteriosa e calma, soffre, quasi sempre, as consequencias da secca desoladora.

Quando alli realisamos alguns passeios observamos bem, que a abundancia dagua, é factor principal para sua prosperidade.

A emigração das regiões do norte do paiz, tem sido occasionada mesmo pela falta desse liquido.

E' o que, até aqui, tem retardado o progresso material, moral e intellectual da Parahyba.

Na serra de Araruna, o povo muito convencido da impossibilidade de encontrar agua potavel, hoje, o que deseja são as cisternas.

Cada qual quer ter uma em sua propriedade.

A agua alli é uma riqueza.

Quando chove, o povo experimenta prazer e esperança: ha como que um renascimento em toda Araruna.

Ninguem, pois, deve ignorar: a agua, como o ar, a luz e o calor, é tão essencial á regularidade do organismo humano, como do organismo social; é tão essencial ao movimento e evolução do espirito, como da materia.

Sem agua, não pode haver equilibrio, progresso e engrandecimento em um estado como a Parahyba, em um paiz como o Brazil em um continente como a Europa, em todo o mundo, afinal.

Precisamos sempre e sempre de agua; porem, agua crystallina e pura.

"A agua melhor a agua potavel, como declara muito bem o professor M. Platen, é a que é proveniente das montanhas e cuja nascente se acha em terreno de rocha e chega á nós igualmente atravez do terreno da mesma naturesa. A mais impura e insalubre é a dos pantanos, onde existem substancias vegetaes deterioradas, bem assim a agua dos poços e tanques pelos quaes possam entrar e detritos animais eo utros. Deve-se, pois, evictar a agua dos poços na visinhançad os matadores, dos cemiterios, das latrinas, do sesgotos. Não é preciso ser chimico para saber se a agua é pura ou não. Para os olhos deve ser clara e purissima e,provando-se, não deve revelar nenhum vesigio de gosto particular; para o nariz não deve apresentar cheiro nenhum." (4)

---

(3) *Licções de Geographia Geral pag. 163.*

(4) *O novo methodo de curar pags. 60-61.*

A poeira, o lodo, o sujo, os residuos e bacterios alteram, pois, a composição chimica das aguas pluviaes, que, em Araruna, são apanhadas nas cisternas, tanques, açudes e lagoas.

A agua potavel alli é uma illusão.

Apezar de não levar o material preciso para emprehender estudos de hydrologia subterranea, Salles Guimarães confessa que no curso de suas explorações scientificas, se inteirou das condições mineralogicas e geologicas da villa, e que, logo, a idéa de alli encontrar aguas profundas lhe desvaneceu.

Salles sustenta ter feito algumas analyses physicas e chimicas de amostra de terra silico-argilosa, e que nenhuma, porem, provou ter vestigios apreciveis de clorureto de sodio ou nitrato de potassio concernente ao fim que lhe importava. (5)

O facto explica-se.

E' que a naturesa, agindo sobre todos os phenomenos dynamicos e estaticos, é original e poderosa ; tem as suas anomalias e variabilidades, se bem que seja uma só na bella expressão de Goethe.

Isaac Pinto.

---

(5) *Revista do Instituto Historico e Geographico Parahybano Pag. 158 - Vol. 1.º 1909.*

CAPITANIA DE ITAMARACÁ

1—Por carta de irrevogavel doação *inter vivos*, passada em Evora no 1.º de setembro de 1534, D. João 3.º fez mercê a Pedro Lopes de Souza de oitenta leguas na costa do Brazil, as quaes foram repartidas do modo seguinte:

Quarenta leguas entre a ilha Cananea e a terra de Santa Anna, dez entre o rio Curparê e o de São Vicente e trinta que começariam no rio Santa Cruz, que cérca em redondo a ilha de Itamaracá, e findariam em altura de seis graus na bahia da Traição.

Em apostilla lançada na dita carta, em data de 21 de Janeiro de 1535, declarou a corôa que em vez de dez leguas fossem medidas deseseis, *ao modo e maneira que se conthém no capitulo desta Doação, que falla nas ditas dez legua.*

Vê-se, pois, que a doação feita a Pedro Lopes de Souza foi de oitenta e seis leguas e não de oitenta somente, como se tem dito ; assim tambem, que a data de 1534 do titulo, se acha quasi sempre confundida com a de 1535 da apostilla.

A prova, de que nos servimos para a rectificação do exposto, é de irrecusavel authenticidade, é a carta de doação a Pedro Lopes, a qual encontramos na *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, instruindo o processo que intentou o Marquez de Cascaes, D. Luiz Alvares de Atayde Castro Noronha e Souza, contra o Procurador da Corôa pelo facto de pretender este destituil-o do dominio da dita capitania, em falta de auxilio prestado á guerra da restauração, e no qual processo obteve aquelle acordam favoravel da Relação de Lisbôa, em data de 13 de Fevereiro de 1685.—

2.—No pouco tempo em que Pedro Lopes esteve de posse da capitania de Itamaracá, conseguiu fundar na ilha, a legua e meia da costa, no cimo de formosa colina, a villa Marial ou de Nossa Senhora da Conceição, actualmente decadente e proxima a extinguir se.

Naufragando e morrendo em 1539 no canal de Moçambique, quando voltava da India em commissão do governo, passou a sua filha D. Hieronyma Isabel de Souza, em falta de successão masculina. Mas nem ella por si, nem auxiliada por sua mãi D. Isabel da Gambôa, poude continuar na conquista e povoação da terra firme, apezar mesmo dos esforços empregados pelo seu capitão-mór Antonio Rodrigues Bacellar, contra quem os potyguares, alliados então dos tobayares, faziam cruenta guerra. Para darmos idéa da tenacidade d'esse póvo, citaremos um facto que lemos na escriptura de venda de cinco mil braças de terra, na varzea de Goyana, aos 18 de junho de 1577, entre Bôaventura Dias como vendedor, e João Cavalcante de *Araribe* (Araripe) como comprador.

Essa escriptura, reliquia preciosa dos muitos papeis perdidos, quando transferidos dos cartorios de Itamaracá para os de Goyana, existe no do Sr. Joaquim José da Costa Leite. Quasi todos os mais desappareceram na passagem do rio Santa Cruz, muito de proposito talvez para justificar o arbitrio do ouvidor triennal, o Dr. Feliciano Pinto de Vasconcellos, de fazer de Goyana cabeça de termo contra a preeminencia de Itamaracá e a reclamação do respectivo senado; arbitrio esse que, foi todavia approvado por acto do governo de 6 de outubro de 1742.

Eis o facto que lemos:

3 – Diogo Dias, abastado agricultor de Tracunhãe, pediu e obteve de D. Hieronyma Isabel de Souza dez mil braças em sesmaria na terra firme de Itamaracá. Reconhecendo quanto os potyguares eram bellicosos e crueis, sem todavia mostrar que os temia, previniu-se de homens a quem pagava soldo, e foi estabelecer-se com engenho de assucar á margem septentrional do Capibaribe-mirim, onde mais ou menos está por defronte a actual cidade de Goyana.

O novo estabelecimento de Diogo Dias, defendido por extensos vallados e fortins construidos nos aterros interiores, artilhados e presidiados, e donde se combatia com vantagem, repellindo os assaltos dos indios, mais parecia campo militar fortificado, do que fazenda ou herdade pacifica, onde o homem laborioso pede á terra a abundancia, a alegria e o bem-estar. Mas, apezar do emprego daquelles meios aconselhados pelas circumstancias, e que, segundo parecia, diminuiam de certo modo a esphera do trabalho agricola, vicejavam soberbos canaviaes nos mesmos logares em que pouco antes selvas impenetraveis escondiam os mais ricos thesouros do solo.

A pouca distancia do rio, alvejava a casa de vivenda de Diogo Dias, aos lados as de suas filhas e filhos casados, e no fundo do quadro impunha-se a vista os alentados e grosseiros edificios do engenho e casa de purgar, seguindo enfileiradas algumas choupanas de trabalhadores e escravos. A actividade, a abastança e o socego dir-se-ia terem ahi a sua placida residencia.

Engano! O écho do fuzil e do canhão denunciava uma vez por outra, que o socego não residia alli. Havia mesmo um quer que fosse de melancolico e presago naquelle pequeno centro de

movimento, ainda mais penoso pela immensa solidão que de todos os lados parecia annunciar desastres imminentes.

E com effeito, os indios mais proximos, desenganados de que por si nada podiam fazer, procuraram os da margem do *São Domingos* (rio Parahyba), e todos, dirigidos por francezes, assentaram no modo de dar golpe certeiro e decisivo em Diogo Dias, cuja permanencia no logar excitava em outros o desejo de virem ahi estabelecer-se, o que acontecendo, tornaria depois mais difficil, senão mesmo impossivel, a expulsão desses invasores.

Duas grandes divisões largaram do São Domingos: uma em lanchas e pirógas e outra pela costa. Emquanto, ao chegar, uma atacava pelo norte, a outra desembarcava ao sul, e atacaria pela retaguarda. E assim se fez.

Diogo Dias, acostumado a repellir os assaltos dos indios, deu a principio pouca importancia ao que ouvia por aquelle lado mas depois tornou-se apprehensivo sendo por isso obrigado a mandar os ultimos homens que lhe restavam em auxilio dos defensores da sua pessôa e do seu lar.

Fatal coincidencia! Sahidos aquelles, saltavam das pirógas e lanchas os selvagens e francezes que acommetiam rudemente as casas e, no meio da mais infernal gritaria, assassinavam a todos, ateando depois o incendio e seguindo avante!

Os soldados de Diogo Dias, cortados pela retaguarda, deitaram a fugir, e os que não foram logo apanhados pela morte, supportaram depois tormento mais afflictivo succumbindo no meio do incendio dos canaviaes, onde pouco antes se haviam internado.

Terrivel espectaculo!

Era noite: o contraste entre as trevas e o incendido das labaredas que corriam bramindo doudejantes em todos os sentidos pela superficie;

As columnas immensas de fumo negro, que se erguiam umas após outras, mostrando a espaço linguas de fôgo enraivecidas que atiravam para a atmosphera e brasiada residuos e fagulhas sem conta;

As repetidas detonações que como descargas de fuzil, rebentavam nesse incessante labutar de ruinas;

O rugido longiquo, produzido pelo esforço da resistencia e phrenesi da matança;

Davam a tudo isso a apparencia de um terreno volcanico, no qual, cessando o incendio de umas cratéras, estouram de repente outras muitas, arrojando de si com estridor pavoroso lavas e escorias candentes aos gritos do susto e ás imprecações da morte.

Desta infeliz familia escaparam apenas Bôaventura Dias, o vendedor das referidas cinco mil braças de terra, por se achar casualmente em Olinda, e um seu irmão que estudava em Lisbôa, e a quem pertenciam as outras cinco mil braças.

4 – Por este e outros factos semelhantes, e vista a impossibilidade de poder a donataria utilisar a terra nas condições da doação, ordenou o governo d'el rei, D. Sebastião, a Diogo Lourenço da Veiga, governador geral do Brazil, que fosse expellir os

potyguares e seus alliados do Parahyba, e povôasse a terra. Era esse o meio de desassombrar as capitanias visinhas das correrias dos indios, aproveitando ao mesmo tempo as terras conquistadas.

Logo em seguida ao desastre de Alcacer-Kibir, succedido quasi na mesma occasião, falleceu na Bahia Diogo Lourenço da Veiga, e aquellas ordens não poderam ser cumpridas. Nada se conseguiu tambem no curto reinado do Cardeal rei, e só no de Filippe 2.º poude Fructuoso Barbosa, nomeado governador da conquista e efficazmente auxiliado pelo ouvidor geral Martim Leitão, povôar a Parahyba.

Expulsos ou submettidos os potyguares e tobajaras, as terras comprehendidas entre a bahia da Traição e a barra de Goyana passaram para o dominio da corôa, em razão de não ser possivel á donataria cumprir a clausula expressa, de *povôar e aproveitar a terra, para se nella haver de celebrar o culto e Officio Divinos e se exalçar a nossa santa Fé Catholica com trazer e provocar a ella os naturaes da dita terra, infieis e idolatras, como pelo muito proveito que se seguirão a meus reinos e senhorios, e aos donatarios e subditos delles.*

A corôa procedendo deste modo, estava de perfeito accôrdo com a clausula da doação; pois, só assim, e segundo as difficuldades que apresentavam os negocios da Africa e da India, conseguira, sem maior dispendio, manter-se na posse do litoral, disputada pelos francezes.

O systema de colonisação, adoptado e aconselhado pelas circumstancias, não era caracterisado principalmente pelo absurdo dos sacrificios dos dinheiros publicos e dos soldados do Estado em beneficio de particulares, investidos, alem disso, de poder soberano; mas sim pela imprevidencia da concessão de grandes prazos, com faculdade de possuirem os donatarios as leguas que quizessem para o interior, e de exercerem autoridade quasi illimitada, uma vez que *as povôassem e aproveitassem* a sua custa. Desde que isso se não fizesse, tornava-se liquida a reversão para a corôa.

Não era esse o melhor systema, ainda quando posteriormente adoptado pelos inglezes e hollandezes, como os resultados o mostram. Mas, acceitas as clausulas, estavam todos na obrigação de satisfazel-as.

Foi daquella reivindicação parcial que se formou a capitania da Parahyba, *capitania d'El-rei*, por ter sido conquistada com os dinheiros e soldados do Estado, independente e administrada por governadores de nomeação régia, desde Fructuoso Barbosa até Joaquim Rebello da Fonseca Rozado, o ultimo dos tempos coloniaes; salvando um pequeno periodo em que esteve subordinada a Pernambuco, quando este passou ao dominio da corôa, vindo por ultimo a carta Regia de 24 de janeiro de 1799 restituil-a ao seu antigo estado de independencia.

Restituido o marquez de Cascaes á posse da sua capitania, em virtude do referido acordam, Itamaracá passou depois a corôa por composição amigavel, e todo o seu territorio ficou sujeito a

administração do governador de Pernambuco, mas em relação a justiça fazia parte da ouvidoria da Parahyba, até ser separado e unido a comarca de Olinda pelo Alv. de 30 de maio de 1815.

5.—Dissemos em principio, que as trinta leguas, concedidas a Pedro Lopes, começavam no rio Santa Cruz, que cérca em redondo a ilha de Itamaracá, segundo a doação, e findavam em altura de seis graus pela terra firme, na bahia da Traição.

Eis aqui as palavras da carta:

Comessarão (as trinta leguas) *no rio que cérca em redondo a ilha de Itamaracá, ao qual rio eu ora puz nome Rio Santa Cruz, e acabarão na Bahia da Trayção, que está em altura de seis graus; e isto com tal declaração que, a cincoenta passos da casa da Feitoria que de principio fez Christovam Jacques pelo rio dentro, ao longo da praya, se porá um padrão de minhas armas; e ao dito padrão se lançará uma linha, que cortará a aloeste pela terra firme a dentro; e a dita terra da dita linha para o Norte será do dito Pedro Lopes &c.*

O padrão foi effectivamente collocado no logar indicado, e este é ainda hoje conhecido pela denominação de *sitio do Marco*, que muitos chamam do *Marcos*, suppondo derivação do nome de algum primitivo dono.

Uma prova recente, irrecusavel, acaba de confirmar o facto: a esforços do Sr. Dr. Francisco Manuel Raposo de Almeida, o Instituto Archeologico de Goyana mandou reconhecer aquelle logar, e a commissão nomeada para este fim, auxiliada pelas observações e insistente trabalho daquelle illustrado cavalheiro, teve a fortuna de descobrir o referido padrão a poucos palmos de profundidade da superficie actual do sólo.

O que nos parece certo é que a linha de *loeste*, isto é: a que se tirou de leste para oeste, para dahi se medirem as trintas leguas para o norte, foi corrida pelo donatario, mas não assim esta ultima, em razão do seu fim prematuro, e dahi a confusão dos nossos historiadores a respeito dos limites da Parahyba, e os conflictos escusados entre as autoridades desta e da provincia do Rio Grande do Norte. Mas se nada se sabe de positivo, basta o existente para dissipar todas as duvidas.

6—Logo depois da conquista e povoação daquella capitania por parte da corôa, mandou esta dividil-a, e collocar marcos na linha de divisão, tanto ao norte como ao sul; e isso, sem duvida por ficar intercalada nas duas capitanias particulares: a de Itamaracá, reduzida a sete leguas de costa, e a do Rio Grande do Norte, doada a João de Barros.

Em virtude dessa reducção, os limites sul da nova capitania não podiam ser os mesmos da antiga de Pedro Lopes e seus successores, da qual fôra aquella desmembrada, como já vimos antecedentemente, pela impossibilidade de poderem *aproveital-a*, na forma do respectivo titulo. A linha divisoria principiou ao sul: da barra de Goyana, (lado septentrional) á Caricé ao poente; e a

do lado do norte: do pontal do Guajú a leste á povoação actual dos *Marcos*, tambem ao poente rumo geral.

Os marcos da divisão ainda existem de tempos remotos neste ultimo logar, que está egualmente em altura de seis graus e em menos de trinta leguas do padrão, e portanto na comprehensão da capitania de Pedro Lopes.

A Carta Regia de 27 de novembro de 1698, dirigida ao governador de Pernambuco, Caetano de Mello de Castro, fez sentir ao mesmo governador que, achando-se dividido o districto das capitanias de Itamaracá e *Parahyba por marcos*, restituisse a esta, por lhe pertencerem, os engenhos Abiay e Tabatinga, que os moradores daquella usurpavam, cobrando dizimos e outros direitos.

Donde se vê, que a Parahyba fôra demarcada nas condições acima referidas, ficando Itamaracá com sete leguas de costa, segundo já dissemos.

Todos sabem que a bahia da Traição não está a seis graus precisos, nem Itamaracá a sete de latitude sul. Aquella regula por 6.º 42' e 46", e esta por 7.º 47' e 12".

Não se attendendo a posse do governo, por utilidade geral, da maior parte da capitania de Pedro Lopes, para ser esta somente tomada em consideração, vê-se claramente que não havia espaço para trinta leguas do padrão á referida bahia, apesar de ser a doação de trinta leguas. De feito, se desprezarmos os minutos e segundos accrescidos naquella posição, ainda assim não se conta mais de vinte leguas geographicas de extensão de um a outro ponto, e onde acharemos as dez leguas que faltam? De duas uma: ou a doação não podia ser de trinta leguas, contra o que foi declarado expressamente no titulo; ou a dita bahia, onde aquella *findaria* em altura de seis graus, foi um meio artificioso empregado, para illudir e prejudicar o donatario.

Mas, nem uma, nem outra cousa. A doação foi de trinta leguas, como diz o titulo terminantemente; pelo que se é obrigado a convir em que a altura nelle alludida não mede seis graus precisos.

Altura, no sentido da doação ou em sentido lato, é a quantidade aproximada entre dois termos, dos quaes um constitue a base, sem indicar rigorosamente a distancia graduada que o separa do outro.

Isto posto, e sendo a doação de trinta leguas, do sul para o norte, isto é: debaixo para o alto da esphera, contadas do padrão que se mandou collocar a cincoenta passos da feitoria de Christovam Jacques, em rumo do loeste, é claro que onde findassem as tintas legnas corridas do dito padrão para norte, ahi devia ella completar-se, observados os seis graus.

Logo, não sendo possivel achar-se aquelle numero de leguas no espaço que vai do padrão á referida bahia, mas somente no pontal do Guajú, que tambem está em *altura* de seis graus, nesse logar devia-se assentar, como se assentou, os marcos, a que allude a citada carta Régia de 27 de novembro de 1698, referindo-se a demarcação anteriormente feita. Esta demarcação já encontramos consignada em Barlæus, nos seus excellentes mappas das capitanias conquistadas pelos hollandezes. O que nos faz suppor ter sido ella effectuada em 1596 ou logo depois, mas em todo caso no governo de Feliciano Coelho de Carvalho, antes de emprehender a repulsa dos potyguares para certos pontos do Rio Grande do Norte.

7.— Apesar do que fica exposto e comprovado, os nossos historiadores levantam duvidas a respeito daquelle limite, fundados em que as trinta leguas doadas deveriam findar na bahia da Traição, não obstante estarem ellas demarcadas em outra parte. Taes duvidas, porém, são destituidas de fundamento, pois não ha quem ignore, que entre a barra de Goyana e o pontal do Guajú vão setenta e seis milhas, segundo os roteiros da costa, e que ellas correspondem pouco mais ou menos as trinta leguas de Pedro Lopes (de duas mil e quatrocentas braças, um dos typos das nossas antigas leguas de sesmaria.)

Rocha Pitta assegura que, „ a ilha de Itamaracá, cabeça da capitania deste nome, não tem por costa mais que *as sete leguas de que consta o comprimento della*. Que El-rei, D. João 3.º deu a Parahyba ao nosso famoso historiador João de Barros, que a mandou povôar por dois filhos. „

Nada menos exacto, nem mais extravagante!

Como se sabe, aquella ilha não conta *sete* leguas de comprimento, mais ou menos; e a Parahyba, no territorio da capitania de Pedro Lopes passou depois para a corôa pelos motivos anteriormente declarado. Assim, portanto, affirmar que a ilha de Itamaracá, cabeça da capitania deste nome, não tem por costa mais que as sete leguas *do seu comprimento*, é affirmar uma inexactidão, que o proprio facto destroe. E se isso revela por um lado falta de conhecimentos chorographicos do paiz, do qual escreveu a historia, por outro e com razão attesta ignorancia de documentos em que devia fundamentar e comprovar a verdade historica. Elle, porém, sem conhecer a carta de doação de 1 de setembro de 1534, não hesitou affirmar uma supposição sua, filha da ignorancia, imprimindo-lhe o cunho de cousa averiguada e sabida!

Jaboatão diz, „que El rei D. João 3.º fez mercê a Pedro Lopes de *cincoenta* leguas (desta opinião tambem é Beauchamp para a fundação de uma capitania, as quaes elle não quiz juntas, mas separadas; e assim tomou *uma parte* em Itamaracá.„ E accrescenta:

„Que o famoso historiador João de Barros, com menos sorte que todos, teve a de lhe fazer mercê de uma capitania, e foi esta a da Parahyba do Norte.„

Jaboatão é tão inexacto como o autor da *America Portugueza*. A doação não foi de *cincoenta* leguas, nem a Parahyba do Norte a capitania, da qual El-rei fez mercê a João de Barros.

Eis aqui as palavras do titulo daquella doação.

„ *Quarenta leguas que comessaram de dose leguas ao sul da Ilha Cannanéa, e acabarão na terra de Santa Anna, que está em altura de vinte e oito gráas e hum terço, e na dita altura se*

porá Padrão e se lançará huma linha que se corra a loeste; e dez leguas (alteradas para deseseis pela apostilla) *que comessarão do Rio de Curparê e acabarão no Rio de Sam Vicente; e no dito Rio de Curparê, da banda do Norte, se porá Padrão, e se lançará huma linha pello rumo do Noroeste athé altura de vinte e tres graus; e desta dita altura cortará a linha direytamente a aloeste; e no Rio de Sam Vicente, da banda do Norte, será outro Padrão, e se lançará huma linha que corte direytamente a aloeste; e as trinta leguas que fallecem* (faltam) *comessarão no Rio que eu ora puz nome Rio Santa Cruz, e acabarão na Bahia da Traição que está em altura de seis graus &c.*

Se Jaboatão conhecesse estas palavras, com certeza não asseguraria, que D. João 3.º fizera mercê a Pedro Lopes de *cincoenta leguas* para fundar uma capitania. Não diria ainda, que por não as querer juntas, mas separadas, tomou uma parte em Itamaracá, sem todavia mencionar a sua extensão.

Se as leguas da doação foram alli declaradas em numero de cincoenta ao sul (aliás cincoenta e seis), e de trinta ao norte, com os seus rumos e distancias, o donatario nenhuma parte poderia ter em Itamaracá, por já estarem preenchidas ao sul. Mas se elle, por não as querer juntas e preferil-as separadas, tomou uma parte naquelle territorio, não respeitou a doação, por se ter apossado ao norte, o que lhe daria uma quantidade superior de terras á mercê feita. Mas quem acreditará que, sendo as doações positivas, tanto em relação aos logares, como ao numero de leguas houvesse quem, segundo a sua vontade, e apossasse onde lhe aprouvesse? Ninguem certamente; porque isso seria uma transgressão ao acto do soberano e daria em resultado, quando menos, a nullidade da doação por carencia de direito, em falta de titulo adquisitivo.

Jaboatão, consequentemente, fallou neste ponto sem conhecimento de causa, fazendo numero com aquelles que legaram ao futuro uma falsidade em prejuiso da verdade historica.

A maioria dos donatarios foi infeliz nos seus calculos de colonisação. Alguns perderam a vida em grandes tribulações, e muitos, a fortuna, sem vantagem. João de Barros entrou neste numero.

Quando a corôa, para assegurar a tranquillidade dos povos de Itamaracá e Olinda, resolveu-se conquistar a Parahyba dos potyguares, desmembrando aquella, e creando na parte desmembrada uma capitania sua, assignou-lhe os limites, tendo em consideração a propriedade particular aproveitada. Isso foi observado ao sul em relação á nova capitania; e as terras do norte, ainda quando não aproveitadas, não passaram por zelo de generosidade das trintas lèguas doadas. João de Barros renunciára a sua doação tranzido de dor e desalento pela morte dos filhos nas primeiras tentativas. Se isso se deu antes ou depois das excurções de Feliciano Coelho, sem as quaes ter-se ia mallogrado a conquista do Rio Grande do Norte, não o disse Jaboatão, contentando-se em affirmar que o territorio da Parahyba fóra doado a João de Barros.

Ayres do Casal diz que *uma parte* da capitania da Parahyba está comprehendida na doação de Pedro Lopes, e a *outra parte* na de João de Barros.

Se com isso quiz seguir a risca a letra do titulo daquelle primeiro donatario, do qual titulo extractou as palavras: *"e acabarão na Bahya da Trayção, que está em altura de seis graus"* diminuiu ao beneficiado o territorio, do qual o regio bemfeitor lhe fez mercê, como antecedentemente fizemos sentir. Trinta leguas deu El-rei a Pedro Lopes. A circumstancia de estar aquella bahia em altura de seis graus não podia alterar a doação, fazendo-a incompleta no seu ponto principal; e a linha que se mandou correr seria uma inutilidade, senão se quizesse fazer effectiva a vontade soberana.

A falta de conhecimento dos logares da costa, cujos nomes ignoravam os portuguezes, assim como as distancias que os separavam, estando apenas indicados pelas *alturas*, era mais um obstaculo para a designação dos pontos extremos das liberalidades régias. Assim vemos os rios Araripe e Ay, que cercam a ilha de Itamaracá pelo norte e sul, refundidos em um só, ao qual poz El-rei o nome Santa Cruz. A bahia da Traição, que já tinha a esse tempo nome *portuguez*, em consequencia do fim lamentavel que ahi tiveram algumas pessôas da expedição de Gonçalo Coêlho (1501), é bem provavel que, como voz mais conhecida daquellas paragens, servisse para determinar genericamente o extremo norte das trintas leguas doadas.

Acejutibiró, denominação primitiva da mencionada bahia, não podia ser conhecida de El-rei, nem dos portuguezes que ahi foram levados fatalmente como para assistirem o sacrificio cruel dos seus malfadados companheiros.

Se o autor da *Chorographia Brasilica* pensava do modo já dito, não havia bom fundamento para isso; pois nunca se deverá subordinar um facto a circumstancias, um direito a uma palavra incidente. Por isso, pensamos que a provincia da Parahyba em nenhuma das suas partes póde estar comprehendida na capitania de João de Barros.

Monsenhor Pizarro escreveu o seguinte em suas *Memorias do Rio de Janeiro*:

"A doação de Pedro Lopes comprehendia trinta leguas de extensão, desde o rio Santa Cruz, que cérca em redondo a ilha de Itamaracá até a Bahia da Traição, situada em altura de seis graus, e nellas exercitava o donatario e seus successores a jurisdicção civil e criminal da terra, e outras muitas graças.

"E assim foi observado com a *conservação* do donatario *até invadirem os hollandezes* a provincia de Pernambuco."

Cingindo-se ás palavras da carta de doação de Pedro Lopes, Pizarro não quiz saber se a linha que ella mandou correr o padrão preencheu as trinta leguas ou se foram além. Satisfez-se com o que disse, sem querer envolver-se nas affirmações dos outros. Receioso de cahir em erro, commetteu, apesar disso, o de asseverar que até a invasão dos hollandezes os donatarios conservaram-se no exercicio da jurisdicção crime e civel do supradito territorio.

Isso, porém, não é exacto, A jurisdicção crime e civel do donatario e seus successores ficou circumscripta ao territorio da ilha e costa, até a banda meridional da barra de Goyana, desde que a corôa reconheceu a impossibilidade de poderem aquelles conter os indios em suas devastadoras correrias, conforme já referimos.

Como medida de segurança para as capitanias visinhas, e desenvolvimento dellas mandou a corôa conquistar a Parahyba e povoal-a. Isso se fez com grande custo e sacrificio de vidas, sendo logo confiada a sua administração aos cuidados de um governador regio.

Quando Pernambuco foi invadido pelos hollandezes, governava a Parahyba, em nome do rei, como sempre fôra governada por outros, Antonio d'Albuquerque, filho do celebre Jeronymo d'Albuquerque, *Maranhão*, e Itamaracá Salvador Pinheiro, locotenente do velho marquez de Cascaes, D. Alvaro Pires de Castro e Souza. Accresce que, segundo fôra expressamente determinado na doação, perderiam o dominio e a successão á capitania todos aquelles que, ainda sendo herdeiros e descendentes de Pedro Lopes, não tivessem o appellido de Souzas e usassem das suas armas.

Ora, se Salvador Pinheiro governava Itamaracá em nome do Marquez de Cascaes, e com titulo de governador, de que este gozava como concessão ao donatario originario e a todos os mais successores; se na Parahyba achava-se Antonio d'Albuquerque, por parte da corôa, como governador da capitania, e só por esse titulo ahi podia estar na direcção dos negocios publicos, visto como não descendia de Pedro Lopes, nem tinha o appellido dos Souzas, nem usava das armas destes; fica patente o erro em que cahiu Monsenhor Pizarro, quando escreveu, que a jurisdicção civil e criminal foi sempre exercida e observada com a *conservação* do donatario até *invadirem os hollandezes* a provincia de Pernambuco.

8 - Além do desaccordo em que laboram os citados historiadores, nota se uma certa tibiesa no modo da exposição e o mais completo silencio a respeito das occurrencias sobrevindas depois, satisfazendo-se cada um com as suas proprias supposições; o que dá bem a entender que, talvez, a excepção do ultimo, nenhum dos outros conhecia a carta de 1 de setembro de 1534 e as condições em que fôra executada.

Mais facil que hoje, poderiam, entretanto, ter obtido melhores subsidios para a historia administrativa dessa época, em que a aristocracia abatida pela mão vigorosa de D. João 2.º, surgio nos reinados seguintes forte e lisongeada na America, pelas grandes concessões territoriaes e exercicio de poderes quasi illimitados de que fôra investida. Nada, porém, fizeram a tal respeito, antes deram as suas presumpções certo cunho de verdade, legando ao futuro difficuldades por desaccordo de opinião, em falta de documentos e outros pontos com que podessem restabelecer a autoridade da historia. Não sendo muito grande entre nós o numero de cultores dessa sciencia, a unica que attesta a verdade das evoluções sociaes e faz conhecer os progressos da civilisação, d'ahi resultou a confusão e o erro em muitos pontos da nossa historia, tanto mais arraigados,

quanto maior é a confiança que inspiram os que nelles incorreram. Excepto o primeiro dos historiadores citados, todos os mais eram padres, e os seus escriptos, segundo as leis d'então, vieram acompanhados das approvações e licenças do S. Officio, mandando-os publicar e correr por «não conterem cousas contrariadas a fé, aos bons costumes e as leis da historia.» E foi quanto bastou para se repetir o erro, e passar de uns para outros.

Isso, porém, pouco admira, quando agora mesmo aquelles e muitos outros erros e falsidades são copiados as cegas para os compendios adoptados nos estabelecimentos de instrucção publica por voto e parecer dos conselhos litterarios! . . .

Se á alguem se figurar de pouca importancia a reducção da donatar a de Pedro Lopes, e os limites da sua maior parte, transferida á corôa; o mesmo não succederá áquelles que, no interesse da historia, desejarem conhecer a causa da sobredita reducção, e a influencia que o commercio, por um melhor systema de administração, veiu a exercer na modificação mais prompta de algumas tribus selvagens; como tambem a razão da diversidade de certos usos, dos desejos e dos aggravos da multidão, que muitas vezes não figura nos successos publicos, mas que delles soffre sempre as consequencias.

Os donatarios eram senhores feudaes; a ninguem davam contas, salvo ao soberano em poucos casos. Mas aos funccionarios do rei, aos governadores de sua nomeação, embora co-participantes do poder absoluto, não acontecia o mesmo. Elles, responsaveis pelos seus actos, estavam entre as mãos do absolutismo real, quasi sempre com tendencia á todos os excessos. D'ahi a dessemilhança dos usos, que ainda se notam entre certas provincias, e dessa desigualdade de caracter, que vae muitas vezes da indifferença aos actos arrojados de gloriosos commettimentos.

Se a missão da historia é conhecer a verdade, procuremol-a com perseverança e bôa fé, onde ella estiver; se os nossos historiadores nem sempre foram fieis a todos os factos, não lhes negueemos o nosso reconhecimento pela herança, que graciosamente nos legaram. Façamos como o filho agradecido, trabalhemos e o nosso legado augmentará de valor.

Santa Anna 16 de Abril de 1883.

Maximiano Lopes Machado.

Da Revista do Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco, n. 29 tomo 4.º

PARECER

SOBRE A CACHONILHA E CERA ENCONTRADAS NA PROVINCIA DA PARAHYBA DO NORTE EM 1852

Illmo. Exmo. Sr. Com o Aviso de V. Excia. de 30 de Setembro vieram duas amostras colhidas nos sertões da Provincia da Parahiba do Norte, uma de cera encontrada na arvore denominada *Páo Pereira* e outra de cachonilha, tambem encontrada em um arbusto, acerca dos quaes V. Excia. me ordena que procedendo os necessarios exames o informe sobre o que se me offerecer a tal respeito. Procurando na collecção de amostras pertencentes a secção de Botanica, encontrei uma amostra de cera identica a que me foi enviada, colhida nos sertões do Rio Grande do Norte pelo fallecido Senador Guerra, em uma arvore tambem denominada *Páo Pereira* mas que elle affirma ser produzida por um insecto.

Pelos exames a que procedi, inclino-me a acreditar que esta cera é um producto de insectos, porque encontrei mel intimamente misturado com ella; e o mel é sempre produzido por insectos e não uma producção,

expontanea dos vegetaes, como na carnauba Bicuyba, Jeajadee ou cerieiro etc. Não sei se a arvore denominada páo pereira da Parahiba é identica ao individuo da familia das Apocyneas, conhecida com o mesmo nome nas provincias do Rio de Janeiro, Minas e São Paulo e cuja casca se aproveita como febrifugo.

Esta arvore dá uma seiva lactescente e glutinosa, porem não materia semelhante a cera. A cera que me foi enviada, dura e muito quebradiça, por não conter nenhuma *olcina* é composta quasi totalmente de stearina, contendo mais materias corantes e resinosas e uma insignificante quantidade de mel. Dissolvida no alcool fervente converteu-se facilmente em acido stearico, deixou um residuo resinoso e desenvolveu um vivo cheiro de mel analogo ao das abelhas. Fundida em agua acidulada com algumas gotas de acido sulphurico produziu tambem cheiro de mel e deixou um residuo resinoso.

Em ambos os casos tornou-se mais branca e que me faz crer, que facilmente tomará a côr da cera de que se fazem as velas, applicando-se os processos conhecidos.

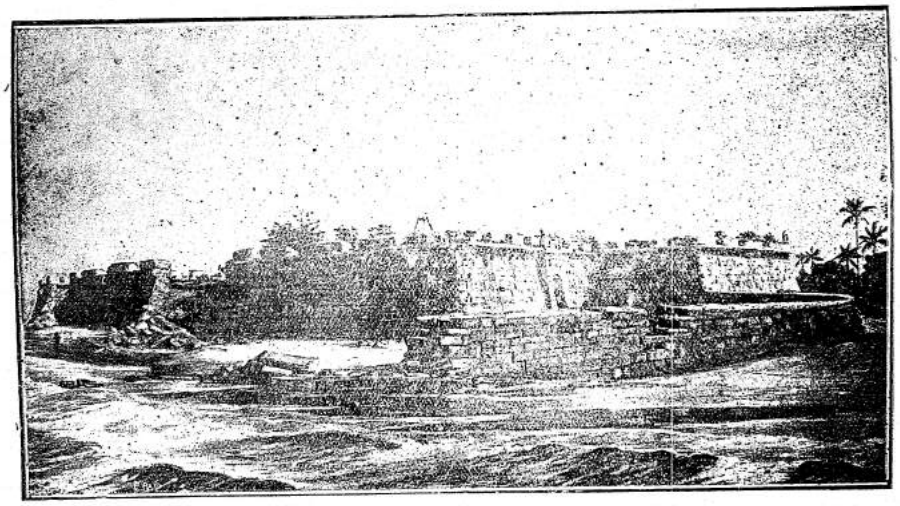
A segunda amostra é um pedaço de ramo da *opinicia* conhecida vulgarmente com o nome de *Urumbela* ou *Jurumbela espinhosa*, contendo algumas cachonilhas silvestres, já muito alteradas, das quaes pelo seu pequeno numero e máu estado não tentei extrahir carmim. A cera e a cachonilha poderiam vir a ser importantissimo artigos commerciaes para os habitantes do sertão principalmente a segunda pela facilidade de se transportarem aos mercados do litoral consideraveis valores em pequenos volumes. Julguei muito conveniente enviar a V. Excia. cinco numeros do Auxiliador da Industria Nacional, onde se achão transcriptos

excellentes memorias sobre a cultura do Nopal, ou Urumbela, tratamento e extracção da cachonilha. Se estas memorias forem mandadas publicar na Provincia da Parahiba talvez contribuam mui efficazmente para o desenvolvimento desta industria no sertão, se seus habitantes estimulados pela idéa de lucro e facilidade de obtel-o a ella se dedicarem.

Deus guarde a V. Excia.

Museu Nacional, 9 de Outubro de 1852. Illmo. Exmo. Sr. Francisco Gonçalves Martins, Secretario de Estado dos Negocios do Imperio. Dr. Frederico Leopoldo Cesar Burlamaqui, Director do Museu.

«Da collecção Irineu Pinto».



FORTALEZA DE SANTA CATHARINA—CABEDELLO—PARAHYBA DO NORTE

FORTALEZA DE SANTA CATHARINA

EM

CABEDELLO

ESTADO DA PARAHYBA

Esta velha fortaleza, da qual fizemos um CROQUIS durante a nossa excursão ao Norte, está situada á margem direita da fóz do Parahyba do Norte. Foi fundada pelo general hespanhol d. Diogo Flores Valdez, quando, em 1584, esteve commandando a frota hespanhola, que de Pernambuco seguiu, por ordem do governador geral Lourenço da Veiga, a conquistar aquella Capitania, ameaçada de cahir em poder dos francezes, que, alliados aos indios d'aquella região, tentaram, por mais de uma vez, apoderar-se do primitivo forte e da povoação, em cujas immediações já se haviam estabelecido.

O forte, ou castello de Cabedello, com toda essa região do norte, cahiu depois (16 de Dezembro de 1634) em poder dos hollandezes, que ali se mantiveram com vantagem e o ampliaram com novas e importantes obras de defeza.

São bem notaveis, nesse importante periodo de nossa historia colonial, as luctas que ali se travaram então, entre hollandezes, portuguezes, hespanhóes e brasileiros, como é aliás bem conhecido.

Os vestigios dessas pelejas heroicas notam-se ainda nas muralhas esborcinadas e nas superficies exteriores dos canhões de bronze, que ainda conservam as profundas cicatrizes dos projectis que lhes foram dirigidos pela possante artilharia das náus que o assediaram, por mais de uma vez.

O Forte de Santa Catharina de Cabedello, como a maior parte do Estado da Parahyba, estava nesse tempo dentro da Ca-

pitania de Pedro Lopes de Souza, irmão de Martim Affonso de Souza, 1.º donatario de S. Vicente.

Essa Capitania estendia-se desde o rio que cerca a ilha de ITAMARACÁ, na Capitania de Pernambuco, até a BAHIA DA TRAHIÇÃO, ao norte do rio Paraiyba.

Tão importante praça de guerra, uma das mais fortes, nessa época bellicosa, acha-se hoje em completo abandono, o que é deveras deploravel para todos que se interessam pela archeologia e pelas tradições de nosso paiz. Como está situada proximo ao ancoradouro da humilde povoação de Cabedello, é constantemente visitada pelos viajantes que ali aportam, nos vapores do Lloyd Brasileiro; esses visitantes deixam, quasi sempre, os seus nomes e impressões graphiados a lapis, ou a carvão, nas paredes da galeria curva que offerece ingresso para o forte; inscripções que vão sendo, entretanto, abafadas pelas garatujas obscenas e phrases boçaes traçadas pela mão sacrilega dos ignorantes e desoccupados, que por ali vegetam (como em toda parte, infelizmente). São bem notaveis e dignos de admirar-se as obras de arte e de defesa; os artigos bellicos que se veem esparsos e que teem escapado ás constantes depredações e ao desleixo.

Por sobre o tympano do grande portico da entrada e sob o friso e as ameias que o guarnecem, ha relevos com brazões e inscripções diversas e legendas latinas; mas, infelizmente tão damnificadas que se torna impossivel decifral-as. A fortaleza, conforme se observa no desenho, era guarnecida do lado de terra, por uma linha de cortinas, ou trincheiras, e de um fosso, então invadido pela agua do mar.

Esse fosso está hoje soterrado e a trincheira muito damnificada pelo embate das ondas.

O accesso da trincheira para o forte, ao que parece, era feito por meio de uma ponte levadiça, cujos vestigios de argolões ainda se notam embutidos na muralha, ao lado do arco.

Os baluartes, muralhas e trincheiras são construidos de grandes blócos, lavrados, de um granito de côr amarellada, bastante resistente, composto de crystaes isolados (quartzo) e feldsphatos. A rocha parece ter sido conduzida, para ali, de muito longe, visto não existir vestigio algum della em toda a vizinhança, e estarem as montanhas e pedreiras bastante afastadas do littoral.

Para penetrar-se na fortaleza, depois de transposto o portico, tem-se que atravessar um largo corredor abobadado, disposto em curva, (mais de 75º), no meio do qual se vê uma abertura, praticada na abobada, por onde descia uma grande porta ou alçapão de ferro que vedava o accesso da praça, em caso de assedio.

Parallelo ao corredor existe uma outra galeria, ou calabouço, tambem abobada, escura e bastante ampla.

Essa galeria tem, na parte que divide com o corredor, diversas aberturas ou frestas verticaes, praticadas em sentido diagonal, afim de impedir a entrada da luz exterior; taes aberturas eram destinadas, em caso de ataque, a servir de seteiras por onde os arcabuzeiros dirigiam os canos de seus mosquetes e fusilavam, a

queima-roupa, os invasores que ousavam penetrar no corredor e estacionar ante a porta de ferro.

O corredor communica com o grande pateo interior onde estavam os alojamentos que podiam conter muitas centenas de soldados.

Amplas escadas de pedra dão accesso ás baterias superiores onde se vê grande quantidade de canhões de grosso calibre, ainda assestados ás respectivas canhoneiras, sobre suas velhas carretas.

Não podemos, durante as duas visitas que fizemos á fortaleza, contar o numero de boccas de fogo, porque grande parte dos armeiros e baluartes estão desmoronados para o lado do mar, e as peças, em grande parte, rolaram pelos taludes abaixo, ou se acham espalhados ao longo da praia e sepultados na areia.

Affiançou-nos, porem, um pobre guarda, que ali reside, que o numero de peças era de superior a oitenta. Sobre os parapeitos e ameias contámos ainda uns sessenta canhões, alguns, de bronze com bellos ornamentos em relevo e inscripções differentes.

Na bateria do sul, entre outros canhões de bronze existe um, de grosso calibre, com o Brazão de armas dos Felippes de Castella, tendo em cima a corôa real de Hespanha e em baixo uma almofada ornada de finos arabescos, onde se lê:—DON PHELIPPE REY DA ESPANA.—Mais abaixo, sob uma elypse, esta outra inscripção:—Pedro Pacheco Marq. de CASTRO FUERTE—DE CONCEIO E CAVARA—CAPITAN CL. E L'ARTILERIA. Outros canhões de bronze com as armas de Portugal, tendo num dos flancos uma forte cicatriz produzida por bala que amolgou fortemente o bronze e ricochetou.

Na mesma bateria, um outro do mesmo metal, com um brazão e data de 1679 e um monogramma, sobre um escude. Mais abaixo, em torno da culatra, cingida por uma corôa de louros, este lettreiro:—Weliam Wece Waeret—Me fecit. HACA.

Outro ainda com as armas portuguezas e esta inscripção sobre a culatra:—ANNO DOMINI—1622.

Na outra bateria de S'ESTE, um canhão de bronze com este lettreiro:—Joannes Sithoif, me fecit—BRUXELLIS.

O velho forte de Santa Catharina de Cabedello, já pela sua vetustez e pelas tradições que tão vivamente representa; já pelos objectos de valor historico e archelogico que ainda conserva dentro de suas muralhas desmantelladas; e mais pelo criminoso abandono a que está votado, foi durante a nossa excursão ao norte do Brazil, uma das curiosidades que mais prenderam a nossa attenção.

S. Vicente 1907.

BENEDICTO CALIXTO.

PARAHYBANOS ILLUSTRES

DR. JOSÉ THOMAS CARNEIRO DA CUNHA

Do sonno teu, aos canticos celestes,
Despertarás um dia ao sol da historia.
Dorme, José, á sombra dos cyprestes
Envolvido na luz de tua gloria.

* * *

I

Em 4 de Junho de 1876 perdeu a Parahyba um dos seus filhos mais prestimosos na pessoa de JOSÉ THOMAS CARNEIRO DA CUNHA.

Na campanha do Paraguay, onde prestou relevantes serviços, elle se portou como um segundo Cynergiro, atheniense, que se tornara celebre na batalha de Marathóna, na perseguição dos persas; ou, como Acilio, soldado romano, que quando os inimigos lhe cortaram a mão direita elle segurou-se ao navio com a esquerda para continuar a lucta.

Na pratica dos melhores costumes e do dever ninguem jamais o excedeu e nem subio mais alto.

Toda a sua vida, sobrepujante de nobres feitos, illustra a terra onde elle vio pela primeira vez a luz do dia e nos eleva tambem.

Os seus extraordinarios serviços, a par de um nome sem mancha, são uma herança, que todos nós parahybanos, devemos guardar como um brazão de gloria immorredoura.

Pensamos assim, porque ninguem poderá contestar, que os trabalhos de guerra em campanha arriscada e calamitosa, durante cinco annos, atravessando crises angustiosas, sob os perigos de mais d'uma batalha, em que o nosso patricio prestou na altura de um bravo , são, entre outros, o mais glorioso legado que elle podia deixar á terra do seu nascimento.

Esses serviços, credores da benemerencia nacional, todos prestados em prol dos brios patrios ultrajados, collocam muito alto os sentimentos de acrisolado patriotismo que se aninhavam no peito ennobrecido de JOSÉ THOMAS.

Evidenciam sobelamente a sua grandeza de animo alliada a uma dedicação sem limites, que cada vez mais se accentuava todas as vezes que a exigencia do serviço militar o collocava no posto do sacrificio.

E o que mais digno de nota se torna, é que esses serviços, exprimem as abundantes revelações de tudo quanto é mais edificante na vida do cidadão amante do seu paiz.

Não devemos esquecer, que elle, discipulo da escola de Bellegardes, zeloso cumpridor da lei, soube, em todas as circumstancias, por mais embaraçosas que fossem, alliar a intregridade do caracter á doçura do trato.

Mas, não se pense porem, que essa doçura era uma fraqueza ; não : esta, jamais lhe seguio de perto, nem mesmo de longe.

Tão somente como SYDNEY SMITH, elle via tudo pelo lado risonho.

Ainda que a situação em que se achasse fosse, ao menos segundo toda a probalidade, arriscada, elle jamais o pensou assim, ou se a julgava critica ou melindrosa, nunca o manifestou.

A nuvem, por mais escura que apparecesse, para elle, não tinha senão orlas de prata e de ouro.

De espirito calmo e reflectido, não lhe amedrontavam as ameaças do vendavel mundano, que muitas vezes bramia á seus pés.

Nem podia ter sido de outro modo, quando para a paz de sua alma, sempre se espelhando na virtude, o – dever – não tinha outra base senão o sentimento da justiça, mas a justiça identificada no amor, que é a mais sublime modalidade do affecto, quer este seja consagrado á patria quer seja consagrada á familia.

Quem, como nós, o vio nas escabrosidades da vida real, atropellada constantemente pelos interesses que reclamam as paixões mundanas, conservando inalteravel o caracter adamantino, que constituia a essencia de sua personalidade moral, tem justa rasão de apresental-o com orgulho como credor da admiração e do respeito dos parahybanos.

A sua memoria, venerada como é, constitue a continuação de sua vida.

Na imaginação de todos que o conheceram ficaram bem gravados os traços caracteristicos do seu typo varonil.

Alto, esbelto, elegante, era elle o verdadeiro typo olympico de fidalgo, tanto no porte como nas maneiras.

No seu semblante meigo e gentil transpareciam toda a lhaneza de sua alma de escol e toda a bondade de seu coração bem formado.

II

JOSE THOMAS, era filho legitimo de Antonio Thomas Carneiro da Cunha e D. Adelaide Francisca de Assis Barros.

Nasceu na Capital da Parahyba do Norte em 1843, e nella falleceu em 1876, contando apenas 33 annos de edade.

Não podemos ser julgados de suspeitos nas referencias que vamos fazendo do benemerito patricio, porque os seus feitos foram notorios e publicos, e julgados meritorios, pelos juizos imparciaes dos competentes de então.

O gráo de parentesco que nos prende á JOSÉ THOMAS, não avigora menos o colorido com que procuramos fazer refulgir os rasgos do seu elevado caracter, os lances sempre aureolados de sua conducta irreprehensivel e correctissima, por quaesquer do aspectos que ella seja examinada, tanto como filho, como estudante, como soldado, tanto como homem particular ou publico.

E tanto mais se destaca este conceito, quando, com o presente trabalho, só temos em vista fazer conhecidos os actos de sua vida, que é um exemplo digno de ser imitado.

Educado no berço dos bons sentimentos, elle soube elevar-se a alta posição que tanto honrou o seu nome, pondo-o em destaque tanto no exercito como entre os seus collegas de estudos ; tanto entre os seus companheiros de armas como entre a sociedade em que conviveu.

Não é a fraca rememoração que estamos fazendo de seus actos, que reverenciará com autorisada palavra, a sua memoria.

Não ; nós o sabemos.

Mas, não deveria tambem ser esse o motivo que nos inhibisse de cumprir com o dever de amor a nossa terra, fazendo conhecido o nome de um parahybano que tanto a honrou e illustrou não só como homem de lettras, como soldado cumpridor do seu dever.

III

Tendo elle estudado as primeiras lettras nesta capital, depois seguio para o Recife, e ahi, entrou no *Gymnasio Pernambucano*, afim de estudar as materias que constituiam o curso de preparatorios.

E o fez com tão grande aproveitamento, que em pouco tempo, regressou á Parahyba, prompto para seguir qualquer carreira do curso superior.

Nas «Memorias de Viagem» de Pedro Segundo ao Norte do Brazil, escriptas por um auctor desconhecido, encontramos os te-

chos seguintes, que á elle se referem, quando S. M. o Imperador visitou áquelle estabelecimento:

«Os premiados do 4.º anno, foram os alumnos que se seguem: os senhores JOSÉ THOMAS CARNEIRO DA CUNHA, Francisco Antonio Carneiro da Cunha e José Eduardo de Pinto Borges.

«Depois de haver proferido um discurso, um alumno do 2.º anno, S. M. o Imperador, se dignou destribuir, com suas proprias mãos, os premios destinados aos alumnos que os conquistaram.

«Então teve logar a recitação de um discurso, em latim, composto pelo Padre Ignacio Francisco dos Santos, pelo alumno do 4.º anno, o Senhor JOSÉ THOMAS CARNEIRO DA CUNHA, que o pronunciou com energia e propriedade.»

Assim iniciou a sua carreira, nas lettras o nosso inclito patricio, sempre destinguido por seus mestres, não só pelos seus altos dotes intellectuaes, como pelo seu correcto procedimento.

Attributos estes, que constituem o substracto do valor de um espirito seleccionado e forte.

Tendo regressado á Parahyba, como dissemos, depois de preparado, assentou praça, para satisfazer aos desejos de seu honrado pae, pois sua vocação natural era outra, no corpo da guarnição do exercito, que aqui se achava estacionado, sob o Commando do Cel Ernesto Emiliano de Medeiros.

Ernesto, era um official distinctissimo, e muito rigoroso nas principios de disciplina militar e no cumprimento dos deveres respectivos. Era mesmo intransigente nestes principios; não conversava com seus inferiores e nem condescendia com a menor falta por elles commettida.

Depois que o Ernesto conheceu a excellencia das qualidades de JOSÉ THOMAS e notou nelle uma intelligencia não vulgar e robusta, alliada a um preparo fóra do commum, chamou-o para o seu gabinete de trabalho e encarregou-o de toda a sua correspondencia official e paticular, distinguindo-o, sobremaneira, com a sua confiança e amisade.

Não ha duvida, que este facto despertou certa inveja entre os seus collegas, mas estes, não encontrando nelle senão amabilidades e attenções, não procuraram hostilisal-o.

Não sabemos se hoje ainda é assim; más, naquelle tempo, quando um official superior, da tempera de Ernesto, confiava a um joven inferior, serviços de certa ordem, e de confiança, éra porque a conducta e o preparo deste inferior falavam mais alto de que qualquer elogio.

Era porque, os dotes moraes e intellectuaes deste inferior, impunham-se perante o conceito de seu superior, e esta imposição era uma garantia de seus actos, porque este tinha a convicção de que suas ordens serviam fielmente cumpridas sem descrepancia nem vacilações.

JOSÉ THOMAS, soube, tão bem conquistar a confiança e a amisade do seu Commandante Ernesto, tido e conhecido como muito austero e inimigo de fazer elogios a quem não os merecia,

muito principalmente aos seus subordinados, que quando JOSÉ THOMAS, requereu licença para ir estudar na Escola Militar do Rio de Janeiro, o Ernesto perguntou á elle:—«então o Sr. vai deixar-me.—Palavras, que eram rarissimas ser proferidas por aquelles labios!...

Assim asseveram os que conheceram de perto, o Ernesto.

Este, depois, acrescentou, se dirigindo aos dous irmãos, José Thomas e Francisco Antonio—:

«Bem, vocês partem, mas hão de levar uma carta minha para o Commandante da Escola Militar do Rio.

Esta carta do Ernesto, recommendando encomiasticamente os dous cadetes, causou assombro ao referido commandante, e tanto assim foi, que elle, opportunamente, reunindo os alumnos todos da Escola, leu perante elles a mencionada carta, fazendo-lhes depois uma prelecção, pouco mais ou menos, nos seguintes termos.

«Estes cadetes que viéram da Parahyba, me foram recommendados pelo Ernesto, commandante da guarnição estacionada naquella Provincia, e, quando Ernesto recommenda um inferior, nos termos em que recommendou os cadetes José Thomas Carneiro da Cunha e Francisco Antonio Carneiro da Cunha, é porque elles possuem qualidades belissimas a par de um procedimento correctissimo, predicados estes que devem sempre ser observados por todos os nossos companheiros de armas & &...

«Declara tambem elle em sua carta que esta não lhe foi pedida, e sim por elle offerecida aos ditos cadetes espontaneamente, porque a mereceram».

Eis o attestado mais eloquente que podiamos offerecer á contemplação de nossos patricios, como foi que JOSÉ THOMAS principiou a trilhar a nobilissima carreira que abraçou.

IV

Matriculando-se, JOSÉ THOMAS na Escola Militar não se fez esperar o seu progresso nas respectivas materias, e tanto que, foi promovido ao posto de *Alferes* Alumno em 31 de Janeiro de 1865.

Nesse mesmo anno appareceu a guerra do Paraguay, e elle, de fronte erguida e espada presa á cinta, se offereceu, junto com os seus companheiros de arma para ir, mares a fóra, desafrontar os brios de sua patria tão infamemente ultrajados pelo cacique do Paraguay.

E ali, prestou taes serviços, que a 27 de Abril de 1866, passou á Alferes effectivo do Batalhão de engenheiros, quando este teve que encorporar-se ao exercito no Sul do Imperio.

Essa effectividade realisada no periodo de pouco mais de um anno, demonstra clara e positivamente, o grande valor de seus trabalhos de campanha.

Em 5 de Janeiro de 1867 foi elle promovido ao posto de Tenente por estudos, sendo em 15 do referido mez, transferido para

o *Corpo de Caçadores a Cavallo*, visto serem ali necessarios os seus esforços e actividade.

Até que, em 22 de Novembro de 1869 foi promovido a Capitão, por acto de bravura.

Comforme consta das respectivas Ordens do Dia. (*)

V

Depois de termos, nos capitulos anteriores, percorrido a trejectoria luminosa do distincto parahybano, no campo escabroso da campanha tão longa como barbara, perguntamos:

Quem foi que, no dia 16 de Julho de 1868, ás ordens do intrepido Osorio, ao lado de outros, firme, calmo, enfeitado por manta encarnada ao pescoço, se aprumava á beira da contra-escarpa dos fóssos do altaneiro, do invencivel Humaytá?

Quem foi que, vendo morrer, um a um, todos os seus companheiros, sem perder um ceitil de animo, e, bem diversamente, mantendo uma coragem inexcedivel, dava vivas de enthusiasmo, assaltado embora, por um milhão de projectis, e tanto, que um deles rasgou-lhe o capote, a farda e a camisa, de um dos lados, ferindo-lhe ligeiramente a pelle, que a paraguaya Sebastopol lhe arremessava furiosamente??...

Quem foi?!—JOSÉ THOMAS!...

. . . . . .

Eis um nobre feito, que por si só merece uma epopéa!

Feito, que por si só bastaria para fazer o orgulho de sua terra, o orgulho de sua familia, cingindo a sua memoria com uma aureola de fulgurante brilho, como fez a sua fronte a corôa da medalha de—merito militar—que o Governo deu-lhe pelos relevantes serviços prestados na guerra do Paraguay.

E' por isso que nós, percorrendo a sua longa estadia nos trabalhos de campanha tão arriscada, dissemos acima, e não é demais que repitamos: *que na pratica do dever ninguem subio mais alto.*

Já tivemos occasião de escrever, em outro trabalho, as seguintes considerações, que pedimos permissão para reproduzil-as aqui:

Foi nesses baptismos de sangue, que os brazileiros souberam, com uma hombridade e coragem admiraveis, desafrontar heroicamente a honra de sua patria tão infamemente ultrajada pelo cacique do Paraguay.

São esses exemplos, por sem duvida, que constituem, pela virtude do heroismo que os consagra, as bases primordiaes da independencia e integridade de um povo.

São nesses actos de abnegação e civismo, que se firmam as tradições mais honrosas das nacionalidades, porque, são nelles que se petrificam os baluartes inexpugnaveis da defesa de seus direitos.

São nessas paginas illuminadas pela gloria, escriptas com a tinta inapagavel do martyrio de vidas preciosas, offerecidas em holocausto na ara sacrificio, na reivindicação dos direitos patrios postergados, que os vindouros hão de aprender como é que devem defender e salvaguardar a integridade perfulgente desta patria querida, que illesa nos foi legada por nossos avós.

Eis o motivo do nosso orgulho pelo patricio a que nos referimos.

E inda mais este orgulho se destaca, porque era luminosa e scintillante a noção que elle tinha do dever; era archifulgente a sua dedicação pelo bem; era decidido e acendrado o seu patriotismo; era irisante a sua sinceridade, assim como era incommensuravel a bondade do seu coração; era finalmente, digna de hymnos e de louvores a sua abenegação sem limites tanto por sua familia como por sua terra.

Se algumas vezes os seus amigos intimos tentaram pedir-lhe alguma tolerancia, em dadas condições, para as exigenciás da sociedade, ouvimos elle dizer que, como *Burn*, recebera do seu honrado pae

«Ordem para que procedesse
Sempre com a maior nobreza
Embora fosse um ceitil
De sua maior riqueza;
Porque, sem um caracter nobre
E' *o homem—em tudo pobre».*

Que quadro mais edificante poderiamos ter para destacar o ideal do caracter desse digno parahybano?

Que de sympathias não conquistou elle em todas as suas relações?

Ao lado da illustração que o distinguia, estavam a grandeza de sua alma de elite e a nobreza de seus sentimentos.

Apontaram-n'o sempre, ainda nos lembra, entre os que se chamam—*dedicados até o sacrificio*—.

E' por isso que ainda hoje sentimos orgulho em repetir, que para elle

«O caracter é sempre uma riqueza para o homem que o possue»

(*) *Ordem do dia n. 433 de 31 de Janeiro de 1865.*
Ordem do Dia n. 513 de 27 de Abril de 1866.
Ordem do Dia n. 551 de 5 de Junho de 1867.
Ordem do Dia n. 552 de 21 de Junho de 1867.
Ordem do dia n. 699 de 22 de Novembro de 1689.

VI

Terminada a guerra reabriram-se as Escolas Militares e JOSÉ THOMAS, voltou aos seus estudos, que haviam sido interrompidos por causa daquelle acontecimento.

Formou-se Engenheiro Militar, tirou o titulo de Engenheiro Geographo e o de Bachatel em Sciencias Physicas, Naturaes e Mathematicas.

Agora apreciemo-lo nessa outra phase de sua vida.

Empregando toda a sua actividade e mascula energia, em estudar profundamente as sciencias exactas, veio prestar novos serviços á patria noutro campo mais vasto e não menos util ao seus interesses e progresso.

No campo das sciencias poude elle dar livre curso aos seus dotes intellectuaes, tornando-se um engenheiro de muito merito, merito, que foi reconhecido por seus mestres e collegas.

Logo que se formou foi escolhido pelo governo, para fazer parte de uma commissão scientifica no Rio Grande do Sul.

Nessa commissão prestou elle importantes serviços durante certo periodo de 1874 a 1875.

Ali, encarregado pelo Engenheiro Chefe da referida commissão, para fazer explorações scientificas, em terrenos pantanosos cujas excursões duravam, quasi sempre, mezes inteiros; dormindo muitas vezes, em logares humidos, exposto ás intemperies climatologicas daquellas frigidas regiões, apanhou a grave enfermidade que o prostou no leito e obrigou-o a voltar ao norte do paiz em busca de melhoras á sua saude alterada.

Não conseguio, porém, o seu restabelecimento, vindo a succumbir da mesma enfermidade.

Foi, portanto, assim no serviço da patria, que o distincto patricio, ainda muito moço, perdeu a sua preciosa existencia.

São serviços dessa ordem, que põem em evidencia as qualidades superiores do homem que abnegadamente serve ao seu paiz.

JOSÉ THOMAS era um desenhista de primeira ordem, pelo menos tinham-n'o nesta conta seus Mestres e Collegas, tanto assim era, que, os trabalhos mais delicados deste genero, encarregavam-n'o de executal-os, tanto para os interesses particulares dos collegas, como para o gabinete das Escolas militar e Polytechnica.

Modesto, como sempre foi, nunca fez alarde desse predicado, mas, era admirado por todos que tiveram occasião de apreciar os seus trabalhos, onde resplandeciam as irradiações fulgurantes do seu poderoso talento.

Entre outros quadros que fez, destacavam-se tres, que eram considerados pelos competentes, como trabalhos superiores e de grande valor artistico.

E eram: o retrato de Napoleão Bonaparte, o de Pio IX e o das *Montanhas do Rio de Janeiro*.

Nos dous, primeiro e segundo, estão bem apanhados os traços phisionomicos de cada um delles, comparados com outros

tirados do original, que parecem estar mostrando nos semblantes os pensamentos que lhes dominavam o cerebro no tempo em que eram vivos.

Napoleão, mostrando no caracteristico de sua physionomia carrancuda, e na viveza de seus olhos de aguia, as labaredas incendiarias que convulsionavam a sua alma de verdadeiro genio da guerra.

Pio IX, transparecendo no seu semblante calmo a tranquilidade e placidez de sua alma de sacerdote da paz, da caridade e do amor.

Que dous sublimes quadros!

Parece que o seu auctor, procurou de proposito, retratar essas duas personagens historicas, de idéas inteiramente oppostas e decididos antagonistas nas questões politicas-sociaes, para mostrar a força do seu talento privilegiado, e que conhecia perfeitamente o segredo das combinações dos tons e dos contrastes.

O terceiro, que é o desenho das *Montanhas do Rio de Janeiro*, é outra preciosidade artistica, onde o auctor mostrou que sabia apanhar, com admiravel subtileza, todas as linhas e aspectos da natureza tropical.

As paisagens desenhadas nesse quadro são de uma belleza admiravel, e quasi que podemos dizer delle, o que disse Gonzaga Duque de um outro quadro de Roberto Mendes,

"Quaesquer que sejam as nesgas que a caturrice profissional possa esgaravatar cahirão diante da serena grandeza desse quadro, brilhantemente pintado, profundamente sentido.

Ali está a nossa Natureza em todo o seu esplendor, em toda a sua monótona, "mas grandiosa belleza".

VII

Eis uma pequena homenagem que rendemos ao illustre morto no primeiro anniversario do seu fallecimento, em 4 de Junho de 1877.

I

E' bem triste a realidade,
Que nos punge o coração!
Ver-te hoje anniquillado
Oh! meu estremoso irmão!
Quem diria, que tão cêdo,
Tão calado, frio e quêdo
Havias de nos deixar?
Quando a aurora desta vida
Se mostrava tão florida
Nessa fronte a despertar?

Quando viamos esp'ranças
Tão fagueiras, festivaes,
Marchetadas de sorrisos
Tão puros e divinaes,
Laureando venturosos
Os dias teus gloriosos
Para ornar o teu porvir?
Promettendo-te uma vida
De gosos embellecida
Que só devias fruir?

Quando viamos tua estrella
Mostrando-te a f'licidade,
Na carreira que trilhaste
Com tanta dignidade;
Quando viamos a gloria
Adejando em tua historia,
Qual vaporosa visão,
Demonstrando em cada feito
De tua vida, um perfeito,
Um magestoso brazão?

Recuamos, mas, de espanto!
E emmudecemos de dor!
Ficamos petrificados
Ante este quadro de horror:
De nossa vida a esperança
Vendo morrer, que provança!
Para nós todos não é?!
Do pae, do irmão, do parente
Vendo findar de repente
Seu estimado JOSÉ?! . . .

II

Tinha, então Elle, trinta annos,
De estatura regular;
Cabellos pretos, lustrosos,
Fascinante, meigo olhar;
Cor morena, assetinada,
Barba espessa, avelludada,
Fronte limpa, jarpeada,
Semblante nobre e gentil;
Aspecto grave e sezudo,
Amigo leal em tudo,
Formavam seu conteúdo
Nesse typo varonil.

Assentou praça inda moço,
Na edade das illusões
Quando as chimeras adejam
En nós em doces visões.
Oh! nessa edade em que as flores
Nos embriagam de amores
Occultando inda as dores
Que adiante havemos ter
Eis que vem do Prata a guerra
Vós maldicta, que sotterra
Tudo quanto bella encerra
Em um peito a florescer! . . .

Mas, eil-o que se apresenta,
Altivo vae sem temer,
Dizendo que ia contente
Sua patria defender!
E, lá corre pressuroso
O cidadão prestimoso
Que sabe ser valoroso
E os perigos afrontar.
E no meio do conflicto,
JOSÉ, soube ser invicto,
Com valor quasi infinito
Vio-se sempre a pelejar.

Era elle tão abnegado
E tão digno cidadão,
Que muitas e muitas vezes,
Disse á um outro seu irmão:
«Não almejo outra medalha,
«Por feitos desta batalha
«Que não seja de metralha
«Traçada por seus fuzis!
Não fico menos contente
Por só levar a patente
De soldado e de valente
Numa bella cicatriz. (*)

(*) *E' esta a cicatriz a que nos referimos que elle tinha do lado esquerdo feita pela balla que lhe roçou a pelle na tomada do Humaytá.*

III

Eis um heróe, ou um Nome,
Que surge na patria historia,
Projectando no futuro
Os reverberos da gloria.
Da gloria, não fementida,
Que o sopro tenue da vida
Faz perder na escuridão,
Mas, aquella que o heroismo
Illumina de civismo
No campo da abnegação.

Tão cheio inda de vida
Qual novo Alcide valente,
Cuja bravura mostrou
Como leal combatente,
Afrontando, qual Mavorte
A tirania da morte
Nos campos do Paraguay,
Nouro campo mais honroso
Da sciencia, glorioso—,
O nosso heroe morto cae!!...

São esses brazões de gloria
D'um heróe americano
Que não inveja do Roma
Scipião o africano.
Que mostra ao povo estrangeiro
Quanto vale um brazileiro
Da terra dos *Camarões*.
Onde os homens não são fracos
Nem invejam os mil graccos
Das passadas gerações.

Em cada um feito daquelles
Teve a patria uma victoria;
Cada victoria um triumpho,
Cada triumpho uma gloria.
Cada gloria teve um templo,
Consagrado ao nobre exemplo
De um filho seu as acções,
Que não temia os perigos,
P'ra suffocar os imigos
No meio das convulsões.

Esses feitos aureolados
De bravura e intrepidez,
Que o nosso heróe praticara
Sem ter mêdo uma só vez,
Foram paginas brilhantes
De civismo radiantes
Que na historia elle escreveu!—
Com enthusiasmo subido,
No amor da patria envolvido
Heroicamente morreu,

Morreu ainda mui joven,
Tão cheio de mocidade!
Tendo somente contados
Trinta e tres annos de edade!
Que importa? deixou um Nome,
Que o tempo jamais consome,
Gravado na immensa luz
Dessa eterna claridade
Que se chama—LIBERDADE—
Da terra da Santa Cruz.

VIII

Para terminar com primor, e ao mesmo tempo provar com um juizo imparcial o que havemos dito do inclito parahybano de que nos occupamos, basta transcrever o que disse o—Publicador—, jornal, que n'aquella época, se publicava nesta capital, fazendo o panegirico do glorioso extincto.

«Soldado, JOSÉ THOMAS, foi sempre exacto e fiel cumpridor de seus deveres.

«O inimigo da Patria achou nelle, por mais de uma vez, o adversario calmo e inexoravel.

«Quando Lopez, em 1864, fez estremecer o sólo querido do torrão brazileiro, JOSÉ THOMAS, que cursava a escola central, hoje polytechnica, sendo então Alferes alumno, já distincto entre os collegas pela intelligencia e pelo trabalho—, sendo apontado—como um dos primeiros nos bancos de Minerva, deixa a academia e foi mares a fóra demandando os campos do Paraguay com o nobre intuito de cumprir com os deveres de cidadão e de soldado.

«Deixa sem pesar a vida commoda de estudante e eil-o exposto as fadigas, trabalhos e perigos da guerra.

«No theatro da campanha querem dar-lhe uma commissão na reserva do exercito, JOSÉ THOMAS regeita-a, e corre a partilhar com os seus camaradas no campo da acção dos azares da lucta,

«Ou a morte ou a gloria»—«Liberdade e Patria—»

"Eram as divisas de JOSÉ THOMAS.

"Assaltado no começo da campanha por enfermidade grave, não tirou licença, não recuou; e bem diversamente, logo que restabeleceu-se, continuou com afá servindo activamente no batalhão de engenheiros, executando todos os trabalhos de guerra que lhe eram confiados.

"Honrado pelos seus chefes com a nomeação para logares de extrema confiança e melindre, houve-se sempre com tal probidade e lealdade que obteve os maiores elogios e era tido como o prototypo de abnegação e de honestidade.

"Como homem JOSÉ THOMAS, foi o modêlo dos filhos e dos irmãos, sendo que, na partilha dos affectos intimos excedia-se até a abnegação.

"O desinteresse era uma das qualidades que ornavam e abrilhantavam aquella alma digna de melhores tempos, e vasada no molde que formou, sem duvida, esses heróes legendarios, cuja memoria ainda hoje admiramos."

Eis o que disse do nosso patricio o jornal — "Publicador, —" do qual era redactor e director o Dr. Lindolpho Correia das Neves, de saudosa memoria.

O Dr. Lindolpho, naquelle tempo, era conhecido como um dos jornalistas mais notaveis do norte do Paiz.

De espirito cultivado e illustradissimo, critico e tribuno de nota, e tanto que, se distinguio na camara alta no antigo regimen, como uma intellectualidade robusta e poderosa, os seus conceitos e dizeres eram respeitados como as irradiações fulgurantes da imparcialidade e da competencia e por isso, é que transcrevemos as suas referencias insuspeitas e justas tecidas ao caracter diamantino de JOSÉ THOMAS, para que ellas dêm abrilhantado colorido a este pallido tributo que rendemos a sua gloriosa e imperecivel memoria.

"Do somno teu, aos canticos celestes,
Despertarás, um dia ao sol da historia.
Dorme JOSÉ, á sombra dos cyprestes
Envolvido na luz de tua gloria."

Parahyba, Setembro de 1912.

Francisco Pedro Carneiro da Cunha.

UMA LOCAL DO «DIARIO DA PARAHYBA»

DO DIA 21 DE MAIO DE 1884, SOBRE O FALLECIMENTO DO COMMENDADOR LINDOLPHO JOSÉ CORREIA DAS NEVES, OCCORRIDO A 19 DO MESMO MEZ

COMMEND LINDOLPHO JOSÉ CORRÊA DAS NEVES

Um astro luminoso acaba de desapparecer dos horisontes da Parahyba.

A dor o sentimento e a eterna saudade estendem seus negros mantos enlutando os parahybanos.

Sem pretendermos fazer uma biographia do Commendador Lindolpho José Corrêa das Neves inesperada e prematuramente arrancado do seio da familia parahybana, temos somente em vista, não por em relevo seu alto talento, pois que já o era, mas cumprir um dever de collegas e que sentimos de veras o seu traspasso.

Lindolpho José Corrêa das Neves havia obtido ordens, com outros comprovincianos que d'aqui partiram para a cidade de Olinda de Pernambuco, mas seu espirito indagador avido de saber incitou-o a encetar nova lucta nos fastigios da sciencia.

Impellido por uma intelligencia robustissima a

par de uma applicação sem limites, vio Lindolpho José Corrêa das Neves coroadas as suas lides academicas, dos mais brilhantes resultados--obteve o gráo de bacharel em sciencias sociaes e juridicas pelo respectivo curso, então na referida cidade.

Uma posição esplendida e invejavel reservou lhe o destino. Aqui chegando ornado dos laureis scientificos que acaba de conquistar trilhou sabiamente, sempre guiado pelas luzes de seu cerebro creador, o caminho do justo e leal, fazendo-se por si e por seu brilhante talento.

Militando as fileiras do partido conservador mereceu a subida honra e confiança de seu partido, foi eleito deputado a assembléa geral onde mostrou á luz do parlamento brazileiro, que não era somente um homem intelligente mais um robusto talento que fazia honra a Parahyba.

Estabelecida a liga em 1864 Lindolpho José Corrêa das Neves teve de seguir um impulso de suas convicções hombreando-se ao novo batalhão politico então formado, de que fizeram parte os grandes vultos do paiz.

Ainda por duas legislaturas, honrou o illustre finado as cadeiras da Representação Nacional, até 1868 em que foram as camaras dissolvidas.

No Parlamento sua voz era ouvida sempre com o maximo interesse que soem inspirar as intelligencias elevadas. Assim foi que na ardente questão suscitada por occasião dos casamentos dos militares, na qual tomou parte activa, soube elle conquistar louros immorredouros. Na discussão do recurso a coroa nas suspensões ex--informata consciencia, sua palavra autorisada fez a luz da questão, e ainda hoje é citada com respeito pelos provectos Parlamentares.

Fanatico pelo jornalismo de que era um palinuro de grande força, collocou-se a frente de diversos periodicos politicos d'aquelle tempo, conservando-se até a hora em que expirou como redactor chefe do antigo e bem conhecido orgão liberal o «Publicador».

Ha muitos annos exercia o illustre finado o cargo

de Procurador Fiscal da Fazenda Geral desempenhando-o com honradez e inexcedivel dedicação.

Pelos relevantes serviços que prestou a causa publica foi agraciado pelo Governo Geral com a commenda da Roza, e por sua palavra auctorisada e fluente quando assumia o exercicio de orador sagrado, obteve o titulo honorifico de pregador da Capella Imperial, que realmente o honrou.

Enlutemo-nos ante o espectaculo contristador que nos antolha e oremos a Deus pela bemaventurança d'aquelle espirito illustrado que ainda cedo foi arrebatado d'entre nós e que occupou entre os homens uteis do paiz um lugar de honra.

Terra sit tibi levis.

APONTAMENTOS

PARA A

HISTORIA DA PARAHYBA

OU

MOTIM DE PASTORINHA

No meio da babel de papeis, de cartas, avulsos, impressos etc. esparsos nas estantes, gavetas, por toda parte, alguns em forma de cartapácios, que existia na casa de residencia do Bacharel José Ferreira de Novaes, já fallecido, e, que em busca de titulos e outros documentos importantes e necessarios á feitura do inventario que se ia proceder em seu pequeno espolio, como selecionando os dignos de conservação dos que haviam de ser incinerados, teve de ser revolvida, encontrou-se umas tiras de papel almaço dispersas, escriptas sobre o assumpto que estas epigrapha e em letra bem minuscula.

Com afan foi possivel completar o numero de dose, quantas eram ellas,

A calligraphia que se nota em suas lettras não é a do Dr. Novaes, por quem algumas foram entrelinhadas com emendas.

Assim como não se sabe quem as escreveu, não se sabe si o assumpto n'ellas desempenhado ja mereceu a honra de uma publicação.

A duvida suggeriu o alvitre de tornal-o publico, embora empenhando grande esforço para copiar as dose tiras de papel bastante damnificadas pelas traças, e do theor seguinte:

—:—

"Corria o mez de Setembro do anno de 1823, epocha de perturbações pelos choques das fracções politicas após a proclamação da Independencia do Brazil.

Governava a Provincia da Parahyba uma junta provisoria, composta de sete membros, nomeada em 3 de Fevereiro e que governou ate 8 de Abril de 1824 : um anno, dois mezes e seis dias.

Commandava uma companhia de caçadores, aquartellada no convento do Carmo da Capital, o Capitão José Antonio da Fonseca Galvão, conhecido por Pastorinha.

Era igualmente commandante de outra companhia de artilheria, aquartellada no convento de S. Francisco, o Tenente José Joaquim de Oliveira.

Tendo a Junta Provisoria demettido no dia 9 de Setembro o Commandante das armas (Viseu ?), por se achar em divergencia com o mesmo por não consentir na marcha de tropas, que o dito commandante pretendeu fazer seguir para Pernambuco a tomar parte nas dissenções politicas que ali se davão, nomeou para substituil-o o official do exercito, Major Trajano Antonio Gonçalves de Medeiros.

Pastorinha oppoz se com toda a guarnição ao reconhecimento do novo commandante das armas, com quem teve uma longa conferencia no proprio quartel general, que era no sobrado chamado da companhia, que existe ainda á rua direita, hoje Duque de Caxias, e que faz esquina com o becco do mesmo nome, fronteiro ao antigo Erario, mais tarde Thesouraria de Fazenda e hoje casa de Relação do Estado.

Esta conferencia veiu terminar á varanda do sobrado, sendo da rua observado o arrebatamento e calor dos dois interlocutores, retirando-se Pastorinha sem chegar ao accordo que, sem duvida, havia tentado.

Estavão as cousas n'este ponto, quando na tarde do mesmo dia, 9 de Setembro, vindo Pastorinha do quartel, acompanhado de sua ordenança, um soldado de côr preta e de proporções athleticas, de nome Lucio, encontra-se na rua Cadeia, hoje Visconde de Pelotas, com Trajano que ali mesmo intima-lhe voz de prisão em nome de sua autoridade ; Pastorinha, que não o queria reconhecer como tal, recusa submetter-se, havendo trocas de palavras, e foi neste conflicto que a ordenança investe contra Trajano, ferindo-o no peito esquerdo com uma baioneta, levemente por ter esta encontrado resistencia na caixa de rapé, que o mesmo Trajano trazia no bolso da farda, e que sendo de tartaruga partiu-se com o choque.

Tendo-se dado este conflicto defronte da casa do Cirurgião-mór do exercito, Feliciano José Henriques, nella refugiou-se Trajano, recebendo do mesmo Henriques o primeiro tratamento.

Pastorinha voltando immediatamente ao quartel que ficava a poucos passos de distancia, manda tocar reunir, fazendo o mesmo seu companheiro, Oliveira, logo que ouviu o toque, parecendo por isto estarem combinados.

Reunidas as forças sob o commando de Pastorinha, manda este intimar á junta a reintegração do Commandante das armas deposto, a deposição de dous membros da mesma junta mais exaltados e a deportação de alguns outros funccionarios publicos.

Tendo concentrado todas as forças no convento e muro de S. Francisco, forão assentadas peças de artilharia para o portão da entrada.

Recebendo a junta a intimação, manda o seu Ajudante de Ordens (Capitão ?) Francisco Ignacio do Valle, portuguez, acompanhado de escolta a cavallo parlamentar com Pastorinha, ou antes intimar a sua rendição, tendo Valle como resposta o disparo de uma peça, cuja bala em seu trajecto matou uma velha que vendia doces e feriu e matou tambem um portuguez que tinha uma venda na rua do Tambiá, indo pregar-se no portão do muro do Carmo, que fica parellelo áquella rua.

Em vista de uma solução tão summaria, Valle voltou a todo galope, informando incontinente a junta o malogro de sua missão.

A junta, sem forças em que se apoiasse, retira todo o dinheiro existente no Erario, e, em companhia de alguns funccionarios publicos, parte para o Engenho Tibiry, propriedade e residencia do Brigadeiro Estevão José Carneiro da Cunha, e que fica a duas leguas da capital, e ahi refugiada trata de reunir as forças dos diversos batalhões de milicia existentes.

Pastorinha com o grosso das forças em S. Francisco e senhor da cidade, trata de tomar certas providencias sobre o governo, e põe piquetes em diversos pontos, uma guarda avançada na Cruz das Almas, principal avenida da Capital.

Sabendo a junta da influencia que no animo de Pastorinha, exercia o Capitão Manoel da Fonseca Galvão, seu tio, padrinho e pai de criação, dirigio-lhe um officio convidando-o a chegar com urgencia á Tibiry a negocio de interesse publico e particular seu.

Fonseca não se fez esperar, partindo de sua residencia no engenho Capellinha que demora a uma legua de distancia do engenho Tibiry, onde chegando, foi informado dos extraordinarios acontecimentos que se acabavam de dar, e foi pelos membros da junta (de alguns dos quaes era amigo) encarregado de aconselhar seu sobrinho, dissuadindo o da arriscada empreza.

Não foi sem grande custo e mesmo perigo que Fonseca conseguiu transpor todos os reductos, piquetes e guarda avançada, até penetrar no centro da praça, e só o fez por ser muito conhecido dos subalternos que se achavão de serviço.

Ali chegando, confabulou secretamente com seu sobrinho, e, não foi sem grande difficuldade e muita relutancia da parte de Pastorinha, que este accedeo ás intimações e conselhos de seu venerando tio, sendo para isto necessario empregar Fonseca toda autoridade quasi paternal, invocando igualmente em seu auxilio o estado de sua respeitavel Mãi, D. Anna Feliciana da Fonseca Galvão, prostrada sem sentidos, e que morava no sitio da Lagôa a meio kilometro d'aquella praça de guerra, onde brevemente terião lugar as mais lugubres scenas, ás quaes não poderia ella resistir.

Pastorinha contrariado e ao mesmo tempo commovido e com os olhos rasos d'agua abraçou seu tio ; disfarçado e favorecido pela escuridão da noite acompanha-o pela ladeira da polvora ao

varadouro até a casa do commerciante inglez Diogo Maklahan, no sobrado que ainda hoje existe defronte do porto e fazendo esquina com o beco e ladeira de S. Pedro Gonçalves.

Diogo era amigo e correspondente de Fonseca e facil lhe foi na mesma noite do dia 10 proporcionar-lhe uma embarcação na qual seguiu Pastorinha para a cidade de Natal, onde tomou conducção para o sertão do Rio Grande do Norte, homisiando-se em casa de um dos muitos parentes da numerosa familia—Galvão—ali moradora, de nome Francisco Januario de Vasconcellos Galvão.

Sciente a junta da retirada de Pastorinha pelas informações de Fonseca, expedio uma força para fazer um reconhecimento, a qual, chegando á Cruz das Almas, encontrou-se com a guarda avançada, morrendo no tiroteio um soldado dos revoltosos, de nome Calixto, por bala perdida dos proprios companheiros, voltando a força para Tibiry sem poder ir adiante.

Divulgando-se logo a retirada do chefe, veio o desanimo entre a força revoltada e d'ahi as diserções quasi em massa e a debandada.

Facil foi em vista d'isto a victoria da junta, que na tarde do dia 11 entrou triumphante na capital com as forças de milicia que conseguiu reunir.

Então começaram as reações e vindictas, sendo preso Oliveira e os outros subalternos, e remettidos para a Côrte. Deportaram para Fernando os soldados mais compromettidos, e dissolvida a Companhia de Caçadores, distribuiu-se as praças menos compromettidas pelo batalhão de linha, já em principio de organisação.

Quanto ao valente e destemido soldado Lucio, foi cruelmente espaldeirado e baixando ao hospital ali morrera em consequencia do rigoroso castigo.

Quem escreve estas linhas muitas vezes ouvio ao proprio capitão Fonseca narrar este facto com todas as suas circumstancias e pormenores, e ainda hoje existem diversas pessôas que presenciaram a revolução do Pastorinha, como ainda se diz entre estas o Senhor Conselheiro Henriques filho do Cirurgião Mór do Exercito Feliciano Henriques, o Senhor Frederico Neiva e o velho José dos Pastos de Carvalho, que acompanhou todo o movimento por ser filho do Tenente Amor, um dos officiaes da companhia dissolvida.

Quando em 1859 o Imperador D. Pedro 2.º fez a sua excursão ás provincias do Norte, commandava as armas da Bahia o Coronel José Antonio da Fonseca Galvão, que foi logo depois removido no mesmo caracter para Pernambuco, sendo seu ajudante de ordens seu filho, o Tenente Antonio Enéas Gustavo Galvão, hoje Marechal de Campo, Ajudante General do exercito e ministro interino da guerra.

O signatario destes apontamentos estando um dia em intimidade com o coronel Galvão, perguntou-lhe: General, como se se sahiu daquella *rascada* da Parahyba, onde ainda hoje se falla da sua revolução?

Com aquella franqueza que o caracterisava, respondeu: Muito bem, não tive uma *Ave Maria de penitencia;* passada a epocha daquelles disturbios e commoções politicas, fui a Côrte apresentar-me, cheguei exactamente em um dia em que o Imperador (D. Pedro I) assistia no Campo de S. Anna a uma grande parada de toda a guarnição da Côrte em revista de mostra, fardei-me e dirigi-me para ali: Encontrando-me com alguns companheiros que tiveram sciencia do fim que me havia levado ao Rio, disseram-me: aqui mesmo pode fallar com o Imperador, logo que se termine a revista, assim o fiz, e quando elle vinha tomar o coche apresentei-me, perguntou-me em que guarnição servia e o que pretendia, respondi: na guarnição da Parahyba e desejava que V. Magestade me mandasse dar destino; vá apresentar-se ao Ministro da Guerra e diga-lhe da minha parte que lhe dê destino. No dia seguinte cumpri aquella ordem e fui immediatamente addido a um dos corpos da guarnição.

O general Galvão guardou sempre reserva d'este facto, e seus filhos militares nunca ouviram uma palavra de sua bocca.

Quando o Marechal Rufino Enéas Gustavo Galvão, Visconde de Maracajú, passou em 18. . - por esta cidade, e que ia em viagem para Amazonas no caracter de Presidente e Commandante das armas, teve a curiosidade de saber alguma cousa a respeito destes acontecimentos, e sendo informado pelo amigo, em cuja casa se hospedou, que o velho Passos havia sido testemunha presencial d'elles, chamou-o a sua presença e ouviu com muita attenção a historia de quasi tudo o que fica narrado.

Quanto a Oliveira, natural de Cabedello e conhecido pelo filho da céga, por ter sua mãe cegado, sendo elle muito jovem, logo que livrou-se matriculou-se na Eschola Militar, talentoso e estudioso fez progressos, chegando a ser lente de Mathematicas na mesma Eschola Militar, e cremos que uma vez representou sua provincia natal, no caracter de deputado, não o affirmamos.

Tal foi o termino da decantada *revolução do Pastorinha* para cuja historia pude felizmente contribuir com segurança agora que pelo meu illustre amigo, o Senhor Dr. Novaes foi descoberto no Archivo Publico o precioso documento sobre o interessante episodio quanto aos seus motivos e desenlace.

Com os meus agradecimentos pois, d'aqui lhe dirijo a expressão de meus votos pelo proseguimento de seu trabalho e bom exito de seus esforços».

. . . . . .

E por esse modo sem assignatura nem data, terminou o autographo manuscripto, cuja redacção foi conservada e ortographia muito pouco alterada, não obstante haver n'elle muita cousa inelegivel e inintelligivel.

E' provavel que tenha sido o seu auctor o Dr. Maximiano Lopes Machado de saudosa memoria, socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Pernambucano, do qual o Dr. Novaes era socio correspondente.

Eram elles dois parentes e bons amigos e carteavam-se assiduamente e principalmente sobre factos, notas e documentos relativos á confecção da Historia da Parahyba, que o Dr. Machado deixou escripta e inedita, os quaes foram sollicitados em cartas, algumas encontradas no archivo do Dr. Novaes.

Necessariamente o Dr. Machado, que residia no Recife, colheu outras informações além das officiaes sobre o general Galvão, de parentes deste ali residentes tambem, e escreveu o—Motim do Pastorinha- escripto que remetteu ao Dr. Novaes e este talvez o deixasse em olvido na dobadoura da vida mundana.

Se foi este o movel da sua não publicação, eil-a feita agora em abono do supposto compromisso do pai de quem se assigna.

1902.

José Ferreira de Novaes.

NOTA—Publicado n'«A União,» de 19 de Outubro de 1902. sob numero 2342.

DIARIO DA REVOLUÇÃO DE 1817—pelo Sargento-mór FRANCISCO I. DO VALLE

MEMORIA, OU DIARIO DOS SUCCESSOS DA REVOLUÇÃO, E CONTRA REVOLUÇÃO DA CAPITANIA DA PARAHIBA DO NORTE, DESDE O DIA 13 DE MARÇO, ATÉ 6 DE MAIO, E DESTE DIA TÉ 12 DE JUNHO, DIA DA POSSE DO GOVERNO ACTUAL.—(CÓPIA DO ORIGINAL EXISTENTE NO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO, EXTRAHIDA PELO ILLUSTRADO SOCIO CORRESPONDENTE DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO PARAHYBANO CAPITÃO DE ARTILHERIA DR. FREDERICO CAVALCANTI CARNEIRO MONTEIRO E POR ELLE OFFERECIDA AO MESMO INSTITUTO)

MEMORIA, OU DIARIO

No dia 7 de Março de 1817 apareceram varios Europeos fugitivos, vindos do Recife que diceram fugião da Revolução, que tinha acontecido no dia 6, a qual se deregia abolir o Governo de Elrei Nosso Senhor e instituir huma Republica Nacional Brazileira, decapitando todos os Europeos habitantes, e que tinhão prendido o General, e todos os Officiaes Generaes, com a morte de um destes Manoel Joaquim Barboza, e um Ajudante de Ordens Alexandre Thomaz, alem de mais outros Europeos da Populaça entre os quaes hera hum Alferes de Milicias (cujo nome ignoro) o qual foi morto

com a Espada na mão por mais de 50 dos Rebeldes, e elle sempre dizendo Viva Elrei Nosso Senhor.

No dia 8 apareceram noticias mais circonstanciadas (e thé mesmo aos do Club desta Capitania da Paraiba) que herão como agora se sabe o Tenente Coronel Francisco José da Silveira, Membro do Governo Interino, o Coronel de Milicias, Amaro Gomes Coutinho, e o Tenente Coronel Graduado, Commandante da Tropa de Linha Estevão José Carneiro da Cunha, o Capitão de Milicias José de Mello Munis, o Alferes da mesma Joaquim Baptista Avondano, o Ajudante da Tropa de Linha José Peregrino Xavier de Carvalho e Alferes da mesma Tropa José Maria de Mello e Albuquerque, o Letrado Augusto Xavier de Carvalho o Cabo da Tropa de Linha Antonio de Oliveira, o Sargento da mesma Antonio Severino de Almeida: estes pois nada poderão produzir sem que aliciassem a Tropa de Linha, o qual entrarão a preparar occultamente.

Dia 9. Domingo. O Governo Interino chamou todos os Comandantes de corpos para se apresentarem a defeza da Capitania, e se passarão Ordens energicas para esse fim; e igualmente aprontar-se huma Embarcação para hir de avizo ao Rio de Janeiro dar parte deste soccesso.

Foi eleito pelo Governo Interino o Sargento mór Ajudante de Ordens Francisco Ignacio do Valle, o qual tendo já as ordens percizas, e Officios para S. Magestade promoveo a descarga do unico Barco, que havia no Porto (com caixas de Assucar, e Algudão, Couros &) para se fazer de Vella no dia 14; porem infelizmente não o pode conseguir, como se verá do acontecimento do dia 13.

Nos dias 10, 11, e 12 todos o Governo Interino aplicou em ordens para defender esta Capitania dos Insurgentes de Pernambuco; porem foi neste dia (e fatal dia) en que com certeza se soube pelos Comandantes de Camaratuba, Bahia da Traição, e Mamanguape, que a Capitania do Rio Grande do Norte estava Insurgente e que tinha á sua testa o Grande Coronel André de Albuquerque Maranhão (com estas noticias chamou o Governo Interino a Conselho os Comandantes dos Corpos desta Capitania, e deliberarão fazer-se hum plano de defesa para o Norte e para o Sul, por isso que se achava metida entre dous Fogos. Foi isto encarregado aos dous Chefes Estevão e Amaro (cujos nomes ficão ditos) e elles apresentarão hum Plano, que todo tendia o favor dos Insurgentes, e nunca para este Plano foi ouvido o Sargento mór Ajudante de Ordens Francisco Ignacio do Valle; por que obstava a isso o primreiro Membro do Governo Interino Francisco José da Silveira) (Infeliz Tenente Coronel de Cavallaria de Linha, sem saber a sua Arma, ou nenhuma): he pois neste estado de verdadeira Revolução conhecida nesta Capitania que o Desembargador André Alves Pereira Ribeiro e Cirne se pertendia a invadir aos seos inimigos, e não achou de quem confiar-se, se não do mesmo Sargento mor Ajudante de Ordens, e de sen irmão Antonio Henrique do Carmo

Commandante de Cabedello (os quaes lhe fizerão boa a sua fuga, como adiante se dirá, e o mesmo consta do Commandante da Praia de Lucena Antonio Ferreira Soares Pinto).

Dia 13 de Março. Neste fatal dia que fará Epoca da desgraça da Paraiba, e ao amanhecer-se rompeo que o Corregedor da Commarca tinha fugido, e logo o Commandante da Tropa Paga o Tenente Coronel Estevão mandou armar a sua tropa, a quem fez huma falla dizendo se estavão prontos para o defender, e dizendo-lhe qne sim, sem saberem o para que marchou com huma patrulha para a Salla do Governo, dizendo, que o Corregedor tinha fugido, e que devia fazer-se-lhe hum Concelho de Guerra por desemparar o Governo.

Neste dia entrava de Guarda o Regimento de Milicias de Homens Pardos, o qual estava na Parada para hirem render as Guardas da Tropa de Linha: feita a Parada, e tendo mandado as Guardas aos seos destinos ouviu-se tocar a rebate, que principiou na Rua Nova a porta do Quartel do Coronel Amaro Gomes, e assim o repetirão todas as Guardas: e procurando o Ajudante de Ordens que novidade hera aquella, aparece-lhe o Ajudante da Tropa de Linha José Peregrino Xavier de Carvalho dizendo não hera nada: como instasse o dito Ajudante de Ordens, mandou carregar huma pessa de Metralha, e apontar para a casa do dito Ajudante deOrdens, e deu fogo que metralhou todas aquellas Cazas: mas sem roina, e logo correo a unir-se á Tropa de Linha que marchava do Quartel para o Largo de Palacio, e mais tropa de Milicias de Brancos e Henriques (por que os pardos estavão nas Guardas juntos com os de Tropa de Linha, que haviam sahir de Guarda).

He precizo dizer que a medida tomada de os pardos ficarem nas Guardas, juntos com as de Tropa de Linha, que havia sahir foi para conter estes; por que não havia nelles toda a confiança, como adiante se dirá. Formados pois os dous Corpos no lugar já dito, e aparecendo a maior parte dos officiaes com Pistolas, Bacamartes, Espingardas de dous Canos, e mesmo só espingarda na mão com Patronas como Soldados como fossem: o Tenente Antonio de Olan Chacon, o Capitão de Milicias de Brancos Joaquim José Monteiro da Franca, o sargento da Tropa de Linha Antonio Severino, e mais alguns outros, de que não faço memoria, por serem Milicias, e a sua arma ser a Espingarda: porem he certo, e he verdade, que aparecerão para esta Insurreição alguns destes, que nunca, ou quaze nunca apareceram para o serviço de Elrei, e seos nomes não posso dizer com verdade porque a confusão do povo era muita. Estando as coisas neste estado estava o Governo Interino (que se compunha então pela retirada do Corregedor do Selerado Silveira, e o Veriador Manoel José Ribeiro de Almeida o Ajudantede Ordens, e o Secretario na salla do Governo quando entrarão os dous chefes Amaro e Estevão dicerão que pela fuga do Ouvidor Membro do Governo querião estabelecer um governo.==Respondeo o Graduado Silveira então ha de ser hum Governo Interino==dicerão elles ha de ser hum Governo Provisorio, e de liberdade; porque

não queremos ter mais Rei, e sim a nossa republica, e consultando a resposta em nada excitou o Silveira para dizer—seja assim; porem eu faço capitulação dice lhe o outro Membro do Governo—que tambem capitulava; a isto respondeo o Silveira que Capitulação só pertencia aos Militares.

Conformados pois os dous acima ditos com a resposta mandarão sahir da salla do Governo para sua caza o dito Silveira para hir fazer os Artigos de Capitulação, que lhe forão confirmados com vivas da Tropa e tambem deixarão sahir o Veridor Membro do Governo, não ademitido nella, e ficando na mesma salla prezos debaixo da Guarda do Tenente Coronel de Milicias de Brancos Alexandre Francisco de Seixas Maxado; o Ajudante de Ordens Francisco Ignacio Valle, o Capitão João Soares Neivas, que se achava ajudando-o nas mesmas ordens; e o Secretario Antonio Manoel da Silva Coelho, aos quaes depois derão liberdade, ficando o primeiro com Guarda a Porta.

Neste estado de Forças Armadas se levantou huma Bandeira Branca, e Vivas á Patria á Religião e á Liberdade.

O Povo se secumbio com huma tal novidade e a Tropa de Linha dispersa nas Goardas (porque o seo numero de prontos para serviço hera nesse dia 83 soldados, hum sargento, 4 cabos, 13 Tambores, e 5 officiaes de Patente, alguns destes empregados fora das Companhias). Fez isto huma comução na cidade a que ninguem podia resistir; porque os dous insurgentes Amaro e Estevão destacarão logo Patrulhas para todas as casas dos Empregados Publicos, afim de se não promover alguma Contra Revolução (o que elles muito pensavão muito principalmente do Ajudante de Ordens, Francisco Chavier Mouteiro) que depois se conheceu ser hum dos Insurgentes (João Moreira Lima, Joaquim Antonio de Oliveira Escrivão Depotado da Junta da Real Fazenda, o Contador da mesma Real Fazenda, e dos Europeus que havia na Cidade, os quaes todos estavam incoufidentes para a cauza dos Malvados.)

He neste estado de cousas que mandão buscar com Escoltas Armadas a Francisco Xavier Monteiro da Franca para a Salla de Palacio; e tambem foram condozidas debaixo de Escolta os Letrados Augusto Xavier de Carvalho (porem este hera Insurgente e do Clube que já fica notado) Francisco José Correia obrigado a vir aquelle lugar): juntos pois todos, dice o Grande Amaro nos vamos unirnos á Cauza de Pernambuco; porque não temos outros recursos, visto termos sido o opressos pelo Rei: aqui só quem podera duvidar he o Senhor Major Valle que hera nosso Amigo mas, que agora o não mostra, pela união, que tem praticado com o Corregedor, o que de serto se prova pela fuga deste, e a diligencia que fes para hir na Sumaca levar avizos oppostos á nossa Causa.

Foi então, quando mandou o dito Amaro retirar deste Congresso ao dito Ajudante de Ordens, Capitão Neiva e Secretario, e sahio logo arvorado em Brigadeiro, e seu superior immediato tão bem Brigadeiro seo conhado Estevão, para o que chamou o dito Major Ajudante de Ordens para ser testemunha da dita eleição e chamando todos os Officiaes a fes publicar.

Ora exaqui a infausta Comedia do dia 13 na Cidade, pois que fora della já se tinhao preparado outras scenas de revolução; assim como aconteceo no Prezidio do Cabedello para se tomar de surpreza a Fortaleza, de que hera commandante o 1.º Tenente de Artilheria Antonio Henrique do Carmo, e para isso já para la iinhão mandado os dous mencionados no Clube acima ditos, Capitão Mello e Alferes Avondano, os quaes perpetrarão a tomada da Fortaleza com a morte do dito commandante, e isto hera no instante do aviso da Cidade. O Governo Interino tinha mandado as Milicias fizessem a força da Fortaleza: e estas herão commandadas pelo Capitão José de Mello, por isso ficou logo a Fortaleza em seo poder.

O resto deste infeliz dia foi gasto pelas Cabeças Insurgentes ja ditos em Proclamações incendiozas aos Povos de toda a Capitania por que estavão seguros dos seos socios moradores em Itabaiana e Villa do Pilar para esta revolução; porem os de Itabaianna estavão já viciados pelos de Pernambuco, por isso que os Cabeças herão Adepos a Massunaria, os quaes são, segundo consta o Padre Antonio Pereira; (que depois foi membro do Governo Provisorio) João Baptista Rego, Antonio Rogerio, e José da Cruz. Exaqui o rezultado do fatal dia 13.

Dia 14 as 8 horas da manham se congregarão os Chefes Amaro e Estevão para deliberar sobre a força armada, que estava ainda por parte de Elrei em Goianna Commandada pelo Coronel de Cavallaria Miliciana João Pinto de Souza, o qual tinha dado parte ao Governo Interino Realista da Insurreição de Pernambuco e pedia ajuda para se fazer forte naquelle ponto de seo Commando. Deliberaram pois que fosse Tropa fazer a Insurreição de Goiana e prender o dito Coronel.

Não teve exito esta Expedição, por que os caboclos das villas do Conde e Alhandra, que ficão intremediarias, entre a Cidade da Parahyba e Goianna não se quizerão prestar á este fim e por isso ficou nulla toda a sua desposição e passarão Ordens para todos os Camponezes virem para a Cidade. Neste mesmo dia o Soldado, João Francisco Roiz Chaves de Tropa de Linha, tendo já sabido, a que respeitava a cauza da defeza pessoal, que o seo Chefe lhe propoz, veio ter com o Sargento-mor Ajudante de Ordens, dizendo que elle estava pela causa do Rei, mais outros e Offeciaes que elle numiou: eo mesmo foi dizer, mais outros ao Capitam João Alves Sanches Massa Senhor do Engenho de Pacatuba (que estava livrando das garras dos insurgentes a Mulher do Infeliz Corregedor a qual estava a parir (porem nem o dito Sargento-mor e nem o mesmo Capitam João Alves poderão asentir a proposição dos soldados asima ditos, por não terem forças para repelir a força armada que havia; e estava a chegar á Cidade hum troço de 2 mil Homens, que no outro dia chegarão, que herão para fazer juntos a revolução no dia 15: e muito mais pela noticia constante de Goianna estar revolta, o Coronel João Pinto prezo, e todas as villas entremediarias já revoltas. Diferio-se então para melhor occasião a boa vontade dos soldados; por isso que estando

de mão a todo o tempo podião servir (como com effeito servirão).

Neste mesmo dia se fes a grande chamada a todos os empregados Publicos, Eclesiasticos, Nobreza, e Povo para assignarem um juramento que consestia Patria, Religião e Liberdade. Fez se este termo de juramento no Livro dos Termos, e lido que fosse pelo Secretario todos assignarão (deve advertir-se, que o Coronel Amaro Gomes tinha posto os seos setarios na Salla do Governo, com Bacamartes carregados para vigiar quem não assignava, ou quem dezia alguma cousa contraria aquillo, que elle queria) com effeito assignarão todas os que se achavão na salla, e ainda se deo ordens para assignarem os que não tinhão estado ali) e herão pessoas respeitozas, as quaes tinhão chegado a pouco, e herão toda a familia dos Albuquerques Maranhoens, que com uma bandeira arvorada toda branca entrarão pela Cidade dizendo viva a Patria, viva a Religião e viva a Liberdade. Ora estes Albuquerques Maranhoens todos parentes, herão o Tenente Coronel de Milicias de Cavallaria José Castor de Albuquerque Maranhão seo Pai o Tenente Coronel de Cavallaria reformado Pedro Barboza Cordeiro de Albuquerque Maranhão, Ignacio Leopaldo de Albuquerque Maranhão (que depois foi hum dos do Governo Provisorio) João Nepomuceno Albuquerque Maranhão, José de Olanda de Albuquerque Maranhão, Manoel Lobo de Miranda Henrique e outros mais de que não temos lembrança de seos nomes, os quaes trazião insignias brancas de verdadeiros Patriotas; e Manoel Lobo trazia huma fita verde na sinta dizendo que a esperança de ser o restaurador da Patria: trazião mais comsigo perto de 50 Homens, todos da sua escolha, armados de Bacamartes e Espingardas &.

No dia 15 sabado ao amanhecer veio parte aos chefes Insurgentes que estaria a chegar a cidade Exercito de em Itabaianna a favor delles, todo do Termo da Villa do Pilar, e commandado pelo Capitão de Ordenanças João Baptista Rego, e outros mais, como fosse hum José da Cruz de Itabayana, hum Domingos Coelho Negromante, e mais outros de representação como fossem o Sargento-mór Antonio Galdino, o Capitão Manoel Ins, e outros de menos representação: porem deve declarar-se que o Sargento-mor Antonio Galdino, e o Capitão Manoel da Costa Lima, vinhão na mesma Tropa como observadores das forças que havia na Cidade, e daquellas de que elles se devião servir para a contra revolução, como nessa mesma occasião o publicarão em particular ao Sargento-mor e Ajudante de Ordens, e o seo Irmão o Tenente de Artilharia Antonio Henrique do Carmo. Foi pois este Exercito recebido (o qual vinha bem armado, segundo as circonstancias do Pais) pelos Chefes; e a Tropa toda em Armas, moniciado de Polvora e Balla que andaria o seo n. até 2 mil Homens, e como dessem os vivas a Patria e trocessem as bandeiras brancas forão recebidos e acoilhidos depois em Quarteis nos conventos da Cidade ahonde se lhe mandou dar de Comer.

Deverá aqui finalisar este dia, porem he precizo que digamos que se não descuidarão os Chefes Insugentes de fazer Proclamaçoens insendiarias, e hir mesmo poblical-as a Tropa que tinha

chegado que segundo a milhor aproximação andava por 2 mil Homens.

Mandados que fossem a Quarteis, como fica dito toda a Tropa que veio congregarão-se os Chefes para visitar nos seos alojamentos aos Capitaens Commandantes, o que fizerão com todo o aparato e nessa noite houve huma ceia Lauta no Refeitorio de S. Bento para que forão convidados todos os Insurgentes sendo Prezidente da mesma o Tenente Coronel Silveira. Não podemos nomiar os da seia, mas só se pode dizer e elles mesmos dicerão que não asestio Europeo algum.

Neste dia se mandarão tirar todas as Insignias Reaes dos Cavalleiros das 3 ordens, laços, e destintivos Militares que tinhão a Corôa do Soberano Elrei Nosso Senhor mandando por em seo logar um destentivo branco.

Domingo 16 forão congregados na Salla Grande do Governo todos os Officiaes Militares tanto os da Cidade, como os que tinhão vindo de fora, todos os Eclesiasticos, e Empregados Publicos, e ahi foi escolhendo o Coronel Amaro Gomes Coitinho aquelles que lhe parecia, e pegando-lhe os mandava hir para huma outra Salla, e forão estes segundo nos lembra os seguintes o Tenente Coronel Silveira, dito Estevão, Ajudante José Peregrino, Augusto Xavier de Carvalho, Ignacio Leopaldo de Albuquerque, João Baptista Rego, Jozé da Cruz Gouveia, João Luis Freire, João Gonçalves da Porciuncula, o Padre Antonio Pereira de Albuquerque, Manoel Clemente da Villa do Pilar e o dito Amaro Gomes. Estes entrarão a deliberar na eleição dos Membros para o Governo Provizorio e assentaram eleger 5 Membros, sendo 4 moradores na Parahyba e hum que havia de vir de Pernambuco (o Corregedor de Olinda Antonio Carlos) Os 4 da Parahyba forão o Tenente Coronel Silverira, o Padre Antonio Pereira, Ignacio Leopaldo, e Francisco Xavier Monteiro; que vierão buscar depois de eleito á Salla Grande por não ter sido do numero dos eleitores e o denominarão Membro Pacificador. Deve notar-se, que o não entrar neste numero Augusto Xavier de Carvalho foi para lhe darem o que tinha para Elrei o dito Francisco Xavier Monteiro que hera de Thezoureiro Geral da Fazenda Real, como com effeito lho derão, ficando sempre Adjunto ao seo Conselho.

Nomiados pois os Membros do Governo Provisorio vierão todos os Ileitos e Ileitores, para a Salla Grande ahonde se fes a publicação daquelles e logo se fes hum Auto de Juramento para defender a Patria a Religião, e a Liberdade que foi assignado pelos 4 Ileitos e confirmado com Juramento aos Santos Evangelhos: e tão bem foi poblicado, que ficavão Brigadeiros o Tenente Coronel Estevão Commandante Inchefe de toda a força Armada, e Amaro Gomes Commandante da Legião Patriotica que se hia formar. Rezuarão logo os vivas, e os abraços, dando-se os parabens de tão assertada eleição, entrando logo o Governo no Ouzo do seo poder.

Dia 17. Congregaram-se os do Governo Provisorio ás 6 horas

da manhã, e a primeira cauza que deliberarão foi a prizão exterminio, ou morte dos dous unicos officiaes Europeus de Tropa de Linha, que havia na Capitania, e logo os mandarão prender por Escoltas Armadas, e moniciada de polvora, e Balla e os mandarão enserrar nas prizoens do Cabedello, e os pozerão incommunicaveis com sentinellas a vista, cujos officiaes herão o Sargento-mor Ajudante d'Ordens Francisco Ignacio do Valle, e o 1.º Tenente de Artilheria, e Commandante da Fortaleza do Cabedello Antonio Henrique do Carmo, que então vinha para a Cidade.

Deliberarão mais e elegeram Comitè, que hera composto de 4 Membros para a formatura da Legião, e mais Corpos Militares: hum dos Membros delle hera o Brigadeiro Amaro Gomes que nelle se enserrava todo o Comité.

Neste dia de tarde se retirarão as Tropas de Pilar, e Itabaiana; por que se esperavão outras vindas de Mamanguape, Serra da Raiz Bananeiras &, e temião a junção de todas, pelas faltas de mantimentos que havia na cidade, pois já a farinha estava a seis mil e quatrocentos reis o alqueire, apezar das providencias dadas pelo Governo para se fazer farinha e trazer Carnes para a Cidade fosse de quem fosse, promettendo-se pagar (que Nunca se fes).

Dia 18. Todo este dia gastou o Governo em avizos, e Proclamações para os Certoens, e em organizar o methodo das finanças.

Foi elleito Augusto Xavier de Carvalho, e seo escrivão Joaquim Antonio de Oliveira, e Adejunto a este Luiz da Cunha Seimões (Ora ficarão estes dous, que antigamente servião no Erario; por que precizavão delles, senão terião a mesma sorte que tiverão os dous officiaes Europeos, por ser o primeiro Europeo e o segundo Baiano. Deliberou mais o Governo Provisorio em pleno Conselho com o Comité de mandar remover das prisões do Cabedello para a Cidade aos dous Officiaes prezos no dia 17, e isto na consideração de que como hum delles, tinha sido ali Commandante e o outro hera Pupular para os soldados moradores, poderia haver alguma sublevação, e por isso mandarão a pessoa de sua maior confiança, o Alferes José Maria de Mello e Albuquerque, trazelos para a Cadeia da Cidade, condozidos entre segura Escolta.

Dia 19. Dando-se parte ao Governo de que estavão na Cadeia os ditos dous Officiaes Europeos, e não os tendo por seguros pelas commonicaçoens, que podia ter com os outros Europeos Paizano, e não lhe convindo acabar com estes, e aquelles antes de serto tempo (como foi conhecido pelas combinaçoens, que se acharão feitas entre o Governo Provisorio de Parahyba, e Parnambuco) mandarão conduzilas para o Calhabouço do Quartel da Tropa Paga, a houde lhe apareceo Amaro Gomes Coutinho dizendo que se preparassem para hum Conselho de Guerra, que lhe avia ser feito em tres dias pormettendo-lhe sempre a sua proteção; mas que julgava o resultado não seria bom, e que se escapassem de ser fuzilados, não escaparião de ser mudados para o Recife em referem de alguns Parahybanos que se achavão no Rio de Janeiro.

Esta proposição consolou aos referidos prezos; por que tinhão o gosto de se verem livres destes Insurgentes, e sofrer a sorte dos que estavão em Pernambuco prezos pelas mesmas culpas: mas sempre quizerão o Conselho de Guerra para verem nelle quais serião os crimes accuzados, e mesmo para dar tempo, a que se dispozessem as couzas na forma que elles ja tinhão combinado com o soldado referido no dia 14, e o Capitão Joao Alves.

Adevinharão pois este seo pensar, pelo que se dirá no dia 21. Neste mesmo dia chegarão de Pernambuco humas jangadas, trazendo duas Pessas de Artilharia de Campanha de Calibre 3 com todos os seos pertences, e 20 tiros de Metralha para cada huma, Espoletas, Botas fogos, & 40 Barris de Polvora, dozentas Espingardas já muito incapazes, Ferro, Asso, Cobre, e outras miudezas para o Trem, que se estava formando nesta Cidade: tudo isto condozido por um official Inferior, e 4 soldados do Regimento de Artilheria de Pernambuco.

Dia 20. Neste dia foi quando o grande Comité aprezentou ao Governo Provisorio a promoção da Tropa de Linha, a qual hera organizada pela forma seguinte:

ESTADO MAIOR

Brigadeiro Chefe com soldo dobrado de Brigadeiro	1
Major Brigadeiro com soldo de Coronel dobrado (que havia de vir do Recife este Official)	1
Tenente Coronel com soldo de 65 mil reis	1
Sargento-mor com soldo de 50 mil reis	1
Ajudante com soldo de 35 mil reis	1
Quartel Mestre com o dito soldo	1
Secretario com o dito soldo	1
Sirurgião Mor com o dito soldo	1
Capelião com o dito soldo	2
Ajudante de Cirurgia com o soldo de 25 mil reis	1
Tambor Mor com o soldo de Alferes	1
Espingardeiro com 160 reis por dia	1
Caronheiro o mesmo que o dito acima	

Todos com cavalgadura e hum cruzado por dia para o seo sustento.

N. B. Esqueseo o Preboste por que o hera o Brigadeiro Chefe.

INFANTARIA

1.ª COMPANHIA:

Capitão com soldo de 35 mil reis	1
Tenente com soldo de 25 mil reis	1

Alferes com soldo de 18 mil reis	1
Sargentos com soldo de 280 reis por dia	2
Furriel com soldo de 240 reis por dia	1
Cabos com soldo de 200 reis por dia	5
Tambores com o soldo de 160 reis por dia	2
Pifanos com o soldo como os tambores	2
Musicos com soldo como os tambores	18
Soldados com soldo de 100 reis por dia	80

2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª Companhia, como a primeira em soldos e numero, menos os pifanos e musicos.

CAVALARIA

1.ª COMPANHIA:

Capitão com o soldo de 50 mil reis	1
Tenente com o soldo de 40 mil reis	1
Alferes com o soldo de 35 mil reis	1
Furriel com o soldo de 480 reis por dia	1
Cabos com o soldo de 320 reis por dia	5
Trombeta com o soldo de 320 reis por dia	1
Soldados com o soldo de 200 reis por dia	50

ARTELHARIA

HUMA COMPANHIA:

Capitão com soldo dos da Infantaria	1
1.º Tenente idem	1
2.º Tenente idem	1
Sargentos com o soldo de 400 reis por dia	2
Artefices de fogo idem	2
Furriel com o soldo de 320 reis por dia	1
Cabos com o soldo de 240 reis por dia	5
Tambores com o soldo de 160 reis por dia	2
Soldados com soldo de 160 reis por dia	50

COMPANHIA DE CASSADORES DE PARDOS E HENRIQUES

Capitães com o soldo de Artelharia	2
Tenentes idem	2
Alferes idem	2
Sargentos idem	4
Furrieis idem	2
Cabos idem	10
Tambores com o soldo de Artelheiro	4
Soldados idem	160

N. B. Que estas Companhias de Cavalharia e Artelharia se não chegaram a formar, por que só o tempo deo para mal, e porcamento se formaram as de Infantaria, e Cassadores, que nada tinha forma; porem sempre teve forma a Promução dos Officiaes, que vinha a ser o chefe Amaro Gomes Coitinho que hera Co onel de Milicias, Tenente Coronel José Peregrino que hera Ajudante do Batalhão Major Francisco Antonio da Silva, que hera Capitão do dito, Ajudante Antonio de Oliveira, que era Cabo de Esquadra —Quartel Mestre Silverio da Costa Cirne, que hera Tenente de Milicias—Secretario Antonio Joaquim Ferreira Marques, que hera Sargento—Cirurgião Mor Feliciano José Henrique que hera Cirurgião do Batalhão Ajudante do dito Luiz da Franca que hera Cativo de João Duques, Capelão o Padre José Ignacio de Brito, que hera do Batalhão, Tambor Mor, o que já hera, Espingardeiro o mesmo, e Caronheiro Estevão José Lopes. Deve-se tambem declarar os officiaes promovidos ao Estado Maior do Exercito da Paraiba, que vem a ser Brigadeiro Chefe de todas as Tropas Estevão José Carneiro da Cunha que hera Tenente Coronel Graduado e Commandante do Batalhão de Linha.

Sargento mor Ajudante de Ordens do dito Brigadeiro Antonio de Olanda Chacon, que hera Tenente de Tropa de Linha, secretario com cavalgadura e Patente de Capitão, Antonio Vicente Manteiro da Franca que hera Alferes de Tropa de Linha.

OFFICIAES DAS COMPANHIAS

1.ª Capitão Antonio Manoel de Barros que hera Tenente de Batalhão. Dito Agregado Manoel José da Silva para inspector do Trem que hera Tenente de Milicias—Tenente Carlos Jorge Monteiro que hera Tenente de Milicias, Alferes André Accioles, que hera Furriel de Tropa de Linha.

2.ª Capitão Manoel Dourado de Mello, que hera Alferes de Linha, Tenente Francisco de Mello Mnnis, que hera cadete da dita —Alferes Manoel de Andrade Soares que hera Furriel de dita

3.ª Capitão Joaquim Baptista Avondano, que hera Alferes de Milicias, e foi o grande encarregado para o Cabedello—Tenente Antonio Severiano de Almeida, que hera Sargento da Tropa de Linha—Alferes Francisco de Seixas Machado, que hera Cadete da dita.

4.ª Capitão Jozé Maria de Mello que hera Alferes da dita —Não foi proposto Tenente para esta Coupanhia, por se reservar a hum afilhado Alferes Bento Bandeira de Mello que hera cadete da dita—Alferes Graduado Francisco José Rodrigues Xaves, que hera Cadete da dita.

5.ª Capitão Joaquim José Monteiro da Franca, que hera Capitão de Milicias Tenente Bernardo José de Araujo, que hera Porta Bandeira da Tropa de Linha—Alferes Fraecisco Xavier Monteiro da Franca, que hera Cadete da dita.

6.a Capitão Francisco de Mello Munis, que hera Alferes de Milicias—Tenente Joaquim Gomes da Silveira, que hera soldado de Milicias, e andava aprendendo a ler—Alferes Ignacio José de Mello, que hera Alferes de Milicias.—

1.a Companhia de Cassadores de Pardos. Capitão José Francisco dos Santos Araujo, que hera secretario do Regimento de Pardos, e foi elevado a este Posto por dar huma bannetada em ataque de exercicio no Tenente de Artelharia Antonio Henrique do Carmo (o que bem se julga ser recommendado pelo Chefe, para que assim o fizessem) Tenente Luiz de França, que hera já nomiado Ajudante de Cirurgia, e escravo forro de João Jacques.

Alferes Joaquim de Santa Anna, Cabra forro por Amaro Gomes, e o seo valentão por matar aos Europeos.

2.a Companhia de Cassadores de Pretos. Capitão Clemente Estevão de Lima, que hera Tambor do Regimento de Henriques, que estava para cumprir hum conselho de Guerra, pelo crime de huma facada, que deo em hum Negro, seo parceiro—Tenente Nicacio da Silva Ribeiro, que hera Alferes de Henriques, e Irmão do Sargento mór do mesmo Regimento Jorquim da Silva Ribeiro—Alferes Januario José da Silva soldado de Henriques, e filho do Tenente Coronel do mesmo Regimento.

Deve notar-se, que estas duas Companhias de Cassadores, no que respeitava aos seos Officiaes e Officiaes Inferiores, e Soldados herão as mais temiveis por que elles aleciavão todos os cativos de uma e outra cor para ficarem libertos, huma ves que se unissem as Bandeiras da Patria; e como seja a causa mais agradavel para taes homens a palavra liberdade, e os malditos chefes se servissem destes Nomes para os iludir hera a Guerra mais temivel que poderia haver, se se não tomassem medidas e medidas occultas sobre isto, como fossem as de os Senhores de Engenho porem os seus escravos prontos para a defeza das suas Fazendas; cujos resultados nos seguintes dias se dirião.

Dia 21. As 4 horas da madrugada tocou-se o arebate, e logo apareceo no Quartel da Tropa toda a gente da Cidade, Velhas e Moços, Coucos e Alejados, que todos temião, não aparecendo no Quartel ser fuzilados em suas casas.

O Governo Provisorio se congregou para deliberar sobre hum Officio do Rio Grande do Norte em que André de Albuquerque Maranham cunha-se, primeiro Membro do Governo Provisorio daquella Capitania, e ja Arvorado em Brigadeiro, pedia soccorros a esta Capitania, vista a constancia do Governador daquella José Ignacio Borges, e o partido, que tinha a seo favor, o que fes entregar o dito Borges prezo debaixo da Guarda de seo Primo o Capitão da cidade da Parahyba João de Albuquerque Maranham para o conduzir para o Recife (o que justamente cumprio) Vendo pois o Governo, e Commandantes das forças, quanto lhes herão prejudiciaes ter entre si Officiaes Europeos, que podião pelos seos conhecimentos unir-se aquelles que amparavão o Governo do

Rio Grande determinarão mandar exterminar os ditos dous Officiaes prezos, que são como fica dito o Sargento mor Francisco Ignacio do Valle, e seo Irmão o 1.o Tenente Antonio Henriques do Carmo, e por isso, que virão o Capitão João Alves e Manoel da Costa Lima, e mais alguns soldados vir fallar com elles de visita ao Calhabouço: rezolverão então exterminar os ditos officiaes, e por isso lhe mandarão ordem, pelo Tenente Antonio Manoel de Barros Cavalganti, que em 24 horas havião aprezentar-se para sahir desta Capitania, debaixo da Escolta dos Homens de Artelharia do Recife; que tinhão vindo trazer Pessas de Campanha e moniçoens de Guerra.

Ora fique a contemplação dos honrados realistas: que tortura não cauzava á boa Cauza da Contra revolução aida destes officiaes nos quaes estavão postas as vistas do bom exito da acção pensada já como fica dito nos dias primeiros da Insurreição. Foi então nesta crize que o Capitão João Alves e Mello da Costa Lima desenvolverão todas as suas artes particulares, e se unirão ao Membro do Governo Provisorio Francisco Xavier Monteiro de França para não sahirem da Cidade os ditos officiaes, cujas deligencias foram proficuas como se verá no Decreto do dia 23 (foi cassado este Decreto).

Dia 22 Determinou o Governo Provizorio mandar soccorro aos Insurgentes do Rio Grande, e para isso foi nomiado, como o mais Valente Militar dos Insurgentes José Peregrino Xavier de Carvalho e forão nomiados para seos subalternos o Capitão José Maria de Mello, seo Irmão Bento Bandeira de Mello, Francisco de Mello Munis, o Ajudante Antonio de Oliveira, André Axiodes, Antonio Severino, este ultimo offerecido voluntariamente para lá fazer couzas grandes e para Quartel Mestre um Antonio Thomaz muito conhecido por libertino: e forão mais nomiados 4 Officiaes Inferiores, 2 Tambores, 2 Pifanos e 30 soldados escolhidos, que vinhão a ser a maior parte daquelles nomiados e em quem os chefes não tinhão toda a confiança pelo desgosto que mostravão no fazer do serviço, e ajuntarão a seos alguns dos Creminozos, que tinhão soltado da Cadeia para lhe servir de Guarda: todos moniciados com 40 cartuxos cada hum; e aprontar-se Balças competentes para os condozir (por isso que a viagem por Mar hera melhor que por Terra) Levarão mais 6 Barris de Polvora, por que desta havia falta no Rio Grande; e assim ficou tudo pronto neste dia, no qual o governo empregou o resto em fazer poblicar de Officio para as Villas do Interior desta Capitania que a Bahia estava pela sua cauza (que vinha a ser contra Elrei Nosso Senhor) e que tão bem o Rio Grande o estava; mas que pela falta de gente de Guerra lhe hia daqui hum socorro de 3 mil homens com moniçoens competentes.

Ora veja a que ponto pode chegar a solução de Vertiginozos, que fazião de 30 soldados 3 mil. Estas imposturas e outras da mesma natureza exclarecião os realistas occultos (mas não hera tempo de se declararem.)

Tendo pois os retidos Capitaens João Alves e Manoel da Costa Lima advogado particularmente a cauza dos dous Officiaes Europeos prezos, e sentenciados a ser exterminados (Como já fica dito) estes se aprontarão, vendendo e dando toda a sua mobilha (pois não achavão, quem lha comprasse toda ainda que pobre, mas com alguns Escravos, e outras couzas de algum valor para Militares Veio a prizão o Chefe Amaro Gomes e lhes dice tenho dó de vós, e no intanto se quereis mais alguns dias para vos aprontardes, eu estou autorizado do Governo para vos dar; porem quero que me vendaes os vossos livros Militares, pois sei que tendes muitos, e julgo que vós me fareis este obzequio.

Nas circonstancias em que os ditos se achavão, a resposta negativa hera toda contra elles, pelas rezoens ditas, e por isso lhos entregarão rezervando sempre para si os que tinhão de boa instrução.

Foi então com esta franqueza, que o dito Amaro Gomes permittio ao Sargento mor prezo hir a sua caza com Guardas e recolher-se para o Calhabouço antes do sol posto.

Dia 23. Tocou-se a rebate por toda a Cidade com caixas e sinos de todas as Igrejas, e isto só para se fazer expedir a Tropa que hia em auxilio do Rio Grande e estando ella formada no Quartel para marchar apareceo um Decreto do Governo Provisorio, em que ordenava fosse lido na frente de toda a Tropa o motivo de soltura dos dous officiaes Europeos Francisco Ignacio do Valle e Antonio Henrique do Carmo, considerando os innocentes das denuncias, que contra elles tinhão dado. Em consequencia da tal Decreto ficarão soltos (porem com ordem de não sahirem da Cidade, e vigiados por Guardas particulares, e despidos de tudo, que os Insurgentes projectavão lhe faria algum bem) Bem se vê que esta medida hera para não azedar os Europeos, João Alves, e Manoel da Costa, e os outros da Cidade, e ainda mesmo os do Rio Grande, a quem elles queriam aleciar, mostrando beneficiencia, e igualdade (o que não hera do seo Plano).

As 4 horas da tarde marchou o Destacamento que hia para o Rio Grande com a sua Bandeira branca arvorada correo as ruas da Cidade, e parando defronte das janellas a honde estavão as Madamas Patriotas Silveiras, ahi recitou o Ajudante Xavier de Carvalho huma Oração incendiaria, Patriotica Braziliense, que finalizava com estas ultimas palavras.==Quem vê hum Brazileiro vê hum Homem honrado! Quem vê hum Parahybano vê hum Heróe! Seguirão pois o seo Caminho e passando pela Matris, não dovidarão de offerecer a N. Senhora das Neves Padroeira da Cidade a sua Bandeira dizendo==Viva Nossa Senhora das Neves, e viva a nossa Patria, e daqui forão a embarcar.

Este pois foi o rezultado do dia 23, que nos deixou em algum socego, por termos fora de nós o tal José Peregrino.

Nos dias 24, 25, 26, 27, 28, 29, e 30 de Março e 1.º de Abril se occupou o Governo Provisorio em arranjos do interior

da Capitania promovendo a Agricultura, mandando retirar os Gados das Terras de lavoura para as Terras proprias de sua criação.

O Camité Militar produzio o arranjo das Milicias, e promução dos seos Officiaes abolio o Regimento de cavallaria Miliciana, reformando o Coronel Mathias da Gama em Coronel e mandando recolher todas as Patentes de todos os Officiaes da Tropa de Linha, e Milicias, prometendo-lhes passar-lhe outras em seo lngar, o que alguns officiaes fizerão e outros não.

Foi formado hum novo Regimento de Milicias de Brancos que se chamava dalem do Rio, e foi para elle nomiado Coronel o Capitão de Tropa de Linha João Soares Neiva, Tenente Coronel não foi nomiado, e Sargento mor o Cadete José Gonçalves de Medeiros para o Regimento de Milicias de Brancos daquem do Rio, que hera na Cidade e seos suburbios, foi nomiado Coronel o Sargento mor do mesmo Regimento Jozé Francisco de Athaide e Mello, para Tenente Coronel o Capitão do mesmo Jozé Lourenço da Silva e para Sargento mor o Sargento mor de Linha e Ajudante de Ordens do Governo desta Capitania Francisco Ignacio do Valje (para ficar vigiado, e seguro pelos dous acima ditos, o que elle asseitou com todo o prazer, para ficar ahonde podesse saber de tudo para a seo tempo lhe servir) para Ajudante Jozé Lucas de Souza Rangel, satelite no Governo Provizorio. Para o Regimento de Pardos foi reformado em Coronel o seo mesmo Coronel João Moreira da Silva, e em seo lugar Amaro Pereira Gomes, Capitão do mesmo Regimento, para Tenente Coronel hum Capitão filho do Coronel reformado, para Sargento mor hum Tenente do mesmo Regimento Manoel Coelho Serrão, por alcunha o por cima.

Para o Regimento de Henriques foi nomiado Coronel o Sargento mor do mesmo Joaquim da Silva Ribeiro, para Tenente Coronel hum Alferes do dito, cujo nome ignoro, para Sargento mor hum Irmão do mesmo Coronel Nicacio da Silva Ribeiro. Deve notar-se que os coroneis tinhão o soldo de 40$ mil reis mençaes, os Tenentes Coroneis sem soldo, os Majores com 25$ mil reis, e os Ajudantes com 12$500 reis. Por aqui se pode ver a vantagem, que tinhão em soldo os Coroneis hindo de Capitaens e Majores, e aquella perda, que tinha o Major do Regimento de Milicias de Brancos daquem do Rio' a respeito dos seos soldos, que antes vencia (mas elle não quiz receber soldo algum).

Ocupou-se mais o Comité Militar em fazer hum Trem de serralharia, e carpintaria para o conserto de Armamento, Coronha, Carretas de Pessas, &.

Dia 2 de Abril. Foi assentado em pleno Conselho que devia ser extreminado o Abade de S. Bento por dar mostras de realista (mas não hera essa toda a cauza, hera sim a do Abade aleciar a Mãi de Amaro Gomes para fazer hum recolhimento de Freiras, e por virtude disso, ella lhe mandar almoço, jantar e ceia ao Convento, e a Citio Tambiá para honde elle hia com a sua familia) (foi encarregado a sua extreminação ao Coronel Amaro Gomes; este ô fes, mandando huma Escolta de Soldados comandada pelo

grande patriota Avondano, para o condozir a Praia do Tambaú, e hahi hir debaixo de Guarda do grande libertino Frei Francisco de Santa Mariana, por alcunha Frei Pescoço Inreligiozo Carmelitano para o entregar ao Governo Provisorio do Recife, o que cumprio exatamente, e retirando-se do Tambaú para a Cidade o dito Avandano com a sua Excolta, veio pelo caminho dando tiros de alegria, pela vitoria de ter levado o Abade prezo: ouvidos que fossem estes tiros, e sem saber o que hera mandou o Patriota Coronel Amaro Gomes tocar a rebate Geral em toda a cidade; amão é que se conheceo o estado geral da consternação em que se achava o Povo da Cidade por que se punha a ver muitos inimigos a vencer, e quando se virão com huma Excolta de 8 homens ficarão conhecendo, que tudo herão prevençoens de susto, que lhe fazia o dito Amaro Gomes, e foi a, ntão que muitos soldados velhos e alguns Europeos entrarão a dezertar da Cidade para se verem livres de tal opersão, por que todas as noticias (falcas e pelos Insurgentes espalhadas) herão de que vinha hum Grande Exercito do Recife e estar aqui de guarnição para ajudar a defeza da Patria, mas pouco durou a sua falcidade, como se verá nos dias seguintes.

Nos dias 3, 4, e 5 só os occupou o Governo, e o seo Comité em arranjos de Tropas; porem sem modos Militares para o seo resultado vexando os Homens Cazados, e arranjados para serem soldados de Tropa de Linha, e isto só por prevenções particulares que havia contra huns e outros, sendo só a força quem mandava,

No dia 6 (este grande dia determinado pelas ordens previas para ser selebrada a Coroação do Nosso Augusto Soberano) foi mandado fazer-se huma grande Parada Geral de todas as Tropas de Linha, e Milicias (sendo avizados todos os Milicianos do Termo da Cidade, dos quaes não veio algum de fóra) e formados na rua da Matriz, se deo juramento a Bandeira da Patria insurgida pelo Batalhão da Tropa de Linha; a que por mandado de seo chefe Amaro Gomes formou hum circulo só com a Tropa de Linha, e no meio delle se deferio o Termo de Juramento levantando todos o dedo para sima, e ali se recitou huma oração Eclesiastica, e outra Sicular, ou Militar: porem não entrarão nisto os Milicianos, e até suspeitarão elles não quereriam, por que não tinhão as suas Bandeiras Reaes, e se lhe não apresentavão outras; e só o que vião herão vivas de Alegria na Tropa de Linha, e esta moniciada de Polvora e Balla (e elles sem defeza (que talvez se não tomassem esta medida serta este dia de ressurreição de Nosso Senhor o da Contra revolução e fatal dos Insurgentes) Deve notar-se para esclarecer ao conteúdo neste memoravel dia, que o Chefe da Tropa de Linha Amaro Gomes estava de tanta prevenção que mesmo mandou pelos seos satilites armados de Bacamartes vigiar na retaguarda do circulo da Tropa de Linha, quem não levantava o dedo para prestar o Juramento.

O acto parecia Solene; porem elle todo hera irrizorio, por que principiava por dito Amaro promover a Festa, e sermão, que debaixo de força de Armas obrigou a hum Religiozo o pregasse,

e elle vestido com huma jaqueta azul, que dezia no peito em letras grandes=Viva a Patria Viva Deus=e depois explicou elle mesmo as Insignias da Bandeira Patriotica, que vem a ser=O Sol Luminoso, Astro, que ilomina todo o vivente, e muito mais os Iluminados Patriotas=As tres Estrellas a união das tres Provincias insurgidas, que herão Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraiba do Norte =O Arco Iris, significando a pás entre estas tres Provincias determinada pela união e fraternidade e ∴ Maçonica=Debaixo de tudo isto estava a Cruz de Christo Sr. Nosso, em vermelho, que designava a Religião Catolica, porem não Apostolica e Romana, como elles mesmos dicerão=O Campo da Bandeira hera branco, e em branco herão todas as insignias, que elles mandarão trocessem as Patriotas assistindo ao acto da Benção da Bandeira a Mademozelle Silveira, como Madrinha e Fiadora da successão da Patria: dando-se huma salva, quando ella se retirou, mais o seo bom Pae Silveira.

Dia 7, segunda feira chegou hum avizo dos Insurgentes do Rio Grande do Norte, e officiando o grande Jozé Peregrino Commandante do Destacamenio, que lá estava pedindo mais gente, Polvora, o Dinheiro, e que foi remettido neste dia, mandando-se-lhe 15 Homens Veteranos (todos contra sua vontade) sendo Comandante hum tal Bento Manoel Carlos; e levarão 8 Barris de Polvora e Dinheiro, cuja quantia se ignora: Marcharão por Mar para o Rio Grande. O Brigadeiro Amaro Gomes com o seo querido Avondano marchou para o Recife, a buscar para aqui os soccorros que adiante se dirão.

Nos dias 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15 e 16 se ocupou o Governo Provisorio em arranjos do interior, mandando vir obrigatoriamente á Cidade os homens do Certão mais abastados, para subscreverem hum Donativo á Patria; por que as finanças do Thezouro Publico (como elles lhe chamavão) estavão diminutas; porem mesmo assim não se esqueceo o grande Silveira de pedir soldo dobrado, assim como se tinha promettido pelos chefes da Força Armada a toda a Tropa de Linha e Milicias no dia da Insurreição, e se comprio arrisca the o dia 26 do corrente em que mudarão de plano; mas o soldo dobrado do Silveiria não mudou.

Neste mesmo dia 16 chegou o grande Brigadeiro Amaro Gomes, e o seo Valentão Avondano do Recife, e veio dellá com toda a pressa, por que tinhão chegado da Bahia os Navios do Bloqueio, os quaes o fizerão tão activo, que até já não pode sahir huma suwaca carregada de farinha, e apetrexos de guerra. Chegando pois a cidade, mesmo em trages diformado (que herão os mais ridiculos) mandou tocar a rebate, e publicar, que a Bahia estava Insurgida, Seará, e Maranhão &, e que em causa commum deviamos por em defeza a costa que o sentro não tinha duvida.

Sempre trou-se comsigo alguma couza, como fosse hum soldado já nomeado em sargento Artifice de fogo, hum caixote com hum estromental de Musica incompleto (he cousa galante, foi buscar muniçoens, e trouce gaitas) e muitos jogos de Pistolas para Officiaes. Na noite deste dia procurou o dito Amaro aconselhar-se

particularmente com o Advogado Francisco Jozé Correa, seo companheiro e de quem elle tinha toda a confiança; propondo-lhe o estado das couzas, visto o Bloqueio, que acabava de vir: o dito Letrado como bom realista, que sempre foi, lhe aconselhou=que o cazo ainda tinha remedio, pois mais dia, menos dia, aqui se acharia huma força armada, que o faria sucumbir, e que devia aproveitar este momento, aclamando a Elrei Nosso Senhor, e arvorando elle mesmo a sua Bandeira, pois que assim sarava a chaga que tinha aberto em si mesmo, e aos outros seos adepos. A nada se demoveo o bruto, e antes furiozo foi logo procurar os do Governo para prender o dito Advogado. Ora a conferencia delles não foi tão secreta, que o não estivessem ouvindo alguns Realistas, que por suas maneiras fizerão destruir o projecto da dita prizão. Tendo pois noticia o Capitão João Alves, que tinha chegado o Bloqueio tratou logo de apressar a Contra revolução pois já tinha mantimentos prontos para dar a gente da Contra revolução; e o mesmo fizerão o Capitão Manoel da Costa, Bento Luiz, e Coronel Gama, e o Coronel Luiz de Oliveira Chaves tratando a despor a gente; e tão bem Thomaz de Aquino da Silva Bandeira, e todos se prepararão para a primeira vós, segundo o Plano feito, o qual hera de se ajuntar toda a gente de Pacatuba, Roncaagoa, Curral de Sima, Batalha, Santa Anna, Santo André, Mumbaba, Mamuaba, Villas do Conde, Alhandra, e Pilar, para atacarem a Cidade por trez pontos. que herão o Sanhoá, Crus das Almas, e Cabo Branco, e a gente das Praias de Lucena e Mamangoape, para atacarem e tomarem a Fortaleza de Cabedello, e vir depois atacar a Cidade pelo lado do Mar, e para isto já havia toda a inteligencia com o Vigario Jozé Antonio Lima de Mamangoape que havia commandar a sua gente com Antonio Ferreira Soares Pinto Commandante de Lucena, e com varios do Cabedello; e tudo isto havia por-se em marcha ao signal feito no Cabedello; cuja Fortaleza devia ser tomada primeiro, o que assim se realisou, não tendo só lugar a vinda da gente de Mamangoape, pelas razoens que adiante se dirão. Não poude ser tão oculto tudo, o que os Realistas tinhão disposto, que o não soubesse o Governo Provisorio, e por isso deliberarão no seo Conselho chamar para Adjuntos do seo Governo ao Capitão João Alves Manoel da Costa Lima, o Coronel Mathias da Gama, o Dr. Gregorio (deste não tinhão elles suspeita) para os ter ao pé de si; afim de os ter seguro a todo o tempo; porem nisso mesmo forão enganados, por que só veio no dia 22 o Capitão Lima, e no dia 1.º de Maio o Capitão João Alves, e o Coronel Gama fesse doente: O Capitão João Alves foi-se logo embora, e o Lima ficou para os não azedar e tratar de palavra com o Sargento mor Valle, do que se devia fazer. Ora como nestes dias, ainda não estava a gente junta e o governo só tinha em vistas a segurança dos dous Officiaes Major Valle, e Antonio Henrique; foi assentado com o dito Costa Lima aquelles não sahirem da cidade por não causar desconfiança e mesmo por que se sabia, que o Governo só se punha com fiança de serem atacados por gente dirigida pelos ditos Officiaes, no que se tornavão a enganar, por que o Plano estava feito: mas tornava-se necessario para o

bom exito da Contra revolução elles encararem sem medo a Companhia dos seos inimigos no perigo, que vião eminente, como adiante se verá (2): e mandarão ao Padre Antonio e Ignacio Leopoldo, Membros Provisorios, despoz os seos Adepos para obstarem a Contra revolução, como com effeito fizerão, havendo hum choque em Itabaiana com a Tropa que condozia o Sargento mor Antonio Galdino, em que forão mortos alguns de huma, e outra parte fazendo nesta occasião o Padre Manoel Lourenço de Almeida muito serviço a Deus e a Elrei Nosso Senhor, por que não só despunha e animava a gente para o seo valor, como confessava logo os feridos.

Ora isto hera hum combate, sem forma militar, e a honde paixoens particulares se satisfazião, por que huns e outros estavão pela cauza de Elrei, e só aproveitavão a occasião (como fossem os chamados da casa Nova do Taipú) para se vingarem dos seos inimigos. A occasião hera boa, pois que os vião metidos no Comando do Padre Antonio e Ignacio Leopoldo.

No dia 18, sexta feira mandou o dito Amaro as 4 horas da madrugada tocar hum rebate Geral em toda a Cidade de Caixas, e Sinos Tiros, e algazarra dos seos Satelites (hum Monte pario hum rato) tudo foi mandar os soldados de Tropa de Linha do antigo Quartel (que sabiamente tinha feito o falecido Governador Antonio Caetano Pereira) para o Convento de S. Bento, que elle pertendia destroir, como tinha exterminado o Abade; e nisto gastou tão bem o dia 19.

No dia 20 Domingo aparecerão os Artigos de Guerra, dados em forma de lei pelo Governo Provizorio. Neste dia foi tomada huma Sumaca, que vinha do Aracati carregada de Algudão, coiros, solla e trazia dous contos de reis em dinheiro e para não cahir nas garras do Bloqueio a mandarão tomar com jangadas, e nellas gente de força Armada.

O dinheiro foi entregue ao Thezouro Publico, e a Snmaca, tirou-se o Valame &.

Nos dias 21, 22, 23, 24, 25, 26 e 27; todos se gastarão em actividades de recrutas e o complemento da Legião de Tropa de Linha, admetindo-se todos os Cativos, que quizessem servir e promettendo a seos Senhores, o serem pagos no seo valor pelo Thezouro Publico. Que barbara despozição! foi isto que fez chegar para os Insurgentes muita gente de má conducta, pois só querião a sua liberdade, vista aquella que o dito Amaro Gomes dava tão-bem aos seos Escravos por que forrou hum Joaquim de Santa Anna, e o fes Tenente, e outro Tambor o fes Capitão (como já fica mostrado nas Companhias de Cassadores).

No dia 24 veio o Capitão Lima para adejunto do Governo Provisorio, como já fica dito.

O Dia 28 foi em que se fes publico por Patentes do Go-

(2) *Os do Governo provisorio.*

verno Provisorio os serviços que tinhão feito os dous acima nomiados Capitão e Tenente, pela grande Guarda que fizerão aos dous Europeos Militares já referidos, sercando-lhe a casa de noite, e de dia, tendo os seos espias para verem todas as sua acções.

Neste mesmo dia se tocou a rebate Geral, pela noticia de Officio, que veio do tal Peregrino, de que a cidade do Rio Grande do Norte estava em contra revolução, tanto que virão a sua retirada para esta Capitania. Esta noticia surprendeo muito aos revolucionarios, muito principalmente por contar ser morto o Coronel André de Albuquerque Maranhão de Cunhaú, primeiro cabeça da Revolução da quella Capitania, o qual tinha mandado pedir a esta soccorros da Tropa de Linha, Polvora, Armas, e mais muniçoens para continuar a revolução té a cidade do Natal Capital do Rio Grande do Norte, aonde ainda não havia revolução quando forão pedidos estes soccorros, e nem ainda estava o Governador José Ignacio Borges prezo. Porem como fica dito, quando estas noticias cá chegarão, no que dizem respeito a prisão do Governador do Rio Grande e morte do outro foi muito distante em dias (e nós clacificamos os dias deste successo, nos dias antecedentes, pelas noticias que do officio vierão).

O Portador desta noticia da Contra revolução do Rio Grande foi o cabo de Esquadra Antonio de Oliveira do Batalhão de Linha desta Cidade, e Arvorado em Ajudante da Legião, que se formava, o que hindo com o dito Tenente Coronel Peregrino foi mandado por elle com officios para lhe mandarem soccorros.

Os socorros pois forão huma Pessa de Artilheria de Campanha com 12 homens, e outros 12 de Infanteria. Commandadas pelo mesmo Ajudante Oliveira e tão bem levou do Thezouro Real oitocentos mil reis para as despezas da jornada, e o mais, que fosse necessario até se incorporar com o dito Tenente Coronel Irrisorio Peregrino.

No dia 29 aparecerão huns correios (feitos pelos mesmos Insurgentes) com cartas de officio dos de Pernambuco, e fizerão nisso misterio para produzirem no dia seguinte o que se dirá.

Dia 30 quarta feira. Entrarão os revolucionarios a darem parabens huns aos outros, até a porem lominarias em suas cazas, o que não corresponderão mais outros, que não fossem do Clube, e mesmo toda a gente estava em espetação a novidade.

Dia 1.º de Maio. O Governo Provisorio determinou fazer publicas as noticias, que tinhão tido, e herão de que o Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Geraes, Goiazes, Mato Groço e Pará estavão todos Insurgentes (queremos dizer todos em rebelião contra o Nosso Soberano) e para isto se fazer mais publico, foi mesmo Amaro Gomes Coutinho quem pegou na Bandeira Patriotica, e ao som de Musica, e Tambores andou por toda a Rua publicando tão boas noticias, hindo vestido com muita indecencia, e fazendo chamar por honde passavão os homens provetos, já Militares, e já mesmo sem o ser para o acompanharem por isso, que hia guardado pelos seos valentes com Bacamartes, e os seos dous soldados novos Augusto Xavier de Carvalho e José Maria Xavier de Carvalho com armas carregadas ao pé delle.

Dia 2, sexta feira. Aparecceo a noticia exata, de que estavão os Realistas com forças grandes, e que tendo batido os Insurgentes em Itabaiana e Pilar vinhão com marcha forçada atacar a Cidade o que fes huma grande comução e susto ao Governo Provisorio, e por isso tratarão de enviar Patrulhas para as avenidas da Cidade, e entrarão a formar o plano de defeza.

Foi assentada em Conselho deveria marchar o chefe com toda a força Armada para hir encontrar a Vanguarda dos Realistas, e ter com elles o primeiro combate.

Despozerão mais meterem 10 Barris de Polvora dentro do Convento de São Bento, e conduzirem o dinheiro do Erario para o mesmo lugar afim de que em caso ultimo se largar fogo a Polvora, para tudo se inutilizar aos Realistas (levando como se supoem o dinheiro): isto pois determinado tratou-se agora de por em segurança os realistas que havia entre elles, e de quem desconfiavão e por isso mandarão prender Domingos José Marques Europeo, e negociante nesta Cidade e mais João Antonio Gonçalves e tão bem Europeo e negociante, e isto a titulo de terem Armas em sua caza, e tão bem mandarão prender pela mesma razão ao Sargento mor Francisco Ignacio do Valle, e seo Irmão o Tenente Antonio Henrique do Carmo, todos para a Inxovia da Cadeia da Cidade, e com recommendações de serem incommunicaveis.

Ora he serto que estas medidas forão tomadas para evitar a Contra Revolução na Cidade quando a Tropa fosse a fazer o Ataque a Vanguarda dos realistas, como fica dito, visto que nos ditos prezos elles fundavão as suas suspeitas: certamente que assertarão, por que infalivelmente a Contra revolução, sempre se faria na Cidade, logo que os revolucionarios sahissem ao Ataque dos realistas, por que estavão então metidos entre dous Fogos.

Dia 3. Sabado. Marchou com effeito o chefe Amaro com a Tropa para hir atacar os realistas: porem não passou de 3 legoas da Cidade, e no Engenho de Tibiri fes alto, e dahi mandou Exploradores a Santo André, cujo Senhor de Engenho Luis de Oliveira Chaves já se achava reunido com a sua Escravatura aos realistas, que então estavão no Engenho do Reis, e como as avansadas dos realistas fossem fortes elle chamou a conselho os seos officiaes para se discidir se devião ou não atacar: pela segunda estiverão quase todos; mas quem promoveo a ordem de retirada, foi o Capitão Francisco Antonio da Silva, junto com o Capitão Jozé Ignacio de Brito, e o Cirurgião Mor Feliciano José Henrique (que estes forçadamente forão acompanhar tal Expedição) com effeito regressou o chefe Amaro com a sua Tropa para a cidade, por que via a má dispozição dos seos Officiaes, a deserção dos soldados e a noticia de estar tomado pelos realistas a Fortaleza do Cabedello, e auxiliada por toda a Povoação da Praia de Lucena, Santo Antonio e Forte Velho; assim como da parte opposto para o Sul, Cabo Branco (com a tomada de duas Pessas) Praia de Tambaú, Verca (ou Bessa?) e todas as mais entremediarias: cuja Plano foi sertamente executado conforme ao tratado pelos dous Militares

prezos, e posto em execução pelo coronel Mathias da Gama o que junto com o capitão João Alves, seo filho o Sargento Mor Antonio Galdino, e seo Genro o Capitão Manoel da Costa Lima, estavão para a sua execução.

Neste dia pois tudo teve o seo complemento; e só faltava a tomada da Cidade, no que havia haver muito sangue, visto a potencia dos Insurgentes e huma força Armada de Infantaria, e Artelharia, que marchava sobre a Cidade, vinda em retirada do Rio Grande, commandada pelo grande Patriota José Peregrino Xavier de Carvalho.

Foi então aqui que se tomarão medidas de não haver infusão de sangue; e totalmente as desunirão os proceres do Governo Provizorio, dando hum para a Guerra, e outro para a pás. Ora aquelles ainda tinhão ao seo dispor mais de mil Homens, e quaze todos Cativos, a quem elles promettião alforria (barbara Guerra com a que não havia algum seguro) e o resto das suas forças hera dos criminozos, que tinhão soltado das cadeias. Tornavão-se ainda mais serios os Ataques dos realistas quando tinhão noticia, que toda a Tropa da Ilha de Fernando, armados de Artilharia, e Mosquetaria, e com monições de Guerra, e boca se achavão unidos ao destacamento de José Peregrino Xavier de Carvalho, já referido, o que fazia terem os realistas em sua retaguarda, huma força grande, e bem agarrida, pois, que a gente vinda de Fernando sempre se conheceo ser a pior.

E o vigario José Antonio Lima nada podia fazer, como estava tratado no Plano, por que tinha a parte do mar tomada pelos de Fernando, e da Terra pelo Destacamento de Jozé Peregrino, por isso neste cazo, estava em observação do que poderia resultar e mesmo noticias para hobrar, segundo o Plano, e antão se vio obrigado a hobrar de acordo com o Vigario da Villa de S. Miguel, e tudo teve huma milhor direção dada por Deus; por que o Destacamento de Fernando, e mais homens naquella Ilha degradados, que em duas Embarcações aportarão de arribada na Bahia da Traição deste Capitania, tendo sido consideradas pelo Capitão João de Albuquerque Maranhão e pelo Alferes Jozé Maria de Mello e Albuquerque para se unirem ao Destacamento de José Peregrino o não quizerão fazer, sendo ás suas vistas matar os Comandantes da sua condução e furtarem tudo o que se tinha trazido da dita Ilha.

O Vigario da villa de S. Miguel da Bahia da Traição junto com o Vigario Jozé Antonio Lima tinhão combinado fazer a contra revolução ali, vistas as combinações que tinhão com o Coronel Mathias da Gama e os outros Capitaens João Alves, Manoel da Costa, Antonio Galdino, Padre Manoel Lourenço, & e por isso o Vigario da villa de S. Miguel o Padre Antonio Pereira de Souza, junto com alguns Europeos ali moradores entrarão a espalhar, que do Rio Grande vinha hum grande Exercicio realista para abter os Insurgentes da Parahyba; teve isto muito effeito, por que os homens de Fernando despersarão por toda a Praia, buscando

unir-se as Bandeiras Reaes, que já vião arvorados pelos ditos Europeos.

Os Commandantes de Fernando sahirão a ir procurar a Fortaleza do Cabedello para se livrarem dos seos mesmos suditos, nesta ocasião de revolução, que como fica dito herão timiveis. Despersa que foi esta gente communicarão-se os dous Vigarios, e logo em Mamanguape se levantou a Bandeira Real, e o Vigario Jozé Antonio Lima, junto com dous dos Europeos mais abastados armarão gente para ir na retaguarda de Jozé Peregrino e mesmo por assertar o Plano feito com o Coronel Mathias da Gama, e o Capitão João Alves, e mais outros ditos.

Devemos dizer, que as medidas tomadas pelos dous Vigarios forão as que mais concorrerão para que aquella gente vindo da Ilha de Fernando não aumentasse a revolução.

Dia 4 Domingo. Vendo os Chefes, e o Governo revolucionario o estado das couzas, determinarão por em execução o Plano, que tinhão feito da remoção do Dinheiro publico do Erario Regio para S. Bento, e igualmente de meter ali nos baixos da mesma caza dez Barris de Polvora para fazer hir tudo pelos ares quando se não pudessem defender; o que com effeito neste dia se realisou hindo as costas de pretos todo o dinheiro do Erario Publico e a Polvora do Paiol.

As familias dos Homens mais abastados da Cidade tratarão de fugir, e não acharão outro azillo, se não nos Conventos e para lá forão refugiar-se, visto o Plano (que já estava publico de hir tudo pelos ares no Convento de S. Bento) cujas familias aliás honrados tinhão os seos chefes metidos naquella desgraça de serem (ou parecerem) Insurgentes.

Todo este dia levou o Governo Provizorio, e os Chefes Amaro e Estevão em ver se podião fazer huma defeza capaz de sua segurança até, que os seos Adépos Revolucionarios do Recife os soccorresse (como com effeito fizerão, mandando Polvora em caixoens e Pessas de Artilheria Desmontadas, Salitre, Enxofar e mais outencilios proprios (que tudo ficou na mão dos Realistas) porem nada puderão fazer, visto achar-se o Exercito Realista muito proximo e tomados os pontos da cidade por elle.

Antão he que foi conhecido a sua pozilaminidade, por que se não aconselhavão, no que devião hobrar, e só tinhão em vistas o roubo do dinheiro publico, e a expulção do Convento de S. Bento, para se acabar de huma vez o Armamento, e tudo o mais, que nelle havia; e até mandarão buscar todo o veneno, que havia nos Boticas para envenenar as Fontes e o comer o que se não soube de serto; mas algum fim máu tinha esta medida. a isto obstou o Membro Pacificador Francisco Xavier Monteiro, dizendo que herão Barbaros, ou Gentios para fazer tal acção; foi por tanto destruido o veneno, e só ficou a Polvora para a expulção, que isso não pode elle vencer dos outros, principalmente do Silveira e Amaro.

Dia 5, 2.a feira estava tudo em Armas, e prontos a fazer defeza a quem atacasse, e por que as suas Patrulhas para os pontos de Ataque (que elles esperavão, que lhe dessem noticias) vinhão com parte de não haver novidade, e todas partes falças; por que havia gente em Armas combinadas no Plano. Foi então que se decidirão a procurar, quem os defendesse, e que segundo o seo parecer herão os dous Europeos Militares prezos na Inxovia, como fica dito no dia 2, e por isso os mandarão soltar, e depois de muitas satisfaçoens honrozas, e desculpas nas suas medidas lhe entregarão o Comando das Tropas a que elles se negarão, dizendo, não podião assentir a commandar Tropas Patrioticas, por isso, que se achavão suspeitos pela prizão, de que acabavão de sahir, porem que para conselho se podião delles servir (foi neste acto que Augusto Xavier de Carvalho dice ao Tenente Antonio Henrique do Carmo, ou me defenda ou me mate, por que tenho meo filho compermetido :) ao Sargento mor chamarão os do Governo Provizorio para dentro de uma salla e lhe dicerão desse o seo conselho, o qual foi de se entregarem aos Realistas, e arvorarem elles primeiro a Bandeira de Sua Magestade fazendo elles mesmos a Contra revolução. A isto não anoirão todos os Membros do Governo Provisorio, e só Francisco Xavier Monteiro, e Augusto derão voto que sim: porem nesta occasião ouve a maior contestação pocivel, dos que derão voto negativo, por que quizerão até matar logo os que tinhão dado o voto pozitivo, por isso entrarão a fazer Declamações a Tropa, promettendo-lhes soldos dobrados, e fazendo-lhe ver que se devião defender até a ultima extremidade, e mesmo mandando guardar pelos seos satilites, o que tinha dado conselho. Neste estado de revolução, e contra revolução, visto o Plano feito para a expulção de todo o numerario Regio, digo que havia no Erario Regio, e até já mesmo mandando o Silveira, e outros as suas familias para outro lugar fóra daquelle, em que estavão no Convento de S. Bento, e mandando notificar todos os moradores proximos para largarem as casas de sua habitação.

Foi então que o sargento-mor Francisco Ignacio do Valle, vendo a determinação de taes homens lhe propoz, que o milhor hera capitularem, para evitar a infuzão de sangue, que havia haver infalivelmente, visto a deliberação horroroza, que tinha tomado o chefe Amaro Gomes da alforria dos Escravos que se quizessem unir á elle (ora isto foi huma Guerra domestica, que só Deus providenciou) por que muito poucos escravos se unirão a elle, e só se unirão os forros de má conducta e criminozos de morte.

Deliberarão por fim as 4 horas da tarde deste dia, que fossem Imissarios propor capitulação aos chefes realistas, que se achavão 3 leguas distantes da Cidade, e dizignarão-se para isto o Vigario da Cidade, o Guardião de S. Francisco Frei Custodio Monteiro, o Padre Manoel Henriques, e o Padre João Baptista Avondano (este ultimo fes muitos serviços em noticias que dava aos realistas de todos as forças da Cidade).

Vierão pois os Imissarios ditos com resposta de pacificação, e que os chefes não querião fazer sangue: porem isso não socegou o

o espirito dos malditos chefes, que se não pozessem em estado de defeza, destacando Patrulhas e abocando as Pessas nas ruas mais principaes e até mesmo mandando fazer trincheiras com sacas de Algodão, e servindo-se para esta factura dos mesmas dous Europeos Militares, o Sargento mor Francisco Ignacio do Valle e o 1.o Tenente Antonio Henrique do Carmo, cujas Trinxeiras não poderão ter o seu cumplimento, e nem herão estas Trinxeiras, que defendião a cauza, por isso que as mandarão fazer depois de terem proposto a Capitulação, e terem reposta, que sim.

He então quando o dito Sargento mor convocou a todos os officiaes de Milicias de Brancos, de quem alguma gente estava em Armas para lhe servirem de guarda ao dinheiro, e a Polvora, que se achava no dito convento afim de que não se executasse, o Plano premeditado, o que fes muito para a falta de sua execução, por que Amaro Gomes até ás 8 horas do dia seguinte em que entrou o Exercito realista, esteve sempre prompto a executar este projecto, e quando vio, que de todo o não podia fazer desapareceo passando pelo desgosto de ver, sem poder obstar o Sargento mor Valle as 6 horas da manhãn desarmar toda a sua Tropa do Cartuxame descarregar as Espingardas e disfeita parte da Trinxeira, que se tinha feito de noite, e isto muito antes de entrar o Exercito (Consta que elle dicera ao seo Molato Joaquim de Santa Anna o matasse, o que o dito Mulato não quiz fazer, e não foi visto mais té ao dia em que foi preso pelo Povo: tão bem já tinha desaparecido o Tenente Coronel Estevão.

He precizo acrescentar que nesta occasião elle não tinha amigo algum, pois todos o hião pouco e pouco desamparando, só lhe restavão os da sua Guarda, porem ainda estes entrarão a dividir-se em partidos, a botar agoa nas escorvas das Pessas, e alguns tinhão entopido com barro, e tudo hera para não fazerem fogo, no acto em que elle os mandasse.

Assim se passou a calamitoza noite do dia 5 para amanhecer o grande dia 6 de Março: mas ainda não contente o revolucionario Amaro Gomes das providencias que tinha dado chamava de ves em quando ao pé de si o Tenente Antonio Henrique e lhe dizia=se voce me apontar huma Pessa ao Mathias da Gama, e o matar, não sei, o que lhe darei. Veja em que desarranjo estava aquella cabeça, que isto hera de madrugada, qoando já estava asseita a capitulação proposta por elle, e os outros.

Dia 6 terça feira. Foi este dia o mais formozo que houve pela alegria, que todo o Povo consebeo, por que ao amanhecer já as Vedetas davão parte da Vanguarda do Exercito estar no alto da Cidade.

Parece necessario fazer aqui uma discrição da forma em que o dito Exercito vinha emmarcha; alem das Patrulhas grandes que tinhão mandado para todas as estradas da Cidade, e mesmo huma grande Patrulha para as avenidas da estrada de Goiana. Entrou o Exercito que serião 3 mil Homens (ainda que antes delles chegarem se dizia ser mais, e mesmo os Commandantes que

o condozião não podião saber serto, por que a toda hora, se lhe estavão ajuntando gente, assim como ficando atraz) A Forma hera na Vanguarda, como Cassadores: os Indios das Villas de Conde, Alhandra, e Pilar com Arcos e Flexas: seguia-se na Retaguarda destes dous Esquadroens de Cavallaria todos armados de Armas de fogo, e Espingarda: na sua retaguarda marchava a Infantaria; aquelles nem todos trazião Espingardas. A Bandeira Real vinha no sentro, ahonde vinhão os Capitaens de toda aquella Corporação: na Retaguarda vinhão dous Esquadroens da Cavalaria, e tão bem vinhão alguns Indios com Flexas; mas muito poucos.

Agora a Sena mais patetica que se podia representar, hera a de todo o Povo da Cidade abrir as suas portas mostrar suas Bandeirinhas com a Corôa Real, sendo a primeira a que se vio alvorada na caza do Sargento Mor Francisco Ignacio do Valle por sua mulher D. Barbara Francisca Lobo, e que tinha sido guardada pelo Irmão do dito o Tenente Antonio Henrique do Carmo; e logo se seguio arvorar-se outros em caza de huma Parda Rita de Freire que seos filhos Jozé Freire Soldado da Tropa de Linha e outro Antonio Cansado amandarão fazer a sua custa, e a tinhão guardado para a Contra Revolução na Cidade junto com os ditos acima mencionados.

Por toda a rua direita forão aparecendo nas janellas Bandeiras com a Coroa Real em diversas cazas que as Senhoras tinhão feito particularmente (ainda mesmo, as escondidos de seos maridos, que hoje estão em desgraça). Chegado pois que fosse o Sentro do Exercito aporta da Igreja Matriz ahi se apiarão os Chefes e os outros seos Subalternos, e forão dar graças a N. S. das Neves Padroeira da Cidade. Acabado isto, e estando já formado em Linha de Batalha todo o Exercito na rua nova e nas outras que davão logar a essa formatura sobirão os ditos Chefes ao Convento de S. Bento, ahonde estava o Quartel da Tropa o Governo Provizorio, e o Erario Regio.

Foi então que o Sargento mor Francisco Ignacio do Valle, e seo Irmão com os outros Officiaes de Milicias, a quem elle tinha congregado para a defeza do Erario entregou a Caza ahonde estavão os Cofres do dinheiro e a elles tão bem de guarda os honrados Vassallos de S. Magistade Joaquim Antonio de Oliveira, Escrivão Deputado da Junta da Real Fazenda, e o Contador Luis da Cunha Sauxes. Logo seguidamente foi mostrar-lhe ahonde estava a Polvora (como já se dice para a expulção) aqual se mandou logo por em cautella, como devia ser em taes occaziões sendo fa isto mandado o Commandante Manoel da Costa Lima. Logo pelo Chefe já dito Mathias da Gama foi entregue ao Sargento mor Ignacio do Valle todo o Comando, e arranjo da Tropa, que tinhão deposto as Armas e mesmo dos que tinhão vindo no seo Exercito, e pertencião ao Batalhão de Linha da Cidade, o que o dito Sargento mor cnmprio exactamente, formando logo gente do seo conseito para a defeza da Cidade, e para dar descanso as Tropas que tinhão chegado.

Ora deve dizer-se, que os Soldados Velhos ja nomiados

nesta memoria; e que logo na revolução se offerecerão para a Contra Revolução não quizerão ter descanso elles juntos com o dito Sargento mor, e seo Irmão o Tenente Antonio Henrique fizerão não só a defeza para alguns Insurgentes, mas para o socego de tanta gente que vinha batalhar e não achara com quem.

Deve remetter-se a contemplação dos homens Militares, e que conhessem o que he a Populaça desenfreada, o trabalho que terião só dous homens para os conter (porem não foi percizo muito Deus advogava a Cauza com muito poucos palavras e mesmo o conhecimento que tinhão do Sargento mor Ajudante de Ordens os fes conter) para não fazerem desordens na Cidade, as quaes não houverão.

Tão bem os seos Comandantes as tinha disso instruido.

Foi logo feito o Detalhe para se nomiar os que havião ser encarregados de moniçoens de boca, e de Guerra: forão encarregados para as de Guerra o 1.o Tenente Antonio Henrique do Carmo, e para as de boca os Commandantes, que tinhão vindo no Exercito Bento Luiz da Gama, e Manoel da Costa Lima, ficando desembaraçados para o Comando das Tropas o Sargento mor Francisco Ignacio do Valle, e o Coronel Mathias da Gama. Postas as couzas nesta ordem, e quando se necessitava dar algum descanso, ex que chega a noticia, de que para a cidade marchava um Corpo Armado de Infantaria e Artelheria Commandada pelo grande Insurgente Jozé Peregrino, e que vinha dizendo tomava a cidade de assalto e em sua companhia vinha o Capitão mor João de Albuquerque Maranhão com gente sua para mesmo fim (cuja gente do Capitão mor não apareceo, hera falça a noticia) fesse necessario por toda a gente em Armas para a defeza: foi então quando os Chefes que comandavão a Força Armada, que conhecerão o coração dos Vassallos de S. Magestade para defender os seus direitos. Ah! acodirão a esta chamada Velhos, Doentes, Meninos, Mulheres e tudo estava pronto a defender a Cauza do Soberano. Esta Sena foi patetica e muito mais o foi quando Augusto Xavier de Carvalho se deliberou sahir com factos indecentes a rua montado em hum cavallo, trazendo em sua mão huma Immagem de Christo Senhor Nosso, pedindo a todo o Povo, e aos Chefes da Tropa que lhe não matassem seo filho o dito Jozé Peregrino Comandante da Força Armada, que ja se disse, e certo pelos Chefes que não perigava sua vida quando elle se rendesse, o foi exartar com palavras energicas ao seo parecer (mas que não fazião cazo para elle ser batido, quando não quizesse render-se, pois estava nos Artigos da Capitulação): mandou então o sobredito Peregrino dous seos Imissarios aos Chefes da Força Armada saber se podia entrar armado, o que lhe foi concedido, e então entrou proclamando vivas a El-rei Nosso Senhor; e na noite deste dia dormio elle, e toda a sua Officialidade nos Quartes de S. Bento junto com todos os mais Officiaes e tropa.

Neste estado de couzas, estando ja certos, que não tinhamos inimigos de Elrei para a parte do Norte, senão alguns dispersos do Destacamento de Fernando, a quem o Povo aborrecia, torna-

rão-se as vistas sobre o Sul, porque a Villa de Goiana, seo Termo e huma grande parte do Termo da Villa do Pilar comarcão aquelle estavão ainda revolucionarios assim como toda a Capitania de Pernambuco menos o Destricto da Villa do Limoeiro, e Santo Antão que já tinha feito a Contra Revolução (porem esta noticia hera dada muito em particular, porque os Insurgentes a não querião fazer publica). Foi então, quando se tomaram as medidas energicas, que diremos no dia seguinte; mas entretanto neste dia não nos devemos esquecer da Proclamação que produzio o Tenente Coronel de Milicias de Brancos Alexandre Francisco de Seixas Machado (que no acto da Contra Revolução tomou o Comando do Regimento de Milicias em que estava reformado pelo Governo Provizorio).

No dia 7 quarta feira se tratou do arranjo da Tropa Paga que estava desorganizada, e se fes o Plano da formatura de duas Companhias de Artilheria, huma para guarnecer o importante Posto da Fortaleza do Cabedello; e outra para coadejuvar com as Companhias de Infantaria para a defeza da Cidade; e os mais pontos, que se tornarão necessarios. Neste dia entrarão a vir partes dos Comandantes das Villas do Conde, e Alhandra de que hume grande Columna da 1.a, 2.a e 3.a Linha de Infantaria marchava de Goiana a atacar esta Capitania, e tão bem vinhão noticias da Mamanguape, que os Soldados, e mais gentes dos degredados da Ilha de Fernando andavão despersas fazendo roubos, mas sempre dizendo Viva Elrei (tal hera o espirito realista que elles achavão nos Povos que mesmo para os roubar se servião do nome de Elrei Nosso Senhor) Derão-se logo activas providencias, as quaes forão emanadas dos dous Comandantes da Tropa Armada o Coronel de Milicias Mathias da Gama e o Sargento mor Ajudante de Ordens Francisco Ignacio do Valle, para se receber a columna vinda de Goiana e se atrairão á Cidade os debandados da Ilha de Fernando, o que prodozio effeito nestes, virem pouco, e pouco, recolhendo-se aos magotes, de vinte, 12, 6, &, e naquelles o respeito das forças com que se hião atacar.

Deve-se muito aos Indios das duas ditas Villas, pois elles não se quizerão unir aos de Goiana ainda promettendo-lhes grandes somas; e nestas despoziçoens Militares, e Ordens mandadas por groças Patrulhas, remettendo-lhe igualmente moniçoens de Guerra de que tinhão toda a percizão, se gastou o presente dia, e noite, o que deo motivo a não se formalizar o Governo Interino na forma da Lei do Reino, e mesmo por que hera percizo conselho mais prudente, e socegado para se fazer, visto as actuaes circumstancias, que ficão ditas.

Dia 8 quinta feira entravão a recolher-se Patrulhas destacadas de observação, dando parte que a Columna de Goiana, ainda não estava em marcha, mas que tinha botado Patrulhas fortes para o Termo da Villa do Pilar para se aumentar em maior numero, e fazer a esta Capitania diversos Ataques já pelo Sul, e por Oueste; o que deo muita esperança em cazo de Ataque pois havia o Norte, e Leste hem fortificado, e por isso se determinou

a elleição do Governo Interino, que não pôde ser feita conforme a Lei, pois que dos que ella manda só se achava o Membro, o Veriador mais velho e o Militar de maior Patente de Linha o Sargento mor Francisco Ignacio do Valle: como he pratica constante nestas Capitanias Independentes, e Subalternas não entrarem no Governo Officiaes de Milicias, ainda que pagas, e de maior Patente, que os de Linha, e isto pela rezolução Regia (não abolida) de Fevereiro de 1734, e mesmo o Coronel Mathias da Gama, quando elle quizesse, que ninguem lho podia obstar: porem a estes dous tornava-se necessario hir a testa das Tropas á combater os Insurgentes. Não havia Corregedor da Commarca, e nem outro Ministro de vara branca, que entendesse dos negocios Forences. Forão elleitos o Capitão de Tropa de Linha João Soares Neiva, o Veriador mais Velho Manoel Jozè Ribeiro de Almeida; e estes dous já constituidos Governo, nomiarão para Ouvidor, e Corregedor da Commarca (visto a auzencia do posto por Elrei André Alves Pereira Ribeiro e, Cirne) ao Dr. Gregorio Jozé da Silva Coitinho, a qual já tinha sido aqui Corregedor desta Commarca; por tanto ficou sendo o Governo Interino composto do Dr. Gregorio, como Corregedor da Commarca, do Capitão João Soares Neiva, e do Veriador mais Velho Manoel Jozé Ribeiro de Almeida.

Estabelecido assim o Governo nos dous terços contra a lei rezolveo este nomiar Adejuntos ao seo Conselho; e por isso nomiarão quatro, e forão o Coronel Gama e o Major Valle (podião ser ao Conselho, e não podião ser do Governo) ao Capitão João Alves, por ter conhecimento de Agricultura, e ser o melhor realista, que houve (foi muito acertada a Eleição) e o Advogado Francisco Jozé Correia para dirigir o Governo: esta contradição he que se não entende, por que se falta a Lei na nomiação do Dr. Gregorio, (que devia ser o juiz Ordinario como Ouvidor pela Lei, na falta do Ouvidor André Alves) com o pretexto de elle ser Doutorado em Leis, como o Governo nomeia hum letrado para dirigir o Governo, que sertamente não devia ser em outro ramo, senão nos negocios Forenses, que para Armas, e Agricultura já tinha!

Valha-me Deus isto ainda hera Revolução.

Dia 9 sexta feira tiverão os Chefes noticia, de que para os Insurgentes de Goiana se fazerem mais forte mandarão ajuntar a si toda a gente das grandes Povoaçoens das Praias de Tacoára, e Pitimbú; esta ultima que divide a Capitania de Pernambuco com a da Paraiba. E aliás hum Porto bem importante, que conhecido pelos Insurgentes de Pernambuco o tinhão fortificado com 21 Pessas de boa Artelharia e duas Coronadas.

Em consequencia pois determinarão tomar a dita importante Praia fortificada e mandarão aos Capitães Mores dos Indios das Villas de Conde, e Alhandra Jozé Alves, e João Leitão, que fossem com os seos Indios atacar por terra as sobreditas Praias, e mandarão pela beira da Praia Tropas Commandadas por Bartholomeo Peixoto, e Vasconcellos morador na Jacuman com gente do seo Destricto para os atacar ao mesmo tempo, e despozerão terceiro

Ataque por mar em jangadas (o que não teve effeito pelos os outros se adiantarem) Chegarão ao mesmo tempo os dous Corpos de Indios e Ordenanças, e de surpreza tomarão a dita Praia de Pitimbú, arvorando nella a Bandeira Real, e redozindo tudo a obediencia de Elrei, com a prizão tão somente de dous Commandantes das Batarias, cuja Artelharia e sua moniçoens ficou no poder dos Realistas.

Foi então quando se aproveitarão as jangadas, que se mandarão com gente fazer o Ataque por mar, por que estas trocerão a Artilharia e moniçõens que la havia, as quaes todas se recolherão na Fortaleza do Cabedello.

Não custou esta acção aliás tão importante huma só gota de sangue (tal hera tornamos a dizer o espirito dos Povos a favor do seo Rei).

Dia 10 Sabado entrou o Bragantim Principizinho de Sua Magestade Commandado pelo Capitão Tenente Manoel Pereira de Macedo, e Vasconcellos, e huma Sumaca, tão bem armada em Guerra, Comandada pelo 1.o Tenente da Marinha Jozé Joaquim Pereira, a qual trazia carne, e Armamento para esta Capitania, e a do Rio Grande, para honde a Sumaca logo se deregio, depois de deixar aqui o que lhe pertencia, e levar mais algumas moniçõens das que havia na Bahia da Traição, vindas da Ilha de Fernando (cujas moniçõens não poderão vir para aqui por estarem embarcadas nas Embarcaçoens da dita Illha, e a munção lhe hera contraria) Foi este dia mais alegre pocivel para os Vassallos de Sua Magestade, por que já se vião auxiliados com o seo poder; e quando tinhão a Costa guardada, vião os Insurgentes de Goiana, e seo Termo despostos ao Ataque, e segundo as noticias que davão os Capitaens Mores dos Indios das Villas de Conde e Alhandra, e o Sargento mor das Ordenanças das mesmas Villas, estava esta Capitania atacada com forças grandes dos Insurgentes de Goiana, e posto isto em Conselho, foi dito pelo Governo Interino, que nos fizessemos fortes na Cidade, porem os dous Chefes não assentirão neste parecer, propozerço hir-se atacar e destruir todas estas forças revolucionarios, que se achavão em marcha sobre a Cidade. Teve isto muita contestação; porem os Chefes sempre se aprontarão e armarão as Tropas com Artelharia e Cavallaria para o Ataque.

Dia 11. Domingo foi assentado em conselho, que se mandasse huma carta particular ao comandante da Tropa de Linha de Goiana, de hum Irmão seo o capitão Jozé de Barros Falcão que aqui se achava, vindo de Fernando, e espalhar as Proclamaçõens, que tinhão vindo do Bloqueio do Chefe Rodrigo Jozé Ferreira Lobo, e outras noticias das forças grandes Maritimas, que havia neste Porto, para fazer desembarques nos de Goiana, auxiliados por terra com o Exercito da Paraiba, o que prodozio excellente effeito por que tendo o sobredito comandante da Tropa de Linha de Goiana sido entregue da Carta do Irmão, e espalhadas as ditas Proclamaçõens, e noticias, (tudo devido a sagacidade de hum Europeo, por alcunha o Barateiro, o

qual fez muito relevante serviço, andando em hum só dia 36 legoas) logo o sobredito comandante da Tropa de Linha de Goiana, junto com o Capitão mor da mesma e outras fizerão a Contra Revolução, como se dirá no dia 13.

Dia 12. Segunda feira, apezar das despoziçoens do dia antecedente com tudo como se não sabia ainda o rezultado, que ellas terião sempre os chefes mandarão sobir a Vanguarda das suas forças na direção de Goiana as quaes se havião ajuntar outras Tropas da Villa de Campina Grande, e Pilar, no ponto da Feira do gado, para estarem em observação; e aprontarão-se e se pozerão em marcha as Bagagens para todo o Exercito: nestas despoziçõens, e em estado de marcha se passou este dia.

Dia 13. Terça poise com effeito antes de amanhecer tudo em Armas, e em estado de marchar, e tendo-se dado a ordem de Marcha, e já esta em principio apareceo o referido Europeo Barateiro, correndo a desfilada, trazendo a alegre noticia de que Goianna tinha feito a Contra Revolução, e prendido huns poucos dos Cabeças Revolucionarios, que tinhão servido no Governo Provizorio desta Capitania; porem os prezos foram só Ignacio Leopoldo de Albuquerque (que foi aqui governador Provizorio) e seos Irmaons João Nepomuceno, e Jozé de Olanda.

Acompanhava esta noticia hum Officio feito ao Governo Interino desta Capitania dos dous Comandantes de Goiana que ficão referidos, e para mais credito mandarão Officiaes seos para tratar denojo aos de defeza, por que ainda os de Pernambuco, té a Villa de Igraçú estavão revolusionarios: foi então por que os Chefe da Parahyba mandarão fazer alto; mas remetterão Ordens á sua Vanguarda para que estivesse té segunda ordem, e mandarão recolher as Tropas que estavão em marcha.

Seria bom discrever o Detalhe, e forma como marchava o Exercito da Parahiba, e o Plano do Ataque feito a Goiana; porem não ata isto nada para a relação desta Memoria, que só deve ser rezumida aos socessos, e não aos Planos.

No dia 14. Quarta feira entrarão os Governadores do Brejo da Areia com as suas Tropas nesta Cidade, trazendo em triumfo prezos o Padre Antonio de Souza Mello e Albuquerque (que tinha sido nesta Capitania Membro do Governo Provizorio) o Padre Frei Francisco de Santa Mariana, Religiozo da Ordem do Carmo, que se intitulara Ajudante de Campo daquelle Antonio Jozé Ferreira Nobre, Delegado Principal dos rebeldes, e Comandante do Brejo de Areia, o Coronel de Milicias do Rio Grande, Luiz de Albuquerque Maranhão, e o Padre Leonardo da Villa Nova da Rainha.

Este ultimo achava-se innocente na Revolução, e por isso foi logo solto, e o penultimo foi requerido por hum Capitão do Rio Grande de Ordem do Governo Interino realista da mesma Capitania para se lhe entregar o que fez o Governo Interino recebendo cautella.

Não se póde deixar de dizer a forma da entrada destas Tropas

do Brejo da Areia, Bananeiras, Lagoa Grande do Paó, e a Lagoa Verde, que trazião em sua guarda os referidos prezos, e vinhão os Comandantes (ou para milhor dizer os Governadores feitos por si mesmo) dar omenages do Governo Interino da Capital.

Vinha hum Europeo Antonio Jozé Loureiro com huma Faxa verde de Gran Cruz da Ordem de Aviz, o Capitão mor de Mamanguape Sebastião Nobre de Almeida, e o Vigario do Brejo da Areia Frei João de Santa Thereza Religiozo da Provincia da Arrabida com hum Senhor Crucificado Grande, pendente ao pescoço. Marchava a Cavallaria na sua Retaguarda em sentro desta os prezos e na Retaguarda a Infantaria armada, esta de muito poucas Armas de fogo por que tudo o mais hera Arma branca. Forão recebidos com todas as honras Militares, e depois tratarão logo os Chefes da Tropa da Cidade de dar-lhes Quarteis (o que fez nos Conventos) e mandarão monicial-as de todo o precizo.

Tornava-se muito dificultozo o mantimento para esta gente porem graças a Deus, que tudo se arranjou, dando-se-lhe de comer por 3 dias, e dando-se-lhe dinheiro para a sua retirada, tudo ofertado pelos bons Vassallos de Sua Magestade (de quem se fez huma relação) e isto quando o alqueire de farinha valia 6400.

Por aqui se póde ver qual hera o espirito publico em favor da Cauza do Nosso Soberano, pois que nada se pedio ao Erario Regio para estas despezas, e nem mesmo se obrigou a alguem para as fazer, por que elles as fazião voluntarias.

Não foi assim no Brejo da Areia, quando fizerão a Contra Revolução, e se propozerão, e declararão os referidos Governadores, que o herão em Chefes de toda a Capitania, por que sacavão letras de sua propria autoridade em nome de Elrei Nosso Senhor cominando pennas de sequestro em quem as não pagasse, e de tudo isto hera auctor Antonio Jozé Gomes Loureiro, hum dos treis do Governo, e elle mesmo se fes Caixa, ou Quartel Mestre General, té que por fallacias dos outros entregou a Caixa a Frei João de Santa Thereza, que por ultimo ficou soprindo o seo lugar.

Ora, o sobredito Loureiro sendo hum homem derregado em costumes e vendo-se onerado com o pezo de muitas dividas e que já mais havia quem delle se fiasse aproveitou a prezente occazião, por ver se podia conseguir de Elrei Nosso Senhor mais alguma couza, do que já tinha conseguido em hum Officio que tinha na Inspecção do Algudão de Pernambuco, e esta foi a cauza que o moveo, porem elle não foi o autor (como se quer fazer) da Contra Revolução: mas forão sim o Alferes de Ordenanças Antonio Jozé Pequeno, e o Capitão das mesmas João Gonçalves, de acordo com o Capitão Sebastião Nobre de Almeida, e mais o Vigario da Villa de Monte Mor Jozé Antonio Lima, que estes dous ultimos he que tinhão intelligencia com o Coronel Mathias da Gama, João Alves Sanxes Massa da Pacatuba seo filho o Sargento mor Antonio Galdino, e seo Genro o Capitão Manoel da Costa Lima, e nunca houverão

intelligencia com o Sobredito Loureiro, por que elle se tornava muito suspeito, pela sua inconsequencia e falta de procedimento regular, e mesmo hir arvorar a Bandeira Patriotica n'Alagoa Grande do Pahó, como consta de Officio. Nos dias seguintes d remos o mais a que chegou o excesso deste homem.

Dia 15, Quinta feira chamou o Governo Interino a todos os que reprezentavão o Governo do Brejo da Areia, e lhe pedio dessem conta da Caixa Militar, que elles instituirão com letras sacadas sobre os Povos; e a isto respondeo o dito Loureiro com palavras altisonantes dizendo que elle tinha poder (por que so outros se referião a elle) para buscar todos os meios de sustentar a gente armada para a defeza da Corôa; sendo-lhe dito pelo Governo, e os Chefes da força Armada da Cidade, que elles se não tinhão servido de taes meios. pois que tinhão feito a Contra Revolução, sem pedirem contribuição dos Povos, nisto izitou o Loureiro, a ponto de se tornar necessario mandallo prender, mas como a cauza a que elle estava unido hera tão sagrada, teve poucos dias de prizão, e prizão decente no Quartel dos Officiaes da Tropa Paga.

Corrião ainda neste dia muitas partes das imidiaçones entre Pernambuco, e Parahyba de alguns Insurgentes, levantando gente por se oppor a Contra Revolução. He muito percizo notar-se, que o modo por que os Insurgentes fizerão a sua Revolução foi sempre intimidando aos Povos com pennas de morte a quem os não seguisse e dando-lhe dinheiro aquelles que vião mais renittentes para os seguir; e hera este o methodo que praticavão sempre; mas ah! felismente nisto mesmo se enganarão, por que todos querião a Vassalagem de Elrei Nosso Senhor, tanto os da terceira como os da segunda, e primeira ordem (a excessão dos Cabeças e seos secundarios) por que todos os outros fizerão a Contra Revolução, quando se lhe perpocionarão os meios para isso, como fica dito.

Nos dias 16, 17, 18, 19, 20, 21 e 22 5ª. feira, em todos estes dias se applicou o Governo em mandar ordens para os Capitaens Mores do interior (de quem tinhão confiança para a boa Cauza, e deve dizer-se que não há hum só dos Capitaens Mores, que não fossem pela Cauza do Rei, menos o ultimo nos confins da Capitania da Villa nova de Souza, de quem não sabemos por distar cento, e tantos legoas, tão bem o Capitão mor da Cidade João de Albuquerque Maranhão que esse já estava conhecido por Insurgente).

Foram pois as Ordens recebidas, e como la se achava o Corregedor da Commarca, o qual estava na mesma razão que o Governo, prodozio tudo o milhor effeito, que se desejava.

Neste dia foi, que tivemos a alegre noticia, de que em Pernambuco se tinha feito a Contra Revolução, e desembarcado o Commandante do Bloqueio, Rodrigo Jozé Ferreira Lobo para ser o General Interino de Pernambuco: isto deo grande esperança aos Realistas de se verem livres, ou para milhor dizer poderem exprogar os malditos Revolucionarios.

No dia 23. Sexta feira, e no dia 24 Sabado ouve hum grande em baraço no Governo, sobre a deliberação de mandarem prender

alguns dos que tinhão sido membros do Governo Provizorio, e que com effeito não tinhão sido Cabeças da Revolução, e que estavão garantidos com a Capitulação: foi por tanto assentado entre o Governo Interino chamar-se para dicidir a questão (se hera, ou não valioza a Capitulação) ao Comandante das Forças Maritimas o Capitão Tenente Manoel Pereira de Macedo, e Vasconcellos, e este como Prezidente daquelle Congresso: foi a pluridade de Votos assentado que se devia cumprir a Capitulação e só quebrala no cazo de haver suspeita em algum dos que estavão por prender, ou quando Sua Magestade mandasse o contrario pelos seos Delegados, visto que a Capitulação tinha sido feita em circonstancias muito uteis á Cauza de Nosso Soberano pelos Planos conhecidos dos Rebeldes em cauza ultima como já fica dito antecedentemente. Ora he percizo dizer que alem da deliberação dita para se não prenderem no intanto aquelles que tinhão sido do Governo Provizorio; com tudo sempre ficou em se prenderem, quando discidisse o General Interino de Pernambuco ou que ouvesse a mais pequena suspeita para se proceder a prizão.

No dia 25. Domingo foi que se acabou aquella deliberação e ficou assentado não se quebrar de repente a Capitulação; mas hirem-se prendendo com varios pretestos, e o Governo se applicou a destribuir Ordens para toda a Capitania, tendente a prizão dos Revolusionarios, o que se foi executando: neste dia mesmo se receberão Officios do General Interino Rodrigo Lobo, promettendo todos os soccorros, e dando relação dos que deviam ser prezos, por primeiros Cabeças Insurgentes de Pernambuco, e que não tinhão capitulado, como as circonstancias obrigarão a fazer aqui.

Nos dias 26, 27, 28, e 29 de Março, todos se occuparão em receber Comandantes e mais Officiaes das Villas do interior, que vinhão render Vassalagem a Elrei Nosso Senhor nas mãos do Governo e este em distribuir as Ordens necessarias para o socego publico de toda a Capitania, sendo tudo derigido pelo honrado Adjunto ao Governo Francisco Jozé Correia Adevogado nesta Cidade, e más o Secretario Antonio Manoel, da Silva Coelho, os quaes herão os que produzião alguma couza em forma, por que infelismente todas as deliberaçoens des tres do Governo, que todo o tempo gastavão em couzas Inteis, e de nenhum momento, nem mesmo se deliberarão a dar parte geral a Sua Magestade de todo o acontecido nesta Capitania, apezar de ter sido isso muitas vezes requerido pelos Chefes, e até posto em averiguação, se estes a davão particular antes que o Governo a desse, e por isso nem huns, e nem outros a derão, e estes ultimos em obediencia aos primeiros do Governo.

No dia 30, Sexta feira, como tardassem as respostas do General de Pernambuco, de ser ou não valioza a Capitulação, para os que tinhão sido Membros do Governo Provizorio, e que ainda se achavão soltos (os quaes herão só Francisco Xavier Monteiro, e Estevão Jozé Carneiro da Cunha, que os outros já estavão prezos) propos o chefe Gama, que devião ser prezos em Custodia os referidos, até que chegasse a dicizão do General, e por isso

logo o Governo deo Ordem, que se fossem prender aquelles dous e mais Augusto Xavier de Carvalho, e seo Irmão Jozé Maria Xavier de Carvalho: o primeiro destes tinha sido Thezoureiro do Cofre Publico, nomiado Pelo Governo Provizorio, e o segundo já constava, que em Mamanguape tinha sido Agente de seo sobrinho Jozé Peregrino para a sedução dos Povos.

Logo o Chefe Mathias da Gama determinou quem havia prender, ordenou ao Sargento Mor seo Segundo, que fosse prender Francisco Xavier Monteiro, ao Sargento mor de Milicias de Brancos Jozé Francisco que fosse prender Estevão Jozé Carneiro da Cunha; e ao Capitão Bento Luiz da Gama, que fosse prender os dous Irmaons Augusto Xavier, e Jozé Maria Xavier todos cumprirão o que se lhe ordenou mas não o poude assim fazer o Sargento mor de Milicias, por não achar em caza o sobredito Estevão Jozé Carneiro da Cunha, do que deo logo parte, e fazendo todas as diligencias, junto com mais Officiaes nunca se encontrou, e por isso não foi prezo.

Ora a falta deste homem não hé misterio para quem escreve esta veridica memoria, por que ha todo o indicio de que seo Cunhado o Doutor Gregorio Jozé da Silva Coutinho, hum dos Membros do Governo Interino já o tinha posto em cautela, afim de não ser prezo, quando desejava a prizão dos outros; porem quando lhe dezião haviam ser prezos os dous que tinhão sido do Governo Provizorio, elle dizia que não por isso que tão bem tinha sido Adjunto ao mesmo Governo Provizorio, e até para o Convento de S. Bento tinha mandado o seo dinheiro, e prata afim de se guardar dos Realistas, segundo o Plano primeiro feito da sua fortificação em S. Bento.

Nos dias 31 de Maio, 1.º 2.º de junho, todos se applicou o Governo em dar Ordens para o interior da Capitania; porem estas Ordens herão muito tardas para os fins do socego publico, por que os mal intencionadòs servião-se desta occazião para fazer os seos roubos: mas isto inda não hera toda a desgraça, hera sim a falta de hum Governador Pozetivo, que os mandasse e os regesse, por que não havia Ministro algum de Vara branca, e nem mesmo os Territoriaes, e neste cazo cada hum, que tinha maior potencia se arvorava por si mesmo em Juiz, e em Governador (como já fica dito do Lourciro do Brejo da Areia, que se intitulou Governador da Capitania da Paraiba)

No dia 3 receberão-se noticias, que o Ouvidor da Commarca André Alves se achava em Marcha para esta Cidade, depois de ter tido avizos, de que ella estava pela Cauza do Rei, assim como o estava ja toda a Capitania, como fica dito nos dias anteriores; porem elle promoveo todo o socego publico do Certão fazendo Proclamaçoens, que derão motivo a não haver quem la mais as sedozisse.

Nos dias 4, 5, 6 nada houve de momento, e no dia 7 entrou na Cidade o dito Corregedor André Alves, trazendo com sigo alguma gente armada.

Forão esperalo os Chefes Gama, e Valle, e só hum do Governo Interino o Veriador o Doutor Gregorio já tinha sido mandado suspender do exercicio de Ouvidor por huma Carta; e o Capitão João Soares por estar doente não foi.

No dia 8 nada houve de novo; porem no dia 9 ajuntarão-se os Membros do Governo, que forão o Capitão João Soares, e o Veriador Manoel Jozé Ribeiro (não aparecendo o Doutor Gregorio) e juntos com o Ouvidor André Alves, deliberarão formar o Governo, conforme a Lei dos Governos Interinos, e para isso forão chamados a Conselhos os dous chefes acima ditos. Ficou então sendo o Governo Interino composto da Patente maior Militar (ainda que de Milicias) o Coronel Mathias da Gama, o Ouvidor André Alves, e o Veriador Manoel Jozé Ribeiro de Almeida: porem neste mesmo dia, dia felis, dia gloriozo, dia que veio fazer a felicidade destes Povos, os quaes não terião cahido na desgraça de Insurgentes, se tivessem hum Governador.

Aparece huma Parte Official do Comandante do Tambaú, que diz=ahi chegou o nosso Governador na Sumaca Bandurra, eu já lhe meti Pratico, e vai entrar á Barra do Cabedello. Com a noticia ficou tudo alegre, e não sabiam os homens huns com os outros, a quem havião dar os parabens. As 6 horas da tarde do mesmo dia veio huma parte do Comandante Interino do Cabedello dizendo=que tinhão entrado duas Sumacas e que em huma dellas vinha o Ill.mo Sr. Governador desta Capitania. Logo seguida a esta Parte apareceo huma participação do dito Ill.mo Snr. Governador do Governo Interino, dizendo-lhe a sua chegada, e por isso o Governo Interino logo mandou ao Segundo Chefe da Tropa como Ajudante d'Ordens, que hera do Governo por Sua Magestade para o hir receber, o qual marchou immediatamente para o Cabedello, levando hum Oficio do Governo Interino para a determinação do seo desembarque, e da Tropa de Linha que vinha na outra Sumaca, como se dirá no dia seguinte.

Dia 10. Entrarão-se a prontar as Embarcaçoens miudas para o desembarque do Governo, e da Tropa que com elle vinha. Deve notar-se vinhão com o Governo seo Irmão Henrique de Souza Mafra Capitão da Brigada, e seo Ajudante de Ordens, hum Sargento, e 3 soldados da dita Brigada Real da Marinha. A Tropa hera composta de hum Capitão (Thomé Ferraz Madeira) 3 subalternos, 2 sargentos, 6 cabos, 2 tambores, e 100 soldados todos de artilharia, e vinhão mais 4 Alferes Instructores para as Tropas desta Capitania, e herão dous para Infantaria, hum para Cassadores, e outro para Cavallaria.

Não se pôde neste dia pois fazer o desembarque, por não se ajuntarem todas as embarcaçoens precizas, pois até neste dia, se estava calafetando a Alvarenga, que estava descozida (tal hera o estado em que os Provizorios deixavão por tudo o que lhe hera mais util).

No dia 11 as 10 horas da manhã, e todos os acima ditos mais os Membros do Governo Interino, que de madrugada tinhão

hido a Cabedello, para o comprimentar, e chegarão a Cidade a huma hora da tarde, e logo o Ill.mo Sr. Governador se deregio a Igreja Matriz dar graças ao Todo Poderozo de ter chegado com felicidade, e achar estes Povos tranquilos, e livres dos Malvados, que por pouco tempo os dominarão.

O Vigario da Parochia com os Sacerdotes intoarão Himno de Thedeo Laudamus. Foi este dia o de hum prazer inexplicavel, pois se mostrava na Respeitoza Pessoa do Governador a Respeitoza, e Augusta Magestade de Quem o mandou.

Ouve iluminação ao geral e voluntaria em toda a Cidade, e as senhoras estavão das suas janellas a botar flores o Governos, e aos bravos Militares da sua Commetiva.

Recolhido, que fosse á Caza de sua rezidencia; o Corregedor da Commarca ja tinha preparado na da sua hum lauto jantar para o Governo, e todos os seos Officiaes.

O Batalhão da cidade estava formado com Pessas de Artelharia, e quando se fes a saúde a sua Magestade deo descargas.

No dia 12 pelas 3 horas da tarde marcharão ao Governo Interino, e o Ill.mo Sr. Governador com hum luzido acompanhamento de Officiaes Militares, e Cidadaons para a Matriz, ahonde depois de lida a Carta Regia pelo Secretario do Governo e mais outras seremonias do costume, em taes occazions o Governo Interino lhe deo a posse, de que se fes termo no Livro competente, e assignarão todos.

Logo se seguio hum Thedeo Laudamus, dando graças a Deus pela sua posse, e pedindo-lhe promettisse, que governasse, conforme ao espirito do seo coração, as intrusoens do Soberano e ao caracter da sua honra, brio, e Filantropia, que tem mostrado na sua Carreira Militar.

Deve ter fim aqui esta Memoria; por que de hoje em diante, já este Orizonte mostra outra face, e as deliberaçoens são de outra natureza, que não herão té agora; porem sempre devemos acrescentar, que Deus Nosso Senhor emparou os moradores desta Cidade, e Capitania, por que haver huma Revolução e Contra Revolução, sem haver huma morte na cidade, he couza, que tem Misterio, e isto em huma Guerra, que o Pai desconfiava do Filho, o Filho do Pai o Marido da Mulher, e esta do Marido, e mesmo que tendo todos ou quaze todos o coração Realista, com tudo se não fiavão de se descobrirem, e podemos dizer com verdade, que forão muito poucos, os que tiverão corage, para arrastar os perigos, e sempre constantes se mostrarão; como as mesmas Cabeças Insurgentes conhecião, e por tanto as maltratavão, mas sem os fozilar, como fizerão em Pernambuco. Seja por tanto dadas a Deus as devidas graças.

A Portaria do Governo Interino Realista, que numiou ao Sargento mor Francisco Ignacio para 2.o Comandante de toda a Tropa Armada da Capitania vai abaixo escripta; assim como a carta que o Confessor dos Reos de Alta Traição desta Capitania

lhe escreveo, por pedido, e confissão de hum delles, quando estava no Oratorio, e Patibulo.

PORTARIA

Os governadores Interinos da Capitania da Parahiba do Norte, por sua Magestade Fidelissima, a quem Deos Guarde &.

Tendo Nós consideração ao merecimento de Francisco Ignacio do Valle, Sargento Mór de Linha, e Ajudante das Ordens deste Governo, e ao zelo e fidelidade, com que sempre procedeo no Real Serviço, do que, sem duvida procedeo ser elle ultrajado, e preceguido pelo extincto Governo da Rebelião, havendo mostrado tanto apêgo á cauza de Sua Magestade, que renunciou entrar neste Governo, como lhe cabia depois do Coronel da Cavallaria Miliciana Mathias da Gama Cabral, e Vasconsellos, e isto para que melhor se empregasse no arranjo das Tropas de Sua Magestade nesta cidade, e Capitania, não só de Linha, como Milicianos, e Ordenanças; por todos estes motivos. Nomiamos ao dito Sargento Mor Francisco Ignacio do Valle, para concorrer, e cooperar com Referido Coronel Mathias da Gama Cabral, e Vasconsellos no Commando das ditas Tropas, esperando da sua idoneidade, que elle proceda com toda a circunspeção, e energia, que requer o bem da Cauza de Sua Magestade, e de que elle tem dado tantas provas; servindo debaixo do mesmo juramento, que me já prestou, e guardando as Ordens deste Governo. Em firmeza do que lhe Mandamos passar a prezente por Nós assignada, e Sellada com o sello das Armas Reaes, a qual se registará na Secretaria deste Governo e honde mais tocar. Antonio Joaquim Ferreira Marques Official da Secretaria do Governo a fes em a Cidade de Nossa Senhora das Neves da Parahiba do Norte aos oito dias do mes, de Maio Anno do Nassimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oito centos, e dezessete. Antonio Manoel da Silva Coelho Secretario do Governo a fes escrever Doutor Gregorio Jozé da Silva Coutinho, João Soares Neiva, Manoel Jozé Ribeiro de Almeida. Numiação pela qual V. S.as Houverão por bem Numiar ao Sargento Mor Francisco Ignacio do Valle, para segundo Comandante de todos as Tropas desta Capitania, pelos respeitos nelia declarada. Para V. S.as verem. Registrada a *fl. 323* do Livro Competente, que serve de registros nesta Secretaria do Governo. Parahiba 8 de Maio de 1817 ·|.

Antonio Manoel da Silva Coelho.

N.º 561

Pagou Mil reis de Sello. Parahyba 16 de Maio de 1817 .|

Cezar Moira.

CARTA

Illustrissimo Senhor Sargento Mor Francisco Ignacio do Valle.

A 20 de Agostosobio para o Oratorio desta Cadeia do Recife o reo de Alta Traição Jozé Peregrino Xavier de Carvalho. Tive a grande satisfação de ver hum Saulo convertido em hum Paulo.

A confissão das suas culpas foi a mais sincera, e foi até quaze publica, e o que mais o aguilhoava foi o ter attentado tantas vezes, e infiuido contra a vida de V. S.a, e da do seo Mano a pedir-lhes pelo amor de Deus o perdão geral de todos os excessos, que fes para lhes arrancar a vida, e perdel-as inteiramente; e juntamente que por via de V. S. esta mesma Carta fosse a mão de todos aquelles a quem V. S. soubesse, que elle igualmente tinha offendido nessa tão negra e damnada Revolução. Este mesmo pedido o tornou a fazer no dia 21, quando ja estava nas escadas da forca, para que eu não me esquecesse. Foi couza espantoza a sua conversão, foi hum Manasses nos ferros do Oratorio, foi hum Dimas no Patibulo. Dos amigos, e dos máos livros he de quem elle se queixava altamente que lhe tinhão estragado o coração e quem lhe fes levantar a sacrilega mão contra o Throno, e o altar.

Sei que apezar de tantas offensas deste reo, sei que lhe ha de perdoar, e fazer, que todos lhe perdoem igualmente por que sei, que he Christão verdadeiro, por isso mesmo que foi hum Realista verdadeiro e assim não me canso em lhe mostrar os nossos deveres: más sim só a obrigação que tenho de ser De V. S.a o menor Servo e o maior Amante. Convento de Santo Antonio da Villa do Recife aos 28 de Agosto de 1817 Frei Antonio das Neves.

Reconheço ser a letra e firma da Carta Retro ser propria de Frei Antonio das Neves, por o mesmo se achar nesta Cidade e ter toda a certeza, e dizer mesmo ser propria. Parahyba 2 de Novembro de 1817. Em fé e testemunho de verdade. O Tabelião P. Antonio Vás Ferreira.

Rellação dos Infelizes, que forão Cabeças, e Secundarios da Rebellião da Paraiba.

CABEÇAS

Francisco Joze da Silveira—Ajudante de Ordens do Governo e Governador Interino.

Amaro Gomes Coutinho Coronel de Milicias.

Ignacio Leopoldo de Albuquerque—Governador Provizorio dos Insurgentes.

Padre Antonio Pereira de Albuquerque—Idem.

Jozé Peregrino Chavier de Carvalho—Ajudante de Tropa pe Linha, e filho do Letrado Augusto Chavier de Carvalho.

Estevão Jozé Carneiro da Cunha—Comandante do Batalhão de Linha.

As Cabeças dos acima ditos aqui estão postas em páos nos pontos mais publicos da Cidade, menos a do ultimo, porque fogio logo na Contra Revolução.

SECUNDARIOS

Francisco Chavier Monteiro da Franca—Que lhe foi perdoado a morte e hera hum dos do Governo Insurgente.

João de Albuquerque Maranhão—Capitão mor da Cidade. Está prezo.

Jozé Maria Xavier de Carvalho.

Seo Irmão. Está prezo.

Jozé Maria de Mello e Albuquerque—Alferes de Linha. Está prezo.

Manoel Lobo de Miranda Henrique—Paisano, porem Irmão do asima dito dito, e Genro do Malvado Silveira. Está prezo.

Francisco Antonio da Silva—Capitão da Tropa de Linha, e infelismente compremettido pelo dito Malvado. Está prezo.

Manoel Jozé da Silva—Tenente de Milicias, e cazado com huma filha de Thomas Lourenço da Silva. Está prezo.

Ha outros muitos que V. Exc.a não pode conhecer, e chegão por todo ao numero de 80: porem o primeiro destes me consterna o coração. Ah! Escomungados Pedreiros Livres! que tem estragado o Mundo, e tão bem influirão na desgraça deste Homem, que não foi mais, do que chamado para aquelle lugar; por isso vejo que os Homens são piores que os brutos, quando Deus os dezampara dos seos auxilios.

(Assignado) **Francisco Ignacio do Valle.**

NOTA—Foi impossivel reprodnzir a grande quantidade de abreviaturas que havia no original. No mais foi seguida a ortographia deste tanto quanto possivel.

DA REDACÇÃO.

UM DEUS ASIATICO NA PARAHYBA

Tenho sobre minha mesa de trabalho um deus asiatico protovedico de velhissima religião fetichista.

E' um muyrakitan e como todos os deuses tem tambem sua lenda.

Imagine agora o leitor o meu espanto ao achar aqui num recanto da «velha e atrazada» Parahyba um deus antigo. Foi um espanto igual ao que experimentou Eça ao ver um deus de rabona jantando á mesa do Hotel Sheperd, no Cairo, a cujo lado «pousava de leve, sobre um escabello mourisco, uma senhora vestida de branco», a quem elle sò via «a massa esplendida de cabellos louros e as costas, perfeitas e graciosas, como as de uma estatua de Praxiteles que usasse um collete de Madame Marcel».

Mas o typo gordo e molle a quem o criado do hotel chamára—*le Dieu*, era para os simples mortaes conhecedores do idioma de Rostand simplesmente—*le deux*, e para o Eça, vencidas as primeiras impressões, Theophilo Gauthier, o auctor de Mademoiselle de Maupiu, o plastico mestre do Romantismo».

O deus asiatico protovedico que hoje faz parte de meu patrimonio, como cousa inestimavel, não é como o deus producto da má pronuncia do criado do Hotel Sheperd e da phantazia do Eça; é um deus verdadeiro porque teve culto e, como todos os deus,

das lendas, é infinitamente poderoso, infinitamente bom e extraordinariamente milagroso...

Conta-se que cercava elle de mil felicidades os seus possuidores, coroavam-lhes de bons resultados nas suas emprezas, curavam-lhes das molestias dos rins...

Fetichismo, polytheismo, monotheismo—eis os elos da cadeia evolutiva das crenças religiosas.

O muyrakitan é um deus do fetichismo inicial. Tem pois o prestigio que lhe deu o perpassar dos seculos.

Mas o que lhe dá verdadeira importancia, nestes tempos em que o homem procura desvandar todos os mysterios, é o facto de se o encontrar na America como objecto de culto entre certas tribus selvagens.

A'quelles que se dedicam aos estudo de historia, principalmente de historia da America, isto impressiona sobre modo, E' o muyrakitan uma prova de que a humanidade e sua civilização houve berço no continente americano, dirão uns. E' a reliquia que deixaramentre nós migrações de povos asiaticos em remotissimas eras, dirão outros.

Se para os velhos povos da Asia, para as Amazonas e os indigenas do Brasil eram deuses, se para o ethnologo são rarissimos documentos historicos, para o mineralogista são os muyrakitans umas simples pedras que devem ser classificadas.

«Buffon dá-lhes o nome de jades, pedras nephriticas, considerando-as como uma materia mixta, intermediarias entre as pedras quartzosas e as micaceas ou talquosas.

«Omalius classifica-as na familia das silicides, de um subgenero que conserva o nome de feldespath.

«Humboltd tambem se refere a ellas e diz que é feldspath commum». (1)

---

(1)—*Vultos e descobrimentos do Brasil e da Amozonia, por Ignacio Moura e Estephanio Silva.*

Pelo lado da forma, o ser em que a fecunda imaginação da Asia condensava uma enorme quantidade de energia consciente, apresenta apenas as linhas indecisas de uma rã.

Ainda hoje preoccupa aos scientistas a sua modellagem, Extremamente rigido, o muyrakitan é apenas riscado pelo topazio e pelo diamante.

H. Fischer diz que sò existem jazidas de nephritite no Turkentan e de jadeite em Junau. Meyer affirma, porem, que na Europa, na Asia, na Oceania e na America tambem se encontram.

«No entanto (diz Candido Costa) taes jazidas não descobriram ainda no continente americano, no dizer do Marquez de Nadaillac; porém o illustre dr. Sylvio Romero, na Ethnographia Brazileira, argumenta: «Perdeu-se certamente o conhecimento das jazidas originarias do mineral; ellas porém devem existir no continente, ao menos no Mexico e na região amazonica».

«Não penso assim; se no Amazonas ellas existem, o uso do myrakitan entre os indios, que formam differentes tribus, seria vulgar ainda hoje; no entanto é muito difficil encontrar-se alli tal objecto.

Não se pode tambem admittir a possibilidade de terem os indios perdido a idéa da existencia dessas minas e do seu local, quando elles guardam entre si tradição de factos antiquissimos» (2).

Se os muyrakitans são feldspath commum delles ha jazidas na comarca do Monteiro deste Estado.

Em seu relatorio sobre as minas da Parahyba, o Dr. Paulino Lopes da Cruz, tratando de Cacimba de Cima, diz: «Nesse lugar encontrei em grande quantidade o cristal colorido em rosea, o *feldspath* colorido em rosea e *verde*». (3).

Muyrakitan é o feldspath verde.

Mas pouco importa o existir ou não entre nos jazidas de muyrakitans. O que impressiona ao ethno-

---

(2) – *As duas Americas, por Candido Costa, pag. 95.*

(3)—*A Parahyba, por João de L. Tavares, pag, 143.*

logo é o muyrakitan ter sido um fetiche na velha Asia e um talisman entre os indigenas do Brasil.

Ignacio Moura e Estephanio Silva, em sua monographia «Vultos e descobrimentos do Brazil e da Amazonia», assim se expressam a respeito dos muyrakitans: «Prende-se a existencia phantastica ou verdadeira das amazonas no continente amazonico o apparecimento das pedras chamadas muyrakitans, de varios tamanhos e de formas diversas. como seixos rolados, a forma ou figura que as mais das vezes representam é a de uma rã.

Mesmo nos tempos coloniaes, ellas já eram raras e hoje ainda mais preciosas são ao limitadissimo numero de seus possuidores.

«O certo é que ellas eram uma lembrança que as amazonas entregavam aos seus amantes, no tempo em que commerciavam com elles».

O muyrakitan que possuo foi achado no engenho «Estivas,» de meu avô capitão Adelino Bezerra Cavalcanti.

Teria sido elle perdido pelas Amazonas nas plagas parahybanas? A nossa cara Parahyba que, tres mil annos antes de nós, recebeu visitas dos navios de Salomão, teria tambem hospedado as terriveis guerreiras das lendas?

Uma corrente de opiniões dá os muyrakitans como originarios da Asia; por isso intitulei meu modesto trabalho—*Um deus asiatico na Parahyba.*—

Quer se considere como de origem asiatica, tendo sido perdido por povos protovedicos emigrantes, quer se considere como tendo sido deixado nas plagas parahybanas pelas amazonas, o muyrakitan—deus do fetichismo inicial, obra d'arte primeva—é uma reliquia do passado, um monumento historico de valor inestimavel.

Alcides Bezerra

MEMORIA

SOBRE OS MELHORAMENTOS DE QUE PRECISA A PROVINCIA DA PARAHYBA PELO ENGENHEIRO DE MINAS

DR. FRANCISCO SOARES DA SILVA RETUMBA

O presente trabalho é consequencia da viagem que effectuei ao interior da provincia que durou de 6 de Março do anno passado a 15 do mesmo mez do presente anno.

Em officio que dirigi da cidade de Pombal em data de 7 de Agosto de 1886 ao Exm. Sr. Dr. Antonio Herculano de Souza Bandeira, então presidente da provincia, expuz, mais ou menos, o estado das localidades que havia percorrido até aquelle dia, e expendi varias considerações sobre algumas medidas que convinha fossem adoptadas com urgencia, no intuito de contribuir para o engrandecimento e a prosperidade da provincia da Parahyba. Venho hoje completar minhas ideas a semelhante respeito e expender outras considerações que me suggeriu o resto da viagem.

Devo, porem, antes de tudo, protestar contra o pessimismo de muitos de meus compatriotas que pintavam-me o estado da provincia com cores tão carregadas que realmente me fizeram suppor, algum tempo, ser de todo o ponto impossivel salval-a.

O mal felizmente não é tão grande e pode ser remediado.

Tratarei da questão em termos geraes, reservando para occasião mais folgada o exame e estado de cada localidade em particular.

Realisando a penosa excursão, de que fallei em começo, foi meu fim principal, senão descobrir, apreciar, ao menos, por mim mesmo, as causas immediatas do atraso deploravel, mais do que

isto, do estado de inercia completa em que permanece, desde ha muito, a provincia.

Foi tambem proposito meu examinar o que ainda nos resta de força e coragem, quaes os elementos de que podemos ainda dispor afim de tentarmos a obra de regeneração e salvarmos o que sabemos que de tudo se não perdeu ainda. Se, por um lado, doeu-me o que vi por outro, consola-me ter adquirido provas sufficientes que me habilitaram a proclamar bem alto que neste nosso torrão patrio, tão injustamente calumniado, tão abandonado, por todos ainda ha homens energicos que estão dispostos a tudo sacrificarem em bem da felicidade e do progresso da patria. Tive occasião de conhecel-os e aprecial-os de perto, e com elles conto para auxiliarem-me mutuamente na pesadissima tarefa de reerguer a provincia do estado de abatimento a que se deixou levar; estou bem certo que por sua vez, permanecerão elles firmes e fieis a palavra empenhada.

Assim, pois, com a palavra brutal que justifica a imminencia do perigo, façamos a confissão plena de nossas faltas, exponhamos com imparcialidade e clareza a serie por demais longa de nossas necessidades as mais elementares.

Alludia, em outro trabalho a uberdade prodigiosa de nosso solo, mencionando grande parte das riquezas naturaes que tanto abundam nos sertões do interior; fallei igualmente do estado de completo abandono a que a indifferença, por um lado, a ignorancia e falta de capitaes, por outro, tem condemnado aquelle tão precioso thesouro, que, em mãos de pessoas ousadas e entendidas, faria hoje da pobrissima provincia da Parahyba um emporio commercial e industrial sem rival no mundo.

Não é minha intenção repetir aqui tudo quanto ficou dito no trabalho a que me referi que não é outro senão o relatorio que enviei da cidade de Pombal.

Para elle quero chamar tão somente a attenção dos leitores afim de que o exposto na presente memoria seja, tanto quanto possivel, combinado com as idéas daquelle relatorio que corre, aliás, impresso.

Filho da capital da Parahyba, della estive ausente cerca de vinte annos: ao voltar, não a conheci quasi!

Outr'ora, acodem-me de chofre ao espirito as recordações todas daquelles tempos, nossa provincia como que prosperava, um certo bem estar como que a animava, ás cores do futuro pareciam de rosa. Não tinhamos, como hoje, é verdade, nem estrada de ferro, nem commercio directo com a Europa; tinhamos, porem, negociantes, tinhamos casas exportadoras de algodão, assucar e outros generos, tinhamos capitalistas, pequenos embora, mas elles existiam: dez, quinze, vinte nomes estão a cahir-me da penna. Mas para que cital-os? seria avizar as dores cruciantes da saudade.

Presentemente, ninguem ignora, a exportação de nossos generos, mesmo o que ha de mais simples e comesinhos, se faz quasi toda por intermedio de duas ou tres casas commerciaes, a principal das quaes estrangeira e dispondo, alem de tudo, de pouco capital; é, pois, quasi natural, rigorosamente fallando, que só tenham

ellas por alvo unico curar de seus interesses proprios, incommodando-se pouco ou nada com a miseria que vai matando a provincia.

Dahi forçosamente uma especie de monopolio commercial, em vez da doce liberdade dos tempos idos.

Nessas condições, tristissimas, como é possivel que venha o agricultor á capital em procura de sahida para os productos de seu trabalho, se, ao approximar-se, tão somente encontra elle portas fechadas e alguma que, por acaso se abra, para logo arma-lhe a força?

E nem é tudo.

O sertanejo, como se sabe, em vindo a praça, tem dous fins em vista; vender os generos que traz e levar para o interior outros que o habilitem a viver com sua familia, senão todo o anno, ao menos grande parte delle.

Esses generos onde, como e a que preço os comprará elle na capital da Parahyba?

Ja bem se ve que, por força do monopolio commercial, a que alludi, o dinheiro que lhe deram os negociantes exportadores em troca de sua mercadoria, o qual nem sempre é pago todo a vista, ficou, sem duvida, a quem do que elle esperava; e ainda assim, grande parte desse dinheiro tem elle de levar para o sertão, afim de occorrer ás despezas necessarias á contribuição de seu trabalho.

Segue-se, pois, que para seu consumo nada ou quasi nada poderá elle comprar á moeda, vendo-se dest'arte obrigado a recorrer ao credito, sim; mas para pagar quando? na safra seguinte, sem contestação, e isto se porventura, não vir lançal-o na miseria alguma secca inesperada.

Mas é finalmente esse credito a longo praso que o sertanejo não pode obter dos negociantes da capital, grande parte dos quaes, por sua vez, se abastece na praça de Pernambuco que, muito de industria so lhes concede prasos fixos relativamente curtos, ao passo que, no visivel intuito de attrahir ao Recife os sertanejos do alto sertão da Parahyba, a estes de boa vontade concede prazos mais amplos e até duplos.

Em abono do negociante parahybano, devo igualmente dizer que o estado do sertão a ninguem inspira confiança, tal é o desacalabro que lavra em quasi todo o ramo de negocio.

As seccas continuas e periodicas que tantos males tem causado a esta provincia estão quasi sempre imminentes e ninguem se sente garantido contra ellas, não havendo meio nenhum de combatel-os que se ache ao alcance do sertanejo; não que esses meios faltem em absoluto, mas porque o sertanejo esta baldo, baldissimo, não só de recursos scientificos, o que é um mal extremo, mas ainda de recurso financeiro, o que é, para o caso, mil vezes peior.

Parece incrivel, mas é a verdade, se algum individuo energico, no alto sertão, ousa entrar em luta com os elementos e necesssita de capitaes para domal-os, acha-os sem duvida, se sua influencia social e politica é enorme, mas ao juro hediondo de

5o|o ao mez, o que quer dizer 60o|o ao anno; isso é desanimador.

A vista do exposto, comprehendem todos que tudo pode o sertanejo pôr em pratica no intuito de melhorar seu negocio, aliás, seu unico meio de vida; tudo pode elle tentar, menos continuar a vir vender seu genero no mercado da capital.

E' uma falta de patriotismo, dirão. Talvez; mas eu, que, em meus escriptos, não me canso, nem me cansarei, jamais de invocar o patriotismo dos parahybanos, sou o primeiro a reconhecer que não ha amor, nem patriotismo de especie alguma, que permaneça firme diante das leis fataes da natureza, a lei da fome, a lei da vida.

A essas circumstancias difficeis, vem juntar-se uma outra, talvez a mais desesperante de todas; refiro-me a falta de communicações rapidas entre o centro e a capital da provincia.

Já não é tanto da zona dos brejos que quero fallar, mas da do alto sertão, dessa zona vastissima que se estende desde a Serra da Borburema até confinar com a visinha provincia do Ceará. Para a zona dos brejos ha ainda o magro recurso da estrada de ferro «Conde d'Eu», a qual se presentemente está longe ainda de corresponder ao fim para que foi creada, algum dia ha de melhorar por força, á medida que a forem aperfeiçoando aos poucos e ao mesmo tempo, desde que começarem a por em pratica os melhoramentos complementares e logicos que exige o estabelecimento de uma estrada de ferro qualquer. Mas o alto sertão absolutamente de tudo se acha desprovido.

Entretanto, é facto para mim fora de toda duvida, para a provincia maiores vantagens resultarão do estabelecimento de communicações rapidas entre o sertão e os brejos de que entre estes e a capital; pois que, com effeito é a zona dos brejos o celleiro de quasi toda a provincia, até mesmo das provincias limitrophes.

Para quem viaja nos sertões da provincia, não é, por certo, facto desconhecido a immensa quantidade de comboeiros que andam a vagar por todas as estradas. Quasi sem excepção dirigem-se todos para os brejos e destes para o sertão, em procura uns de generos alimenticios de primeira necessidade, outros os conduzindo já.

Outro tanto acontece á grande parte da provincia do Rio Grande do Norte, que igualmente vem se abastecer nesta nossa bemdicta zona productora, como muitissimas vezes tive occasião de observar por mim mesmo

E note-se que esses generos vão ser vendidos novamente no sertão por preços elevadissimos, inteiramente fora do alcance da pobresa, justamente a que maiores necessidades padece.

E se não faltassem essas communicações de que fallo não seria, por ventura, bem diversa, mais commoda e mais prospera a situação tanto do sertão, como mesmo dos brejos? sem nenhuma duvida.

De todo o exposto uma conclusão logica impõe-se: é que a falta de communicações rapidas torna a vida do sertanejo muitissima mais cara do que devera ser, ás vezes absolutamente quasi impossivel. E essa mesma carencia de communicações, junta á

ausencia completa de negociantes exportadores na capital ao mesmo tempo que a pobreza e miseria do commercio interno da Parahyba, que não quer ou não pode vender a credito por prasos longos, que dá motivo a que o sertanejo procure outros canaes por onde possa dar sahida a seus productos industriaes ou agricolas, recorrendo dest'arte aos portos estranhos á provincia.

Em primeiro logar offerece-se o porto de Pernambuco naturalmente, para onde, em verdade, todos affluem.

O algodão que é a cultura por excellencia do centro da provincia, é dirigido quasi todo para esse ponto, posso affirmal-o com quasi certeza absoluta; de sorte que Pernambuco se tem tornado a praça do norte que mais algodão exporta, quando realmente não é essa provincia a que mais algodão produz.

Não se veja em minhas palavras queixa ou desgosto de qualquer especie. Reconheço plenamente que a praça de Pernambuco, como qualquer outra, assiste o direito legitimo de estender suas operações commerciaes tão longe quanto lhes aprover. Debaixo desse ponto de vista, quer se limite a seu territorio nossa irmã do sul, quer invada o dominio de provincias limitrophes, nada há que possa embargar-lhe o passo; pois a liberdade a garante de sobra.

O que, porem, revolta meus sentimentos de provincialismo é a indifferença e desidi ade meus comprovincianos, que, longe de acceitarem batalha contra a provincia visinha no campo da sciencia economica, cruzam os braços e assistem impassiveis a invasão e a expoliação.

E se todo nosso algodão não toma o caminho de Pernambuco é porque em certas localidades acha o sertanejo mais vantajoso envial-a para diversos pontos do Rio Grande do Norte, taes como Macaú, Mossoró, Macahyba, Cuarapes etc. Ao porto da Parahyba, nada vem ter mui pouco pelo menos.

Como não ser assim, se em qualquer destes portos vende o sertanejo seus productos mais em conta? alem de que os fretes são mais baratos.

Vejamos.

No alto sertão para se obter dez (10) arrobas de algodão em rama são necessarias vinte e duas (22) arrobas de algodão em caroço, bem entendido, segundo o peso ali adoptado.

O machinismo para preparar a lan e que tem o nome generico de bolandeira cobra seis mil réis (6$000) para por uma carga de algodão em estado de seguir viagem.

No mez de Setembro do anno passado custava a arroba de algodão em caroço cerca de mil e trezentos réis (1$300); hoje está descido talvez algum tanto. Os preços de transporte em costas de animaes, unico conhecido, seja para o Recife, estrada de ferro do Limoeiro, ou qualquer dos portos da provincia do Rio Grande do Norte, são excessivos, digamos, na media quinze mil reis (15$000), bem que saiba eu achar-se semelhante quantia muito a quem da realidade, para certas localidades. Temos, pois, que uma carga de lan custa para chegar a qualquer porto de embarque:

5o|o ao mez, o que quer dizer 60o|o ao anno; isso é desanimador.

A vista do exposto, comprehendem todos que tudo pode o sertanejo pôr em pratica no intuito de melhorar seu negocio, aliás, seu unico meio de vida; tudo pode elle tentar, menos continuar a vir vender seu genero no mercado da capital.

E' uma falta de patriotismo, dirão. Talvez; mas eu, que, em meus escriptos, não me canso, nem me cansarei, jamais de invocar o patriotismo dos parahybanos, sou o primeiro a reconhecer que não ha amor, nem patriotismo de especie alguma, que permaneça firme diante das leis fataes da natureza, a lei da fome, a lei da vida.

A essas circumstancias difficeis, vem juntar-se uma outra, talvez a mais desesperante de todas; refiro-me a falta de communicações rapidas entre o centro e a capital da provincia.

Já não é tanto da zona dos brejos que quero fallar, mas da do alto sertão, dessa zona vastissima que se estende desde a Serra da Borburema até confinar com a visinha provincia do Ceará. Para a zona dos brejos ha ainda o magro recurso da estrada de ferro "Conde d'Eu", a qual se presentemente está longe ainda de corresponder ao fim para que foi creada, algum dia ha de melhorar por força, á medida que a forem aperfeiçoando aos poucos e ao mesmo tempo, desde que começarem a por em pratica os melhoramentos complementares e logicos que exige o estabelecimento de uma estrada de ferro qualquer. Mas o alto sertão absolutamente de tudo se acha desprovido.

Entretanto, é facto para mim fora de toda duvida, para a provincia maiores vantagens resultarão do estabelecimento de communicações rapidas entre o sertão e os brejos de que entre estes e a capital; pois que, com effeito é a zona dos brejos o celleiro de quasi toda a provincia, até mesmo das provincias limitrophes.

Para quem viaja nos sertões da provincia, não é, por certo, facto desconhecido a immensa quantidade de comboeiros que andam a vagar por todas as estradas. Quasi sem excepção dirigem-se todos para os brejos e destes para o sertão, em procura uns de generos alimenticios de primeira necessidade, outros os conduzindo já.

Outro tanto acontece á grande parte da provincia do Rio Grande do Norte, que igualmente vem se abastecer nesta nossa bemdicta zona productora, como muitissimas vezes tive occasião de observar por mim mesmo

E note-se que esses generos vão ser vendidos novamente no sertão por preços elevadissimos, inteiramente fora do alcance da pobresa, justamente a que maiores necessidades padece.

E se não faltassem essas communicações de que fallo não seria, por ventura, bem diversa, mais commoda e mais prospera a situação tanto do sertão, como mesmo dos brejos? sem nenhuma duvida.

De todo o exposto uma conclusão logica impõe-se: é que a falta de communicações rapidas torna a vida do sertanejo muitissima mais cara do que devera ser, ás vezes absolutamente quasi impossivel. E essa mesma carencia de communicações, junta á

ausencia completa de negociantes exportadores na capital ao mesmo tempo que a pobreza e miseria do commercio interno da Parahyba, que não quer ou não pode vender a credito por prasos longos, que dá motivo a que o sertanejo procure outros canaes por onde possa dar sahida a seus productos industriaes ou agricolas, recorrendo dest'arte aos portos estranhos á provincia.

Em primeiro logar offerece-se o porto de Pernambuco naturalmente, para onde, em verdade, todos affluem.

O algodão que é a cultura por excellencia do centro da provincia, é dirigido quasi todo para esse ponto, posso affirmal-o com quasi certeza absoluta; de sorte que Pernambuco se tem tornado a praça do norte que mais algodão exporta, quando realmente não é essa provincia a que mais algodão produz.

Não se veja em minhas palavras queixa ou desgosto de qualquer especie. Reconheço plenamente que a praça de Pernambuco, como qualquer outra, assiste o direito legitimo de estender suas operações commerciaes tão longe quanto lhes aprover. Debaixo desse ponto de vista, quer se limite a seu territorio nossa irmã do sul, quer invada o dominio de provincias limitrophes, nada há que possa embargar-lhe o passo; pois a liberdade a garante de sobra.

O que, porem, revolta meus sentimentos de provincialismo é a indifferença e desidi ade meus comprovincianos, que, longe de acceitarem batalha contra a provincia visinha no campo da sciencia economica, cruzam os braços e assistem impassiveis a invasão e a expoliação.

E se todo nosso algodão não toma o caminho de Pernambuco é porque em certas localidades acha o sertanejo mais vantajoso envial-a para diversos pontos do Rio Grande do Norte, taes como Macaú, Mossoró, Macahyba, Cuarapes etc. Ao porto da Parahyba, nada vem ter mui pouco pelo menos.

Como não ser assim, se em qualquer destes portos vende o sertanejo seus productos mais em conta? alem de que os fretes são mais baratos.

Vejamos.

No alto sertão para se obter dez (10) arrobas de algodão em rama são necessarias vinte e duas (22) arrobas de algodão em caroço, bem entendido, segundo o peso ali adoptado.

O machinismo para preparar a lan e que tem o nome generico de bolandeira cobra seis mil réis (6$000) para por uma carga de algodão em estado de seguir viagem.

No mez de Setembro do anno passado custava a arroba de algodão em caroço cerca de mil e trezentos réis (1$300); hoje está descido talvez algum tanto. Os preços de transporte em costas de animaes, unico conhecido, seja para o Recife, estrada de ferro do Limoeiro, ou qualquer dos portos da provincia do Rio Grande do Norte, são excessivos, digamos, na media quinze mil reis (15$000), bem que saiba eu achar-se semelhante quantia muito a quem da realidade, para certas localidades. Temos, pois, que uma carga de lan custa para chegar a qualquer porto de embarque:

Bulandeira	6$000
Algodão em caroço	29$000
Transporte	15$000
Total	50$000

Refere-se esse calculo a um tempo em que o algodão em rama custava cinco mil e seiscentos reis (5$600) a arroba, vindo portanto, a carga a valer cincoenta e seis mil reis (56$000); logo, a corresponder o lucro do agricultor exactamente a 12o|o.

Deve a todos parecer que esse pobre sertanejo já se acha por demais onerado; é o que não acontece, entretanto, pois, louvavel ou não o intento, o certo é que, para impedir que o generos da Parahyba ganhem os portos das visinhas provincias, julgou acertado nossa assembléa provincial decretar o actual imposto de barreira, em virtude do qual tem o agricultor de pagar mais de tres mil e duzentos reis (3$200) todas as vezes que cada uma de suas cargas de lan transpõe os limites da provincia. Fica, pois, seu lucro reduzido a 56o|o o que não é muito por certo, attendendo-se á que na provincia exportadora ainda ha certos direitos a pagar, sem contar que, durante á viagem, a carga de lan perde sempre de seu peso, as veses em proporção notavel.

Assim pois, uma carga de lan do valor de cincoenta e seis mil reis (56$000) para ir do alto sertão da Parahyba a Pernambuco, paga de frete para cima de cincoenta e tres mil reis (53$000); Muito maior seria o fréte para a capital da Parahyba; pois, que, se é exato que se não teria de pagar o imposto de barreira, por outro lado não é menos certo que o transporte em costas de animaes seria cinco (5) ou seis mil reis (6$000) mais caro. Sel-o-ia, sim; porque na viagem de volta ha quasi certeza de se encontrar frete em Pernambuco, o que faria ganhar ao almocreve, ao passo que na capital da Parahyba o frete é raro, para não dizer de todo nullo.

Em varias localidades aquem da serra da Borburema, como Cuité, Araruna, etc. o mal não é tão grande; pois que, as distancias dos logares citados para os diversos portos do Rio Grande do Norte já não são consideraveis, o que permitte ao agricultor expedir cargas de doze arrobas (12) em vez de dez (10) e pagar de transporte seis (6) ou oito mil reis (8$000) tão somente em lugar de quinze (15).

Por outras cauzas é a vida da mesma forma durissima.

Não critico o imposto creado pela Assembléa provincial; pois, bem sei que os motivos que a isto a impellirão são poderosos. Tão somente lembro que, em lugar de produzir o desejado effeito veio semelhante imposto concorrer poderosamente para a corrupção do sertanejo, que devendo lucrar de algum modo não hesita em lançar mão de meios reprovados, que não quero aqui mencionar, mas que, por certo não escaparão a percepção de qualquer. Semelhante imposto e suas tristes consequencias somente provam quantos são duras as necessidades da provincia e que

difficuldades numerosas encontram as autoridades em fazer-lhe face.

Reconheço que, nas circumstancias actuaes, seria uma calamidade para os cofres da provincia exigir-se a suppressão do imposto em questão, alem de que semelhante suppressão em nada adiantaria a solução das difficuldades todas com que luta a provincia.

O remedio é outro e mais radical.

Se da cultura do algodão passamos a do assucar torna-se então o quadro mais sombrio.

É preciso confessar com coragem: o fabrico do assucar de canna é uma industria que quasi está a desapparecer entre nós.

Os preços do assucar no momento actual são, por certo infimos; mas não é debaixo desse ponto de vista que encaro a questão.

As causas que estão a matar a industria do assucar são por um lado, absolutamente as mesmas que alleguei para justificar o atrazo da industria algodoeira e, por outro lado, a falta de actividade e emulação entre os senhores de engenhos, que de um modo, querem ou podem abandonar a velha e usada rotina dos tempos primitivos.

Bem sei que lhes faltam meios pecuniarios; mas isto não é motivo sufficiente para que se deixem os lavradores prostar pelo desanimo, para que fallem, até mesmo, como a muitos ouvi, em abandonar a cultura da canna.

Todos se queixam do baixo preço do assucar e ninguem vê que os unicos culpados desse estado de cousas são os proprios agricultores!

E' preciso que nos capacitemos de uma grande verdade e esta é que não é tão somente no Brasil e muito menos na Parahyba que se fabrica assucar; o mundo inteiro occupa-se em grande parte com semelhante industria. Nada pois é mais natural do que ser preferido e exportado em maior quantidade o assucar melhor fabricado e que for vendido a preços mais commodos.

Pergunto: que temos feito para melhorar os productos dessa nossa industria? que temos feito para diminuir o valor da mercadoria, de sorte que, sem perder o agricultor, venha a ganhar o consumidor? nada absolutamente confessamol-o sem rebuço. Mas os outros paizes, nossos concorrentes, tem-se conservado nessa mesma apathia? Ninguem o dirá por certo.

A França e a Allemanha, bem estamos todos vendo, em cujo solo, aliás, não medra a canna, ahi estão a abastecer o mundo inteiro de assucar de qualidade excellente e a preços reconhecidamente inferiores aos de nosso mercado, tão inferiores que bem pode acontecer anomalia extrema, que venhamos algum dia a consumir assucar estrangeiro em nosso encaiporado Brazil.

Entretanto, o assucar estrangeiro, em sua maior parte, é extrahido da beterraba, que como todos sabem, está longe de competir com a canna de assucar. Donde vem, pois, que, possuindo o Brazil materia prima de melhor qualidade, tornam-se nossos productos inferiores em tudo? Necessariamente é que no estran-

geiro o machinismo indispensavel para o fabrico do assucar é superior ao nosso; essa superioridade redunda em beneficio de todos evidentemente.

De semelhante verdade tem todo conhecimento pleno; entretanto é necessario repetil-a a saciedade, e preciso que ninguem nesse paiz possa allegar motivo de ignorancia dos factos.

Mas o capital falta na Parahyba! sim é exacto; o capital falta.

E nem eu exijo impossiveis.

Ninguem pode negar, porem, que em Pernambuco, por exemplo, relativamente o capital falta tambem; mas já la existem machinismos aperfeiçoados, pertencentes a particulares, os quaes, tendo feito sacrificios enormes para obtel-o, acham-se hoje, apesar da crise, em circumstancias menos tristes. Bastou-lhes a coragem, bastou-lhes a vontade firme de arcar contra a rotina e para logo desappareceram as difficuldades todas, desappareceram os impossiveis. A' pobreza, á miseria, para uzar dos termos talvez exagerados de que se servem os interessados, seguiu-se quanto mais não seja, a completa confiança no futuro. Ao passo que aquelles porem, que, em Pernambuco mesmo, não quizeram ou realmente não poderam imitar o exemplo dado, estão luctando com obstaculos invenciveis quasi.

E' pois, segundo penso, a natural fraqueza e indifferença de nossos agricultores a causa por assim diser, unica, do atraso em que se acham os senhores de engenho, quasi todos, pelo menos na provincia da Parahyba, e fallo baseado em factos que commigo mesmo se passaram; fallo, não pelo simples desejo de criticar, mas para animal-os, para vel-os tomar o bom caminho; porquanto, a crise do assucar não pode ser eterna; até mesmo creio firmemente que, desde que os apparelhos em uso para se extrahir o assucar estiverem tão aperfeiçoados quanto os machinismos empregados para a extracção do assucar da beterraba, esta ultima industria de modo nenhum pode substituir, tendo fatalmente a desapparecer.

Contando eu na classe agricola muitos de meus melhores amigos, espero que minhas palavras serão interpretadas no verdadeiro sentido em que as emprego arredando-se dellas qualquer intenção da qual não resultem beneficios para o agricultor.

Assim é que me animo a formular aqui gravissima queixa contra elles, a qual bastante magua me causou.

Quero referir-me a varios episodios concernentes á molestia da canna.

Em officio que me dirigiu o Ex.mo Dr. Bandeira, muito recommendou-me elle o assumpto a que faço allusão. Procurando dar o devido desenvolvimento ao estudo proposto, ao chegar á cidade de Areia foi visitar varios engenhos de assucar, onde examinei os partidos de canna, verificando, com effeito, que eram grandes os estragos causados pela molestia.

Embora so haja presumpção a respeito da molestia da canna sem que verdadeiramente se conheça suas causas, embora o unico remedio efficaz que se tem encontrado para debellar o mal seja

a completa mudança de sementes, substituindo-se a especie actual por outras, julguei todavia a proposito indicar a varios senhores de engenho alguns meios praticos de que se tem lançado mão provisoriamente para se attingir o almejado fim, tendo tido todo o cuidado de descrevel-os minuciosamente no relatorio que posteriormente diriji á presidencia da provincia. Alem disso, deixei na cidade d'Areia pessoa competente encarregada de explicar o processo aconselhado a quem disso tivesse necessidade.

De volta de minha excursão ao alto sertão, a qual já durava cerca de dez mezes, de novo fui a cidade de Areia indagar do resultado das medidas que havia explicado.

Por certo, não contava com o que se me informou; pois, de toda a comarca d'Areia, só dois agricultores experimentaram a receita e deram conta do resultado obtido.

Ninguem mais, que saiba, disso se occupou, sob o infantil pretexto de ser o processo mui trabalhoso!

Essa suprema indifferença é que tudo deita a perder.

Por outro lado, porem, me é grato consignar aqui que os dous agricultores que uzaram do remedio tinham obtido, até aquella data, bons resultados, ignorando eu se esse beneficio permaneceu. Cito, agradecido seus nomes: são os Srs. Joaquim Guedes da Silva Sobral, do engenho Pindoba e Maximiano de Almeida Nobre, do engenho Viração.

O primeiro tentou a experiencia em terreno por demais doentio; o segundo, em lugar onde nunca produziu canna mesmo antes de apparecer a molestia que se quer debellar; repito, os resultados foram bons.

A' vista do exposto julgo que todos comprehenderão facilmente quanto é urgente vir em soccorro da agricultura parahybana; pois, a constituem quasi exclusivamente a cultura do algodão e a da canna.

Outros productos naturaes existem, como já mencionei em outros escriptos que bem podiam com vantagem immensa tornar-se, entre nós objecto igualmente de exportação; mas seria um suplicio de Tantalo mencional-os no presente estado de fallencia completa a que se acha reduzida a provincia.

E nem é tão somente a agricultura que reclama a altos brados que a salvem.

Uma outra riquissima fonte de receita para a provincia da mesma sorte luta com a falta de elementos para viver. Quero referir-me a creação do gado.

Como se sabe, os sertões da provincia da Parahyba são excellentes para fins semelhantes.

O gado seria nesta provincia um ramo de negocio fabulosamente lucrativo, se fosse esse entendido e melhor conduzido. Infelizmente, porem, os fazendeiros, em lugar de procurarem estender suas operações neste sentido para o interior bem como para o estrangeiro, limitam-se a uma exportação unica para a visinha provincia de Pernambuco sujeitando-se dest'arte a imposições as mais absurdas da parte dos compradores.

E' notorio que a provincia de Pernambuco, por intermedio de sua camara municipal, concluiu com os fornecedores de carne verde um contracto por demais absurdo.

Esses fornecedores de carne tornaram-se dest'arte unicos na especie, originando-se d'ahi monopolio bem caracterisado.

Mor a assim a liberdade de commercio, são os gados da provincia da Parahyba vendidos, não pelo preço que entende o fazendeiro ser remunerado, mas por aquelle que em sua incontestavel soberania julgam os monopolistas a proposito pagar.

Comprehende-se facilmente que desde que não disponha o fazendeiro de outra via de exportação, não lhe resta mais recurso nenhum senão passar pelas forcas caudinas. A perda que d'ahi provem para todos é incalculavel.

Deste modo é natural o desanimo dos fazendeiros, é mais que natural, se providencias tão energicas quão immediatas não forem tomadas que, tambem dentro em pouco, a creação de gados na nossa provincia cesse de dar lucros e venha dest'arte de todo a desapparecer.

Entretanto meios ha, aliás facillimos de pôr paradeiro a semelhante estado de cousas ruinoso. Audacia é o que será necessario tão somente para esse fim.

Mais do que nenhum outro, é igualmente riquissimo o nosso solo em mineraes de diversas especies, bem como em curiosidades geologicas de subido valor. Profissional dou disso testemunho pleno.

Ao lado de quantidade invencivel de ferro, cuja qualidade não teme rival, encontra-se o chumbo, o cobre, o zinco, alguma prata, o ouro, o antimonio, varias argillas de qualidades excellentes como a tabatinga, a porcellana, alem do gesso, do amiantho, algum marmore, christaes de cores diversas, pedras finas e preciosas etc.

Se a tudo isso faço aqui allusão, é tão somente para lastimar que essa riqueza immensa se acha abandonada, senão de todo ignorada, ainda por falta de instrucção, por falta de communicações rapidas com as praças exportadoras, por falta de capitaes.

Entretanto, só a exploração de ferro, que é facilima, seria sufficiente para melhorar muitissimo o estado compromettedor da provincia.

Tal é o aspecto desolado que apresenta a Parahyba em suas principaes fontes de riqueza nacional, tal o continuo soffrer e progressiva ruina que lhe jestão causando a indifferença de uns e desidia de outros.

E felicidade fôra se só da terra lhe viessem tão grandes males! Mas do céo tambem lhe vem a inclemencia, e que inclemencia!

Referi-me, ha pouco, ás calamitosas seccas que tanto assolam as regiões do norte do Brazil. Insisto sobre este ponto, porque já não é tanto das seccas propriamente ditas que na epoca presente se deve mais receiar: sim, porem, do susto que ellas causam e da direcção falsa que semelhante temor começa a imprimir ao espirito da população.

Justa ou injustamente entendem algumas pessoas instruidas do sertão que as seccas constituem um phenomeno periodico. Julgam ellas, por meio de estatisticas fielmente conservadas na memoria do povo, lhes ser possivel fixar, mais ou menos, as epocas dos grandes invernos, bem como das grandes seccas.

Assim é que, segundo elles, a secca de 1877-78, exactamente coincidiu com a de 1777-78 a de 1845 com a de 1745 etc. E' sabido que nos fins do seculo passado foi da mesma forma assolada a provincia da Parahyba por um desses flagellos terriveis; se são exactas as informações que me prestou pessoa illustrada e digna de fé, informações que combinam aliás com as memorias e noticias que daquelles tempos se conservam ainda ao que parece, no seminario de Olinda, em Pernambuco, tambem igual calamidade teve lugar nos annos de 1691-92-93.

Em vista de semelhantes, precedentes, conta desde já o povo do sertão, com quasi certeza absoluta, que serão seccos os annos proximos, de certos bem proximos, de 1891-92-93.

Os preparativos, portanto, não para resistir a semelhante catastrophe e minorar os tristes effeitos della, mas para fugir diante do perigo, começam, desde já, sem demora.

Julgo de meu dever chamar para esse ponto a attenção de todos os parahybanos, bem como penso que o governo não se deve descuidar um só momento da questão, que lhe interessa tambem de perto.

Já ninguem ignora o que é uma secca no alto sertão da Parahyba; despenso-me, pois, de escrever os horrores todos que comsigo ella acarreta.

Basta referir, por certo, que volta á capital da Parahyba completamente contristado quem como eu o acabo de fazer, viajar nos sertões todos da provincia e contemplar espalhadas por todas as estradas cruzes, cruzes e mais cruzes, que, movidas por bem entendida piedade e vivissimos sentimentos religiosos, erguem os povos á memoria daquelles, coitados, que na poeira dos caminhos dormem o somno dos martyres, depois de terem soffrido na terra a maior das miserias, qual a de morrer com um pensamento fixo, o de maldição eterna para a patria sem entranhas que consentiu o assassinasse a fome!

Sim, bemdictas essas cruzes; e, afrontando o rigor dos seculos, firmes permanecem ellas, attestando ás gerações vindouras o crime barbaro de nossos governantes, que, podendo prevenir tão grandes males, jamais opuzeram, não o querem fazer ainda, não o farão talvez nunca, a menos que tenhamos de presencear, do que nos defenda a Providencia, algumas dessas catastrophes sociaes de proporções agigantadas, a que, em seu desespero, costumam os povos recorrer algum dia.

Sim, sejam ellas o justo labéo a perseguir sem treguas a consciencia dessas populações timoratas, que, esquecendo bem depressa os parentes mortos de miseria, não querem uzar da força que lhes poz a naturesa entre as mãos e reagir contra o infortunio, contentando-se ao envez disso talvez com a esperança de cahirem a seu turmo igualmente victimas de flagello identico!

Bem sei que minhas palavras são severas. Mas quem as deixará de proferir diante do espectaculo tristissimo que offerecem os sertões da Parahyba?

Se este existe que o faça; quanto a mim, fallecem-me as forças para tanto!

Como disse, a população do interior prepara-se para a retirada, desde que se for approximando o anno de 1891. Em occasiões de secca não é tanto o flagello em si mesmo que causa milhares de infelicidades, mas accumulação dos fugitivos nos centros populosos, nas capitaes, por conseguinte. Me parece que não devo mais insistir.

O governo, pois, que se acautele e dê providencias para que, ao menos, em caso possivel de bom inverno, nos annos de 1891-92-93, não venha o susto das populações causar damno maior do que a propria secca.

De tudo quanto tenho exposto resulta para a provincia em geral um damno incalculavel. Dahi vêm todas as causas de seu deploravel atrazo.

Não é, pois, de estranhar que nessas circumstancias, apresentem-se diariamente difficuldades invenciveis para a administração da provincia, que, em todos os seus ramos muitissimo deixa a desejar.

E em primeiro lugar, mais do que tudo, é medonho o estado financeiro da provincia. Vejo-a a braços com uma divida enorme, cercada de credores e mais credores, que, de ha muito reclamam, ao menos, a esperança de virem a ser pagos algum dia de parte dos juros a que seus capitaes tem direito: por assim dizer está aberta a fallencia.

Noto que os empregados publicos lutam com difficuldades sem numero para receberem seus vencimentos em dia.

A instrucção publica está por toda a parte quasi abandonada; o que é doloroso em extremo, pois, não ha no mundo paiz nenhum, onde sejam mais robustas as intelligencias, mais vivo e ardente o desejo de aprender.

Localidades encontrei com proporções para terem duas e tres escolas primarias, ao passo que nenhuma só existe!

Quanto ao ensino de humanidades, nem convem fallar nisto.

Em Cajazeiras houve, ha tempos, um estabelecimento particular, á frente do qual se achava o illustrado padre Souza Rolim, o qual, segundo me informaram, constantemente frequentado por mais de 50 alumnos, mui bom serviço prestou á provincia.

Este estabelecimento já não existe.

Na cidade de Souza havia antigamente uma cadeira de francez e latim sustentada pelos cofres da provincia, mas supprimiram-na a pretexto de economia, ficando, desde então, o respectivo professor, alias nomeado com concurso, preterido em seus direitos.

Na villa do Piancó igualmente existe uma cadeira de qualquer cousa, mais acha-se regida por um professor physicamente inhabilitado para serviços dessa natureza e que nem ao menos foi tomar posse do lugar.

A assim por diante. No alto sertão, a policia garantia da ordem publica e dos direitos do cidadão, é um mytho, puro e simplesmente um mytho, de tal sorte que bandos de malfeitores percorrem inpunemente, as claras, as estradas da provincia matando e roubando, á seu commodo e á sua vontade. Autoridades policiaes existem, de certo; mas para que, se lhes falta a força publica para auxilial-as ou antes para sustental-as no cumprimento de seus deveres?

Os juizes mesmo não se acham sufficientemente protegidos para desempenharem a missão sagrada que lhes confiou o governo com aquella liberdade plena e independencia inteira que o caso exige. Outras immoralidades se dão, innumeras, no campo da administração da justiça, de que não quero occupar-me neste lugar; mas, desde já reconheço que só são ellas dividas ás distancias enormes que separam o interior da provincia de sua capital, que é ou deve ser o fóco da civilisação e moralidade.

Fallei ha pouco em assassinatos. Leva-me isto a mais algumas considerações sobre a indole de nosso povo.

Atravessei só os sertões todos da provincia, apenas em companhia de um creado, do qual varias vezes me distanciei nas estradas por mais de um dia; entretanto, em parte alguma soffri a minima violencia, jamais se me negou hospitalidade, nem tão pouco recusou-se-me qualquer esclarecimento de que precisei.

Isto abona sobremodo o caracter do povo parahybano, principalmente se se considerar que não ha policia em parte alguma.

E' certo que nos limites extremos da provincia com o Rio Grande do Norte, Ceará e Pernambuco encontrei nas estradas homens armados, que não gosavam de boa reputação; mas cumpre não esquecer que se trata aqui de malfeitores que, accossados pela policia das provincias visinhas, vêm refugiar-se em territorio nosso, onde teem estado certos até hoje de que ninguem os irá incommodar.

Em tempos de secca esses malfeitores formam ás vezes grupos numerosos e então correm perigo serio as localidades desamparadas dos confins da provincia. Mas não se pense que se acobardam ellas; sempre que podem defendem-se energicamente e nem sempre são vencidas.

Pena é que se as deixe ao desamparo.

Pediram-me, quando por ahi passei, que fizesse constar na capital esse estado de cousas e influisse para que se mandasse para aquellas paragens um forte destacamento de 50 praças com ordem de estacionar em S. Jozé de Piranhas, de todos o ponto mais central.

Faltando-me dados para ousar esperar que seja adoptada essa medida, deixo todavia, consignado aqui o pedido das localidades a que me referi.

Afora esses bandos de assassinos, só ha, quasi se pode dizer, duas causas que influem sobre o sertanejo e levam a commetter desatinos: a primeira é a policia, a outra—questão de terra.

Como se sabe, no sertão a ignorancia da lei é completa, a demarcação do territorio não existe quasi. Dahi disputas sem

numero, desordens, odios de familias e todo o mais cortejo de infortunios. Infelizmente esses tristes acontecimentos não são raros.

Observei que no sertão a força publica é, em geral, mal vista e tive occasião de estudar de perto as razões dessa malquerença.

Força é confessar que ellas são justas.

Notei que os soldados, muitas vezes sob as ordens de meras creanças, são, pela maior parte, insubordinados e provocadores. Creio, alem disso, que não recebem em tempo o respectivo soldo: em certas localidades alguns delles me pediram dinheiro, allegando acharem-se sem soldo, um a dois, outros a tres e mais mezes.

Dahi vem que nunca pagam o que compram e muitas vezes impõem silencio ás victimas por meio do sabre. Assisti a factos dessa natureza.

Affiançaram-me que, quando em deligencia, a força quasi sempre saquea a casa que cerca; a muitos ouvi dizer que preferiam um ataque dos criminosos e assassinos a um cerco da força publica, de tal modo planta esta o terror onde quer que chegue.

Esses factos são positivos e os cito para invocar providencias nesse sentido.

Tenho terminado essa parte de meu trabalho.

Ahi fica exposto com toda a imparcialidade o verdadeiro estado em que se acha a provincia da Parahyba. Tome quem quizer o pulso á agonisante e verificará que são exactissimos os symptomas todos da molestia que acabo de descrever.

Ao que ahi deixo narrado muito ha talvez que se possa ajuntar; mas diminuir dahi alguma cousa, ninguem ha, por certo, que em consciencia o possa fazer.

Cumpre-me agora apontar os remedios para tão grandes males.

Devo declarar desde já que o projecto que passo a expor é, para a hora presente, por demais completo, ha não ser por força de algum caso imprevisto, de que não devemos nunca desesperar, não pode, por certo, ser realisado de uma só vez, attentas as circumstancias financeiras do paiz e maxime da provincia.

Mas bem se pode ir procedendo por parte.

Por ora o que convem é a união de vistas; cumpre traçar o caminho que pretendemos seguir, fixar os pontos de partida e chegada e jamais nos distanciar daquella que uma vez ficou decidida.

Presidiu sempre a meus estudos e combinações um pensamento fixo e é que a provincia da Parahyba é a parte a mais oriental do imperio brazileiro, por conseguinte, a que mais proxima se acha do continente europeu.

Para precisar as idéas recordemos syntheticamente os males que acabrunnam a provincia e que, mais ou menos, se acham englobados na descripção que acima fiz e no relatorio que dirigi ao Ex.mo Sr. Dr. Herculano Bandeira.

O atraso da provincia, é pois, devido ás causas seguintes, que irei apreciando detidamente, indicando, tanto quanto possivel, os meios praticos que, em meu entender, poderão ser empregados no intuito, senão de as debellar de todo, de diminuir, ao menos, as tristes consequencias que dellas derivam quasi sempre.

I

A ENORME DIVIDA DA PROVINCIA

Ninguem pode contestar que é de todos os infortunios que affligem a provincia o primeiro contra o qual devem lutar os parahybanos em massa, e se desembaraçarem delle o mais cedo possivel.

Sem que tenha sido vencida esta difficuldade enorme, tudo quanto for tentado em bem da provincia, todas as despezas que forem effectuadas no sentido de melhorar o que entre nós vai cahindo em pedaços, serão de todo o ponto sem effeito, nada produzirão.

Os motivos são palpaveis.

Em primeiro logar, para que a Provincia da Parahyba possa realisar as reformas todas de que carece, é indispensavel que, desde já, o seu futuro inspire confiança solida, é urgente que possa ella offerecer garantias serias que rebusteçam a fé dos capitalistas, aos quaes é forçoso que recorra a provincia.

Ora, quem não paga o que deve não tem credito; ainda mais: quem está fallido não pode negociar; veda-o a lei.

E nem é tudo,

A terrivel posição financeira a que chegou nossa provincia traz como corollario immediato o abatimento, a morte moral da população.

Dahi o atrophiamento de todas as idéas, o retrahimento completo da iniciativa, o não pensar ninguem em salvar do naufrago suas pequenas economias.

Estamos exactamente na situação de um moribundo; o agonisante é a provincia; a divida a molestia que lhe vai minando a existencia.

Se ao doente continuamente vai a enfermidade em augmento, gera-se em breve a descrença e dahi ao tumulo só ha um salto. Ao passo que porem, se se apresenta a melhora ainda que de um dia, muitas vezes esse pouco, basta para dar lugar a esperança e conduzir á cura completa e radical.

Tudo, pois, nos aconselha terminantemente que acabemos, uma vez, por todas, com essas questões de dividas e deficits, com a continuação das quaes de nenhum modo pode a provincia prosperar,

Affirmo e vou provar que o problema é perfeitamente soluvel, bem como que a provincia pode vencer a difficuldade sem o menor abalo.

Não estando terminado o exercicio presente de 1887, limito minhas observações até o fim do exercicio passado.

Constava até então a divida da provincia de:

Apolices	186:150$000
Juros respectivos	180:697$255
	366:847$255
Conhecimentos	124:147$043
Banco do Brazil	30:000$000
Exercicios findos	21:933$233
Letra vencida	7:500$000
	550:427$531

E' obvio que nesse quadro não pode entrar a divida total da provincia para com o Banco do Brazil, que já é um accordo especial.

Quanto á indemnisação annual de 40:000$000 que deve fazer a provincia ao referido Banco, por espaço de 10 annos, já é isso materia vencida e perfeitamente regularisada.

Consideremos antes da segunda divida da provincia, aliás, a mais importante e a que devia ser paga de preferencia a qualquer outra, não só em virtude de sua propria natureza, como por ser mais alto o juro a vencer.

Monta essa divida, capital e juros a cerca de 366:847$255.

Para seu pagamento parece-me, não será demasiado difficil entrar em accordo com os credores.

Já a Assembléa Provincial concedeu autorisação a presidencia para tentar semelhante accordo e no relatorio presidencial de 1.º de Agosto de 1886, mais ou menos, se indica as bazes para esse fim.

Consta-me, por outro lado, que presentemente ja se acham entaboladas negociações a tal respeito e que não estão bem longe de se entenderem as partes contractantes.

Trata-se provavelmente de alguma combinação da natureza da que foi realisada com o Banco do Brazil, chegando ao que parece, o compromisso da provincia cerca de 50:000$000 por espaço de 10 annos.

Se são exactas essas informações, não ha duvida que são rasoaveis as condições de que se falla e o accordo pode e deve ser realisado sem demora.

Desde que for levada a effeito semelhante operação, já a provincia começa a respirar mais facilmente e será restabelecido o seu credito em grande parte.

Resta a divida proveniente de conhecimentos, exercicios findos e letra vencida na importancia de 153:580$276, que alem de poder ser em parte paga a dinheiro, talvez 15:000$000 por anno, deve tambem sel-o por medidas indirectas.

Temos assim que quando muito, com o rasoavel accrescimo de cerca de 65:000$000, em 10 annos estará paga a divida toda da provincia. Mesmo acredito que será muito menor esse praso se a provincia respeitando integralmente a fé dos contractos, conseguir convencer a todos de que está realmente disposta a liquidar essa magna questão.

Alem de que, a volta do credito a habilitará, sem, comtudo, desmanchar o que já está feito e assentado, a concluir novas operações ou transacções que poderão apressar a convenção do almejado fim.

Cumpre, porem, examinar agora se a provincia pode, com effeito, ajuntar mais 65:000$000 a seu orçamento annual sem augmentar-lhe o deficit.

Desde ha muito é por demais irregular e vexatoria a cobrança dos impostos e da renda que arrecada o thesouro da provincia. Ha para esse fim em todas as localidades, um collector, um escrivão, e algumas vezes um agente fiscal, devidamente pagos pelos cofres provinciaes.

Estes empregados, entretanto, nem sempre encontram o que fazer no desempenho de seus respectivos cargos. Porquanto, com manifesta injustiça e consideravel damno para o erario publico, se tem adoptado na provincia o pernicioso systema de serem cobrados os impostos por arrematação.

Não se refere esse consideravel damno de que fallo ao pagamento de empregado que não tem o que fazer; bem sei que os honorarios dos collectores, são proporcionaes a receita que arrecadam.

E' differente, num ponto de vista, e, por ventura, mais delicado.

Sem receio de ser contestado posso affirmar que semelhante modo de cobrança importa para a provincia uma perda de cerca de 40 o|o. Minha affirmação é baseada em factos numerosos que chegaram a meu conhecimento e, que, por certo, não são reprovados na capital.

No intuito unico de terem dinheiro nos cofres, antecipa-se a receita dos municipios, vendendo-a a particulares, que por sua conta e risco vão então proceder a arrematação respectiva vendendo-a, sim; porque, em resumo, o pôr-se os impostos da provincia em hasta publica outra cousa não é senão uma venda mascarada.

Defende-se a provincia, bem sei, allegando que o Thesouro bem pode lucrar com esse negocio; porquanto, se perde elle em annos de boa safra, ganha, ao contrario em epocas calamitosas.

E' isso um erro manifesto.

Em primeiro lugar, quem se propõe a arrematar impostos tem o cuidado, em previsão de qualquer duvida, de examinar com palpitante interesse, o terreno sobre o qual tem de operar, tudo verificando *de visu*, de sorte que, quando chega á capital para a concluir seu negocio, já não ha mais para elle anno bom ou máo, todos os calculos estão feitos; ao passo que quasi sempre acha-se a outra parte contractante completamente alheia ao que faz ou manda fazer.

D'ahi absurdos monstruosos.

Assim é que arrematações sei eu dessa natureza que tem sido effectuada na capital da provincia na rasão de 5, cedidas depois, no sertão, na razão de 7 onde, muitas vezes revendidas a uma terceira pessoa na razão de 10; e note-se que esse terceiro intermediario ainda vem a lucrar!

Só ahi quanto não vai de perda para a provincia!

Esses factos dão-se todos os dias e não será difficil a administração da provincia adquirir a prova cabal do que ahi deixo dito.

Os proprios collectores, os proprios livros do thesouro lh'a poderão fornecer.

Creio que denunciando publicamente esses factos estou prestando um bom serviço á provincia e animo-me, pois, a declarar ainda que, para se conseguir tão rendosas arrematações, recorre-se, sem o minimo escrupulo, ao ipatronato e empenho de pessoas influentes que, de tão boa vontade a isto se prestam, que não hesitam dentro de poucos dias em devorar 60, 80 e mais leguas da capital ao sertão e vice-versa.

Não é impossivel que se distribuam os lucros qualquer que seja a natureza destes.

O systema de se arrecadar impostos por arrematação está, pois, condemnado e cumpre abandonal-o de todo.

A cobrança deve ser feita unica e exclusivamente pelos collectores e agentes fiscaes, dando-se-lhes para esse fim bastante força moral para que possam elles desempenhar cabalmente sua honrosa missão. Allega-se não sei que falta de pessoas idoneas no centro da provincia para exercerem cargos de tão subida importancia.

Semelhante falta não se dá.

Conheço a quasi todos os collectores actuaes da provincia e nada ouvi a respeito delles que os desabone, de qualquer modo.

E' exacto que tem apparecido abuso na prestação das respectivas fianças, é certo que de vez em quando apparecem collectores que dão destino diverso aos dinheiros que arrecadam; mas, sejamos francos, o verdadeiro culpado nesses casos é a autoridade competente, que guiada injustamente pelo sentimento politico, obsta quasi sempre a que instaure-se o respectivo processo e ate mesmo, por acto official, perdoa o facto e dispensa o criminoso da restituição dos dinheiros de que se apossou.

Se, em vez disto, se fizesse sentir enexoravel o castigo cessaria para logo, por parte dos collectores, a esperança desse perdão e os crimes não serião tantos.

Ultimamente foram creados nas comarcas os lugares de ajudantes do procurador fiscal, incumbidos de inspeccionar as collectorias e agencias fiscaes.

Estes novos empregados bem poderiam impedir toda e qualquer fraude por parte dos collectores. Mas julgo que suas attribuições carecem de ser melhor especificadas alem de que, sem que aspirem elles algum interesse do cargo, como parece ser o

caso em parte, torna-se pouco provavel que a medida dê bons resultados.

Cumpre, pois, que os impostos sejam cobrados rigorosamente; mas rigorosamente não quer dizer despoticamente, como sempre se dá no caso das arrematações, onde o arrematante, trabalhando por sua propria conta, opprime e vexa o contribuinte de modo descommunal.

A receita do presente exercicio está orçada em cerca de 522:535$000, porque consta-me que a administração actual tem sido mais exigente nos preços das arrematações, é muito provavel que subiria esta receita, já não a 40, mas incontestavelmente a 30o|o; isto é, elevar-se-ia acerca de 670:000$000, havendo, portanto, uma differença de cerca de 150:000$000 mais!

Creio que desses 150:000$000 se poderia facilmente tirar os 65:000$000 de que precisa o orçamento para fazer face as novas circumstancias financeiras da provincia.

E nem é tudo.

A divida activa da Parahyba, na elevada importancia de mais 170 contos, ainda se acha absolutamente toda por cobrar. E porque?

Leio até mesmo, em um dos mais recentes relatorios da provincia, que não tem havido a necessaria actividade na cobrança dessa divida e ainda por falta de pessoal idoneo para o serviço das execuções.

O facto não se commenta.

De sorte que, tendo partido a procura de 65:000$000, já nos achamos assoberbados por mais de 300!

Pois bem, essa somma irá ainda a mais, se se adoptarem outras medidas indispensaveis que, sob rublicas diversas, são adiante apontadas.

A consequencia de tudo isso é que a provincia pode e deve pagar sua divida quanto antes, em muito menos de 10 annos. Quanto mais depressa melhor.

Soberbo exemplo do quanto tenho allegado nos acaba de dar a provincia do Ceará, que maiores desastres tem soffrido do que a Parahyba e cuja avultada divida já de todo se acha extincta.

A força de vontade tudo venceu.

Restauradas as finanças da provincia, cumpre, para mais facilmente se tratar das reformas a realizar, desenvolver o bem estar material de todos os municipios, dar-lhe vida e confiança no futuro. A isso oppõe se terminantemente,

II

A FALTA DE RENDAS MUNICIPAES. A FALTA DE SEGURANÇA DE PROPRIEDADE BEM COMO INDIVIDUAL

E' sabido que as communicações entre a capital da provincia e o centro são difficeis e caras.

Logo é impossivel que de tão longe se possa providenciar sobre o modo pratico e rapido de manter e desenvolver as condições de progresso e prosperidade de que tanto precisam os municipios da provincia.

Em minhas excursões tive de entrar em relações com os vereadores de quasi todas as camaras municipaes.

Notei com assombro que nenhuma só occupava-se de promover o bem estar de seus municipios respectivos, não que lhes faltassem a ellas todas, desejo ingente de irem por diante na estrada do progresso, mas simplesmente porque lhes tiravam, ou, antes, jamais lhes deram o minimo elemento de vida.

Quer me parecer que ás camaras municipaes deve pertencer exclusivamente todo e qualquer serviço que se refira ao sustento e a salubridade dos habitantes de cada municipio respectivo, a boa conservação das suas estradas, fontes d'agua, açudes, etc.

Compete-lhes igualmente inspeccionar a construcção das casas, de modo a não consentir que sejam violadas as leis da hygiene, que sejam alterados os alinhamentos das ruas e mil outros cuidados dessa natureza.

Muito importa, e no interior das provincias sobretudo, que a ordem seja mantida nas ruas e nas estradas exclusivamente por intermedio das camaras municipaes, que terão para esse fim seus empregados e sua policia. Deveras não comprehendo que da Capital da provincia se possa prender criminosos no sertão, em flagante delicto, como actualmente quer a lei! quando nem um só agente de policia daqui se envia com semelhante fim, a não ser em occasiões de grandes desgraças e ainda, assim, sempre tardiamente! E' ainda da alçada unica das camaras municipaes conservar sempre em dia em livros competentes a historia dos acontecimentos passados nos municipios, a descripção exacta de seus limites com as localidades visinhas e tudo o mais que a isso se referir.

Pelo menos é isso o que tenho visto em pratica em toda a parte.

O que ve-se, porem, nas camaras municipaes do interior da Parahyba?

Absolutamente o contrario; a maior apathia, a mais completa indifferença pelos interesses do municipio.

E' assim que diversas localidades que não ha muitos progrediam á vista d' olhos acham-se hoje tão atrazadas que bem podem cahir dentro em pouco em ruina completa.

Muitas municipalidades, a maior parte creio eu, nem ao menos tem posturas dividamente approvadas, não obstante os constantes esforços que para isso empregam, do que fui por mais de uma vez testimunha eu proprio.

E como não ser assim se lhes faltam a todas, todas sem excepção, fontes de rendas municipaes?

Alguma pouca que podem colher difficilmente chega para sustentar um secretario exclusivamente occupado em redigir as constantes, variadas e estiradas informações que da capital se lhes pede.

Urge, pois, providenciar ordem a cessar estado de cousas tão irregular.

Antes de tudo cumpre a provincia fazer uma melhor e mais justa discriminação de impostos, deixando-se margem larga ás camaras municipaes. Convem não esquecer que quanto maior for o serviço prestado pelas mesmas camaras, muito menos será tambem a despeza da provincia.

Mais adiante terei de propor a construcção de grandes açudes, no interior, e é meu pensamento derivar lucros importantes desses açudes.

Esses lucros bem podem ficar pertencendo ás camaras municipaes, a quem aliás, será confiado, como já indiquei, o cuidado de zelar e concertar ditos açudes quando estragados.

Em certos dias da semana costuma reunir-se o povo em certos e determinados lugares, no intuito de vender os productos agricolas e outros, de que fazem negocio, e comprar outros mantimentos que lhes faltam para passar a semana.

Chama-se a isso a feira.

Essas feiras são ás vezes consideraveis, acudindo a ellas centenas de pessoas.

Ordinariamente começam ás 10 horas da manhã e não raro duram até ás 5 horas da tarde.

Pois bem: em poucos lugares existem casas de mercado, barracões ou simplesmente telheiros que sirvam de abrigo a todo esse povo. Quasi geralmente reune-se elle na rua ou praça principal da localidade e ahi deixa-se ficar o dia inteiro curtindo os raios do sol desolador.

E' preciso que as camaras municipaes se achem em posição de acudir á semelhante necessidade, construindo casas de mercado que mais tarde bem bons lucros lhe poderão deixar.

No sertão não ha medicos, tres ou quatro quando muito. Dahi males incalculaveis, como vi de perto mais de uma vez.

Pobres, como são as populações, é exacto que não podem ellas dispor já de recursos para pagar visitas de medico; mas perque não ha em cada localidade um medico de partido ás expensas da camara municipal?

Ganharia todo o mundo com semelhante medida.

Agora quanto á policia.

Não convem de modo nenhum, á vista do que já disse presentemente, que se continue a mandar da capital para o sertão soldados de policia ou de linha como garantia da ordem publica Com as viagens de semelhante gente só se faz gastar rios de dinheiro sem o menor resultado.

Em geral são esses soldados pouco habituados á vida do sertão, que quasi sempre nenhum delles conhece.

Aconteee, pois, em consequencia disto, que nenhuma deligencia effectuam com bom resultado, a menos, porem, que os habitantes das localidades forneçam gratuitamente pessoas do povo para guial-a.

A policia do sertão deve ser, portanto, composta de sertanejos, e, vou mais longe, para cada localidade em particular só deve servir gente que nella residir ou que a conhecer a fundo.

Isto só se deve obter por intermedio das camaras municipaes.

Nomeie a autoridade central seus delegados e subdelegados se entender que os interesses geraes da provincia assim o exigem; mas, deixem ás camaras municipaes o cuidado de organisar sua policia, bem entendido á sua custa, como mais lhes parecer conveniente.

Com isto lucram todos, sobretudo a provincia, que não tendo mais necessidade de conservar um corpo de policia tão dispendioso, pois que, então, so terá de occupar-se com a manutenção da ordem na capital, facilmente poderá cortar essa grande despeza, accrescendo-lhe assim dinheiro para o equilibrio de suas finanças.

Ignoro se semelhante reforma utilisima e perfeitamente em harmonia com a instituição e os fins das camaras municipaes poderá ser realisada, desde já, sem o concurso ou a intervenção do poder geral.

No caso affirmativo, se pode a provincia por si só decidir a questão, cumpre que não haja demora alguma em se promover a reforma; no caso contrario, recorra-se immediatamente ao governo geral.

Mas onde irão as camaras municipaes buscar dinheiro para tanta cousa?

Peço aqui licença para expor um projecto, já convertido em lei em outros paizes, cuja execução tem dado resultados excellentes em toda a parte e virá, entre nos, perfeitamente resolver a difficuldade com que lutam as camaras municipaes.

Alem de que a sua adopção importa a extincção completa das questões de terras e redunda, portanto, em beneficio dos agricultores, cuja propriedade ficará garantida e adquirirá, por isso mesmo, um valor fixo.

Eis do que se trata.

Em varios paizes, na Australia, por exemplo, onde parece que a demarcação de terreno era, como entre nós, negligenciada, reuniram-se varios cidadãos e formaram uma sorte de syndicato com os fins seguintes:

1.º Demarcar a propriedade terrial;
2.º Defendel-a quando atacada;
3.º Negocia-la quando preciso.

Exemplos:

Um individuo possue nm terreno, digamos com casa, jardim, plantações, etc.

Dirige-se ao syndicato em questão e pede que lhe garanta a posse de sua propriedade.

O syndicato, annuindo, o que não pode deixar de fazer por ser esse o seu negocio, manda por seus engenheiros e empregados, em presença do proprietario e com sciencia prévia de todos os interessados, demarcar rigorosamente o terreno e descrever todos os bens immoveis e permanentes que nelle se acham;

Feito isto, é marcado um certo espaço de tempo, para dentro delle serem apresentadas as reclamações que os interessados julgarem a proposito oppor a demarcação.

Caso seja necessaria, são ditas reclamações apreciadas pelos tribunaes competentes e depois da final sentença destes é a propriedade ou o terreno inscripto nos livros competentes do syndicato, fornecendo este ao proprietario um titulo de posse contendo o desenho da propriedade, a demarcação do terreno e a descripção completa de todas as suas dependencias, bem como o valor real de todas essas cousas.

E nada mais é preciso: está garantida a propriedade e certo o seu dono de que ninguem o virá perturbar e quando, por acaso, isto aconteça, basta uma simples denuncia ao syndicato, já por parte de qualquer outra pessoa, para que, á sua propria custa, venha o syndicato em defeza da propriedade violada.

Naturalmente para gosar de tão grandes vantagens tem o proprietario, sob o titulo de assignatura, de entrar para os cofres do syndicato com uma quota relativa ao valor da propriedade ou terreno, quota que quasi nunca é exagerada.

Em caso de venda da propriedade, pode ainda a mesma sociedade ou syndicato effectuar a operação, unicamente mediante o titulo de posse, sem mais onus algum para o proprietario.

Cumpre notar que naquelles paizes praticos já, neste ultimo caso, é perfeitamente despensada a intervenção do syndicato, pois os taes titulos de posse correm quasi como dinheiro de lei.

E ahi fica descripto todo o processo que, como se vê, é de uma simplisicidade maravilhosa.

Me parece que a sua introducção em nosso paiz trará vantagens incalculaveis.

Em primeiro lugar vem concorrer poderosamente, sem despeza alguma, para que forme o cadastro do imperio, medida de alto alcance, ha tanto tempo reclamada.

Accresce que, cortando de um só golpe qualquer discussão entre proprietarios por causa de questão de terras, concorre tambem muito para a pacificação dos espiritos e diminue o trabalho da policia.

Sou de parecer que se habilite ás camaras municipaes da provincia a tomarem sobre si a missão de organisar semelhante serviço, substituindo desta forma as taes sociedades ou syndicatos que existem em outros paizes.

Posso garantir que as rendas que dahi advirão de tão elevada importancia hão de ser que sufficientemente darão para que possam as camaras municipaes realisar todas as reformas que tenho indicado e outras que o tempo fará apparecer.

Seja como for, deste ou daquelle modo, urge que as camaras municipaes sejam corporações uteis, urge que só por si mesmas tenham ellas vida bastante pera imprimirem ao municipio o calor e o movimento, sem o qual tudo se amofina e perece.

Libertem-se os municipios.

Mas não basta restaurar as finanças da provincia, nem dar vida aos municipios, para que o progresso se mostre firme e